AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 28
JANEIRO / FEVEREIRO 2025
314
EDITORA AVMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

MELHORES DO ANO 2024

PEQUENO NOTÁVEL
NAGRA STREAMER

EXPRESSIVAMENTE MUSICAL
CAIXAS MANDOLIN CERAMIK II DA AUDIOPAX

PRODUTO DO ANO EDITOR

NESTE ANO, **VINTE E SEIS** PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, **DEZ** RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

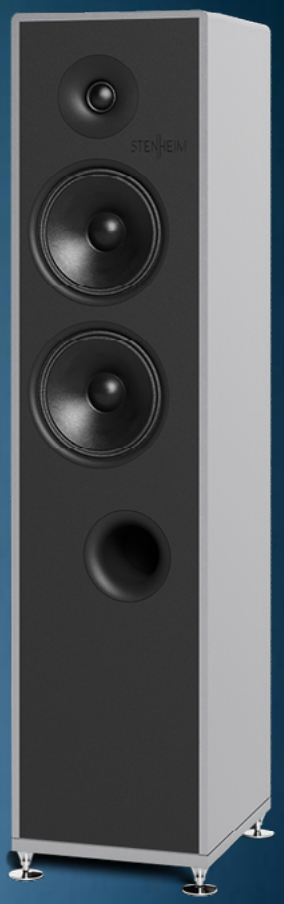
STENHEIM

@WCJRDESIGN

Alumine Five

QUANDO O SILÊNCIO SE QUEBRA

Feche os olhos e abra sua alma:
o espetáculo vai começar.



Alumine Two.Five

A verdadeira *experiência* da música.

germana

curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

ÍNDICE

CAIXAS ACÚSTICAS MANDOLIN CERAMIK II DA AUDIOPAX 20

EDITORIAL 4
Promessa para 2024: ouvir mais música

NOVIDADES 6
Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 16
Novidades

TESTES DE ÁUDIO

20
Caixas acústicas Mandolin Ceramik II da Audiopax

28
Nagra Streamer

28

96

194

MELHORES DO ANO 2024

35
Como utilizar a edição Melhores do Ano

36
Fones de ouvido

58
Amplificadores de fones de ouvido

64
Cabos

74
Condicionador de energia

76
Switch de rede

80
Cápsulas

86
Prés de phono

96
Áudio

194
Vídeo

VENDAS E TROCAS 198
Excelentes oportunidades de negócios

A NOVIDADE EM NOSSA EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Quando criamos a edição Melhores do Ano em 1999, nosso maior objetivo era auxiliar nossos leitores a avaliarem e compararem os produtos na mesma faixa de preço, sua pontuação e selo de categoria dentro da nossa Metodologia.

Com o decorrer dos anos, e a solidificação e profissionalização do mercado, que permitiu uma ampla entrada de novas marcas e distribuidores, fizemos ajustes como a criação de duas categorias de premiação: a do Selo do Editor - que indica o produto em sua categoria que mais se destacou dentro do universo de produtos testados naquele ano - e, com a chegada de produtos Estado da Arte de nível Superlativo, criamos o Selo de Referência, que indica que aquele produto em sua categoria é superior aos equipamentos similares em termos de performance.

Claro que os nossos leitores já estão habituados, ao receber a edição Melhores do Ano, a ver que muitos produtos recebem o Selo do Editor, porém poucos recebem os dois selos.

Então, aqueles mais atentos e interessados em futuros upgrades, certamente ficarão bem atentos à premiação, e aos que conseguiram a façanha de receber ambos os selos.

E para essa nova edição, apresentamos mais um diferencial que certamente ajudará a todos que vivem fora dos grandes centros urbanos - e têm muita dificuldade em ouvir todos esses equipamentos testados em condições ideais - a definir suas futuras aquisições.

É o gráfico de Assinatura Sônica, que introduzimos este ano e que, pela primeira vez, estará também sendo colocado em todos os produtos testados em 2024.

Com esse gráfico, os leitores poderão definir seus upgrades pela sinergia entre seus equipamentos atuais e o componente que está sendo adquirido.

Espero que mais essa ferramenta não só amplie o interesse na leitura desta Edição Especial, como ajude cada um de vocês a fazerem escolhas mais coerentes e consistentes.

Caso tenham alguma dúvida, não hesitem em nos perguntar - afinal estamos aqui para ajudá-los no que estiver ao nosso alcance.

Espero que todos vocês tenham um ótimo 2025, e que possamos nos ver em abril no nosso Workshop Hi-End Show.

O que posso adiantar a todos, é que a grande maioria dos produtos ganhadores dos Selos do Editor e Referência serão apresentados no evento.

Que melhor oportunidade pode existir para ouvirmos, conhecermos e compararmos produtos hi-end?

Até lá: se cuidem e ouçam muita música!

MARTEN

@WCJRDESIGN

Coltrane Quintet

Uma imagem vale mais que mil palavras

O seu trabalho será o de ouvir, dentro das séries Oscar, Parker, Mingus e Coltrane, qual lhe toca mais fundo ao coração.

Oscar Trio

Parker Quintet

Mingus Quintet

KW Hi-Fi

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR

KW HI-FI @KWHIFI KW HI-FI (48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

DISTRIBUCTOR.KWHIFI.COM.BR/

O STREAMER DA NAGRA AGORA É OFICIALMENTE ROON READY

A empresa suíça Nagra Audio acaba de anunciar que seu Nagra Streamer recebeu oficialmente a certificação Roon Ready, da Roon Labs.

Roon Ready é um programa de certificação que permite que players de rede se conectem à tecnologia de streaming da Roon, sem a necessidade de configuração de rede.

Significa que o dispositivo funciona como um cliente/player quando conectado a um servidor Roon Core, usando o protocolo de streaming proprietário da Roon.

Os dispositivos Roon Ready têm descoberta na rede e conexão transparente com a Roon, entrega de áudio bit-perfect, alta qualidade sonora, reprodução estável e confiável, e nenhuma configuração necessária.

Para mais informações:
German Audio
www.germanaudio.com.br

Nagra Audio
www.nagraaudio.com

Roon
https://roon.app/en/

AUDIOPAX

UNIQUELY REAL

O **Reference Pre** é, de todos os prés de linha superlativos que escutei e que testei nos últimos três anos, o mais impressionante pelo seu grau de versatilidade graças ao seu **Timbre Lock**, performance pelo conjunto de acertos nas escolhas feitas pelo projetista, e preço, por ser o mais acessível de todos que estão no **Top 5.**"

"*Uma conjunção perfeita entre conceito e resultado*."

Fernando Andrette

Review AVM 311

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

PRODUTO DO ANO EDITOR

Audiopax Reference Pre

Servidores • Pré-amplificadores • Amplificadores • Caixas Acústicas

Desenvolvidos e Produzidos no Brasil desde 1997

atendimento@audiopax.com.br (21) 99298-8233

NOVA VERSÃO DO PRÉ DE PHONO MP-P201 MKIII DA VITUS AUDIO

A dinamarquesa Vitus Audio acaba de lançar a versão atualizada, Mk.III, de seu pré de phono MP-P201, de sua linha topo Masterpiece.

O MP-P201 Mk.III é um preamplificador MM/MC de referência totalmente balanceado com fonte de alimentação externa. A separação da seção da fonte de alimentação da seção do pré-amplificador trouxe uma melhora nas propriedades mecânicas e elétricas. A maior ênfase foi colocada no nível de ruído mais baixo possível, para amplificar o sinal das cápsulas com nível de saída baixo.

Todos os módulos críticos são blindados e preenchidos com uma resina especial que absorve completamente as menores vibrações. Uma ampla gama de ajustes permite configurar cada entrada, e os ajustes estão todos disponíveis no painel frontal do equipamento. São dois conjuntos de entradas que permitem configurar dois toca-discos ou duas cápsulas diferentes.

O MP-P201 Mk.III vem nas cores Branco, Preto e Prata, e nas cores especiais: Laranja Titânio, Champanhe Escura e Cinza Titânio.

O preço é apenas sob consulta.

Para mais informações:
German Audio
www.germanaudio.com.br

Vitus Audio
www.vitusaudio.com

https://melco-audio.com/

MELCO

Máxima pureza, máxima fidelidade musical

NOVO

MELCO N1

Music Library high end de referência

The master of the art

- Diferente de muitos fabricantes, a Melco não utiliza placas de PC repaginadas. Cada componente é projetado do zero para oferecer o máximo desempenho em áudio de alta resolução.
- Primeiro componente de origem audiófila capaz de acessar, armazenar e entregar música digital Hi-Res sem comprometer a qualidade com hardware ou periféricos de computador.

- Amplamente utilizada por fabricantes líderes para demonstrações de equipamentos de áudio de ponta.
- A Melco combina tecnologia avançada com um design artesanal que define novos patamares em alta fidelidade.

NOVO

MELCO S1

Switch Audiophile de referência

NOVO

MELCO C1

Cabo dispositivo SFP+ Direct Attach Connect Analógico

Distribuidor oficial
NeuralAcoustics

+55 (47) 99675-0057
+55 (47) 3018-1121

marcio.update@hotmail.com

NOVO AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO HP-10 DA GOLD NOTE

O novo Gold Note HP-10 é um amplificador de fones de ouvido projetado para acionar qualquer fone de ouvido com precisão, potência e musicalidade.

Com recursos avançados, como conversão D/A, Bluetooth de alta definição e uma ampla variedade de conexões, o HP-10 oferece grande flexibilidade, tudo controlado pelo display touchscreen, o botão giratório e o controle remoto.

São três modelos diferentes, para todas as necessidades dos audiófilos:

HP-10 CLASSIC

Entradas analógicas. Conecte suas fontes e fones de ouvido, simples assim.

HP-10 BT

Entradas analógicas e entradas digitais, e Bluetooth aptX HD 5.1 - já vem com DAC ESS Sabre integrado. Conecte suas fontes ou faça stream diretamente do seu smartphone, tablet ou computador, via Bluetooth.

HP-10 DELUXE

Entradas analógicas e entradas digitais, Bluetooth aptX HD 5.1, e USB-C - já vem com DAC premium chip AKM AK4493. Conecte suas fontes ou faça streaming diretamente do seu smartphone, tablet ou computador via Bluetooth ou USB-C.

RECURSOS

Com 4 saídas para fones de ouvido (2 normais e duas balanceadas) e recursos avançados, o HP-10 pode ser combinado com qualquer fone de ouvido - tudo facilmente gerenciado usando o controle remoto e a tela sensível ao toque no menu dedicado chamado STUDIO, que traz as opções de crossfeed, Curva Harman, fator de amortecimento, ganho, fase, e 'superflat', implementados no domínio analógico e aplicados em tempo real.

Seu design é Dual-Mono Classe A totalmente balanceado, desenvolvido com componentes discretos de alta qualidade.

Como upgrade, a linha HP-10 ainda pode receber a fonte de alimentação externa dedicada PSU-10 EVO, oferece uma faixa dinâmica ainda mais ampla e maior detalhamento.

Disponibilidade e preço, no Brasil, são sob consulta.

Para mais informações:
German Audio
www.germanaudio.com.br

Gold Note
www.goldnote.it

ATOLL
ELECTRONIQUE

Equipamentos made-in-france
Musicalidade, fluidez, riqueza de timbre, detalhe sonoro e uma vivacidade extraordinária.
MADE-IN-FRANCE

AURA
- Importação e Distribuição -
Imp. e Dist. de equipamentos High-END
Venha falar com a gente.
https://www.aura-av.com.br/
tel. +55 (51) 9-8281-0012
comercial@aura-av.com.br

ear EDITOR'S CHOICE
CLASSICA HI-FI
hi-fi+ 2023

PROJETOR SAMSUNG THE PREMIERE 8K É CERTIFICADO PELA 8K ASSOCIATION

A Samsung anunciou que o The Premiere 8K, projetor premium de última geração da marca, recebeu a primeira certificação 8K Association (8KA) do setor para projetores 8K.

ELEVANDO PADRÕES DE PROJEÇÃO EM 8K

A 8K Association (8KA) é um consórcio global de empresas líderes em tecnologia, dedicado a impulsionar a adoção e a padronização da tecnologia 8K. No dia 10 de dezembro, a organização lançou seu novo programa de certificação para projetores 8K, um passo significativo no desenvolvimento do ecossistema 8K.

A certificação 8KA avalia uma ampla gama de critérios essenciais para proporcionar uma experiência de visualização imersiva. Entre os aspectos analisados estão resolução (7680×4320), brilho, contraste e gama de cores, garantindo detalhes vibrantes tanto em áreas claras quanto escuras da imagem. Os requisitos incluem ainda suporte a HDR (High Dynamic Range) para maior contraste visual, upscaling em 8K para aprimorar conteúdos de baixa resolução e capacidades de áudio imersivo, com suporte aos formatos mais recentes para som de alta qualidade sincronizado com a impressionante qualidade de imagem 8K.

O The Premiere 8K superou todos esses critérios, tornando-se o primeiro projetor do setor a obter a certificação.

IMERSÃO PARA O CINEMA EM CASA

Apresentado durante a CES 2024, o The Premiere 8K é o primeiro projetor a oferecer conectividade sem fio em 8K, permitindo streaming sem complicações ou instalações complexas. Com tecnologia de projeção de curta distância (UST) e lentes asféricas avançadas, o modelo entrega imagens com alta resolução a partir de uma curta distância, dispensando suportes de teto ou outros ajustes adicionais.

O The Premiere 8K traz 4.500 ISO lúmens de brilho, e sua tecnologia Sound-on-Screen combina um módulo de alto-falante integrado à parte superior do projetor com algoritmos avançados para uma melhor experiência.

Assim, a Samsung reafirma sua posição de liderança em inovação em displays e reforça sua reputação como pioneira em tecnologia ultra-premium.

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com/br/

REACTIO 2

PLATAFORMA ATIVA DE ISOLAMENTO DE VIBRAÇÕES.

- Atuação à partir de 0 “zero” Hz.
- Isolamento completo de vibrações à partir de 1 Hz.

Inovação Silenciosa Estado da Arte

- Auto nivelamento para máxima estabilidade e efetiva precisão em qualquer condição.
- Produto alemão. Alta qualidade, precisão, tecnologia de ponta, durabilidade.
- Desempenho inigualável e zero interferência em áudio high-end e aplicações lab grade e industriais críticas.
- Tamanhos e capacidades customizáveis. Diferentes acabamentos disponíveis.

Silêncio. A diferença é audível.

Nós criamos a Reactio-2 para os que buscam desempenho inigualável e zero interferência em áudio high-end.

SEISMION

https://seismion.com

Distribuidor oficial
NeuralAcoustics

+55 (47) 99675-0057
+55 (47) 3018-1121

marcio.update@hotmail.com

NOVOS MODELOS DE SOUNDBARS DA LG

A LG acaba de renovar e expandir seu portfólio de soundbars com a chegada de seis novos modelos, com tecnologias que os deixam mais fáceis e intuitivos de usar, além de ampliarem significativamente o áudio da TV - oferecendo uma experiência de cinema em casa, com diferenciais avançados quando conectadas em um televisor LG.

S95TR – A MAIS POTENTE

A S95TR é feita para quem busca imersão sonora, graças à potência de 810W RMS divididos em 9.1.5 canais. Ideal para quem busca o melhor complemento para as TVs LG OLED.

Dentre seus recursos está o Canal de Disparo Superior Central, que projeta o áudio para o teto, criando uma sensação tridimensional que envolve completamente o usuário. Este canal é responsável ainda por priorizar as vozes e diálogos, entregando um áudio claro que se destaca dos efeitos sonoros.

As caixas traseiras são sem-fio, e completam o som espacial Dolby Atmos com surround, dando a sensação de que você está dentro do filme.

Como avanços em áudio, essa soundbar tem IMAX ENHANCED, DTS: X, AI Room Calibration Pro, HRTF (*Head Related Transfer*

Function), passagem 4K para manter a qualidade de áudio e vídeo - além de VRR, ALLM e compatibilidade com Google Home, Alexa e Apple Airplay 2.

S70TR – O SURROUND PELO MELHOR PREÇO

Incorpora a WOW Synergy, que redefine a sincronia entre TV e soundbar, desde a interface WOW que permite o controle simples de ambos, até o WOW Orchestra, responsável por sincronizar os produtos sem perda de qualidade. Essa combinação impulsiona tecnologias surround, como Dolby Atmos e DTS:X, alta qualidade de áudio.

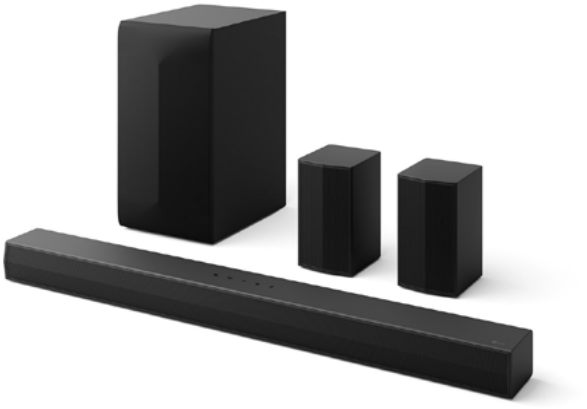
É uma soundbar de 5.1.1 canais com Dolby Atmos e uma potência de 500W RMS - tudo isso por um preço mais acessível.

S90TY – A COMPACTA

Traz graves fortes com o novo subwoofer sem fio de dimensões maiores, ampliados pelo Bass Blast+. No total são 570W RMS de potência, divididos em 5.1.3 canais.

Ela tem suporte a Dolby Atmos, DTS:X e IMAX ENHANCED, provendo imersão sonora e tridimensionalidade.

Para gamers, tem VRR/ALLM que traz experiência de jogo suave e realista, e é compatível com Google Assistente, Alexa e Apple Airplay 2.



S60TR - A IMERSÃO EM FILMES

Com caixas traseiras, em 5.1 canais e 440W de potência, ela traz o AI Sound Pro que adapta a reprodução para o conteúdo, o Bass Blast+ para fomentar os graves, e o Clear Voice Pro responsável por realçar os diálogos e as vozes - garantindo que nenhum detalhe seja perdido.

Além disso, é Dolby Digital, DTS Digital Surround e tem a interface WOW.

S40T – MELHORA O ÁUDIO DA SUA TV

Com 2.1 canais UltimateSound e 300W, traz recursos como o AI Sound Pro, Interface WOW e conexão Bluetooth 5.3, para uma experiência mais imersiva.

SQC1 – SOM EQUILIBRADO PARA A TV

Modelo de entrada, eleva a qualidade sonora da TV com 160W em 2.1 canais (com subwoofer). Combinando elegância e praticidade, traz áudio com conexão Bluetooth.

Para mais informações:
LG
www.lg.com/br/

BRAÇO DE TOCA-DISCOS PU8 DA AUDIO ORIGAMI

A inglesa fabricante de braços para toca-discos está lançando seu mais novo modelo topo de linha. Um design gimbal, o braço PU8, que culmina duas décadas de pesquisa e experi-ência, traz caixa de rolamentos feita de Delrin, e um tubo do braço em um composto de alu-mínio com carbono que usa um exclusivo sistema de controle de ressonâncias utilizando meta-material. O PU8, que tem versões em 9 e em 12 polegadas, é de massa média para alta, usa fiação interna Atlas OCC e conector mini-DIN, ainda não teve seus preços divulga-dos.

www.audio-origami.co.uk

CD-PLAYER CD-5 DA GOLD NOTE

A italiana Gold Note adicionou um novo CD-Player à sua extensa linha de equipamentos. O CD-5 traz uma mecânica de precisão e um DAC de alta resolução que usa chip AK4493 da AKM, e tem as tradicionais saídas analógicas RCA e balanceada XLR, e saídas digitais co-axial SPDIF e ótica - podendo ser usado também como transporte. Ele inclui uma tela sensí-vel ao toque e um controle remoto completo, além de poder receber a fonte de alimentação externa PSU-10 como upgrade. O preço do CD-5 está somente sob consulta.

www.germanaudio.com.br

www.goldnote.it

AMPLIFICADOR COMBO & STREAMER SOLO DA LINHA WOODNOTE DA LINDEMANN

A alemã Lindemann está complementando sua linha compacta Woodnote, de eletrônica e caixas acústicas com acabamento em alumínio e madeira, lançando um amplificador inte-grado e um streamer. O integrado Combo (2.390 euros) provê 50W em 4 ohms em classe D com estágio de entrada em classe A, e é um all-in-one, com DAC e streamer interno com conectividade completa. O Solo (1.990 euros) já é um DAC-Streamer mais avançado, tam-bém com toda a conectividade digital, além de saídas analógicas RCA e XLR. Ambos produ-tos são "Made in Germany", e os preços são na Europa.

www.lindemann-audio.de

RACK VANQUISH DA VPI INDUSTRIES

Com sua extensa linha, a fabricante americana de toca-discos de vinil, braços, cápsulas e acessórios, a VPI Industries, acaba de lançar um rack para equipamentos. O modelo Van-quish é um rack modular ajustável, desenvolvido para toca-discos de alto nível como o mo-delo Avenger da marca, e traz prateleiras com cancelamento de ressonâncias, e ajuste de altura para acondicionamento do sistema. O preço do rack VPI Vanquish Module Stand não foi divulgado.

www.vpidirect.com

CAIXAS ACÚSTICAS LINHA PROPHECY DA PMC

A fabricante inglesa de caixas acústicas PMC, acaba de lançar a linha Prophecy. São cinco modelos, todos usando a tecnologia de duto LaminairX, que reduz a turbulência nos dutos das linhas de transmissão, assim como a distorção harmônica dos graves, aumentando a dinâmica. São a bookshelf Prophecy1, o canal central ProphecyC, e três modelos de torres: Prophecy5, 7 e 9. Todos os modelos usam o tweeter de domo de tecido de 26mm e drivers com cones leves feitos com mica. Os preços variam de 2.875 libras para a bookshelf, até 8.975 libras para a torre topo da linha, no Reino Unido.

www.pmc-speakers.com

CÁPSULA SEL RED MKII DA HOLISTIC AUDIO

A holandesa Holistic Audio lançou a nova geração de sua cápsula Moving Coil de saída bai-xa. A SEL Red versão MkII traz uma nova regulagem do magneto contra micro-ressonâncias, e uma placa de ponte anti-ressonante multicamada, pintada em laca Urushi japonesa - além do diamante da agulha ser de montado de maneira 'nude' e ser altamente polido. O preço da cápsula Moving Coil SEL Red MkII da Holistic Audio é de 3.550 euros, na Europa.

www.holisticaudio.nl

TOP 5 AVMAG

RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO VIDEO MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Soulnote A-3 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.312
Norma Audio Revo IPA-140 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed.306
Soulnote A-2 - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.310
Sunrise Lab V8 Anniversary Edition - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.287
Atoll IN400SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Aura - Ed.307

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Audiopax Reference - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Audiopax - Ed.311
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Nagra HD Amp Mono - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.283
CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Soulnote E-2 - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.308
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Gold Note PH-1000 - 109 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.278

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

DAC Vivaldi Apex - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.301
Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) – German Audio - Ed.264
dCS Rossini apex DAC - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.290
dCS Bartók Apex - 107 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.295
MSB Reference DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.286

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Bergmann Modi com Braço Thor - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.292
Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
SME Synergy - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.291

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

ZYX Ultimate Astro G - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 288
ZYX Ultimate Omega Gold - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 278
Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Estelon Forza - 120 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.307
Estelon X Diamond MKII - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.284
Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Mandolin Ceramik II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Audiopax - Ed,314
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynamique Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynamique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244

METODOLOGIA DE TESTES

ASSISTA AO VÍDEO DO SISTEMA AVMAG, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QTQCLDDHB-E

GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a Áudio Vídeo Magazine utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE 1 AUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS MANDOLIN CERAMIK II DA AUDIOPAX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Muitos leitores acham estranho quando lembro que caixas acústicas bem projetadas, parecem muito mais com instrumentos musicais do que com equipamentos eletrônicos.

E reforço essa ideia, lembrando-os que será a caixa acústica que dará a assinatura sônica final de um sistema.

E que a responsabilidade de fazê-la soar todo seu potencial, está muito além da escolha adequada do sistema e cabos. Tendo que também ser levada em consideração a acústica da sala em que ela será instalada.

E vou além, ao dizer a todos que estejam começando esse hobby do zero, que a caixa deveria ser o primeiro componente a ser escolhido. Justamente por todas essas questões citadas.

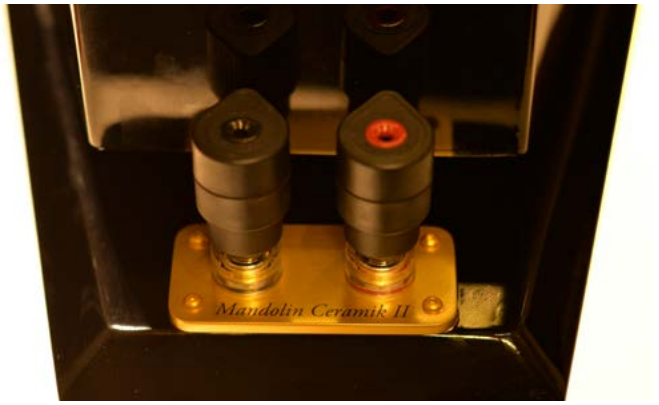
Estou há tanto tempo nessa empreitada, que não caio na armadilha tão comum de achar que exista uma 'fórmula' padrão para uma caixa soar bem ou não.

Então, quando vejo descrições do tipo: gabinetes são cruciais para uma boa performance, ou que determinados falantes são superiores pelo tipo de material escolhido para o seu cone, sei que existem - por experiência própria - inúmeras 'exceções' à essas regras.

No fundo, as caixas mais excepcionais que escutei nos meus sessenta e seis anos bem vividos, são aquelas que são projetos 'autorais', e não as feitas em larga escala industrial como biscoitos em uma linha de montagem.

E o fabricante que consegue 'replicar' a performance desde a série de entrada, até a mais sofisticada, certamente ganha meu apreço e respeito instantaneamente!

Mas, não pensem que são tantos fabricantes de caixa acústica assim que tenham esse domínio em toda a linha. Pois o mais comum é vermos fabricantes de caixas acertarem mais em alguns modelos do que outros.



E muitos têm enorme dificuldade em manter o mesmo caráter para todos os seus produtos.

E os fabricantes que, além de 'autorais', são genuínos artesãos - em que lugar desse segmento eles se encaixam?

Esses, no meu modo de ver o hi-end, deveriam ser os que mais merecem nossa atenção.

Pois se a assinatura sônica dessa caixa bater com o que o consumidor busca e almeja para fechar seu ciclo de upgrades, é mais ou menos como ter um bilhete premiado!

E, felizmente, eles existem e temos um aqui em nosso território!

Quando ouvi a Mandolin Ceramik II, no nosso último Workshop Hi-End Show, em abril, percebi de imediato que estava não só ouvindo a melhor caixa já fabricada pela Audiopax, como também que sua assinatura sônica tinha algo que ia além do refinamento e da naturalidade na apresentação dos timbres.

Algo difícil de se observar em salas que não conhecemos totalmente, e com uma eletrônica que também era uma total novidade para mim.

Tanto que após a audição, pedi ao Silvio Pereira a oportunidade de testar a Mandolin e o pré Reference (leia teste na edição 311).

Antes de entrar em minha avaliação auditiva, acho que, para o leitor entender o nível desta caixa, descreverei as informações que me foram passadas pela Audiopax, assim como o gráfico de resposta da caixa.

"O desenvolvimento da Mandolin Ceramik II objetivou associar características sonoras como precisão timbrística, resolução dinâmica, microdinâmica e musicalidade, com características técnicas como alta sensibilidade, excepcional linearidade nas curvas de fase e impedância, e adaptabilidade à diversos tamanhos de sala. Em outras palavras, queríamos uma caixa que proporcionasse uma experiência realística, cativante, emocional, mas com total flexibilidade na escolha do sistema e do ambiente".

A Mandolin Ceramik II da Audiopax é uma caixa bass-reflex de três vias e com duto situado na sua parte inferior, e sintonizado com a base.

O tweeter e o falante de médios é da linha de cerâmica da Accuton, e os dois woofers da linha Satori da SB Acoustics. Todos falantes de excelente reputação, e usados em diversos projetos hi-end no mundo!

Os falantes de cerâmica Accuton possuem cones extremamente rígidos e leves, e altamente amortecidos, e isso resulta sonicamente em excelentes características sonoras como baixíssima distorção (menor que 0.07%), transientes perfeitos e uma riqueza tímbrica impressionante.

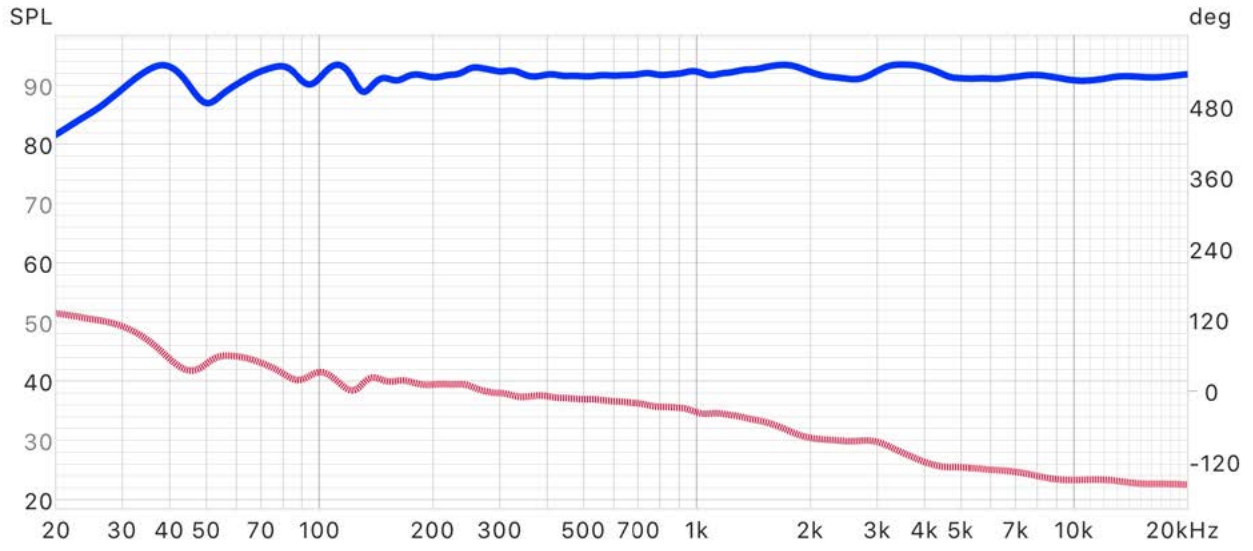
Segundo a Audiopax, o tweeter de cerâmica foi escolhido pelas suas características únicas de resposta plana, cujo comportamento entre 0 e 60 graus, oferece opções com um decay suave e linear a partir de 6kHz, permitindo grande flexibilidade no seu posicionamento em diferentes salas, e também ao gosto pessoal do ouvinte no posicionamento fino delas para o ponto ideal de audição.

A escolha dos woofers, segundo o Silvio Pereira, foi pelos drivers dinamarqueses da SB Acoustics, pelas características tímbricas de seu cone - que é feito com Egyptian Papyrus, um material de fabricação própria - que segundo o fabricante deles, tem as vantagens dos cones de papel com a leveza do alumínio. Garantindo uma resposta plana e muito natural.

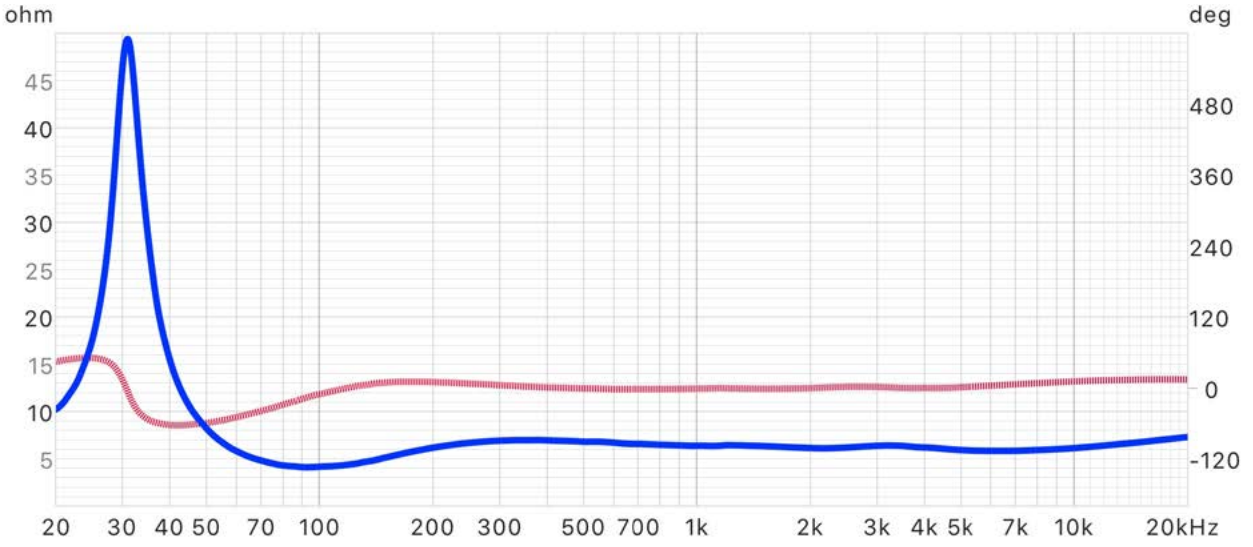
A Audiopax optou pelo uso de dois woofers de 6.5 polegadas em paralelo, para ter uma superfície equivalente a um woofer de 10 polegadas, porém com uma demanda de metade da excursão, e consequentemente com menor distorção por intermodulação.

E isso obviamente deu maior liberdade no desenvolvimento de um gabinete mais slim, elegante para não ser intrusivo em ambientes menores, porém com todo o poder dos graves de caixas maiores.

Crossover



Resposta de Frequência & Fase



Curva de Impedância & Fase

"Excepcionais falantes requerem um cuidadoso projeto de crossover", diria meu pai.

E assim foi feito. A topologia do crossover da Mandolin Ceramik II, trabalha em série-paralelo com filtros híbridos de segunda e quarta ordem, projetados para o aproveitamento integral de cada drive.

Com especial atenção a precisão de linearidade na resposta de fase, para que sua performance fosse comparável às dos melhores projetos com falantes full-range - em que o foco, recorte e planos são extremamente precisos.

Os componentes são todos premium, como: capacitores modelo Copper-Wax da Jupiter Condensers, bobinas e resistores não magnéticos da Mundorf, fiação especial em cobre e prata com os melhores fios de cobre da Mundorf, e o topo de linha dos bornes de conexão da Furutech, com torquímetro.

Todo o crossover é em construção ponto-a-ponto, com inúmeras vantagens, como a redução de capacitância e resistência no caminho do áudio.

E, finalmente, chegamos à construção do gabinete, para abrigar todos esses componentes premium! O projeto do gabinete da Mandolin Ceramik II, exigiu um trabalho de Luthieria, não sendo possível a produção em máquina ou automatizada.

Seu baffle é de laminado de 42 mm desenvolvido pela Audiopax com alta densidade e alto nível de amortecimento, e que é fixado na traseira do gabinete através de peças de madeira maciça de baixa

densidade, um conjunto que atua como um amortecedor às influências das reverberações geradas na própria sala de audição.

A Audiopax disponibiliza diferentes opções de madeira para a borda do baffle, com opções que vão do Pau de Viola até o Cedro Vermelho.

O amortecimento interno do gabinete é feito com feltros de lã pura, associados a um material da Mundorf especialmente desenvolvido para absorção chamado de "TWARON Unicorn Tail".

O gabinete não possui paredes paralelas, evitando qualquer tipo de coloração. E sua curvatura traseira segue o contorno perfeito de um quarto de elipse, e harmoniza com suas paredes laterais inclinadas, criando a impressão de uma caixa acústica menor.

O acabamento final do gabinete é feito com resina epóxi e pintura automotiva em sete camadas, e seu baffle tem detalhes de marchetaria similares às utilizadas na icônica série D-28 de violões acústicos do início do século 20, da Martin Guitars - considerados um marco da luthieria mundial.

Silvio Pereira

Segundo o fabricante, sua sensibilidade é de 92dB, resposta de frequência de 30Hz a 40kHz, impedância nominal de 6 ohms e mínima de 4 ohms. As dimensões são de 1.18m de altura, 32 cm de largura e 46 cm de profundidade. Cada caixa pesa 53 kg.

Ela vem embalada em um seguro e eficiente case - e convenhamos, são poucos fabricantes que embalam suas caixas hi-end com tamanha eficiência e segurança para transporte.

Para o teste, utilizamos nosso Sistema de Referência completo, e também o pré de linha Audiopax Reference (leia teste na edição 311), e os seguintes amplificadores integrados: Norma Revo IPA-140 (leia teste edição 306) e Soulnote A-3 (leia teste na edição 312).

Também, em uma audição preliminar, ouvimos o setup completo Audiopax, o mesmo que foi apresentado no nosso último Workshop Hi-End Show, em abril.

Minha pergunta mais recorrente, até a Mandolin vir por três semanas para teste, era: como soará em uma sala com as nossas dimensões (50 metros quadrados) e como ela se comportará com eletrônicos tão distintos do set Audiopax?

Manterá a mesma assinatura sônica, natural e equilibrada?

Perguntas que foram respondidas à medida em que fui desfilando o nosso arsenal de eletrônicos disponíveis naquele momento para o teste.

A primeira grande surpresa, para mim, foi o quanto sua assinatura é neutra, possibilitando se adaptar a cada uma das eletrônicas que plugamos. Se, com um setup todo Audiopax, ela se apresenta mais para o caráter eufônico, com o sistema Nagra ela mostrou o mesmo grau de neutralidade dos eletrônicos Suíços.

O mesmo ocorreu quando casadas com ambos os integrados: Norma e Soulnote.

O que não será alterado, independente da eletrônica, é seu exímio equilíbrio tonal e sua qualidade na apresentação de texturas e intencionalidades.

Poucas caixas de nível Estado da Arte que testei nos últimos anos, possuem esse grau de harmonia tão impecável. Dificultando ao ouvinte separar quando acaba o equilíbrio tonal e quando entramos na apreciação das texturas.

Os graves são absolutamente corretos, com excelente velocidade, precisão e dois fatores essenciais neste nível de performance: corpo e deslocamento de ar.

A região média é de uma transparência no limite correto, nunca chamando a atenção para si, mas sem perder nenhum detalhe de microdinâmica que esteja ocorrendo nessa faixa. E os agudos, as-

sim como os graves, são corretos, velozes, com corpo e um decaimento muito suave e realista.

Ouvir pratos na Mandolin é uma aula à parte de como os decaimentos, corpo e velocidade devem soar com uma gravação bem-feita. Sem nenhum resquício de vitrificação ou brilho excessivo em pianos, ou em instrumentos de sopro.

Deixando-nos apreciar cada detalhe, sem nenhum sobressalto!

Como sempre lembro aos participantes dos nossos Cursos de Percepção Auditiva: quer apreciar as intencionalidades existentes nas boas gravações, além de perceber sem esforço as paletas de cores de cada instrumento?

Então antes de tudo busque o melhor equilíbrio tonal possível! Pois este quesito, e o quesito texturas, são inseparáveis! Nunca se distanciam um do outro, jamais aparecem de forma precisa isolados.

Jamais haverá uma excelente reprodução de texturas, com uma baixa qualidade no equilíbrio tonal.

Como será possível observar a técnica de digitação ou a intensidade usada ao tocar uma tecla na última oitava da mão direita de um piano, se o equilíbrio tonal estiver errado?

Impossível! Ou como ouvir a sustentação e sutis efeitos em uma nota em um sax barítono por um tempo considerável, se o equilíbrio tonal estiver incorreto?

Percebe como são inseparáveis?

Então não inicie essa jornada sem se certificar que o equilíbrio tonal seja o mais correto possível dentro de suas possibilidades orçamentárias.

O soundstage da Mandolin Ceramik II é maravilhoso, desde que a sala permita, e lhe dê o respiro que necessita para brilhar nesse quesito.

Aqui ela ficou com 4 metros entre as caixas, 1.20 m das paredes laterais e 1.94m da parede às costas das caixas.

Com um toe-in de 25 graus apontado para o ponto ideal de audição.

Os planos são simplesmente magníficos, em camada por camada dos naipes de uma orquestra sinfônica ou uma Big Band! Com foco e recorte absurdamente bem delineados, como se 'víssemos' o que estamos somente ouvindo!

Sim, esse é o objetivo final de um sistema hi-end bem ajustado em uma sala acusticamente correta - 'Ver' o que estamos ouvindo - sem esforço ou termos que ficar estáticos como uma rocha em nosso ponto de audição.

A Mandolin nos apresenta uma imagem 3D com a qualidade extraída do posicionamento dos microfones na sala de gravação. As paredes 'caem', e o ouvinte fica ali submerso naquele universo sonoro à sua frente!

Transientes são uma qualidade inerente a esses falantes Accuton. Nunca ouvi transientes tortos ou letárgicos. Amantes de ritmo, tempo e variação de andamento, tipo composições do guitarrista Robert Fripp, tem a caixa ideal para se deleitar e esquecer do mundo lá fora.

Quanto à macrodinâmica, diria que a Mandolin Ceramik II é muito mais do que se espera olhando para o seu tamanho e seus dois woofers de 6.5 polegadas.

E digo isso não reproduzindo esse quesito apenas em CD, mas também em LP, com exemplos encardidos como a *Sinfonia Fantástica* de Berlioz ou o *Pássaro de Fogo* de Stravinsky!

Passou com mérito em todos os exemplos!

E a microdinâmica, como já adiantei com o grau de transparência da caixa e o silêncio de fundo, é muito impressionante. Pois ouvimos detalhes ínfimos como roçar de unhas no traste, digitação semitonada, e todo tipo de ruído de plateia em gravações ao vivo.

Deseja um piano de cauda materializado em tamanho real à sua frente, ou perceber as diferenças de tamanho entre um contrabaixo e um cello, como se você estivesse com eles à sua frente?

Isso é a resposta correta de corpo harmônico. Se o engenheiro foi feliz em captar e não perder essa qualidade na mixagem, a Mandolin irá te mostrar as reais diferenças de corpo entre os instrumentos não amplificados.

E chegamos à questão da materialização física do acontecimento musical à nossa frente.

Lembro-me em detalhes de uma senhora que foi desacompanhada em uma de nossas turmas de Percepção Auditiva, algo muito raro. Ela ouvia os exemplos profundamente compenetrada de olhos fechados e não esboçava nenhum sinal facial que pudesse dar alguma pista do que estava sentindo ou pensando.

E veio finalmente a explicação de corpo harmônico, em que mostrei exemplos de vários instrumentos musicais em três sistemas distintos, e cada um deles tinha apresentações de tamanhos distintos.

No de categoria Ouro, todos instrumentos soavam do tamanho de pizzas brotinho suspensas no ar. Era feio, e nosso cérebro jamais se convenceria que aquilo era algo próximo a ouvir música ao vivo.

O segundo sistema, Diamante de entrada, já conseguia mostrar tamanhos diferentes, porém ainda menores que o real, e havia algumas discrepâncias como vozes soarem maiores do que verdadeiramente soam.

E então mostrei os exemplos em nosso Sistema de Referência da época. E todos entenderam o conceito de corpo harmônico e quando ele está certo ou errado.

E fui para o penúltimo quesito – organicidade. E fiz a explanação do que significa materializar o acontecimento musical à nossa frente, para conseguirmos enganar nosso cérebro e fazermos a imersão completa na música.

Essa senhora ouviu e assim que acabei de tocar em nosso sistema de referência o primeiro exemplo, do tenor José Cura – *Anhelo*, ela finalmente levantou a mão e fez o seguinte comentário: "Se entendi corretamente essa metodologia, nunca irá existir a correta materialização física a nossa frente se o corpo harmônico estiver errado, é isso?".

E eu tive vontade de ir até ela e lhe dar um sincero abraço! Pois ela entendeu completamente como nossa metodologia funciona. E se a base de toda essa metodologia é o equilíbrio tonal, os outros quesitos são os tijolos que vão sendo erguidos em cima desta base.

E organicidade só ocorrerá se, além do corpo harmônico ser o mais próximo do tamanho do instrumento real, o soundstage também terá que ser impecável.

Essa tríade precisa estar em perfeita conjunção para o nosso cérebro ser 'enganado'.

E digo mais: quanto mais perfeita for essa tríade, maior a possibilidade de termos exemplos bem feitos de organicidade em que a música vêm à nossa sala, e em outras gravações nós seremos levados até a sala de gravação.

Um dia escreverei um artigo detalhando como isso ocorre.

Mas o que posso adiantar é que são mais fáceis exemplos dos músicos virem à nossa sala, do que sermos levados até a sala de gravação.

Se quiserem colocar suas mentes brilhantes para funcionar, pensem como esse processo ocorre? Será que tem a ver com o posicionamento dos microfones em relação aos instrumentos? A ambiência é um fator determinante para esse efeito?

E o corpo harmônico? E a sala de gravação?

Pensem, meus amigos… pensem…

A Mandolin me trouxe os músicos à nossa Sala de Referência, e também me levou até as salas de gravação! Ou seja, tivemos a experiência sensorial completa com essas caixas!

Já falei tanto sobre o quesito musicalidade em nossa Metodologia ser bastante diferente do que as pessoas pensam sobre musicalidade, que temo estar ficando chato e repetitivo.

Só que não tem como não lembrar a todos que, para nós, musicalidade é a soma de todos os outros sete quesitos - e que ela não existe isoladamente como uma qualidade que pode estar presente sem o apoio essencial de outras características essenciais na reprodução eletrônica de alto nível!

Acreditar que isso seja possível, é pura quimera!

Achar que um sistema possa ser 'musical' soando com transientes letárgicos ou equilíbrio tonal torto, é não ter a menor referência

de música não amplificada ao vivo. E confundir 'eufonia' com 'musicalidade' é outro erro primário que muitos audiófilos cometem por anos a fio.

Um equipamento para ter uma excelente nota no quesito Musicalidade, precisará ter em todos os outros quesitos excelentes notas.

Caso contrário, não será possível.

A Mandolin se mostrou integralmente musical independente do sistema que utilizamos, passando com louvor em todos os oito quesitos de nossa metodologia.

CONCLUSÃO

A Mandolin Ceramik II é a melhor caixa já produzida pela Audiopax, e pode tranquilamente ser apresentada em qualquer evento internacional e ser comparada às melhores caixas de referência hoje comercializadas no mundo todo!

E não é apenas um primor em termos de performance, mas também na beleza de seu gabinete e nos mais sutis detalhes!

Se você não veio ao nosso último Workshop Hi-End Show, em abril de 2025 você terá mais uma excelente oportunidade de ouvir essa maravilhosa caixa Made in Brazil!

ESPECIFICAÇÕES

Topologia	Caixa acústica passiva de 3 vias
Alto-falantes	• Accuton Cerâmicos - tweeter e médios • SB Acoustics - woofers
Máxima potência	150 W
Resposta de frequência	30 Hz a 40 KHz (+-3.0 dB)
Sensibilidade	92 dB
Impedância nominal	6 ohms
Impedância mínima	4 ohms
Acabamento	Gabinete em Black Piano com detalhes em marchetaria (zig-zag tipo violão Martin D-28), e madeira maciça (Tauari, Cedro Vermelho e Pau de Viola)
Dimensões (L x A x P) / peso - cada caixa	32 x 118 x 46 cm / 53 Kg
Dimensões (L x A x P) / peso - cada flight case	40 x 56 x 127 cm / 75 Kg (com a caixa)

PONTOS POSITIVOS

Um projeto magistralmente bem-feito.

PONTOS NEGATIVOS

Absolutamente nada.

CAIXAS ACÚSTICAS MANDOLIN CERAMIK II DA AUDIOPAX

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	13,0
Total	**103,0**

VOCAL	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
ROCK . POP	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
JAZZ . BLUES	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
MÚSICA DE CÂMARA	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
SINFÔNICA	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬

Audiopax
atendimento@audiopax.com
(21) 2255.6347
(21) 99298.8233
R$ 158.000

ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

TESTE 2 AUDIO

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GWMNKQ75LGO

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=I1CVEYN_N2I

NAGRA STREAMER

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Começo esse teste dizendo que fotos mentem! Pois ao vivo o Nagra Streamer é ainda menor do que eu poderia imaginar.

Se você quiser, leitor, ter uma ideia exata do seu tamanho, anote aí: 18.5 cm de largura, 4.1 cm de altura por 16.6 cm de profundidade.

E se não fosse o gabinete feito de um bloco sólido de alumínio, que determina seu peso final de 1.9kg, ele certamente seria um daqueles produtos que, para não voar com um esbarrão nos cabos, teria que ser travado com algum peso considerável em cima dele.

Mas como todo produto deste renomado fabricante Suíço, os detalhes é que determinam sua qualidade final.

O Nagra Streamer foi projetado para ser usado tanto com os DACs Nagra, como DACs de outros fabricantes. O importante é que os DACs estejam à altura de sua performance.

E se for usado em um DAC Nagra com entrada “Nagra Link”, o resultado será superior à conexão coaxial.

Os atuais DACs Nagra: Classic DAC II, TUBE DAC e o HD DAC X, possuem a entrada Nagra Link para reprodução até de arquivos DSD-4x até 11.2 MHz.

E, para a reprodução de DSD, basta conectar um pendrive à entrada do Nagra Streamer, e ele lerá sem problemas gravações disponíveis neste formato em DSD 256. Mas, pela saída Coaxial, apenas poderá sair DSD 64.

Claro que fizemos comparações entre as saídas N-Link e a Coaxial, para saber o quanto havia de diferença em termos de performance entre elas.

Mais tarde detalharei as diferenças audíveis.

Pois existem outras questões relevantes antes da avaliação auditiva. O Streamer da Nagra vem com uma pequena fonte externa de bom nível, e que não compromete a performance geral.

Mas, e se usarmos a fonte PSU do Transporte Nagra, do TUBE DAC ou do pré de linha Nagra Classic, haverá melhoras significativas?

O cabo de rede pode influir no resultado sonoro final?

E o uso de um switch de rede, como o Melco S100/2 (leia teste na edição 313 de dezembro), ou o switch de rede Reference da Sunrise Lab, haverá ganhos audíveis?

Todas essas questões serão respondidas daqui a pouco.

Quando estávamos encerrando o teste, soubemos pelo distribuidor, a German Audio que o Roon Ready acabou de ser habilitado no Streamer - o que trará certamente alguns ganhos adicionais à operação.

No entanto, eu não tenho nada a reclamar do mConnect Control, que funciona perfeitamente sem travamentos ou problemas, para ouvirmos nossos álbuns.

Para poder usar uma fonte Nagra ligada ao Streamer, será necessária a aquisição de um cabo Lemo para DC especial, fabricado pela própria Nagra.

Caso contrário, o usuário terá que se contentar com a fonte que acompanha o Streamer.

Para o teste utilizamos os seguintes DACs: Nagra TUBE DAC e Ferrum Audio Wandla. Amplificadores integrados: Norma Audio REVO IPA-140 e Soulnote A-3. Prés de linha: Nagra Classic e Audiopax Reference. Powers: Gold Note PA-1175 MkII (leia Teste 2 na edição 313 de dezembro de 2024), e monoblocos Nagra HD. Cabos digitais: N-Link (somente compatível com o TUBE DAC), e coaxial digital Aniversário da Sunrise Lab. Caixas acústicas: Wharfedale Aura 2, Marten Oscar Trio (leia Teste 1 na edição 313), Harbeth 40.3 XD (leia teste edição de março de 2025), e Audiopax Mandolin Ceramik II (leia Teste 1 nesta edição).

Para o teste também utilizamos o streamer Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa, ligado ao TUBE DAC pela entrada USB com cabo Dynamique Audio Apex. Os cabos de rede utilizados foram: Transparent Reference e Sunrise Lab Reference.

O teste foi realizado primeiramente usando a fonte de alimentação que vem com o Streamer Nagra, e com ambos switch de rede (Melco e Sunrise Lab) nos dois DACs, e com os respectivos cabos - N-Link e Coaxial no TUBE DAC - e apenas o coaxial no DAC Wandla.

A primeira observação é: se o usuário do Streamer Nagra não tiver um DAC Nagra, invista no melhor cabo coaxial possível para ligar

ao seu DAC, e esqueça realizar um upgrade para a fonte Nagra - pois as melhorias, ainda que audíveis, são pequenas para tamanho investimento.

Mas, mesmo nessas condições que chamaria de 'básicas', o Streamer Nagra se mostrou muito acima do Innuos ZENmini Mk3. Questões que, para mim, são muito relevantes, como imagem 3D (principalmente em termos de profundidade), corpo harmônico e texturas, são extremamente mais corretas e próximas dos exemplos que tenho cópia em mídia física CD.

Agora, o que este consumidor deve investir, se quiser ainda tirar o último sumo deste Streamer, é no melhor switch de rede que puder. E em um bom cabo de rede. Aí você extrairá o máximo deste Nagra.

Diria que, após passar todos os exemplos dos quesitos de minha Playlist - usando o DAC Wandla - sem switch de rede, e reouvir os mesmos exemplos com o Nagra ligado ao switch, tudo melhorou: silêncio de fundo, foco, recorte, profundidade, textura…

Agora, quando passamos a usar o Streamer Nagra com seu par TUBE DAC, e o cabo N-Link, passamos para uma nova dimensão. Estamos falando de pelo menos três a quatro pontos a mais do que quando ouvimos as mesmas músicas pelo cabo Coaxial.

E isso antes de colocarmos uma nova fonte, o switch de rede e cabos de rede mais adequados. Aí temos uma ideia exata da qualidade final deste pequeno notável!

Seu equilíbrio tonal é de outro nível, com maior extensão nas duas pontas, uma imagem 3D com planos corretos, recorte, foco, reprodução de ambiência, nos permitindo relaxar e aproveitar em detalhes o acontecimento musical à nossa frente.

Foi a primeira vez que meu cérebro sentiu prazer em ouvir o primeiro movimento da Quarta de Shostakovich com regência de Klaus Mäkelä com a Orquestra Filarmônica de Oslo (já indiquei essa maravilhosa gravação no Playlist).

Pois se meu cérebro perceber nos primeiros compassos que a orquestra soa perfilada, apenas com largura e altura, sem profundidade, então esquece, meu amigo, pois para mim a audição acabou ali!

Mas, na minha frente surgiu um palco amplo, profundo, com os naipes devidamente focados, sem perda ao se ouvir o todo, como em uma apresentação ao vivo!

Conversando com um amigo músico, que sabe de minhas restrições ao atual estágio do streamer, a primeira pergunta que me fez após minha descrição e do meu empolgamento com essa desco-

Cabo N-Link Óptico

berta, foi: “Então você agora abriria mão da mídia física?” - menos, “Batista”, menos…

O que posso dizer é que nessas condições, gravações excelentes como essa do selo Decca, ficam muito mais ‘confortáveis’ e interessantes se ouvir no streamer, mas não que chegou lá a ponto de substituir a mídia física em um sistema de alto nível.

O que acho importante dizer é que existem caminhos que podem nos levar a investir em um streamer de excelente performance, tomando os cuidados inerentes a este nível de investimento, sem se tornar uma exorbitância monetária com resultados duvidosos!

Todo esse resultado promissor foi alcançado apenas com a utilização da fonte do meu transporte Nagra. O que ocorreria se ligasse a SPU do TUBE DAC e do pré de linha Classic?

Aqui tínhamos um problema. A SPU só pode alimentar dois produtos Nagra simultaneamente. Então para acoplar o Streamer, eu precisaria desligar o pré Classic e usar o pré Audiopax no seu lugar.

Foi o que fiz.

E voltei a passar toda a lista da Metodologia, agora na melhor fonte de alimentação disponível.

Aqui o resultado mais importante foi em termos de silêncio de fundo e, com isso, uma melhora impressionante na apresentação de micro e macrodinâmica. Pois tudo pareceu, nos crescendos, ter mais folga - e nos pianíssimos, mais detalhes!

Nos outros quesitos eu não ouvi diferenças significativas. Então, a outra dica que posso dar para os futuros interessados no Streamer Nagra, é: invistam na fonte Nagra ACPS-III (a que veio com o transporte da Nagra). Acho que com essa fonte a melhora no resultado já será bastante significativa em relação à fonte original.

No entanto, isso só será válido se você também possuir um DAC Nagra para poder usar o cabo óptico N-Link, OK?

Para o uso com DAC de outro fabricante, com o uso de cabo coaxial, fique com a fonte original, como já expliquei.

Uma boa surpresa, que notei mesmo com a fonte original e o uso do cabo coaxial, é que o corpo harmônico do Nagra é impressionante (principalmente comparado com o Innuos ZENmini Mk3). E as texturas também - muito mais refinadas e até com uma boa apresentação de intencionalidade.

E se o futuro comprador seguir minhas recomendações, de investir nos periféricos, ele terá um resultado muito acima do esperado pelo investimento feito.

CONCLUSÃO

Imaginar que dentro de uma embalagem tão minúscula se esconda um Streamer de tão alto nível, é bastante difícil de acreditar, só olhando para este Nagra.

Mas lhe dê a chance de mostrar suas virtudes, e lhe garanto que no mínimo você irá se perguntar como é possível tal façanha sonora?

Se eu fiquei surpreso e cético ao recebê-lo, com larga experiência em ouvir e testar de tudo que existe neste universo hi-end. Imagine o consumidor que está acostumado a sonhar com Streamers com tela OLED, gabinetes do tamanho de um pré de linha Estado da Arte, e se depara com um mini monolito prateado sem nenhum botão para apertar ou girar?

Acredite, eu o entendo! Mas se tudo que lhe interessa é a performance final, e o resto é apenas ‘confeitaria’, você está pronto para descobrir o que este Streamer da Nagra pode fazer pela sua coleção de música armazenada nas nuvens!

E não duvide, a forma como sua música será apresentada poderá até mesmo abalar as suas crenças sobre o que é preciso para se extrair o supra-sumo dessa topologia.

Sabe o conceito de ‘menos é mais’?

A Nagra levou, no desenvolvimento deste seu primeiro Streamer, esta ideia às máximas possibilidades.

O resultado está aí para quem quiser ouvir!

ESPECIFICAÇÕES

Conectividade sem fio	Tidal Connect, Spotify Connect, QOBUZ (através do app mConnect), vTuner (Internet Radio), Roon Ready homologado, Airplay 2 (para dispositivos Apple), e UPnP/DLNA (para arquivos na rede local)
Conectividade física	S/PDIF Coaxial, Nagra Link óptica (para DACs Nagra), USB (para pendrives e Hard-Drives externos). RJ45 para conexão de rede física Ethernet.
Saídas	• N-Link para DAC Nagra - até DSD 256 (DSD 4x) • SPDIF para outros DACs - até 192 kHz, DSD 64 (DSD 1x) via DOP
Alimentação	12 V DC
Consumo de energia	10 W (pode aumentar com o uso de um HDD USB)
Temperatura operacional	+15 °C a +35 °C (clima moderado)
Dimensões gerais	185 x 166 x 41 mm
Peso	1.9 Kg

NAGRA STREAMER (COM FONTE ORIGINAL E CABO COAXIAL)

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	12,0
Textura	13,0
Transientes	12,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,0
Total	**99,0**

ESTADO DA ARTE AVMAG

PONTOS POSITIVOS

Um Streamer minimalista com uma performance grandiosa.

PONTOS NEGATIVOS

Absolutamente nada.

NAGRA STREAMER (COM FONTE ORIGINAL E CABO N-LINK ÓPTICO)

Equilíbrio Tonal	14,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	12,0
Dinâmica	13,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	13,0
Total	**104,0**

VOCAL	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
ROCK . POP	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
JAZZ . BLUES	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
MÚSICA DE CÂMARA	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬
SINFÔNICA	▬▬▬▬▬▬▬▬▬▬

German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
U$ 7.900

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO AVMAG

MELHORES DO ANO 2024

CONHEÇA OS 42 PRODUTOS QUE SE DESTACARAM EM 2024

PRODUTO DO ANO EDITOR

NESTE ANO, **VINTE E SEIS** PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, **DEZ** RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte Superlativo, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da Áudio Vídeo Magazine na qual o teste foi publicado.

Este ano 26 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 10 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA

PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).

OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.

DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.

ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes.

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

Produtos Estado da Arte que receberam mais de 100 pontos. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.

PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

FONES DE OUVIDO

FONES DE OUVIDO SENNHEISER ACCENTUM PLUS WIRELESS

Fernando Andrette

Lá fora a versão plus do modelo Accentum custa 50 dólares a mais que a versão standard.

Com o dólar hipervalorizado aqui, mais os impostos aviltantes que nos cercam, a escolha irá certamente passar pela diferença de preço entre um modelo e outro.

O que posso dizer a todos que tenham essa dúvida, é que em termos de performance e ergonomia valerá a pena a versão Plus.

O que nos levou a pedir o envio do Accentum Plus para avaliarmos, foi a solicitação de leitores que gostam da marca, desejam um fone desse fabricante, mas o Momentum 4 Wireless (leia o teste na Edição 302) que tanto gostamos, está fora do orçamento de muitos de nossos leitores.

A versão Plus do Accentum possui um eficiente cancelamento de ruído ativo, tem um melhor acabamento e é mais confortável. O fabricante disponibiliza em acabamento preto e branco. As almofadas auriculares tem um tamanho generoso e vedam bem nos ouvidos. O forro é de couro sintético, e a faixa na cabeça permite um ajuste adequado ao diâmetro da cabeça, se mostrando seguro quando estamos em movimento.

Os drives são de 37 mm e, segundo o fabricante, têm uma resposta de 10 Hz a 22 kHz. A versão Plus também suporta Bluetooth 5.2 que funciona com os codecs AAC, Aptx e SBC.

O controle é fácil de memorizar: pressione uma vez e os fones entram no modo de pareamento, e um toque rápido aciona o assistente de voz. Um toque depois de ligado gerencia as chamadas e a mudança de faixas. Se você estiver ouvindo música, e receber uma chamada, deslize para frente para atender e para trás para encerrar. Para aumentar o volume, deslize para cima, e para diminuir deslize para baixo.

O modelo Plus tem um estojo para viagem, e cabos de carregamento USB-A para USB-C, além de um cabo de 3.5 mm para audição com fio - porém não se pode acionar o modo Bluetooth quando o cabo estiver conectado.

Sinceramente, acredito que por não haver nenhuma melhoria sonora com o uso do cabo, não creio que alguém vá fazer uso dele, principalmente em movimento ou praticando exercícios.

O fabricante fala em até 50 horas de autonomia por carga, embora na prática saibamos que tudo irá depender do volume em que o usuário escuta música. A bateria leva três horas e meia para carga total, e 10 minutos de carregamento permitem até cerca de 5 horas de reprodução, desde que em volumes seguros e moderados.

O aplicativo da Sennheiser Smart Control, tanto para Android como iOS, é bastante fácil de navegar, permitindo uma visualização de tipos de equalização disponíveis, My Sound para personalizar a equalização, Sound Zones e ANC.

Você pode, através do aplicativo Connection Management, parear com até dois dispositivos. A EQ tem cinco opções de equalização. E no ANC pode regular a redução de ruído do vento nos modos automático, desligado ou máximo.

E escolher o modo de chamadas telefônicas. E, no menu, você ainda pode acionar a detecção de cabeça, para o fone ser desligado cada vez que você o retirar.

O Smart Pause, como o nome diz, pausa a música cada vez que o fone é retirado, e só dá 'play' quando recolocado novamente.

A redução de ruído é boa, mas não totalmente eficaz. Para quem busca um fone para enfrentar aeroportos, e grandes e movimentados centros urbanos, será necessário se gastar mais para obter uma eliminação mais eficaz de ruídos externos.

Agora, para locais como escritórios, casas com mais pessoas, e viagens rápidas de ônibus e metrô, ele será satisfatório.

O que gostei é que as equalizações podem ser desligadas, o que nos ajudou a avaliar corretamente sua performance sonora.

Vou iniciar pela conclusão: Ele não está no mesmo nível de performance sonora que o Momentum, mas seu equilíbrio tonal é bom, e nos permite audições com uma boa margem de inteligibilidade e conforto auditivo.

Os graves têm boa definição e velocidade. A região média tem boa transparência e bom respiro, para que em gravações com muita informação nessa região, você não tenha dificuldade de acompanhar cada instrumento ou voz. E os agudos não sofrem de brilho excessivo ou dureza.

Claro que essas observações foram feitas sem o uso de uma equalização 'turbinada', pois acredite, tem algumas curvas que podem fazer nosso cérebro se abalar sismicamente, comprometendo drasticamente tanto os médios, quanto os agudos. E, infelizmente, milhares de jovens fazem uso dessas equalizações para ouvir música!

As texturas são bem apresentadas, sendo perfeitamente audível avaliar as qualidades dos instrumentos, dos microfones usados, e a técnica do músico.

Ritmo e tempo não serão nunca problema para esse fone. Ouvimos gravações complexas com enorme variação de tempo e andamento, e zero de dificuldade em compreender o que estava sendo executado.

A dinâmica é outro ponto alto desse fone. Tanto a micro, muito bem reproduzida, como a macro-dinâmica. Em volumes corretos e seguros, você perceberá nitidamente os crescendos do forte para o fortíssimo.

Com seu grau de transparência na região média, tudo contribui para aquela sensação, em gravações de alto nível técnico, dos músicos realmente estarem dentro de nossa cabeça!

CONCLUSÃO

O Accentum Plus Wireless é uma opção segura para quem deseja um fone correto, repleto de ajustes, confortável, com boa eliminação de ruído externo e uma performance que permite você ouvir com prazer sua música.

E se ele não possui o grau de refinamento do Momentum 4 Wireless, ao menos ele se baseou nas principais virtudes deste para atender um público exigente, mas com limitações orçamentárias.

Se você tem enorme admiração pela marca, e deseja um fone com ótima relação custo / performance, ouça-o. Pois suas qualidades são muito consistentes!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XGD2KDY-TI4

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MWHVYDFT-WG

AVMAG #310
Sennheiser
www.sennheiser.com.br
R$ 2.199

NOTA: 73,0

DIAMANTE RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO SEM FIO EDIFIER W830NB

Fernando Andrette

Impressionante o número de pedidos para que testemos fones sem fio com cancelamento de ruído, abaixo de 600 reais.

O que respondo a todas essas solicitações é que estamos sempre atentos ao mercado, pois nossa tarefa não é apenas avaliar um fone com eficiente cancelamento de ruído, se para ouvir música ou assistir filmes ele não for decente.

Sei que muitos dos nossos leitores da Audiofone, não estão ainda totalmente familiarizados com a nossa proposta editorial, então não custa reiterar que nosso objetivo será sempre avaliar fones que também possuam uma boa qualidade ao reproduzir música!

E se atender a ambos, ótimo!

E, finalmente, conseguimos um fone digno de ser testado que atende a todos que nos solicitaram um eficiente cancelamento de ruído, como uma sonoridade de bom nível.

Esse fone é o W830NB da Edifier. Seu pacote inclui um preço acessível para quem não deseja gastar muito, um bom microfone integrado para receber chamadas, codec LDAC Hi-Res, um cancelamento de ruído eficaz e uma duração de bateria mais que suficiente para longas viagens intercontinentais.

O que será impossível de desejar é que, a esse preço, o Edifier tenha um acabamento luxuoso. Mas se o preço não permite esse 'mimo', ao menos seu acabamento é bastante decente e feito para durar por muito tempo - se bem cuidado, é claro.

Em relação ao W820NB Plus, o novo W830NB suporta mais codecs (LDAC, AAC e SBC), e seu Bluetooth foi atualizado para 5.4, o que lhe dá uma superior duração de bateria (54 horas, contra as 34 horas do W820).

Em compensação, o W830NB pesa algumas gramas a mais que o W820 (267 gramas contra 221 gramas).

Em termos de conforto, sua ergonomia foi redesenhada com um pouco mais de espuma para o apoio na cabeça.

O W830NB é compatível com o aplicativo Edifier ConneX, que inclui configuração de controles personalizados, equalizações pré-definidas e recursos adicionais através do aplicativo.

Na embalagem simples, o consumidor além do fone receberá um cabo de carregamento USB-C e um estojo de transporte compacto.

Como disse acima, nessa faixa de preço, o W830NB possui um design simples, construído em plástico rígido para manter seu peso abaixo de 300 gramas. As espumas da orelha são de couro sintético, e felizmente a faixa da cabeça é ajustável para acomodar tamanhos distintos.

Os controles ficam do lado direito, com um botão liga/desliga, botão de emparelhar, aumentar/diminuir volume e o botão multifunção para reproduzir/pausar e gerenciar chamadas - e a entrada USB-C para recarregamento.

Como ele é dobrável, fica fácil guardá-lo em seu estojo de viagem.

O novo dispositivo da Edifier é compatível com iOS e Android, com uma interface bastante amigável. Na sua tela principal é possível saber também o nível da bateria. E além das opções para gêneros musicais: Pop, Rock, Clássico ou Jazz, é possível um ajuste manual de bandas de frequências. Outro recurso é o ajuste de cancelamento de ruído, que pode ser alternado entre um pouco de passagem de som ambiente, para quem está andando na rua, ou total cancelamento de até 45 dB, quando se está em um avião.

O novo aplicativo também inclui uma função de atualização de firmware, garantindo que o W830NB possa receber melhorias.

Os drivers dinâmicos de 40 mm do Edifier permitem um grave bem definido, porém sem aquele impacto de fones mais sofisticados. O importante é que são graves com boa velocidade, limpos e corretos em termos de timbre.

Mas se você busca subgraves de estremecer seu cérebro, o W830NB, não é seu fone.

A região média possui boa inteligibilidade, mesmo em passagens muito sutis, o que permite que se ouça em volumes seguros sem risco para nossa audição.

E os agudos, se carecem de melhor extensão, são honestos e sem nenhuma dureza ou brilho em excesso.

Resumo de seu equilíbrio tonal: eficiente e seguro para qualquer gênero musical, com bom conforto auditivo e com volumes seguros.

A apresentação de texturas dos instrumentos é correta, permitindo observar sem esforço a paleta de cores, e em boas gravações até mesmo a qualidade do instrumento e do músico. Isso realça a qualidade de boas gravações e nos dá aquela vontade de ouvirmos um pouco mais.

A resposta de transientes é boa, mas nada acima da média. Sendo possível acompanhar ritmo, tempo e andamento sem nos desligarmos do acontecimento musical.

Gostei da variação dinâmica do pianíssimo ao fortíssimo, com boa escala e a possibilidade de ouvirmos tanto a micro, quanto a macro em volumes seguros sem também perder o interesse.

Ainda que tenha buscado a equalização mais próximo do neutro no ajuste personalizado, não cheguei nessa possibilidade, preferindo então na maior parte do tempo que ouvi o W830NB, usar o ajuste Classic.

Acho que se a Edifier conseguir em uma próxima geração dessa linha, dar ao ouvinte uma equalização mais 'neutra', ele terá junto ao mercado audiófilo uma maior aceitação.

CONCLUSÃO

Uma coisa é desejar fones cada vez mais baratos sem fio, com cancelamento de ruído, com um design e ergonomia ultra confortável e bem-acabado, sonoridade hi-end e que custe menos de 500 dólares!

E quem não desejaria esse pacote?

Outra coisa é, em um mercado ultracompetitivo, conseguir evoluções em fones de menos de 100 dólares.

E, voltando à realidade, o pacote oferecido pelo W830NB é muito mais que justo - chega a ser impressionante.

Se você necessita de um fone com essas características que o W830NB oferece, será difícil achar as mesmas virtudes em outro sítio. Recursos suficientes para atender a amplas necessidades, e o mais importante: uma sonoridade que nos permite ouvir com interesse nossa música e em volumes seguros!

O Natal está chegando, e se é esse o presente que você deseja, não perca tempo!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7OSJ-COISZW

AVMAG #312
Edifier Brasil
contato@edifier.com.br
(11) 5033.5100
R$ 599

NOTA: 76,0

DIAMANTE RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO GRADO PRESTIGE SR225X

Fernando Andrette

Costumo, ao receber um novo fone da Grado para testar, sempre me fazer a mesma pergunta: “o que me espera desta vez?”

Já testei dezenas de modelos desse fabricante do Brooklyn, e ainda sou usuário do modelo SR325e (desde seu lançamento há mais de 7 anos).

Grado é uma marca que ou os amantes de fones adoram, ou odeiam. Não existe meio termo.

E entendo perfeitamente que assim seja, pois existem determinadas ‘idiossincrasias’ deste fabricante, que são difíceis de defender até mesmo pelos que são admiradores natos da marca.

E quais são essas questões? Acabamento, design, conforto e, na minha opinião, o maior problema continua sendo a qualidade das almofadas e os cabos exageradamente grossos, para incomodarem muito se o usuário resolver ir ao banheiro ouvindo seu fone Grado.

E suas qualidades? Nos modelos mais assertivos, sua assinatura sônica!

Quando acertam, meu amigo, é realmente admirável ouvir seus discos preferidos em um Grado!

E no caso desse novo Prestige SR225x, fizeram um belo gol de placa!

Tanto que ao comparar o SR225x com o meu surrado SR325e, ficou evidente sua superioridade em todos os quesitos de nossa Metodologia.

A Grado vem passando por um lento processo de sucessão familiar, e está ficando cada vez mais evidente que a nova geração está querendo marcar território e imprimir uma nova filosofia à empresa e aos produtos.

E se tudo caminhar na direção mostrada pelo 225x, acho que teremos em breve muitas novidades e surpresas positivas.

Ainda que a nova direção esteja sendo cautelosa em termos de mudanças mais incisivas, as pontuais além de extremamente assertivas, estão mostrando que os fones tem muito a evoluir e conquistar novos admiradores.

Pois estão conseguindo implementar mudanças significativas onde realmente importa - na performance final.

A grande ousadia, foi aprimorar as qualidades de um fone campeão de vendas por mais de uma década, o SR225e, e que para muitos admiradores da marca sempre foi o fone de melhor relação custo/benefício.

O novo SR225x ainda mantém o visual padrão da marca, mas mudou exatamente onde necessitava, com um novo driver de quarta geração, com um circuito magnético muito mais potente, massa reduzida e diafragma novo de 44mm.

Como todo produto Grado, estes também são feitos à mão no Brooklyn, em Nova York.

Agora também existe uma faixa de apoio à cabeça mais confortável, e uma espuma que segundo o fabricante melhora e muito a resposta de graves.

O fabricante pede pelo menos 100 horas de queima, antes de audições pormenorizadas, mas eu acalmo todos que sofrem de ansiedade latente, porque o SR225x sai tocando lindamente assim que se deslacra a embalagem.

O que irá melhorar, Andrette, com as 100 horas? Basicamente a extensão nas duas pontas, somente isso. E muito, principalmente, nas altas frequências!

Bem, como já havia lido em alguns fóruns o impacto que causou a chegada dessa nova versão, para os que possuem o SR 225 e, não tive dúvida e coloquei de cara uma gravação ‘cavernosa’, daquelas de escancarar defeitos e qualidades de qualquer fone com pretensões audiófilas reais!

As Sinfonias 4, 5 e 6 de Shostakovich com a Filarmônica de Oslo sob a regência de Klaus Mäkelä (leia o Playlist na edição 311).

Vá direto à faixa 1, assegure o volume seguro e correto, e aperte o play. O SR225x reproduziu este primeiro movimento da Quarta Sinfonia com enorme autoridade, graciosidade e inteligibilidade, raro para um fone que lá fora custa 250 dólares!

Com muito mais graves e peso que fones como no meu SR325e, por exemplo, ou fones fechados de mais de 500 dólares.

O que estou querendo dizer, amigo leitor, é que esse Grado veio para reescrever a história de fones abertos e fechados na sua faixa de preço, e até mesmo no dobro de seu preço!

Todo Grado sempre encantou pela sua capacidade e transparência de reproduzir a região média (principalmente a série Prestige), e o SR225x não poderia ser diferente, mas a qualidade dos graves e a extensão dos agudos estavam presentes nesse grau de requinte apenas na série acima deste fabricante, custando bem acima de 1000 dólares.

Por isso minha surpresa e espanto em ouvir esse salto tão intenso na série de entrada!

Mesmo usando-o direto no meu smartphone Samsung, pude ouvir diversas gravações em volumes seguros, com enorme inteligibilidade e conforto auditivo, mostrando o quanto o SR225x tem um excelente equilíbrio tonal.

As texturas são magníficas, com uma riqueza de detalhes inebriante. Se você for fã de vozes e instrumentos acústicos, digo que será muito difícil achar um fone mais refinado nessa faixa de preço, ou até mesmo um pouco acima.

Outro dia li um articulista dizendo a razão dele usar o disco da cantora Bjork - *Homogenic*, principalmente a faixa 1 - *Hunter*, para avaliar fones e caixas acústicas. Como sou curioso em entender as escolhas dos avaliadores, lá fui eu ouvir o disco em nosso Sistema de Referência e depois nos nossos fones.

Como toda gravação de música pop, existe um grau de compressão exagerado, que faz com que a música soe sem ar e com pouca extensão nas altas.

Mas é interessante ouvir essa 'massa sonora' e buscar instrumento por instrumento na mixagem. E o SR225x fez isso com competência e folga. A faixa indicada tem uma caixa com esteira aberta marcando o tempo, e se os transientes não forem precisos com toda aquela massa sonora, ela fica difusa. Não foi esse o caso no SR225x.

A marcação de tempo foi de uma precisão cirúrgica!

Eu gosto, para avaliação de transientes, de gravações que variem o tempo no andamento, para que se possa avaliar se não temos aquela sensação de perda de alguma passagem, ou que a música ficou letárgica.

Um exemplo matador para essa avaliação é da banda GoGo Penguin - *From The North*, primeira faixa - *Wave Decay*, em que o baterista hora faz a marcação no chimbal, hora no bumbo em mudança de tempo, e hora na caixa. Se os transientes não forem corretos, ficam uma confusão enorme as variações de tempo e a variação dinâmica.

Novamente, o SR225x encarou o desafio de frente e passou com louvor, principalmente na parte final, em que o baterista utiliza o prato de condução para manter o tempo.

O SR225x também me surpreendeu na reprodução tanto da macro como da microdinâmica. E tudo em volumes seguros, o que é um tormento para reprodução de microdinâmica se o equilíbrio tonal não for corretíssimo e a transparência na região média, idem.

A gravação escolhida foi o novo álbum do pianista cubano Chucho Valdés com o Royal Quartet - *Cuba And Beyond* - faixa 1 - *Punto Cubano*.

A variação dinâmica é excelente para se avaliar qualquer equipamento, e fones, e caixas acústicas. Então, diria ser obrigatório!

Pois ele permite observar como o contrabaixo e a percussão se comportam nos pianíssimos e nos fortíssimos, assim como o piano de Chucho, claro.

Fiquei surpreso o quanto o SR225x expressa com autoridade essa enorme variação sem perder o fôlego ou soar difuso nos fortíssimos.

A sensação de estar entre os músicos nas gravações tecnicamente bem gravadas, é instantânea, você não precisa nem fechar os olhos!

CONCLUSÃO

O SR225x foi muito além do esperado, ao substituir o seu antecessor: um campeão de vendas por uma década.

Mas a surpresa não termina em fazer essa troca com absoluta maestria. Acho que o SR225x sinaliza uma mudança muito mais profunda e que certamente irá definir toda uma nova geração de fones Grado daqui em diante.

Se não foi apenas uma questão de acerto pontual (que não acredito), podemos esperar em um futuro próximo, muitas novas surpresas.

Musicalmente o Grado SR225x é impecável! E se os que possuem restrições ao design e conforto, se derem a oportunidade de ouvi-lo, podem ser surpreendidos com seu alto grau de performance.

E aos amantes da marca, não preciso dizer o quanto devem conhecer essa pequena joia sonora!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7LY-HG3XNQW

AVMAG #311
KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(48) 98418.2801
(11) 95442.0855
R$ 1.700

NOTA: 79,0

DIAMANTE REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO AUDIO TECHNICA OPEN AIR ATH-AD900X

Fernando Andrette

Acho que estou me especializando em pegar para testar fones que costumam causar impressões bem díspares, dependendo do gosto pessoal do revisor.

Eu ainda estou me acostumando com conclusões tão antagônicas entre revisores internacionais do mesmo produto.

E eles costumam dar mais ênfase ao gosto pessoal e às suas equalizações individuais, para deixar o fone em teste mais 'correto', do que propriamente em criar uma Metodologia e um padrão de Referência tanto em termos de fone como de eletrônica, para poder ter um 'norte' e ajudar realmente seu leitor a separar o joio do trigo.

Vou pegar como exemplo o teste do fone ATH-AD900X, da Audio-Technica, que para um revisor carece de graves e tem os médios entre 2 e 4 kHz 'para frente' em relação aos agudos.

Enquanto um outro revisor disse ser o ATH-AD900X com um grave excelente para fones até 500 dólares!

Ambos não dizem em suas revisões os amplificadores de fones e fontes utilizados, e nem tampouco fazem uma lista mínima das músicas utilizadas para a avaliação do fone.

Se eu, com minha experiência não consigo sequer ter a mais simples ideia de como esse fone soa, com a avaliação desses dois revisores imagine o consumidor que está iniciando sua jornada.

Eu me pergunto se realmente essas mídias estão escrevendo para um público interessado, ou apenas para si mesmos. Pois não consegui extrair nenhuma informação importante de como soa o fone, a não ser que ambos gostaram do fato dele ser leve (menos de 300 gramas), ser um fone que, pelo seu diâmetro, se encaixa em qualquer orelha, que porém tem muito plástico passando a aparência de fragilidade, e que a haste que mantém o fone na cabeça, em crânios mais estreitos ou menores pode deslizar.

Essas impressões eu posso ter apenas vendo as imagens do fone, por diversos ângulos.

Não preciso ler um teste mal escrito para saber que ele não me respondeu ao que mais desejo: como soa o fone, afinal?

Então, prefiro ir por um outro caminho e tentar ajudar o amigo leitor a ver se esse Audio Technica é ou não um fone ideal para você.

Vamos às informações essenciais: trata-se de um fone de quase 2000 reais. É nessa faixa de preço que você está desejando investir em um fone definitivo?

Segundo: trata-se de um fone aberto - você tem 'privacidade' suficiente para ouvir um fone aberto, sem incomodar seus familiares?

Se uma das duas respostas foi não, então o AD900X não é o fone que você está procurando.

Porém se a resposta foi positiva a ambas questões, sigamos!

Ao fazer um fone que pesa menos de 300 gramas, com os materiais disponíveis atualmente e que tenham um baixo custo final, o plástico inevitavelmente será a opção número um. Então é óbvio que, para um fone aberto, o fabricante para diminuir peso fará uso de plástico.

Não existe milagre nessa faixa de preço.

As chamadas 'asas', que fazem o apoio do fone na cabeça, que um dos revisores reclamou que parecem frágeis, são muito leves por dois motivos: não aumentar o peso final do fone e não incomodar ao contato com a cabeça. E atendem às duas necessidades com perfeição.

Eu não tenho uma cabeça grande, e nem tão pouco estreita, então as asas se encaixaram perfeitamente sem passar a sensação de que iria deslizar ou incomodar.

Por ser um fone aberto, não imagino o consumidor levando-o para a rua ou escritório. Negativo - esse é o fone para quem deseja ouvir sua música em seu canto sem incomodar ninguém e nem tampouco ser incomodado.

Acho que está clara a noção exata da proposta desse fone aberto, e a quem se destina.

Então, agora podemos passar para o essencial: como ele soa?

Para o teste utilizei basicamente o trio dCS LINA (amplificador de fone, clock externo e DAC/Streamer). Ainda que o tenha utilizado também com meu smartphone Samsung, mas por curto espaço de tempo - pois a diferença entre ouví-lo nessas condições e no dCS LINA é enorme!

Sinceramente não vejo nenhum consumidor investir 2000 reais para apenas ouvir em um smartphone, pois isso será um desperdício de dinheiro.

Sua ergonomia é excelente, pois ele realmente não incomoda e nem tão pouco aperta a cabeça ou as orelhas. Eu que sou extremamente sensível a fones que causem pressão ou incômodo no uso diário, consegui realizar audições de até 3 horas diárias sem nenhum desconforto, e sem fadiga auditiva.

Como li que, para alguns revisores, o Audio Technica carece de 'graves mais fortes', o primeiro disco que coloquei para escutar foi o duo de contrabaixo de dois virtuoses: Christian McBride & Edgar Meyer - *But Who's Gonna Play The Melody?*.

E, claro, reduzi o volume no LINA ao máximo, para ver como os pianíssimos e os fortíssimos soavam.

É importante que o leitor entenda definitivamente que, para saber se um equipamento carece de graves corretos, a melhor maneira é diminuir o volume ao mínimo sem perder toda a inteligibilidade, e observar se ainda assim se escuta as diferenças entre o pianíssimo e o fortíssimo. Se não for possível notar essas variações dinâmicas, você pode afirmar que esse equipamento carece de graves 'precisos' (não 'fortes').

Agora, se ao ouvir em volume reduzido, se nota ainda que de forma mais tênue essas variações dinâmicas, bastará abrir o volume para o ideal da gravação, e ter uma ideia exata da qualidade do grave e de todo quesito dinâmica.

Essa gravação do duo de contrabaixos é excelente por isso, pois na maioria das faixas um contrabaixo está sendo dedilhado e o outro tocado com arco. Então as variações dinâmicas são evidentes o tempo todo.

Pois bem, o AD900X não sofre de graves 'fracos'! Seus graves são corretos, com boa extensão, incrível velocidade e corpo possível para um bom fone de ouvido.

Agora, se você gosta de graves 'turbinados', coloridos e de uma nota só, esse não é seu fone.

Outro mérito do AD900X: seu equilíbrio tonal é muito bom em volumes seguros, não faltando graves, médios ou agudos. E quando você eleva o volume aos níveis limítrofes do que é seguro, os médios não ficam frontalizados e os agudos não ganham aquele brilho que causa fadiga!

Sua região média é transparente sem pecar em passar do ponto, e se tornar analítica ou frontalizada.

Os agudos possuem extensão e decaimento suficiente para nos permitir ouvir o arejamento da gravação e da sala em gravações ao vivo.

Já ouço leitores reclamando que o Andrette usou para avaliar os graves um duo de contrabaixo. E com música mais agitada, como ele soa?

Bem, não esperem que eu vá escutar rap para dizer a vocês como soará com música mais 'turbinada', mas se algo como disco *Money For All* da banda Nine Horses, ajudar, aqui vai. Ouça a faixa 2 - *Get The Hell Out*, ultraprocessada, comprimida e que ainda assim o grau de inteligibilidade é impressionante.

Tem o mesmo peso que minha referência o Meze 109 Pro? Claro que não, mas ele custa muito mais que o Audio Technica.

O que volto a insistir é: você pode ouvir faixas como *Get The Hell Out*, em volumes seguros e não perder nada do que foi gravado. Pode soar menos 'envolvente' e adrenalínico que no meu fone de referência, sim. Sem, no entanto, deixar de ser muito prazeroso.

Lembre-se: o ótimo só é inimigo do bom em um comparativo direto. Sem você querer achar 'sarna' para se coçar, isso não vai ocorrer.

As texturas são muito boas e possuem refinamento o suficiente para nos fazer redobrar a atenção e o interesse em performances de alto nível, tanto do músico, quanto do instrumento usado na gravação, e no trabalho do engenheiro de gravação.

Com um fone desse patamar, já é possível sem esforço reconhecer audivelmente as nuances e sutilezas de qualquer boa gravação.

Velocidade, ritmo, andamento, não é problema para esse fone. Para provar o quanto ele é capaz de responder corretamente a transientes, nada melhor o disco do multi instrumentista Jacob Collier no seu primeiro trabalho de 2016 - *In My Room*. E se quer realizar a 'prova dos nove', ouça a faixa 1 - *Woke Up Today*, arranjo primoroso de voz, sintetizadores e bateria.

Em fones 'letárgicos', essa faixa soa confusa ou de baixo interesse, quando múltiplas vozes, bateria e sintetizadores alteram o andamento. Agora, se o fone e a eletrônica não tiverem problemas em transientes, é uma faixa arrebatadora!

Como escrevi na longa introdução, a variação dinâmica foi perfeitamente avaliada em várias gravações em volumes reduzidos, mas para fechar a nota deste quesito, usei a gravação do pianista Marc André Hamelin - *Bolcom: 12 New Etudes / Wolpe: Battle Piece*, gravação primorosa de 1988. Ouça as primeiras 4 faixas, e você terá uma ideia exata da variação dinâmica do AD900X da Audio Technica.

FONES DE OUVIDO

Para um fone de menos de 250 dólares é muito bom o resultado nesse quesito.

Materializar o acontecimento musical dentro de nosso cérebro, como é para esse fone? Simples, pegue gravações de alto nível técnico e tudo ocorrerá como o desejado.

Ouvindo obras de piano solo, é possível ver com os olhos fechados como as mãos do pianista deslizam no piano. Ou como a cantora se aproxima e se afasta do microfone, para este não clipar nos fortíssimos!

CONCLUSÃO

Eu não tenho a ilusão que você confie em minhas observações de cada fone que testo. Sei que o ideal é você sempre ouvir para tirar suas próprias conclusões.

Mas uma coisa você jamais poderá me acusar, amigo leitor: de não me esforçar em tentar passar de maneira exata tudo que observei do produto testado.

Pois eu me coloco do outro lado, quando eu era leitor e queria saber como os produtos publicados na edição das revistas importadas soavam.

E me frustrei muito, devo confessar, pois muitos revisores - ou por falta de metodologia, ou de referência de música ao vivo, ou até por limitação de gosto musical - não cumpriam com o seu papel de nos passar as impressões de maneira mais 'verossímil'.

Eu, antes de sentar para avaliar um produto, eu sempre me coloco como o consumidor que estará manuseando com exclusividade aquele produto por um tempo, e quero poder extrair todas as suas qualidades e limitações, para poder transmitir a todos vocês como gostaria de ter recebido quando eu estava também do outro lado do balcão.

O problema é que fazer testes assim é trabalhoso, exige enorme dedicação, método, paciência, ter referências para poder comparar o produto testado com produtos similares na hora de fechar nota e, principalmente, imaginar a quem se destina aquele produto testado.

Temos nos esforçado há 28 anos para cumprir com esse nosso objetivo.

Espero que esteja funcionando para alguns de vocês, ao menos.

Esse é o tipo de fone para o consumidor com uma boa rodagem, e que já está querendo investir um pouco mais de grana em um fone melhor, e que o faça sossegar por um bom tempo.

Sua assinatura sônica, não servirá aos que ainda estão atrás de pirotecnia sonora. Nada nele é turbinado, colorido ou com ênfase em determinados aspectos.

É o fone para quem deseja, antes de tudo, que ele não o incomode por mais de duas horas contínuas de uso. E que, ao ouvir por longos períodos, não cause fadiga auditiva. Que possua uma boa inteligibilidade sem, no entanto, ser frio ou analítico.

Que chame a atenção pela beleza em apresentar nuances da performance do artista, da qualidade dos instrumentos e da capacidade do engenheiro de gravação em extrair o melhor de cada take.

Segue a cartilha dos fones mais recentes, que mantém seu equilíbrio tonal mesmo em volumes reduzidos, e que quando abrimos o volume ele não grita e não perde a compostura!

Para os 'iniciantes' nessa jornada, que necessitam de muita 'adrenalina sonora', ele irá parecer o 'tiozão' - que é legal, mas não empolga.

Existem produtos, meu amigo, que se destinam à nossa 'maturidade sonora' - nunca antes.

O Open Air ATH-AD900X faz parte dessa turma.

Se você já está nessa estrada, dê uma parada para conhecê-lo - certamente ele estará no Workshop Hi-End Audio Show em São Paulo, no final de abril.

Ele poderá surpreendê-lo pelo seu grau de simplicidade e neutralidade.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q5C9IH17ZFM

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=X0KMJ_TQYYG

AVMAG #305
Audio-Technica
info@audio-technica.com.br
(11) 5189.1980
R$ 1.899

NOTA: 80,0

DIAMANTE REFERÊNCIA

@WCJRDESIGN

GRADO

Se razão e sensibilidade não são suficientes para te convencer da superioridade de um fone Grado, que tal mais esses? CUSTO E PERFORMANCE!

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

CONHEÇA AS LINHAS DE FONES GRADO

PRESTIGE
SR325x

REFERENCE
RS2x

STATEMENT
GS1000x

WIRELESS
GW100x

PROFESSIONAL
PS2000e

IN-EAR
iGe3

KW Hi-Fi

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR
WWW.KWHIFI.COM.BR
KW HI-FI @KWHIFI KW HI-FI (48) 98418.2801 - (11) 95442.0855
DISTRIBUCTOR.KWHIFI.COM.BR/

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO EDIFIER TWS1 PRO 2

Fernando Andrette

Eu imagino o quanto, para muitos de vocês, publicarmos um fone acima de 3 mil reais pode ser frustrante, por isso mesmo tento sempre que possível, na edição seguinte, trazer algo que atenda a todos os que se sentem 'abandonados'.

E dessa vez fui fundo nessa busca, e estabeleci que faria o teste de um fone Bluetooth 5.3, com cancelamento de ruído, bem construído, confortável e por menos de 400 reais!

E o principal: que tivesse um bom equilíbrio tonal, e que pudéssemos ouvir qualquer estilo musical em volumes seguros. Ele existe, Andrette? Sim, e atende pelo nome de Edifier TWS1 Pro 2.

Claro que, por esse preço, haverá sempre compromissos, mas sua performance é um verdadeiro alento aos olhos e ouvidos.

Ainda que muitos o acusem de ser uma imitação barata de um Apple, eu só posso ver isso como um elogio, pois ele o faz com identidade e propriedade de quem vem galgando passos nesse competitivo nicho de mercado, e mostrando resultados surpreendentes.

Eu achei o TSW1 Pro 2 de um design simples, inteligente e funcional, e por menos de 400 reais é um verdadeiro achado!

O Edifier usa um diafragma composto com titânio, e seu acabamento externo é em plástico duro e bem acabado, sem rebarbas. Seu encaixe no ouvido é perfeito, e oferece um espaço que muitos fones concorrentes e bem mais caros não oferecem.

O fabricante diz que o cancelamento de ruído é superior a 40 dB, o que acho suficiente para ambientes muito ruidosos, sem tornar o cancelamento claustrofóbico (assim que me sinto se o fone cancelar completamente o ruído externo).

Para esse fone ser 'perfeito' em sua faixa de preço, adoraria que houvesse uma opção Flat de equalização, que não há. Mas consegui driblar essa questão usando, das quatro opções pré existentes, a Classic ou a Classical, ambas muito semelhantes, com a sensação de um pouco mais de corpo e peso nos baixos na opção Classic.

Já a Pop ou a Rock, mesmo que para ouvir esses dois gêneros, achei que desequilibram demais a região média-alta e os agudos. E com gravações com muita compressão ficou fatigante.

Então, se você não for um grave dependente, e estiver disposto a 'reeducar' sua audição e aprender a ouvir em volumes seguros e confortáveis, sugiro que você mantenha sempre a equalização em Classic ou Classical, OK?

E minha sugestão para a Edifier: façam uma versão com a opção Flat. Pois as gravações atuais de música rock e pop já têm graves em abundância, não precisando ser ainda mais turbinadas.

Ouvi faixas do mais recente álbum Cowboy Carter da Beyoncé, e na equalização Pop é simplesmente desconfortável o nível de distorção e saturação dos graves. Já na opção Classic, é possível um grau de inteligibilidade e conforto auditivo muito bons.

Vamos à questão que sempre me perguntam: Andrette, a versão Bluetooth 5.2 já está mais próxima de ser considerada hi-fi? Menos, meu amigo, menos - mas ao menos é possível ouvir com maior prazer sem aquela sensação de uma big band toda entupida em um elevador para seis pessoas.

Entende o que quero dizer com essa analogia? O Bluetooth comprime e compacta o sinal, e isso ainda não foi solucionado completamente. Mas está caminhando, isso é fato!

O que para mim é essencial, é como a Edifier conseguiu entregar uma performance tão convincente por esse preço? E aqui está o maior mérito desse fone. E olhe que fui, como sempre, bastante criterioso na avaliação, ouvindo inúmeros discos de vários períodos da história da música, e o TWS1 cumpre com mérito sua proposta.

Tudo neste fone foi muito bem pensado: da caixa compacta, o case de plástico que recarrega os fones e, claro, o principal: o próprio fone, sua ergonomia e suas opções de ponteira de silicone para o encaixe perfeito na orelha.

Eu sempre tive dificuldades com esses fones, por nenhuma ponteira ser adequada o suficiente, e não começar a escorregar da orelha com movimento. Dessa vez, tive a sorte de uma ponteira perfeita, que se encaixou e me permitiu total liberdade de movimento por mais de duas horas.

O TWS1 Pro 2 tem um modo Game, que não tive como testar, mas li em alguns reviews ser excelente para jogar com baixa latência.

As pessoas sempre me pedem gravações legais para avaliar fones nos graves, médios e agudos. Fui bombardeado com essa solicitação no nosso Workshop, por vários visitantes que estiveram ali muito mais para ouvir fones que prestar a atenção em um 'tiozão' falando de equilíbrio tonal e mostrando sistemas fora da realidade desses jovens.

Prometi que iria nos novos testes passar alguns desses discos para eles - e aqui vamos nós.

Para avaliar os graves em termos de correção, peso, inteligibilidade e sobretudo velocidade, uso muito a gravação de dois excelentes baixistas virtuosos: Edgar Meyer e Christian McBride (leia a Playlist deste mês). O disco se chama: *But Who's Gonna Play the Melody*.

O legal dessa gravação é que ambos vão se alternando nos solos, exigindo bastante dos fones ou caixas acústicas. Comece pela faixa 1 - *Green Slime*, ela será suficiente para saber se o seu fone está ou não a altura do desafio na resposta de graves. Se ele passar pela primeira faixa, escute a segunda - *Barnyard Disturbance*, e se tudo estiver OK, parta para a próxima gravação para análise dos médios.

Aqui vou pegar pesado, pois se trata de uma gravação que começa com um grave totalmente saturado e distorcido, até entrar a voz do cantor e tudo ser absolutamente limpo e cristalino. Falo do disco *Money For All* da banda Nine Horses, faixa 1.

David Sylvian é acompanhado de vozes femininas, guitarras, sopros, vibrafone, contrabaixo e bateria - aqui não existem reféns, meu amigo, ou se escuta tudo sem fadiga auditiva ou perda de inteligibilidade, ou seu fone não passará no teste.

E para os agudos? Aqui eu reservei outra pedreira para o TWS1 Pro2 - o disco do violinista Nemanja Radulovic - *Journey East*, tocando a faixa 3 - *Swan Lake Opus 20* de Tchaikovsky.

Meu amigo, antes que saia urticária em sua pele por ter que ouvir música clássica, lembre-se de ser por um excelente motivo: Avaliar os agudos de seu estimado fone!

As notas mais agudas do violino de Nemanja Radulovic não podem soar duras, vítreas ou com excesso de brilho, OK?

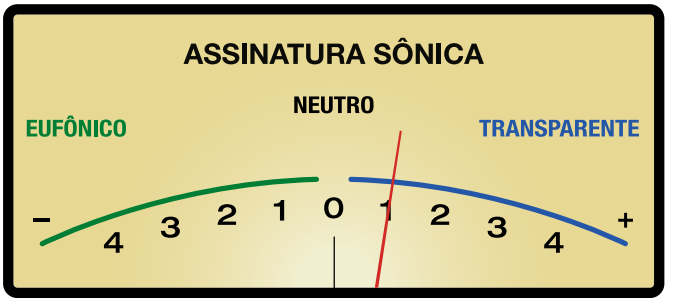
E como o TWS1 Pro2 soou com esses exemplos, Andrette? Surpreendente bem, passou com méritos, o que não só me deixou surpreso, como passou a ser o fone Bluetooth de menos de mil reais a nova referência nesse disputado segmento.

CONCLUSÃO

Se você sonha com um fone como esse Edifier, que te dê mobilidade, possa ser usado em locais barulhentos e deseja preservar sua audição com níveis de volume seguro, e enorme conforto auditivo, o TWS1 Pro 2 precisa entrar na sua lista de 'sonhos possíveis'.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UKKNEYZPGDK

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RTPV0HYGRMG



AVMAG #308
Edifier
atendimento@lojaedifier.com.br
11 5033-5100
R$ 349

NOTA: 80,0

DIAMANTE REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO STAX SRS-X1000

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO
EDITOR

Eu não gostaria de estar na pele dos fabricantes de fones eletrostáticos, com essa 'fome' que a Stax está de ser líder, com méritos, nesse segmento.

Ela vem atuando de forma tão intensa, e com tamanho grau de assertividade, que deve estar sendo um verdadeiro pesadelo para todos que atuam também neste nicho.

Quando seus fones mais sofisticados eletrostáticos abocanharam todos os prêmios nos últimos três anos, eis que a Stax/Edifier agora se volta para o mercado 'de entrada', e lança o seu 'pacote' Stax SRS-X1000 - que é composto do headset SR-X1 com o amplificador SRM-270S.

Tudo lá fora custando menos de 1000 dólares!

Posso afirmar, sem nenhum medo de errar, que essa é a melhor maneira de todos que desejam ter um fone eletrostático iniciarem essa jornada, e descobrirem a razão de muitos audiófilos terem um verdadeiro 'culto' à marca!

E, até um dos obstáculos, que ainda hoje fazem muitos rejeitarem essa possibilidade: o peso, nesse novo modelo isso foi resolvido.

A escolha minuciosa dos materiais, levou o headset SR-X1 a pesar apenas 234 gramas, e ser muito confortável. Suas almofadas de couro sintético são ultra macias, e o apoio de cabeça idem.

Fácil de ajustar na cabeça - você realmente se acostuma muito rápido!

O que parecia impossível em relação ao amplificador, também ocorreu. Ele é ultra-pequeno, e cabe em qualquer canto, podendo ficar até mesmo sobre um DAC também de dimensões reduzidas.

Para baratear custos, e tornar esse pacote ultracompetitivo, claro que existem alguns 'inconvenientes'. Como, por exemplo, a fonte do amplificador é ultra-diminuta e com um cabo capaz de se romper após uma dúzia de vezes que você resolver carregá-lo contigo e jogá-lo na mochila.

Sem contar que sabemos que no mercado hi-end, a fonte de alimentação é parte essencial na performance final de qualquer bom amplificador.

Deixemos essa questão para mais adiante.

O cabo especial para a alimentação de qualquer fone Stax, é o padrão utilizado até nos modelos mais top. Isso é bom e mostra o quanto os engenheiros da Stax são cuidadosos com o padrão de qualidade desses cabos.

O problema é que são pesados e largos, o que para muitos, junto com o peso dos fones originais Stax, sempre foi também um incômodo. Mas eles são longos, e o amplificador pequeno e leve, o que pode facilmente contornar essa questão.

O amplificador possui um par de entradas RCA para o acoplamento de seu DAC, e a saída para o cabo de 5 pinos/balanceado padrão Stax fica do lado esquerdo do painel frontal, tendo do lado direito um pequeno botão de volume.

Segundo o fabricante, o cabo que vem com o pacote é de cobre OFC, com 2.5m.

Felizmente, a amostra enviada já estava completamente amaciada, o que nos permitiu passar à avaliação assim que chegou.

Para o teste, utilizei dois DACs: o Ferrum Audio Wandla, e o TUBE DAC Nagra. As fontes foram CD e Streamer.

O SRS-X1000 surpreende de imediato, com seu correto equilíbrio tonal e pontas muito bem estendidas e recortadas.

Os graves impressionam não apenas pelo peso como também pela definição e velocidade. Levando-nos a lembrar o quanto os fones eletrostáticos evoluíram nos graves!

A região média de fones eletrostáticos é quase que referência absoluta, possuindo um grau de inteligibilidade, transparência e naturalidade, contagiantes!

E os agudos se mostraram com uma extensão impressionante, permitindo um decaimento e uma percepção dos ambientes das gravações, dignos de fones muito mais caros!

Lindas texturas! Paletas intensas de detalhes e uma apresentação de intencionalidade que deixa muitos outros fones 'nas cordas'.

Os transientes de eletrostáticos são uma verdadeira covardia de se procurar defeitos ou limitações. Pois não há!

E a dinâmica, colocou à prova a qualidade do amplificador SRM-270S, mostrando que o pequenino além de valente, aceita desafios - desde que nos volumes corretos e seguros das gravações.

E a micro-dinâmica é outra qualidade inerente a um bom eletrostático: você ouvirá o mais ínfimo pianíssimo sem perder absolutamente nada do todo.

Uma característica muito intensa de todo fone Stax que tive e testei, é a materialização física dentro de sua cabeça ou à frente dos olhos, que nos leva muitas vezes a tomar alguns sustos, pois é muito 'real'.

Com esse conjunto de qualidades é muito difícil não ser seduzido por um eletrostático de alto nível. O que me levou a alguns questionamentos enquanto ouvia e escrevia esse teste:

O quanto esse headset SR-X1 ainda pode subir de patamar se ligado a um amplificador Stax melhor?

Ou: o que ocorreria com esse pequeno valente amplificador SRM-270S ligado a uma fonte mais parruda, bem dimensionada e com um cabo de energia de maior bitola e qualidade?

O que seria melhor, em termos de upgrade, para se extrair mais do SRS-X1000?

Eu arriscaria por começar melhorando a fonte, para ver o que esse pacote iria crescer. Pois seria o upgrade mais simples, barato e seguro a se fazer.

O que eu quero dizer com essas indagações?

Que fiquei com a nítida impressão que o nosso Stax SRS-X1000, tem mais sumo para se extrair!

E isso mostra, na minha opinião, o quanto esse fone é bom!

CONCLUSÃO

Claro que quase 8 mil reais para a maioria dos nossos leitores, é caro para um fone de ouvido.

No entanto, se você está buscando seu fone definitivo e sua primeira ideia é um eletrostático, esse fone precisa ser a opção número um a ser escutada!

Não há restrições à sua construção, ao seu conforto e muito menos à sua performance!

E sabendo que ele pode sofrer upgrades e ainda render mais, torna-o um 'best buy' de altíssimo gabarito!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7OSJ-COISZW

AVMAG #313
Edifier Brasil
contato@edifier.com.br
(11) 5033.5100
R$ 7.999

NOTA: 85,0

ESTADO DA ARTE

FONES DE OUVIDO

FONES DE OUVIDO AUDIO TECHNICA ATH-M70X

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

Fazia tempo que eu queria testar o fone ATH-M70x, já que conheço bem o modelo abaixo, o ATH-M50x.

Queria saber se a diferença de preço era relativa também à performance, já que inúmeros leitores nos questionavam sobre isso.

Como as opiniões são contraditórias em diversos fóruns e sites, não me permitindo nenhuma conclusão (sequer sobre sua assinatura sônica), resolvi solicitar ao fabricante que nos enviasse para conhecê-lo, e compartilhar nossa opinião com vocês.

Para que o leitor tenha ideia da dificuldade de estabelecer um padrão de como esse fone soa, um site internacional famoso costuma publicar suas impressões junto com as dos leitores e fazer uma média de ambas avaliações - cujos quesitos publicados e utilizados no teste são: isolamento/atenuação, durabilidade e qualidade de construção, valor, projeto, conectividade, portabilidade, recurso e conforto.

E não existe um quesito para avaliação da qualidade sonora do fone testado! Vocês acreditam?!

Sério, meu amigo, sobre como o fone avaliado soa, nenhuma linha ou nota final!

Esses provavelmente devem ser defensores de que cada um escuta de uma maneira, então seria perda de tempo uma avaliação de sua performance sonora.

E dos que li que ainda se aventuram por avaliar fones sonicamente, vi testes afirmando que o ATH-M70x soa 'frio e sem vida', com pouco grave. E tem os que o defendem por ser um fone voltado para monitoração de gravação e não um fone para uso diário, e também li que alguns acharam os agudos brilhantes e com excesso de grave por volta de 100Hz.

Difícil tentar formar uma ideia da qualidade de um fone com essas informações, você não acha?

Mas as pérolas não param aí. Li conclusões como: "Forte ênfase nos agudos, ao ouvir vocais pop/rock eles eram cortantes demais para meus ouvidos, e os graves eu caracterizo seu desempenho como refrescantes, precisos e claros".

Antes de descrever minhas impressões, falemos um pouco da construção e ergonomia do ATH-M70x. Ele tem um bom acabamento, um encaixe perfeito na cabeça, suas almofadas de couro sintético são confortáveis e com uma boa isolação do ambiente externo.

Para o tamanho de minhas orelhas, ele se mostrou perfeito!

O padrão de construção é Audio Technica, com ênfase na durabilidade, materiais pensados para conforto e praticidade, e bons cabos. Seu Case é de excelente qualidade, e ele vêm com três tamanhos distintos de metragem de cabo, já imaginando a mobilidade que o usuário necessita tanto para uso doméstico, como profissional.

Eu não esperaria menos que isso nessa faixa de preço.

Para o teste, utilizamos o trio LINA da dCS (DAC, streamer e amplificador de fone de ouvido), além de nosso celular e também do amplificador para fones do pré de linha Nagra Classic.

Interessante que raramente leio nos testes internacionais, ser citado algum período de amaciamento antes de iniciarem as observações.

Preciso dizer a todos que acharam que os agudos são brilhantes, ou que os graves são secos, que o que a Audio Technica nos enviou para teste, depois de 50 horas de queima, perdeu essa sutil predominância. Será milagre? Ou fui agraciado com um fone que melhora seu equilíbrio tonal depois de inteiramente amaciado?

Ironias à parte, meu amigo, vou lhe dar uma dica infalível para você poder saber a qualidade do equilíbrio tonal do seu futuro fone.

Ouça o novo trabalho da cantora Lizz Wright - Shadow e vá direto a faixa 10 - *Who Knows Where The Time Goes*. Fora sua voz, temos uma bateria extremamente sutil, com tom e chimbal marcando o tempo, prato de condução em dois momentos apenas, duas guitarras, uma no canal direito e outra no esquerdo, baixo, piano e teclado.

Ouça no volume que você costuma escutar uma primeira vez, para se familiarizar com a melodia, e uma segunda audição para ouvir todos os instrumentos. É fácil de acompanhar todos os instrumentos, tudo suave, quase pianíssimo.

Agora vá beber uma água, volte e coloque o volume no menor patamar possível, mas que ainda seja possível ouvir com total inteligibilidade e conforto auditivo, tudo! Se você conseguiu, e nada sumiu, esse fone que você está namorando tem um bom equilíbrio tonal!

Não tem mistério, ou necessidade de pós graduação para descobrir como um fone ou caixa acústica se comportam quando possuem um correto equilíbrio tonal.

Não necessita ir com a mãozinha nervosa equalizar o fone, para dar ênfase a frequências às quais você é tarado sonicamente.

Agora, se no volume mínimo determinado, os instrumentos sumirem, ou determinados instrumentos se tornarem mais proeminentes, e você tiver certeza que a gravação que você escolheu não sofre dessas anomalias de mixagem errada, ouça outros fones, por favor, antes de bater o martelo.

Essa gravação que indiquei - e mesmo o disco inteiro - não sofre desse problema. Foi muito bem gravado e os arranjos são de um bom gosto extremo!

Bem, ouvindo esse disco e uma dezena de outros gêneros e gravações de vários períodos, o ATH-M70x como vem escrito na embalagem que é um fone “Monitor Profissional”, que significa que está justamente preparado para situações extremas de micro-dinâmica à macro-dinâmica.

E que para ser um fone eficiente como monitor de estúdio, seu equilíbrio tonal precisa, no mínimo, ser o mais flat possível.

E no teste do volume mínimo, mantendo a inteligibilidade e ausência de fadiga, ele tem um comportamento primoroso e referencial!

Mas, e quando exageramos no volume, Andrette, como ele se comporta?

Felizmente, ele o avisa que está fazendo uma enorme besteira, e colocando sua audição em risco!

Aí, claro que passando do volume da gravação (insisto, toda gravação depois de mixada, possui um limite de volume também), os agudos parecerão brilhantes e os graves excessivos.

O que me faz concluir que muitos revisores de fones erram em sua avaliação por uma série de quesitos: gravações ruins (insisto das fontes, DACs, smartphones e amplificador de fones), e por ouvir em volumes excessivos.

Pois, se ao avaliarmos esses mesmos fones, não detectamos essas anomalias ou conclusões, alguém se equivocou - tenha absoluta certeza!

O ATH- M70x permitirá ouvir qualquer gênero musical, com volumes seguros, conforto auditivo e um grau de inteligibilidade de bons monitores modernos.

Se é isso que você procura, meu amigo, aqui você encontrou seu ‘porto seguro’.

Agora, se você ainda está na fase de marcar o tempo da música com a própria cabeça, ele não será seu fone jamais!

Gosto muito de indicar, aos que não se convenceram de como um fone com melhor equilíbrio tonal pode tocar qualquer gênero musical, o CD da banda Nine Horses - *Money For All*, e usar a faixa título como exemplo. Em um fone com predominância na acentuação dos graves, a princípio o ouvinte se empolga com o peso da batida e a marcação do grave.

No entanto, todo o trabalho feito pelo cantor David Sylvian, o coral feminino, as guitarras, teclado e a condução do prato, vira uma sopa batida em um liquidificador.

FONES DE OUVIDO

Ouça essa mesma faixa em um fone mais equilibrado, como o ATH-M70x, e você perceberá que o grau de inteligibilidade torna a música muito mais interessante.

O mesmo ocorre com a segunda faixa, *Get The Hell Out*, em que existe um brilhante trabalho de sintetizadores por baixo da batida e do contrabaixo, que tem que estar presente na mesma intensidade. Só assim você terá uma compreensão de todo acontecimento musical.

Por isso que nos nossos Cursos de percepção Auditiva, sempre lembro que equilíbrio tonal, textura e transientes fazem um 'tríplice aliança', quanto mais coisas, melhor será o resultado.

E no fone ATH- M70x, esse 'tripé' é extremamente coeso e coerente.

Você observará informações e detalhes que o farão mergulhar na música com extremo prazer.

Em termos de dinâmica, na macro o ATH-M70x gosta apenas de mostrar sua 'autoridade' nos momentos oportunos, mas não se enganem, pois seus fortíssimos serão convincentes.

Sua micro-dinâmica é rica e detalhada. Nada se perde, desde ruídos de chave de instrumentos de sopro, respiros, pedais de piano, etc.

Afinal, o engenheiro de gravação precisa estar atento a tudo que possa atrapalhar ou sujar a gravação.

Se tem algo que eu gostaria de um bocadinho mais, seria no corpo harmônico, pois minhas referências são impecáveis nesse quesito, mas custam bem mais que o Audio Technica.

E não é que seja pobre a apresentação do corpo dos diversos instrumentos, são apenas muito 'homogêneos' para o meu padrão de referência, tanto de produtor musical, como de testador de fones e equipamentos de áudio.

Quanto à materialização do acontecimento musical no meio dos olhos ou, para muitos, na testa, em gravações excelentes, os músicos e o deslocamento de ar quase me fazem cócegas. Brincadeira à parte, a sensação de materialização na cabeça é bastante consistente.

CONCLUSÃO

O ATH-M70x é mais um gol de placa da Audio Technica.

Pessoas apaixonadas por música, que precisam de um fone preciso, refinado, confortável e que desejam extrair tudo de suas gravações, devem colocar esse fone em sua lista de opções.

Principalmente aqueles dispostos a gastar até 5 mil em um fone de ouvido final!

Certamente, você deve estar se perguntando: mas será muito melhor que o ATH-M50x BT2?

Não meu amigo, não é muito melhor, mas o suficiente para, se você tiver 3 mil reais, ouvi-lo com enorme atenção. Pois as diferenças entre os dois se encontram nos detalhes, e às vezes são os detalhes que definem o grau de refinamento final.

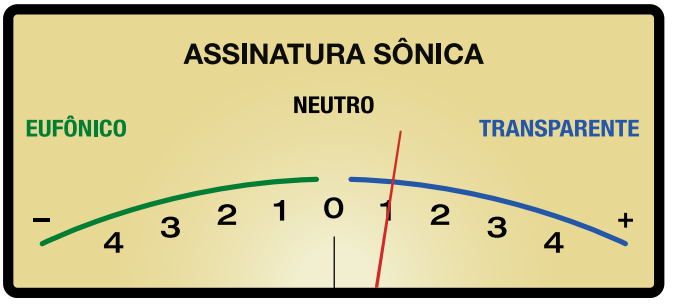
E se falarmos em refinamento puramente, aí o ATH-M70x é matador!

O que importa para você que é fã dessa marca, é ter duas excelentes opções com preços distintos.

Quem foi ao nosso Workshop Hi-End Show, em São Paulo, pôde ouvir ambos e tirar suas próprias conclusões.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3YOAJ-PRSZ0

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-KMOH0XBUIS



AVMAG #306
Audio-Technica
info@audio-technica.com.br
(11) 5189.1980
R$ 2.899

NOTA: 95,0

ESTADO DA ARTE

IMAGINE UM SISTEMA DIGITAL COM AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO E CLOCK EXTERNO ULTRA HI END.

ELE EXISTE E SE CHAMA

dCS LINA

@WCJRDESIGN

Todo audiofilo sabe que a dCS é a referência absoluta no universo digital. Seus produtos ao longo de décadas determinaram a próxima fronteira a ser explorada. E agora mais uma vez a dCS inova ao lançar um pacote que atende também a todos que sempre desejaram ter um DAC dCS, mas achava esse upgrade difícil de realizar.

Ele pode ser adquirido completo ou em partes. O importante é que seja da maneira que você desejar, ele irá te proporcionar momentos inesquecíveis com sua música. O Lina estabelece uma nova fronteira no domínio digital e na amplificação de fones de ouvido hi end.

Venha conhecer e ouvi-lo no Workshop Hi End Show em abril.

dCS
ONLY THE MUSIC

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
(11) 98369.3001

FERRARI
TECHNOLOGIES

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO STAX SR-X9000

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

A Edifier, desde que assumiu a Stax, vem mostrando empenho em reposicionar a marca ao topo, como sempre essa marca esteve desde o final dos anos 50.

Stax sempre foi sinônimo de pioneirismo, e de estabelecer novos patamares de referência, por décadas.

Eu já escrevi por diversas vezes sobre nosso primeiro disco, o *Genuinamente Brasileiro* (gravado em 1988), que sem um par de fones Stax como meus monitores, não teria sido possível realizar tamanho sonho. Pois tínhamos limitações de tamanhos dos cabos de microfone da van den Hul, o que nos impediu de utilizar um monitor Dynaudio para realizar as tomadas.

Como todas as gravações foram feitas em tempo real, no teatro Alpha, a única solução encontrada foi recorrer ao meu fiel escudeiro Stax Lambda e ele não me desapontou, como sempre!

Quem tiver o CD, pode ler na ficha técnica que em todas as faixas meu sistema de monitoramento foi com o Stax, e somente a partir do processo de mixagem e masterização, utilizamos as caixas Dynaudio.

Felizmente, eu sempre fui criteriosamente cuidadoso com os volumes, então mesmo o Stax Lambda sendo um fone aberto, eu não tive nenhum problema de vazamento.

O SR-X9000 é o novo fone carro chefe dos fones eletrostáticos da Stax. E, segundo o fabricante, o maior avanço desse modelo está no aprimoramento tecnológico MILER-3 (Multi-Layer-Elect-Rords). Um eletrodo fixo de quatro camadas, que combina eletrodos de malha e convencionais, que são crimpados por difusão térmica.

A estrutura moldada neste processo, resulta rígida e resistente a ressonâncias, possibilitando uma transmissão de sinal ultra linear, principalmente se comparado a eletrodos fixos, multicamadas, convencionais.

Sua resposta de frequência é de 5Hz a 42kHz, capacitância de 110 pF, impedância de 145 ohms, sensibilidade de 110 dB, tensão de polarização de 580V DC, cabo de cobre OFC 6N (99, 9999% puro) com cobre recozido e banhado a prata, e cabo largo de 6 fios paralelos de baixa capacitância. O comprimento do cabo é 2.5m. A almofada de ouvido é de couro de ovelha genuíno , e é usado couro artificial em volta da estrutura. Seu peso total é de 432 gramas.

Para os amantes de fones Stax, vale a pena lembrar que o SR-X9000 é um descendente direto da série SR-Omega, que foi apresentada pela primeira vez em 1993. Um fone ainda hoje cultuado e muito disputado por colecionadores da marca no mundo.

Eu nunca tive a oportunidade de ouvir um Omega em condições ideais, apenas em breves momentos em eventos, e sempre rodeados de todo tipo de ruído ambiente tão peculiar a eventos para grande público. E ouvir um Stax nesse tipo de ambiente é o mesmo que tentar escutar um solo de Bandolim em uma estação do metrô no horário do rush!

Então, nunca ouvi um Stax Omega para poder dizer a vocês se acho ou não semelhanças entre o SR-X9000 e um SR-Omega.

Para o teste, a Edifier gentilmente nos emprestou o amplificador de fone Stax SRM-700T.

Eu gostaria muito de poder ter escutado esse Stax também no amplificador dCS LINA, porém o dCS não é compatível com os Stax - uma falha que acredito que os engenheiros da dCS precisam corrigir imediatamente, pois estão perdendo um baita segmento a ser trabalhado.

Ambos os produtos vieram do nosso Workshop, o que significa que se já não estavam completamente amaciados, estariam muito próximos disso.

Fiz, como sempre, o meu ritual de primeiras impressões com nossos discos, e deixei ambos alimentados por música no Innuos por 24 horas e, ao repetir as audições como nossos discos, não notei diferença alguma.

Então, parti para a avaliação auditiva de imediato, já que a caixa Yamaha NS-5000 (teste na edição de agosto) e a caixa Rega Aya (teste na edição setembro), tinham ainda muito amaciamento pela frente.

Se, antes de você ler esse teste, leu meu editorial da AVMAG, viu que me dediquei a alertar sobre os cuidados extremos que produtos Estado da Arte Superlativos necessitam.

Pode parecer 'preciosismo', mas a verdade é que produtos como esse fone Stax, e a caixa Estelon Forza, precisam e merecem estarem cercados de produtos que 'valorizem' seu grau de refinamento e performance, pois caso contrário, eles estarão sendo subutilizados e mal avaliados.

Ouvi de muitos participantes do evento, 'ressalvas' quanto ao grave desse Stax, e como meu tempo no Workshop era extremamente cronometrado, não tive a oportunidade de escutá-lo. Aliás, não consegui escutar 20% do que desejava, tamanho atropelo entre um Workshop e outro. E ao final do dia, eu só queria subir para o quarto do hotel, tomar um banho, comer algo e dormir.

Então, quando recebemos o Stax para teste, a primeira coisa que fui observar foi se procedia essa 'ressalva' quanto a resposta de graves. E fui direto no CD Timbres, ouvir as três faixas do contrabaixo tocado em arco.

Assim que liguei o play, e ouvi as primeiras notas do contrabaixo captado pelo microfone B&K 4006, eu me esqueci completamente do que estava buscando e fiquei petrificado com a riqueza harmônica, decaimento, sustentação e textura daquele contrabaixo. UAU! Pensei comigo, que grave lindo, realista, preciso, detalhado e correto!

Como estou sempre buscando entender o que nossos leitores e amigos escutam e observam, fui pesquisar o que poderia ter ocorrido, para muitos chegarem a essa conclusão sobre o grave desse Stax.

E a resposta, 'Caro Watson', se chama: fonte do sinal.

Aqui utilizei um setup digital digno desse fone, assim como o setup analógico, e isso obviamente fez toda diferença.

Pois não imagino um audiófilo investir nesse fone Stax para ouvir música nele em um streamer de 1000 dólares! Ou em um DAC também de 1000 a 2000 dólares.

Fazer isso será subutilizar esse fone completamente!

Seu equilíbrio tonal é primoroso, tanto em termos de apresentação, quanto em extensão e decaimento em ambas as pontas.

Já dei a dica que, para sabermos se o equilíbrio tonal é ou não correto, basta reduzirmos o volume ao mínimo que der sem que se perca a inteligibilidade do 'todo', e observar se alguma faixa do espectro forma picos ou vales.

Se isso não ocorrer, e todo o espectro audível mantiver o equilíbrio feito da mixagem, esse fone tem um bom equilíbrio tonal.

Mas nesse quesito o Stax não é bom, e sim excepcional!

Ouvi as 8 faixas que utilizamos para fechar notas em nossa Metodologia, no menor volume possível, sem perder nenhum detalhe. Depois, no volume médio e, por fim, no volume limite da gravação, e não percebemos nenhuma frequência saltando à frente ou recuando em nenhum volume.

Esse grau de equilíbrio tonal, apenas os fones de referência conseguem, meu amigo.

Mas antes de continuar na avaliação sonora, deixe eu dar meu testemunho sobre sua ergonomia, ajuste de cabeça e peso. Ainda que as quase 500 gramas para mim sejam o limite do que aceito ou teria, sua construção e sua distribuição de peso, graças ao couro largo que se apoia ao crânio, distribui bem esses quase meio quilo.

Porque também os fones não pressionarem o ouvido, usá-lo por longas horas não será uma tortura.

FONES DE OUVIDO

A questão de todo fone eletrostático é o grau de vazamento, portanto outro ponto a ser levado em consideração é um ambiente onde se tenha privacidade, para não atrapalhar os outros, e nem o ruído externo incomodar as audições.

Ou seja, as exigências para se fazer o melhor uso desse Stax são grandes. Porém, se todas forem criteriosamente aceitas, o resultado de todo investimento será sublime!

Voltando às observações auditivas: com um equilíbrio tonal tão alto, obviamente a apresentação de texturas é de cortar o fôlego!

Sublime, tanto em termos de paletas de cores de cada instrumento, apresentação da qualidade de um a um dos instrumentos, nível de virtuosidade dos músicos, da engenhosidade da escolha e posicionamento dos microfones e claro: do grau de intencionalidade desse todo.

Passei, depois de fechado o teste, as últimas horas usufruindo de ouvir todos os meus mais 'sagrados discos' de intencionalidade, e fiz quase 17 páginas de anotações pessoais, a respeito de detalhes que observei, de tão precisos que foram.

Velocidade, marcação de tempo e ritmo jamais foram problemas para nenhum excelente fone Stax. E não seria agora que isso ocorreria. Adoro tablas, pois as subdivisões rítmicas dos percussionistas indianos, são de dar nó no cérebro. E se os transientes não estiverem à altura, fica insuportável tentar acompanhar essas subdivisões rítmicas.

Não foi esse o caso nesse Stax. Ao contrário, foi possível em duas das dez gravações que escutei, entender duas passagens que parecem borradas em inúmeros fones top - e no Stax se delinearam claramente, como se estivéssemos a só ouvir cada tabladista separado do resto dos músicos.

As gravações de piano solo que uso, do Nelson Freire tocando Chopin, também soaram magistrais!

A micro-dinâmica é simplesmente a melhor que já ouvi em qualquer fone por mim testado, e a macro-dinâmica é muito correta e precisa.

Não sei exatamente o que as pessoas esperam de uma macro-dinâmica em fones. Eu só espero três coisas: que o som não endureça, não sature e distorça, e não danifique meus ouvidos!

A macro-dinâmica correta de um bom ou excelente fone, nos mostra os crescendos de maneira precisa, nos permitindo perceber as distintas diferenças entre um pianíssimo e um fortíssimo.

Um fone como esse Stax, não o fará engolir saliva e engasgar se o volume estiver dentro da segurança de audibilidade.

A materialização física do solista no centro da cabeça entre os olhos, é muito bem feita nas gravações de alto nível, e tem um efeito quase que hipnotizante, principalmente se forem longos solos bem executados e bem gravados. É um deleite ter essa sensação, acredite!

CONCLUSÃO

Dizer que esse é o melhor fone Stax desta nova safra sob direção da Edifier, é absolutamente redundante.

O que me impressionou foi o salto qualitativo em relação a geração top de linha anterior. Pois é audivelmente superior em todos os quesitos de nossa Metodologia, o que coloca a Stax novamente na linha de frente.

Se você deseja um fone com esse nível de performance superlativo, não haverá muitas opções além desse Stax, meu amigo.

Ouça-o com todos os cuidados necessários e certamente ele estará em sua lista final de escolha.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0G4Z5PLOCKE

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZC0OVXZHI3S

AVMAG #307
Edifier
atendimento@lojaedifier.com.br
11 5033-5100
R$ 49.000

NOTA: 100,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

MEZE AUDIO

Adquira já essa joia rara!

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@ germanaudio.com.br

AMPLIFICADORES DE FONES DE OUVIDO

AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO FERRUM AUDIO OOR

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO
EDITOR

Não pense que eu esqueci que a esmagadora maioria dos leitores da Audiofone são jovens que ainda utilizam seus próprios celulares para reproduzir a música que os acompanha no dia a dia.

No entanto, sabemos de inúmeros audiófilos que por 'n' razões optaram, desde antes da pandemia, por investir em um sistema hi-end de fones de ouvido com amplificadores de fones, para curtir sua música.

Então, à medida em que nos são enviados produtos para testes mais voltados a esse público, temos enorme interesse em compartilhar com todos vocês nossas impressões.

Talvez muitos nunca tenham ouvido falar da empresa HEM e da sua linha de produtos Ferrum Audio. Um fabricante Polonês com 20 anos de existência, cujo CEO, Marcin Hamerla é um apaixonado por tecnologia de áudio.

E que graças a sua expertise na área digital, projetou DACs para inúmeros fabricantes, entre eles a Mytek Digital, que ajudou a colocar Hamerla na principal vitrine mundial, que é o áudio hi-end.

Com isso, Marcin resolveu em 2020 criar a Ferrum Audio, e lançar um produto inovador batizado com o nome de Hypsos PSU (Power Supply Unit, fonte de alimentação) capaz de trabalhar com uma centena de equipamentos de inúmeros fabricantes, substituindo a fonte original, com resultados sonoros surpreendentes.

Na edição de setembro da AV Magazine, apresentaremos a fonte Hypsos e o DAC Wandla, da marca.

O segundo produto lançado na sequência pela Ferrum, foi o amplificador de fones OOR. Buscando o significado desse nome, descobri que Oor em holandês significa orelha. E segundo o fabricante, todos os seus produtos levarão nomes europeus.

Marcin Hamerla diz que o OOR é um amplificador 100% analógico, capaz de extrair o melhor de cada fone de ouvido ligado a ele.

Para extrair todo o potencial dos fones, ele oferece uma distorção ultrabaixa, folga dinâmica e um grau de transparência enorme. Ou seja, são compromissos que se comprovados o colocam em um patamar invejável, e preocupante para a concorrência.

A topologia é um amplificador totalmente balanceado em um design push/pull com um estágio de potência Classe AB. Sua fonte original externa utiliza um cabo de energia AC/DC ou, para melhorar ainda mais sua performance, ele poderá ser ligado à PSU Hypsos (falaremos sobre esse upgrade na conclusão do teste pormenorizadamente mês que vem na AV Magazine).

Segundo o fabricante, o OOR fornece 1.6 Watts em 300 ohms e 8 Watts em 60 ohms. Com isso, esse amplificador parece estar mesmo apto a acionar qualquer tipo de fone existente na face da terra!

O gabinete é de aço corten, com uma frente de alumínio anodizado. Com um design limpo e slim, esse produto precisa de apenas três botões no painel frontal para controlar todos os seus recursos. Um botão escolhe o ganho ideal para o fone utilizado e outro define se a entrada é balanceada ou single-ended - junto com o botão de liga/desliga e o botão maior que é o volume, com potenciômetro Alps.

Do lado esquerdo fica o logotipo da Ferrum, que acende iluminando a logomarca. Do lado do logotipo temos a saída XLR de 4 pinos e uma saída para pinos de 6.35mm.

No painel traseiro, da esquerda para a direita: um par de entradas XLR e um par RCA, e um par de saídas XLR e um par RCA, e o cabo da fonte original e da fonte FPL (a Hypsos).

Segundo o fabricante, os sinais de entrada são imediatamente convertidos em sinais balanceados para que se possa extrair e manter o sinal o mais fidedigno possível para os fones.

O distribuidor no Brasil, a Impel, nos fez a gentileza de enviar os quatro produtos da Ferrum Audio, algo raro de ocorrer, então estamos podendo fazer uma série de avaliações, descobrindo a assinatura sônica de cada um dos produtos e vendo seu grau de compatibilidade com outros produtos similares.

Para o teste do OOR, utilizamos primeiramente ele sem o Hypsos, trabalhando o tempo todo apenas com sua fonte externa original, e usando vários produtos como o próprio DAC Wandla da Ferrum, o TUBE DAC da Nagra, e o pré de phono Soulnote E-2. Tocamos streamer através do Innuos ZENmini, ligado via cabo USB no Wandla, e também o transporte Nagra, ligado via cabo AES/EBU no Wandla e no TUBE DAC. Os fones utilizados foram os Meze 99 Classics e 109 Pro, o Sennheiser HD 800 e o Grado SR225x Prestige Series (leia teste edição setembro 2024).

As opções de ganho do OOR permitiram extrair, de todos os fones, o melhor resultado possível. Isso foi um fato evidente.

Então, não se empolgue em querer deixar o ajuste no ganho mais alto, e achar que todos os fones irão se beneficiar, pois não funciona dessa maneira. Exemplo: como a saída do TUBE DAC é mais baixa que a do DAC Wandla, à princípio com os quatro fones utilizados no teste, tive a sensação de que poderia manter para todos o maior ganho. Mas assim que a variação dinâmica cresceu, ficou claro que estavam no limite da distorção.

Então, minha opção para os quatro fones com o TUBE DAC como fonte do sinal, mantive o ganho em 0dB. Já com o Wandla, tive que em três dos fones diminuir o ganho para não haver distorção.

Outra dica, se o DAC ligado ao OOR tiver saída balanceada, essa será a melhor opção.

Aqui, com ambos os DACS, o uso de um cabo balanceado melhorou ainda mais a relação sinal/ruído, fazendo com que a micro-dinâmica se tornasse muito mais presente.

O OOR está muito mais para a neutralidade do que para a transparência. Pois ficou evidente que quem determinou a assinatura do que estava a escutar foram mais os DACs ou o pré de phono, do que o OOR. Com isso deu para ouvir com clareza as diferenças de cada um dos quatro fones através do OOR.

Para quem tem um bom setup e com fones de alto nível, não consigo imaginar outra solução que o OOR. Desde que você deseje ter um amplificador de fone que imponha minimamente sua assinatura.

Ajustado o ganho corretamente para o fone escolhido, o nível de prazer auditivo será alto, com uma riqueza de detalhes, folga, naturalidade e respiro impressionantes.

E capaz de melhorar ainda mais se houver condições de ouvi-lo com a fonte Hypsos.

Aí, meu amigo, o OOr muda de patamar substancialmente. Parece um outro amplificador de fone. Ganha maior extensão nas duas pontas, os recortes ficam muito mais bem definidos, o tempo e ritmo parecem mais precisos, e o conforto auditivo também vai para um outro nível de prazer auditivo.

Arrisco dizer até que o OOR sem o Hypsos está sendo subutilizado.

O OOR com a fonte Hypsos, e o DAC Wandla, é um setup de 100 pontos!

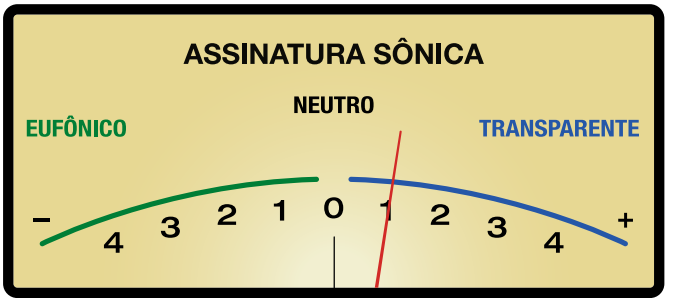
CONCLUSÃO

Qualquer leitor que possua fones hi-end acima de 4000 reais, e deseja fazer um upgrade final para um amplificador de alta performance, precisa ouvir o OOR. E se puder posteriormente investir na Fonte Hypsos, faça-o sem pestanejar.

Seus fones e suas audições mudarão de patamar e prazer auditivo, para sempre!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MURFKHDLQGI

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OLA5NTWKOD4



AVMAG #309
Impel
contato@impel.com.br
(11) 94792.2360
R$ 16.800

NOTA: 96,0

ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADORES DE FONES DE OUVIDO

AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO DCS LINA

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Como prometido, eis o teste separado do Amplificador de Fones de Ouvidos dCS LINA, para os leitores da Audiofone.

Muitos de vocês, ao lerem na edição Melhores do Ano, sobre o Streamer/DAC e Clock LINA da dCS, me perguntaram se o Amplificador de Fones não seria uma extensão do amplificador de fones oferecido no dCS Bartok Apex?

Eu também a princípio imaginei que sim. Mas me enganei redondamente!

O amplificador analógico LINA é exclusivamente dedicado a fones de ouvido, ao contrário do Bartok que também é um pré-amplificador e DAC.

E enquanto o Bartok utiliza uma topologia classe A, o LINA é um Classe AB que, segundo o fabricante, permite um melhor equilíbrio entre saídas de corrente menores na Classe A e saídas de corrente mais altas na Classe B.

Para reduzir as distorções do ponto de cruzamento entre uma Classe e outra, a chamada 'zona morta', a dCS desenvolveu um sistema servo DC com uma técnica exclusiva de correção de erros que, segundo o fabricante, permite que o amplificador LINA mantenha um caminho de sinal limpo ao mesmo tempo que corrige as tensões de entrada na fonte, permitindo os benefícios de um sistema Classe A, ao mesmo tempo que não superaquece o amplificador.

Outra significativa diferença em relação ao Bartok Apex, é na abordagem dos requisitos de potência, no equilíbrio entre os limites de tensão e corrente disponíveis, para permitir um desempenho correto com qualquer tipo de fone!

Para esse feito, o limite de corrente do amplificador LINA tem que ser substancialmente mais alto que o usado no Bartok. Assim, fones de ouvido de impedância mais baixa obterão mais potência, bem como fones com cargas nominais mais altas.

Segundo o fabricante, o amplificador LINA tem um valor principal de 2W em 30 ohms, balanceado, e um sistema de controle de ganho duplo com oscilação de 10.5 dB (especificação do fabricante). O equilíbrio entre corrente e tensão do amplificador LINA é de 60 ohms, fazendo que na verdade o amplificador possa atingir pico de quase

4,5 Watts balanceado em cerca de 60 ohms - que é considerada a impedância ideal.

Por outro lado, o LINA possui uma impedância de saída mínima menor que 0,090 ohms, tornando-o muito mais 'resistente' a distorção por impedância.

Para você que é leigo nas questões técnicas, vou tentar traduzir o que todos esses cuidados e escolhas feitas pelos engenheiros da dCS resultam, na prática: compatibilidade com qualquer tipo de fone! E isso é simplesmente um trunfo do qual pouquíssimos amplificadores de fone de ouvido podem se gabar.

Segundo: uma distorção tão baixa que o silêncio de fundo desse amplificador permite extrair detalhes ínfimos de micro-dinâmica, que você jamais imaginou existirem nas suas gravações preferidas.

Mais adiante falarei sobre esse efeito de resgatar o âmago da gravação, sem torná-lo analítico ou frio. O amplificador LINA pesa 7,5 kg, o que é leve para um amplificador hi-end, e segue obviamente o design das outras duas peças LINA, mas com a novidade agora de também ter a opção prata.

O painel frontal é bastante minimalista, com o botão de liga/desliga escondido no centro embaixo, e um segundo para selecionar a fonte de entrada, 4 saídas de fones do lado esquerdo com a primeira com pino de 6,35mm, uma de 4 pinos e duas seguidas de 3 pinos - balanceadas XLR - e do lado direito seu grande botão de volume.

No painel traseiro temos entradas analógicas RCA para receber sinal de um DAC ou um CD-Player, ou um pré de phono. E duas opções de entradas XLR, uma normal de baixa impedância de entrada (16 ohms), e a outra com buffer, alta impedância de entrada (96 KOhms). Se você for ligar o DAC da LINA, utilize a entrada XLR sem buffer, já com outros DACs com saída de tensão mais baixa, que requerem uma impedância mais alta - um buffer - utilize a entrada XLR "Buffered".

Para saber que entrada está sendo usada, veja a mudança de cores no botão de seleção no meio, embaixo do painel frontal: Azul indica que a entrada XLX com buffer está sendo utilizada, e Magenta significa que a entrada RCA sem buffer está sendo usada.

O amplificador LINA não possui controle remoto, então você terá que se acomodar mais próximo dele se desejar ter o controle de volume ao alcance do seu braço. Isso para mim nunca foi nenhum problema, mas para os que possuem metros de cabos, distanciando-se do amplificador, será preciso levantar cada vez que desejar ajustar o volume.

Para o teste, usamos obviamente o trio LINA, mas também liguei o amplificador com nosso DAC de referência Nagra TUBE DAC, e também com o CD-Player Arcam CDS50. Os cabos analógicos foram o XLR Dynamique Apex, e Sunrise Lab Quintessence Aniversário. Cabos de força para as três peças LINA: Reference XL Opus G6 da Transparent, Dynamique Apex ou Sunrise Lab Quintessence Aniversário. Para as 50 horas de amaciamento do Amplificador LINA, utilizei apenas streamer, depois também usamos inúmeros CDs da Metodologia.

Os fones usados foram: Sennheiser HD 800, Meze Lyric e 109 Pro, e Grado SR325e. Esses quatro fones são minhas atuais referências, e os conheço (ou pensava que os conhecia), tão detalhadamente que achei que seriam as 'ferramentas' ideias para mergulhar a fundo na avaliação do LINA.

Vou começar afirmando que, quando avaliei cada um desses fones, se tivesse como referência o LINA, todos ganhariam de 1 a 3 pontos a mais!

Neste momento não conheço uma ferramenta mais indispensável para uma avaliação criteriosa de fones que esse amplificador LINA. Sua capacidade de nos apresentar com precisão as características e limitações de um fone de ouvido, o tornam ferramenta obrigatória para qualquer revisor que possua critério e referência para avaliar esse tipo de produto.

Ele tem o mesmo papel que uma sala acusticamente tratada, que uma elétrica limpa e que um sistema coerente e bem ajustado! Ou seja, avaliar fones no LINA, é ter a absoluta certeza que você está ouvindo com segurança as qualidades e defeitos de qualquer fone.

Para ser essa ferramenta obrigatória, o Amplificador LINA é integralmente neutro, porém com uma autoridade sublime para dissecar as nuances musicais de qualquer gravação, nos assegurando extrair todo o potencial de todos os fones.

Sua sonoridade em gravações bem feitas nos dão, na medida, os volumes corretos de cada gravação, permitindo que os fones possam mostrar sua capacidade de administrar grandes variações dinâmicas, e extensão nas duas pontas - algo que sempre vejo causar enorme desinformação entre revisores, que para o mesmo fone uns acham que tem grave em excesso outros que falta, e na outra ponta os que sentem que os agudos são tímidos, e os que acham que tem agudo demais). Sem falar na panaceia dos revisores que acham que é preciso 'equalizar' os fones para se extrair o melhor de cada um deles!

Não, meu amigo, se o revisor tiver um amplificador LINA e gravações decentes tecnicamente e artisticamente, jamais, jamais mesmo, haverá a necessidade de equalizar um fone correto para se ouvir suas virtudes!

Esses revisores que teimam em dar suas dicas de equalização, precisam urgentemente investir em um amplificador LINA e fazer um 'mea culpa' durante uma década.

AMPLIFICADORES DE FONES DE OUVIDO

Sei que o amigo leitor deve estar bravo comigo, pois direcionei a primeira parte do teste para falar da importância desse amplificador como ferramenta de trabalho.

Então, agora, vou me dirigir a você que possui um excelente fone hi-end, investiu uma boa grana em um ótimo amplificador de fone, e ainda assim tem dúvidas se o investimento foi na direção desejada.

Já testei dezenas de amplificadores de fone para a revista, e investi muito tempo e dinheiro no meu amplificador de referência, para poder escrever todo mês minhas impressões na revista.

Nada do que ouvi, tive ou testei se compara ao LINA!

Os que acompanham minhas ideias e experiências, sabem bem o quanto defendo aqui, que a escolha mais inteligente e definitiva que todo audiófilo deve almejar se chama: Neutralidade. Com ela, a busca se torna além de mais segura, muito mais prazerosa, pois os resultados aparecem imediatamente.

A Neutralidade nos permite parar de buscar a forma e ir direto ao conteúdo, paramos de polir a superfície, para ir direto ao âmago.

E, como mágica, tudo se encaixa!

É preciso pelo menos uma vez vivenciar essa possibilidade, para termos uma mudança de paradigmas e entender que se ficarmos toda essa jornada buscando apenas a perfeição em um ou dois quesitos, estaremos sempre perdendo o todo.

O amplificador LINA possibilitou extrair, dos quatro fones que são minhas referências diárias, informações e detalhes que nenhum outro amplificador conseguiu.

Por isso, a primeira constatação que pude perceber é que provavelmente, em todos os fones 'corretos' que testamos, a nota final poderia perfeitamente ser maior. Pois, como o LINA não impõe nenhuma assinatura ao fone, este pode finalmente mostrar todas as suas reais possibilidades.

Vamos aos exemplos: o Grado 325e, como todo Grado é sempre acusado de ter menos grave do que poderia comparado com outros fones similares. O LINA não melhorou o seu grave, não deu mais peso, ou extensão. No entanto, ouvindo-o no LINA, o 325e ganhou nas baixas frequências maior limpeza, as notas se tornaram mais claras, as intencionalidades do músico mais evidentes, e como essa limpeza e recuperação de micro-dinâmica do LINA é excepcional, a música se apresenta mais eloquente, nítida, intensa. O que consequentemente nos deixa mais focados e felizes, ao ouvir essa 'explosão' de detalhes e resolução, que pareciam submersos.

No caso do Meze 109 Pro, ouço de muitos revisores que ele tem um grave colorido (já ouvi até de um revisor que se trata de um grave sujo e com pouca definição), e que os agudos poderiam ser mais extensos. Nunca concordei com nenhuma dessas opiniões, pois se também achasse isso, não seria um dos meus fones de referência. Mas concordo que é um fone exigente com seus pares, pois não é um fone para se escutar em um celular ou uma fonte de 200 dólares.

No LINA, o Meze 109 Pro eu consegui ouvir em volumes ainda mais baixos do que estou acostumado a usá-lo, o que deixou suas texturas (que para mim é uma de suas maiores virtudes) ainda mais evidentes. Assim como seu excelente equilíbrio tonal em baixo volume ou no volume correto da gravação. Ouvi maravilhado quartetos de cordas, piano solo e vozes, com tanta informação nas passagens em pianíssimo, que achei que o volume não estava tão baixo assim, fazendo-me dar pausa várias vezes e rever o volume.

Sabe a razão dessa impressão, amigo leitor?

O amplificador tem um silêncio de fundo tão absurdo e uma folga na variação dinâmica, aliado à sua neutralidade, que com o acréscimo de detalhes que passamos a ouvir, até nos acostumarmos com essa nova perspectiva, achamos que na verdade o volume está mais alto do que costumamos ouvir.

Para tirar a dúvida, dei uma pausa no que estava ouvindo, levantei e fui beber uma água, ver as mensagens no celular e voltei. Quando fazemos isso, se o volume estiver mais alto que o normal, assim que apertamos o play, iremos baixar o volume, pois confirmaremos que estávamos empolgados.

Quando o volume está baixo, não temos essa vontade de mudar o volume. Mas como sou teimoso, o que fiz: fechei o volume totalmente, apertei play e fui abrindo até que todo o quarteto estivesse audível minimamente. Aí estabeleci o volume apenas para que, no pianíssimo, cada instrumento fosse ouvido, e continuei a audição no Meze 109 Pro.

Meu amigo esse Meze, para os que querem manter a audição segura, é o fone ideal, pois ele é mais refinado que o 99 Classics, então permite que tenhamos audições ainda mais prazerosas.

E finalmente chegamos ao Sennheiser HD 800, e ao Meze Lyric. Ambos soberbos em suas propostas.

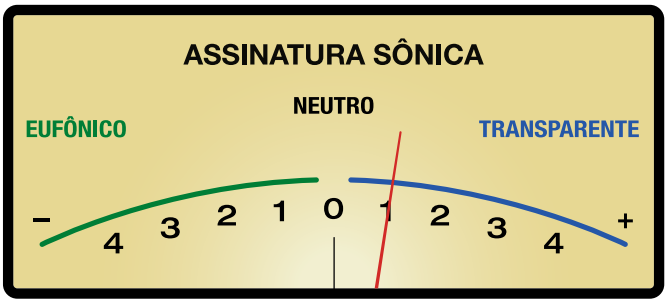
O que o LINA fez por ambos foi dar o 'palco' para eles realizarem suas apresentações, cada um com as suas virtudes e classe. Ele é o amplificador ideal para esse patamar de fones Estado da Arte. Com um conjunto assim, o audiófilo e melômano poderá realizar audições inesquecíveis pelo resto de seus dias!

Produtos como esse amplificador de fone, será perda de tempo descrevê-lo apenas pelos itens de nossa Metodologia, pois seria injusto com um produto dessa magnitude tentar enquadrá-lo em quesitos.

Quando nos deparamos com produtos dessa magnitude, o melhor que podemos fazer é contar a todos o quanto ele nos impressionou, e

como ele pode ser útil e obrigatório àqueles que buscam um grau de performance para fones de ouvido Estado da Arte!

Se aceitar um conselho, ouça-o no Workshop Hi-End Show, em abril. Ele estará lá a disposição de todos os amantes de fones de ouvido!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=W54BIOMAXGK

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CHTNGTY33_Q

AVMAG #304
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477
US$ 15.600

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

DO ALFA AO ÔMEGA

O fone Elite é nossa mais recente criação. E recebeu tantas melhorias revolucionárias que é preciso uma audição atenta para observar seu grau de precisão, fidelidade e refinamento. Uma referência do início ao fim na trajetória de quem busca o melhor fone hi-end atualmente fabricado no mundo!

PRODUTO DO ANO EDITOR
SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

@WCJRDESIGN

germana
curitiba • são paulo • san diego

A verdadeira *experiência* da música.

contato@ germanaudio.com.br

CABOS

CABO USB SHADOW 2 DA DYNAMIQUE AUDIO

Fernando Andrette

Se todos teremos que conviver com streaming daqui para frente, então tenha em mente que será preciso se perder algum tempo compreendendo o que necessitamos fazer para que possamos extrair o melhor dessa nova mídia.

Aqui vão alguns conselhos que, para muitos de vocês, podem parecer desnecessários, mas para os que estão iniciando essa jornada será de grande valia.

A primeira é: escolha uma plataforma que ofereça alta definição, como Tidal ou Qobuz. Se optar por streamer separado do DAC, escolha um que tenha saída USB e Coaxial. E, por último, veja qual dessas duas opções soa melhor para suas expectativas.

E se no seu caso for com cabo USB, então leia esse teste, pois ele pode ser a solução para quem busca extrair o melhor desta mídia digital sem gastar muito.

Tirando os que não acreditam que cabos possam ter performances distintas, a maioria dos nossos leitores sabem que é preciso se perder um tempo ouvindo cabos para chegar a aquele ajuste fino tão desejado.

Nos últimos dois anos, testei e ouvi no nosso Sistema de Referência uma dezena de cabos USB, de 200 a 5.000 dólares, e todos se comportaram de maneira audivelmente diferente.

O positivo dessa disparidade de valores, é que todos que avaliamos partiram de um nível de correção que certamente atenderá a 99% dos nossos leitores. Então, se você está nesse momento à procura do seu cabo USB, sugiro uma leitura nas últimas três edições de Melhores do Ano, para ver se algum dos produtos avaliados se enquadra no seu bolso e gosto.

Muitos dos nossos leitores, ao ler o teste do cabo USB Dynamique Apex, se assustaram com seu preço e nos perguntaram se este fabricante não teria um USB com o mesmo 'DNA', porém adequado para a realidade nossa.

Já testei inúmeros cabos deste fabricante, e utilizo a linha Apex como nossa referência em nosso sistema principal.

E o que posso garantir, é que mesmo as linhas abaixo, como: a Zenith 2, Hallo 2 e a Shadow 2, possuem a mesma assinatura sônica e muitas das qualidades da série Apex.

Outra característica que muito aprecio, é a qualidade de construção e apresentação final de todas as séries. Exemplo: se você fizer uma avaliação visual do cabo USB Shadow 2 com o Apex, a primeira impressão que você terá é que a diferença mais visível se encontra no diâmetro dos dois cabos. Pois todo o restante é muito similar.

O fabricante informa que o Shadow 2 USB é um design de prata pura. Dois condutores de dados de prata pura / ar PTFE 22AWG, blindados - e sob essa blindagem são trançados com fios de cobre e carbono, e as linhas de dados e energia são fisicamente separadas. Os invólucros dos conectores de alumínio anodizado fornecem blindagem contínua até o ponto de terminação, com os pinos banhados a ouro.

Para esse teste, usamos o streamer Innuos ZENmini Mk3 com o Nagra TUBE DAC, passando os discos da CAVI Records e alguns de nossa Metodologia - primeiro no USB Apex e depois no USB Shadow 2.

O resto do sistema utilizamos os integrados Norma Audio Revo IPA-140 e Soulnote A-3 (leia Teste 1 na edição 312). As caixas foram a Wharfedale Aura 2, Rega Aya (leia Teste 2 na edição 312) e a Estelon X Diamond Mk2. Todos os cabos utilizados de interconexão foram também Apex da Dynamique Audio.

O Shadow 2 USB tem um equilíbrio tonal excelente, sem ênfase em nenhuma parte do espectro audível. Graves precisos, incisivos e com excelente energia e deslocamento de ar. Região média com grande naturalidade e transparência na medida certa. E os agudos, se não têm o mesmo grau de arejamento do USB Apex, possuem ótimo decaimento e extensão.

Pedi para um amigo músico, que participou dos nossos discos da CAVI, ouvir as mesmas faixas em ambos os cabos, e sua conclusão foi que para se ouvir diferenças grandes, somente quando reproduzido no Sistema de Referência da revista, pois nas caixas da Rega e da Wharfedale, apenas os agudos eram mais fáceis de se detectar. O que representa muito para um cabo que custa uma fração do Apex, e que por isso mesmo certamente será ligado e utilizado em sistemas mais 'realistas'.

Seu soundstage é excelente! Pois conseguiu dar profundidade e um foco e recorte que nos permitem ouvir realmente uma imagem sonora 3D. O que é fundamental para DACs e Streamers mais de entrada, que pecam por ter uma imagem sonora mais bidimensional.

Os planos são mantidos mesmo nos crescendos, então fique tranquilo que os metais em uma obra sinfônica não irão soar dentro da sua caixa direita (se a gravação não tiver cometido esse lamentável erro com o posicionamento dos microfones no momento da captação).

As texturas são refinadas, com uma apresentação vívida das paletas dos instrumentos e uma facilidade em observarmos as intencionalidades.

Se você é exigente com a marcação de tempo, andamento e ritmo, o Shadow 2 não o decepcionará. Usamos gravações encardidas na reprodução de transientes, e ele se mostrou em todos os exemplos firme e preciso.

A dinâmica é exemplar para um cabo que custa, na Inglaterra, menos de 500 libras! Tanto a macro quanto a micro são reproduzidas com enorme inteligibilidade e folga.

Temos o receio que cabos mais 'baratos' possam falhar na reprodução de macrodinâmica, dando uma embolada, ou aquela sensação de deixar o som bidimensional nos fortíssimos, tirando o prazer de ouvirmos aquela passagem no volume correto. Não será um problema para o Shadow 2 esses desafios.

Corpo harmônico em streamer ainda é uma pedra no sapato, aceitem ou não os defensores dessa mídia. No entanto, tenho ouvido gravações como a que indiquei na seção Playlist de outubro, que me surpreenderam neste quesito - e se o cabo em teste não tem o impacto desse quesito no USB Apex, feio não faz o Shadow 2.

É possível ouvir as diferenças de corpo harmônico com facilidade de um cello para um contrabaixo, ou de um clarinete para um clarone!

A segunda pedra no sapato do streamer ainda é convencer nosso cérebro que os músicos estão ali à nossa frente. Pelo menos o meu cérebro ainda não foi enganado, quem sabe ainda o seja até o fim de 2025! Quem sabe!

Mas em excelentes gravações, ao menos conseguimos focar e ouvir com interesse a obra que escolhemos para avaliar esse tão exigente quesito de nossa Metodologia.

CONCLUSÃO

Eu realmente achei surpreendente o nível de desempenho do Dynamique Audio USB Shadow 2, pelo seu valor.

Acredito que se ele cabe no seu orçamento, e seu sistema pode render um sumo a mais com um melhor cabo USB, o Shadow 2 precisa estar nessa sua lista de audição. Pois seu pacote, além de muito interessante, segue a filosofia desse fabricante de não ser usado como um 'equalizador' para sistemas com desequilíbrio tonal.

Se for esse seu caso, de estar buscando um cabo para atenuar agudos brilhantes ou dar uma leve secada nos graves para caberem sem ressoar em sua sala, esqueça. Pois ele não tem esse perfil de 'equalizador'.

No entanto, se você possui um sistema que só precisa de um cabo digital que realce suas qualidades, e lhe dê um maior grau de inteligibilidade e conforto auditivo, você vai se impressionar com ele.

Como disse na apresentação deste teste, existe uma dezena de bons cabos USB no mercado, e o Shadow 2 se junta a essa legião com algumas características muito 'peculiares' deste fabricante, que escolheu seguir por uma terceira via – a da Neutralidade!

Para quem deseja saber os benefícios que essa 'Neutralidade' pode dar ao seu sistema, eis uma oportunidade de fazê-lo sem gastar uma fortuna.

AVMAG #312
German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
US$ 1.061 (o metro)

NOTA: 100,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

CABOS

CABO USB DYNAMIQUE AUDIO APEX

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Lá vem o Andrette com mais um cabo digital!

Para os que acreditam que cabos bem feitos soam todos iguais, e se não soarem estão 'com defeito', então será uma perda de tempo ler mais uma avaliação de um cabo USB.

Agora, se você é aquele leitor que está tentando ajustar seu streamer, e tirar o sumo do sumo dessa plataforma, e já investiu em um bom cabo de rede, escolheu o melhor DAC dentro do seu orçamento, mais ainda falta o último elo importante que é o cabo USB, então acho que você veio à página certa.

E tenho duas propostas muito interessantes com preços bem distintos do mesmo fabricante, para te apresentar.

Dois cabos USB tão bons, que seria uma injustiça não os apresentar separadamente, então anote aí: em setembro eu publicarei o teste do USB Shadow 2, e já aviso que o que o separa do cabo USB top desse fabricante, é apenas o grau de requinte e refinamento final na maneira de apresentar o acontecimento musical. Compartilham do mesmo princípio central da Dynamique Audio, que é o grau de neutralidade almejado por todas as séries, que no meu modo de ver é essencial para que o streamer avance onde ainda está mais atrás da mídia física.

Sei que incomodo a muitos de vocês leitores, ao lembrar que o streamer ainda não chegou lá, mas eu não virei as costas para essa 'realidade', e busco de todas as maneiras soluções para essas lacunas existentes ainda em sua performance, tanto que estou realizando um upgrade em meu streamer e torcendo para que minha escolha me leve um pouco mais adiante.

E nessa sincera busca, nada mais legal que poder compartilhar descobertas consistentes que fizeram o meu streamer atual soar melhor, e observar que características pontuais que me incomodam, como a pouca profundidade, corpo harmônico que me remete aos anos 90 dos players e DACs daquele período, vozes e instrumentos que soam na minha frente como pizzas brotinhos flutuando no espaço.

Os streamers com melhor corpo harmônico e planos mais 3D, não são nada baratos, e os de entrada carecem de algo essencial na alta fidelidade: um excelente equilíbrio tonal, para que as texturas se apresentem mais naturais, transientes precisos e uma macro-dinâmica pelo menos mais próxima do CD-Player!

Muitos se incomodam quando brinco que os streamers de entrada são o gravador K7 dos anos 80. Claro que estou sendo sarcástico, mas quero que apenas você leitor se pergunte: a escolha tem que ser realmente praticidade em detrimento da qualidade?

Já cometemos esse erro com o disquinho prateado, e demoramos 20 anos para descobrir que o problema não estava na mídia e nem na amostragem em 16-bits/44khz.

O problema era justamente onde não poderia haver limitações: no leitor e conversor!

E agora, onde se encontra a limitação que faz o streamer soar tão pouco realista?

Não tenho dúvida que a primeira causa está nas plataformas e seus codecs, depois no software que faz a reprodução (que roda dentro dos streamers, e que rodava nos computadores que eram usados como streamers), depois no próprio aparelho streamers quanto ao seu hardware e fonte de alimentação e, finalmente, os cabos USB - ou mesmo S/PDIF e em streamers mais simples.

E afirmo a todos que estão nessa busca pelo melhor ajuste e melhor definição sonora de seus streamers de alta qualidade, que o cabo USB tem uma vital importância na comunicação entre seu streamer e seu DAC.

Óbvio que não estou falando de streamers e DACs de entrada, de até 500 dólares, idolatrados por muitos 'formadores de opinião', que repetem como um mantra que 'bits são bits' e que, portanto, não há diferença entre um DAC de 500 dólares e um de 10 mil dólares!

E se não há diferença entre DACs bem construídos, o que dirá de cabos digitais que podem custar a partir 20 dólares, e alguns USB que podem custar mais de 5 mil dólares - isso parece ultrajante e descabido de qualquer 'objetividade'.

Hoje mesmo, antes de sentar para escrever esse teste, assisti no You Tube um vídeo em que o tema era provar que transportes não podem e não devem soar diferentes. E para provar sua tese, o sujeito mostrou três músicas em um transporte de 100 dólares, e em um de 7000 dólares.

A conclusão dele foi que as diferenças, se existirem, são 'inaudíveis'! Portanto estaria provado que transporte não faz diferença! Queria ver esse gringo dizer isso para quem participou de todas as seções do nosso Workshop, em abril em São Paulo, e ouviu as diferenças 'audíveis' entre CD-Player, Transporte e DAC.

E não estou falando de sistemas superlativos para se escutar as inúmeras diferenças, pois elas eram cristalinas em todos os setups utilizados.

O que precisamos para notar as diferenças é, primeiro, saber o que observar, e segundo usar gravações que expressem o que precisamos ouvir de maneira eficaz!

É tão simples como descascar uma banana, acredite!

Se você tem o exemplo musical certo para descrever o que desejamos que o participante escute com atenção, ele irá perceber por si. Isso ficou expresso no semblante de todos que lá estiveram.

Vou dar apenas dois exemplos: o da macro-dinâmica e planos (com apresentação de recorte, foco e ambiência) em que utilizei uma gravação de Copland que pedia apenas para os participantes notarem a posição dos tímpanos, pratos e metais. E que também se concentrassem em ouvir o deslocamento de ar dos tímpanos, e o decaimento dos mesmos.

Depois, a cada novo sistema, pedia para nesse mesmo exemplo eles me dizerem se as distâncias entre os músicos, o foco, recorte e o fortíssimo eram as mesmas, e se havia alguma alteração na apresentação no tamanho da sala.

E, por fim, eu perguntava como, à medida que os sistemas subiam de patamar de dois em dois pontos, como soava o corpo harmônico dos instrumentos de percussão e os naipes dos metais?

Perguntas objetivas e diretas - e respostas também objetivas e muito conclusivas.

O segundo exemplo era a tão desejada materialização do acontecimento musical à nossa frente, a Organicidade, e nada melhor que uma gravação com violão e voz bem captada e bem mixada, em que a cantora, nos sistemas mais refinados, além da sensação de materialização física nos permitia ouvir detalhes da inflexão da voz e detalhes sutis da digitação do violonista, nos passando a tal da 'intencionalidade' que tanto digo ser o ápice da qualidade da textura de um genuíno sistema hi-end.

Formule a pergunta certa, em um exemplo consistente, e terá respostas tão contundentes que cairá por terra a falácia de que 'cada um escuta de uma maneira', o que tornaria impossível que um grupo de audiófilos chegasse às mesmas conclusões!

E descrevi todos esses fatos pois, para atingir tão consistente resultado, nos três sistemas mais refinados do Workshop, fiz uso de um set completo de cabos da Dynamique Audio, hora usando Zenith com Hallo 2, e hora adicionando um Apex, para manter a assinatura sonora de cada sistema, já que são os únicos cabos que conheço e uso que possuem esse grau de neutralidade tão essencial para demonstrar tudo que eu precisava apresentar aos participantes.

Eles não se deram conta do esforço feito para a apresentação de cada set dos seis apresentados, e as semanas de ensaio, escolhendo as gravações ideais, para que cada exemplo fosse assimilado sem dúvidas e, agora, eu conto a mágica do elemento central desse êxito: os cabos da Dynamique Audio.

CABOS

Sem eles eu teria entrado por um labirinto sem fim, pois cada cabo possui uma assinatura sônica, e essa assinatura por mais sutil que seja interfere no resultado final.

E a ideia central do workshop era justamente mostrar a importância de se buscar o melhor equilíbrio tonal possível, então eu não poderia abrir mão de usar cabos que interferissem o mínimo possível nos setups escolhidos.

Como não usei streamer no Workshop, só não consegui mostrar os dois USB da Dynamique, que apresento agora a vocês em primeira mão, no mundo!

E o Apex USB me fez repensar muitas questões sobre as limitações do streamer, pois com a sua neutralidade inerente, as qualidades e defeitos do meu streamer atual ficaram muito mais evidentes.

Mas antes de descrever minhas observações sonoras, pedi para o Daniel Hassany, projetista dos cabos da Dynamique, que me falasse um pouco da construção do Apex USB. Ele me disse que os condutores são de núcleo de prata pura banhada a ouro (4N), núcleo sólido de prata pura banhada a paládio (4N), e multifilamentos de cobre OFC banhado a prata (6N). O isolamento é de Teflon PTFE espaçado a ar, e Teflon FEP. A construção é por par trançado, e como todo cabo Dynamique o filtro de ressonância também é trançado de cobre com carbono. O plug é de alumínio anodizado, revestido com pinos banhados a ouro.

Sua construção e acabamento estão entre os melhores cabos USB que tive, ouvi e testei.

Como toda a linha Apex, são muito maleáveis e fáceis de manusear, não irão entortar os terminais com sobrepeso descomunal e nem têm bitolas que impeçam curvas ou dificultem o manuseio em espaços apertados e mal iluminados.

O encaixe é sempre suave e perfeito!

E a performance? Eu diria que ele é muita areia para o meu caminhão atual, que se chama Innuos ZENmini Mk3. Pois quando você coloca um cabo com esse grau de neutralidade, em um streamer de bom nível, mas abaixo do potencial do cabo, todas as limitações do seu streamer irão ficar absolutamente explícitas!

Pois as limitações que citei no início do teste, são expostas implacavelmente! Com ele, as gravações ruins mostram em detalhe o que as tornou ruins, ou limitadas tecnicamente. Em compensação, as boas ganham vitalidade.

E você sabe a minha opinião sobre expurgar discos que amamos. Eu já fiz muito isso no passado, e hoje não me permito repetir esse erro.

Então o USB Apex me levou a tomar a decisão de que estava na hora de realizar um upgrade no meu streamer, e estou a caminho de realizar esse intuito.

Se eu 'burlasse' meus princípios , só ouviria no streamer as gravações tecnicamente melhores, e até poderia dar uma sobrevida ao meu streamer atual, que um brilhante trabalho fez ao ajudar mensalmente a produzir a seção Playlist. Ou poderia manter os meus USB de referência da Kubala Sosna (ainda o mais palatável e o melhor de todos para esse setup Innuos), o da Sunrise Lab, o da Virtual Reality, e um que pouco cito mas que continua sendo um achado, que gosto de mostrar a todos que querem um bom cabo USB correto: um SAEC japonês de apenas 180 dólares.

Como você pode ver, eu sempre busquei ter um arsenal de cabos USB para todas as situações de testes. Mas nenhum de minha coleção possui esse atributo tão nítido da Neutralidade, então é difícil avaliar um cabo em que você não consegue 'detectar' suas características sônicas - pois ele não tem!

No entanto, quando ele entra no momento certo com seus melhores 'pares', se torna obrigatório.

Fico pensando na esmagadora maioria dos audiófilos, que buscam por décadas cabos que deem um 'tempero' a mais nos seus sistemas, que corrijam pequenos defeitos no equilíbrio tonal, como deve ser frustrante ouvir esse Dynamique Apex, que em vez de atenuar uma limitação, a escancara!

E quanto mais penso nessa realidade, mais admiração nutro pelo Daniel Hassany, pela sua coragem em trilhar um caminho tão árduo e solitário!

Porém, quando mais audiófilos experimentarem e ouvirem os benefícios de uma cablagem neutra em sistemas bem ajustados, o que garanto é que esses não voltarão atrás. Pois eles perceberão que se livraram de uma armadilha de tentar resolver com cabos o que seus sistemas não resolveram, o que eles têm de deficiente.

Quando apresentei três sistemas, todos com cabos da Dynamique, no nosso Workshop Hi-End Show, os participantes sem saber ou sequer pensar que cabos eu estava usando nesses três setups, conseguiram se concentrar apenas na música e na qualidade que cada um daqueles equipamentos estava lhes proporcionando.

E esse 'efeito' meu amigo, acredite: é mérito do sistema ligado a cabos neutros! A neutralidade faz com que tudo se encaixe de forma harmoniosa, sem arestas sem protagonistas, é o famoso vir a ser, como se comporta a música ao vivo.

Você está ali exposto ao acontecimento musical, e o grau de envolvimento emocional vai se ampliando até não haver espaço para nada mais.

A psicologia chama esse momento de Catarse, de uma liberação de emoções ou tensões. Gosto do termo e o acho propício para tentar

explicar a você, que não esteve no nosso Workshop, o que lá ocorreu com os participantes.

E o elemento central dessa 'comunhão' foi a Neutralidade.

Com os cabos da Dynamique, eu consegui que cada sistema mostrasse seu DNA sonoro, em que todos os equipamentos convergiram na mesma direção. Uns chamam isso de sorte, eu chamo de conhecimento prático.

Não ousarei destrinchar quesito por quesito do cabo USB Apex, pois ele com sua neutralidade toma o 'corpo sonoro' do equipamento que estiver conectado. Então o que posso lhe dizer é: se você investiu muito em seu streamer e o considera um produto superlativo, tire a prova dos nove e ligue-o com um USB Apex da Dynamique Audio.

Ele fará uma 'ressonância magnética' sonora precisa do nível do seu setup de streamer/DAC.

Agora, se você se decepcionar com o resultado, por favor não o culpe, pois ele não tem a menor vocação para 'apimentar' ou dar um sabor diferente a nenhum sistema.

Se é isso que você tanto procura, bateu na porta errada.

Agora, se seu sistema realmente for de nível superlativo, a neutralidade deste cabo irá apenas enaltecer todas as qualidades inerentes.

Não conheço nenhum outro cabo que seja tão neutro, e tão justo!

AVMAG #307
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
£ 3.900 (1m)
£ 4.300 (1.5m)

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

fezz
MADE OF MUSIC.
Fabricante polonesa de equipamentos HIGH-END que representa tecnologia moderna e forma excepcional. Uma linha de produtos completa que lhe permite desfrutar de uma qualidade sonora excelente, estética moderna e soluções disponíveis de acordo com as suas necessidades.
MADE-IN-POLAND
AURA
- IMPORTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO -
https://www.aura-av.com.br/
tel. +55 (51) 9-8281-0012
comercial@aura-av.com.br

CABOS

CABO DE FORÇA VIRTUAL REALITY ARGENTUM

Fernando Andrette

Quando o Ebert, no final do ano passado, me falou que estava lançando um novo cabo de força e de caixa, fiquei curioso em ouvir já que tenho o cabo de caixa Trançado e o uso frequentemente para testar equipamentos, e também o apresentei no Workshop Hi-End Show, em abril passado.

Tenho muito respeito pelo trabalho do Ebert, e sua linha de cabos Virtual Reality, por ter conquistado um patamar de custo/performance muito consistente.

E fiquei muito feliz de ver o carinho e interesse dos visitantes no Workshop Hi-End Show, em poder falar com o projetista, e ter um contato tátil e visual com seus cabos.

É muito importante para o nosso leitor esse contato real, de poder tirar dúvidas, avaliar visualmente o produto e poder constatar o esmero na fabricação de cada um dos modelos.

Mesmo antes de ouvir e testar os cabos deste fabricante nacional, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a qualidade final do produto, e quando soube dos preços ao consumidor, fiquei ainda mais impressionado!

Poder ouvir o seu melhor cabo de força, foi muito interessante, pois o Ebert costuma deixar seus cabos conosco pelo tempo que acharmos necessário (ainda que eu saiba que cada cabo é fabricado manualmente, e que muitas vezes ele não tenha mais esse modelo para levar na casa dos clientes). Por isso mesmo procuro ser o mais rápido possível.

Ainda que o ideal nesses casos, para agilizar o tempo de avaliação, seja contar com um set completo de cabos, quando isso não é possível, tenho que me adequar a realidade.

Então meu ritual com qualquer cabo de força que recebo, sendo um único exemplar, eu tenho uma primeira impressão geralmente ligando-o ou no pré-amplificador ou em alguma das nossas fontes, seja analógica ou digital, e depois o coloco em queima de pelo menos 100 horas, alimentando alguma régua ou algum produto eletrônico que também esteja em amaciamento.

Felizmente, com a chegada do Argentum, também estiveram em amaciamento diversos integrados - e o amplificador de fone, fonte de alimentação e o DAC da Ferrum Audio (leia teste do Oor na Audiofone da edição 309). Então pude deixá-lo ligado 24 horas com todos esses equipamentos e, depois de 100 horas, quando senti que estava estabilizado tonalmente, passei para a segunda parte do meu ritual: ver a compatibilidade do cabo em teste com os cabos de força que utilizo em nosso Sistema de Referência.

Felizmente, o Argentum se mostrou de uma enorme compatibilidade com o Dynamique Apex, o Sunrise Quintessence Aniversário, e os Transparent Reference G6.

Checada essa segunda etapa, comecei a avaliar a performance do Argentum com os inúmeros equipamentos em teste.

E foi possível detectar duas coisas: ele tem um grau de compatibilidade enorme, mas como só tínhamos um a disposição, os melhores resultados foram alimentando fontes como a Hypsos da Ferrum Audio (teste na edição de setembro de 2024), as fontes PSU Nagra tanto do pré de linha e TUBE DAC, como do Transporte Nagra, e todos os digitais: DAC Wandla da Ferrum Audio, TUBE DAC e streamer Innuos ZENmini Mk3.

E já no final do teste, também conseguimos um excelente resultado no pré de phono E-2 da Soulnote (teste edição 308) e também no integrado da Soulnote A-2 (teste na edição de setembro de 2024).

Como precisaríamos de dois para ligar nos powers HD da Nagra, ou nos powers Gold Note PA-1175, não pudemos saber como o Argentum se comportaria neles.

Sua construção e acabamento são de primeira linha, não ficando nada a dever comparado com cabos importados muito mais caros e de renome.

Ainda que seja um cabo de bitola larga, ele é bastante flexível. Internamente são 4 bitolas diferentes de condutores de cobre puro, trançados, sendo um deles banhado em prata com isolação em Teflon. Possui baixa capacitância e baixa indutância. E segundo o fabricante não há necessidade de blindagem, uma vez que a geometria do cabo cancela os campos magnéticos evitando interferências. O acabamento é em malha náutica e os plugs são Furutech FI-50 NCF.

As fotos não fazem justiça ao primor de construção e acabamento, então sugiro a todos que tenham interesse em conhecê-lo, que o façam testando-o em seus sistemas.

O modelo enviado foi de 1.5m, e seu preço para o consumidor é de R$4.750. Um valor impressionante pela performance do cabo.

Eu sugiro 150 horas mínima de queima, para que o cabo estabilize, e o ideal é deixá-lo quieto depois de instalado no sistema, enquanto faz o amaciamento.

Aos ansiosos, deixe o cabo estabilizar antes de sair ligando em todos os componentes do sistema.

E não tire conclusões apressadas, OK?

Isso para os que acreditam em diferenças de cabo de força e em amaciamento. Pois aos que não acreditam, serão inúteis essas dicas de ouro!

O Argentum tem a qualidade de não sair tocando torto ou abafado. O que falta a ele antes do amaciamento é uma correta profundidade, abrir as duas pontas para o cabo respirar tanto em cima quanto em baixo, e ganhar melhor foco, ambiência e planos.

Mas nada de sair com excesso de brilho ou graves sem bordas definidas ou região média congestionada.

Mas, Andrette, um cabo de força sem amaciar, pode ter todas essas limitações?

Pode, e isso não é algo raro de ocorrer.

E depois ir tudo para o lugar? Aí depende, meu amigo, alguns irão e outros ficarão no meio do caminho, se as limitações forem muito grandes.

O que muitos não entendem é que, às vezes há, desde o início, uma incompatibilidade entre o cabo e a eletrônica. E certamente a culpa irá cair sempre sobre o cabo, nunca na eletrônica (principalmente se a eletrônica for o xodó do audiófilo).

Mas essas dicas só servem para os que acreditam que cabos de força fazem diferença real, e não ‘efeito placebo’ (a maneira que os objetivistas ortodoxos costumam se referir às observações auditivas de quem percebe diferenças audíveis).

Mas a esses objetivistas ortodoxos, sempre haverá a famosa frase que eles repetem como papagaios treinados: “Como que o último metro de um cabo de força, pode fazer alguma diferença?”.

E se invertermos a pergunta para: “O quanto o último um metro pode fazer de diferença?”.

As pessoas experientes e com a curiosidade tão elementar ao ser humano, só saberão obviamente ouvindo.

Só não o farão aqueles que apenas olham para um osciloscópio e se contentam com o que as medições lhe dizem.

Essas pessoas me lembram os personagens da Caverna de Platão, que se contentam em experimentar o mundo e tirar suas conclusões olhando apenas as sombras e nunca diretamente para a realidade.

Ou aqueles que não perdem seu tempo olhando para os detalhes de uma floresta, já que na sua cabeça o verde é suficiente para saber onde estão.

E dão de ombros quando alguém lhes diz que existem diferenças no azul do céu, dependendo da estação.

Quando eu cruzo com algum objetivista ortodoxo, eu não perco tempo em discussões estéreis, eu apenas me convido para ouvir seu sistema. Pois ele me dirá tudo a respeito de suas crenças e de seus equívocos.

E tive a sorte de conseguir que alguns me permitissem ouvir seus sistemas, e entender plenamente a sua dificuldade de compreender a razão de não escutarem diferenças entre cabos e, em alguns casos, nem mesmo de amplificadores ou caixas acústicas.

CABOS

Pois para eles as medições é que irão definir suas escolhas, então ouvir é uma total perda de tempo.

Mas voltemos ao Argentum, seu equilíbrio tonal depois de amaciado é de alto nível, graves corretos com energia, excelente deslocamento de ar e velocidade. Médios naturais, com excelente silêncio de fundo, e agudos limpos, corretos e com ótima extensão e decaimentos suaves.

Andrette, o que você quer dizer com decaimento suave?

Para você saber se seu sistema, ou um componente de seu sistema, possui boa extensão nos agudos e o decaimento suave, os melhores exemplos serão sempre pratos de condução. Pegue boas gravações, em que os pratos foram bem gravados, e ouça-os - você se surpreenderá como eles soam diferentes em diversos tweeters, cabos de caixa e até pelas limitações na fonte digital ou analógica.

Eu uso um famoso exemplo de uma gravação da Shirley Horn, em que o baterista utiliza um prato de condução com rebite, e no último toque esse prato fará no mínimo 13 ondas sonoras até não se ouvir mais. O problema é que muitos sistemas não se ouvem nem as 13, cessando em 10 ou 11 ondas.

E, pasmem, à medida que o sistema tem melhor extensão e decaimento mais suave, temos mais de 13 ondas (só não irei contar quantas o microfone utilizado captou na gravação).

O decaimento suave está associado ao respiro das altas frequências, essencial para o nosso conforto auditivo. Pois somos muito sensíveis às altas frequências, quanto a brilho, aspereza e endurecimento.

Outra questão da importância do decaimento suave, é que ele nos mostra melhor a localização dos instrumentos no espaço entre as caixas, e a qualidade de captação da ambiência.

O que vocês precisam compreender é que nosso cérebro não se engana facilmente, se ele espera uma apresentação realmente hi-end, na 'prática' todos os detalhes são essenciais.

Um sistema Estado da Arte é como uma volta perfeita de um carro de Fórmula 1, para ser o Pole Position.

Se no automobilismo o que separa o primeiro do segundo são os milésimos, no hi-end Estado da Arte, é o cuidado com todos os detalhes. Somente assim nosso cérebro realmente irá se interessar pelo que está ouvindo, plenamente.

Pois bem, o Argentum em termos de equilíbrio tonal, chegou lá!

Sua construção do palco sonoro é muito convincente, tanto em termos de largura, como de profundidade e altura.

Já dei essa dica dezenas de vezes: quer saber o quanto seu sistema é bom em profundidade, então jogue fora sua resistência em ouvir música clássica por um tempo, e veja se ele é capaz de manter os naipes da orquestra em sua correta posição nos fortíssimos.

Se os contrabaixos no fortíssimo pularem por cima dos cellos, virando tudo uma massaroca no seu canal direito, seu sistema precisa de ajustes.

E saiba que cabos são um dos elementos que podem ajudar a solucionar o problema (desde que o sistema não esteja incorreto, claro).

E cabos de força podem contribuir para que os naipes e solistas tenham melhor respiro e espaço entre cada fileira.

Óbvio que falo de gravações que sejam referência nesse quesito. Eu mostrei uma gravação excelente no Workshop, do Copland - feita pelo selo Telarc, é impecável para foco, recorte, planos, ambiência e macro-dinâmica.

O Argentum cumpriu seu papel com segurança e autoridade!

As texturas foram retratadas com todo seu espectro de cores de cada instrumento acústico ou vozes, e ficou evidente sua facilidade em nos mostrar as intencionalidades em cada gravação.

Velocidade, tempo e ritmo costumam ser uma pedra no sapato de muitos cabos de força (principalmente aqueles que os objetivistas ortodoxos utilizam, os emborrachados originais de fábrica), deixando o som arrastado, letárgico e sem graça de se ouvir.

E, pior, que 'comem' notas ou deixam a passagem totalmente turva!

Mas se não aparece no osciloscópio, não há razão para se preocupar, não é verdade?

O Argentum, ao contrário, é de uma precisão 'metronômica' (termo usado por um querido amigo músico ao se referir aos transientes corretos). Mesmo em passagens complexas, como dos violonistas Paco de Lucía e Al Di Meola, no *Friday Night in San Francisco*, você ouvirá nota por nota!

A gravação que citei acima, do Copland, também uso para fechar a nota de macro-dinâmica, e com o Argentum a reprodução dos tímpanos foi com absoluta autoridade e, o mais importante: folga!

As pessoas muitas vezes se contentam em ouvir passagens fortíssimas, como se fosse um vulto em alta velocidade a passar em frente ao nosso campo de visão. E assim acham que sua reprodução de macro dinâmica está perfeita.

Não, meu amigo, um bom sistema irá te mostrar como aquela passagem musical foi realizada, o quanto de esforço, precisão e concentração foram usados.

E o mais essencial: não nos fazer deixar de ouvir aquele momento dentro do contexto completo da obra.

Ouvi centenas de vezes os tiros de canhão da Abertura 1812 de Tchaikovsky, e raramente os tiros me deixaram continuar ouvindo toda a orquestra. Sim! A orquestra continua tocando enquanto os tiros de canhão ocorrem! Pois em muitos sistemas não existe folga para reproduzir os tiros e a orquestra continuar sendo ouvida.

Isso se chama Folga!

Ou o sistema tem ou não tem!

O Argentum não sofre dessa limitação.

O corpo harmônico se mostrou excelente em qualquer equipamento em que ele foi utilizado, e sua reconstrução do acontecimento musical (organicidade) foi de alto nível.

CONCLUSÃO

De todos os cabos de força Estado da Arte nacionais, o Argentum consegue novamente estabelecer a melhor relação custo/performance.

Conseguir esse feito com esse valor é algo realmente digno de nota.

Se você deseja ou busca, para o seu sistema, um cabo de força definitivo com um orçamento restrito, ele deve ser sua primeira opção.

Ouça-o, e veja se ele pode dar ao seu sistema aquele ajuste fino que você tanto almeja.

Méritos ele mostrou ter de sobra!

AVMAG #309
Virtual Reality
contato@vrcables.com.br
(12) 99147.7504
R$ 4.750 (1,5 m)

NOTA: 100,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

CONDICIONADOR DE ENERGIA

CONDICIONADOR DE ENERGIA OPUS POWERISOLATOR DA TRANSPARENT AUDIO

Fernando Andrette

A primeira vez que soube da existência desse condicionador da Transparent Audio, foi em 2015 com o lançamento da versão 5 dos cabos Opus.

Agora já na versão Opus 6, tive a oportunidade de matar minha curiosidade e conhecer o PowerIsolator com o cabo de força Opus de 20 amperes geração 6.

Não achei nenhum teste deste condicionador no mercado, e olha que vasculhei por semanas. E o material existente no site do fabricante é muito escasso e com poucas informações que nos dê pistas da topologia empregada em seu desenvolvimento.

Eu não me intimido de avaliar produtos em primeira mão, mas certamente gostaria de ter mais informações do produto para poder compartilhar com vocês leitores.

Quando tenho esse tipo de desafio, só realizo o teste se conseguir ficar tempo suficiente com o produto para usá-lo no maior número possível de produtos, para ver sua eficácia, compatibilidade e consistência nos resultados 'prometidos' pelo fabricante.

Acho que qualquer leitor que nos acompanhe há mais de três anos, sabe que a maioria dos condicionadores testados por nós trazem benefícios consideráveis em relação a limpeza na rede, mas também têm o inconveniente de diminuir a resolução macro-dinâmica dos componentes ligados à ele.

Esse é um problema de difícil solução, e poucos fabricantes de condicionadores conseguiram 'driblar' ele.

Aqui temos mais um que promete não podar a macro-dinâmica - cumprirá o prometido?

O objetivo do novo Opus PowerIsolator da Transparent Audio é eliminar todo ruído da linha de energia, sem restringir a corrente ou introduzir mudanças de fase.

Como escrevi acima, todo condicionador de bom nível já consegue eliminar de maneira eficaz ruído de energia, no entanto grande parte ainda restringe o fluxo de corrente e os mais simples podem alterar a fase do sinal de energia, consequentemente podendo até mesmo alterar o equilíbrio tonal do sistema.

Ou seja, escolher um condicionador que entrega benefícios com uma mão, mas tira qualidades essenciais, como o equilíbrio tonal, com a outra, é pura perda de tempo e dinheiro.

Segundo a Transparent, o Opus PowerIsolator de 20 Amperes não terá essas limitações e o sistema estará livre para revelar toda a complexidade de energia dinâmica, e sem alterar o equilíbrio tonal do sistema.

Sua construção chama a atenção,pelo seu design, que difere de qualquer outro condicionador que já tenha testado, e sua carcaça é feita inteiramente de fibra de carbono amortecida e carregada com epóxi para bloquear qualquer tipo de vibração externa, além de isolar todos os componentes internos de campos eletromagnéticos.

Seu circuito do filtro de condicionamento é calibrado para uso com o cabo de força Opus geração 6 - e para a tensão e frequência AC do comprador.

A versão enviada para teste era a top de linha, com apenas duas tomadas, mas existe a série Reference com até 6 tomadas.

Com essa restrição de tomadas, o trabalho foi ainda mais demorado, pois tive que escolher que produtos colocar para poder avaliar os benefícios do condicionador. A pena foi que não pude testar os powers Nagra HD nele, pois os mesmos são 220v, e o PowerIsolator enviado era 120v.

Então tive que me contentar em testar o condicionador com os integrados: Arcam SA30, Sunrise Lab V8 Aniversário e IS-1000 da Gold Note. Um par de powers PH-10 da Gold Note, pré de phono PH-1000 também da Gold Note, Pré Classic da Nagra, DACs dCS Lina e Bartok Apex, Nagra TUBE DAC, Transporte Nagra, e CD-Player SA-50 da Arcam.

Os cabos de força utilizados foram vários modelos, entre o condicionador e os produtos, desde: Oyaide Tunami GPX RV2 (leia teste na edição 279), Quintessence série Aniversário da Sunrise Lab, Dynamique Apex, e Transparent Audio Powerlink MM2 e Reference XL geração 6.

Para facilitar as conclusões, resolvi fazer por partes.

Compatibilidade: absolutamente fantástica! Pois todos os produtos se beneficiaram de estar passando pelo condicionador. Claro que alguns mais que outros, mas todos soaram com um nível de ruído menor, melhorando audivelmente a micro-dinâmica, foco e recorte.

Equilíbrio tonal: nenhuma alteração escutamos no equilíbrio, em nenhum dos equipamentos. Lembra muito o condicionador Gigawatt nesse aspecto, pois não impõe uma assinatura, se mostrando absolutamente neutro e cumprindo seu papel de limpar a sujeira da rede.

Soundstage: todos os equipamentos se beneficiaram com a melhora do silêncio de fundo, de uma sensação de maior precisão no foco, recorte, planos e arejamento. A sensação que passa é que a organização do palco sonoro se torna mais estável e tridimensional. Até o CD-Player Arcam, o mais modesto dos equipamentos utilizados, se beneficiou dessa melhora e apresentação mais arejada, em música com muitos instrumentos.

Transientes: foi uma das características que mais me chamou a atenção, pois geralmente um condicionador que irá 'podar' a macro-dinâmica, costuma já 'sinalizar' que a precisão do "pára/arranca", soa mais letárgica. Não é o caso desse condicionador, de maneira alguma. Digo sempre para os leitores, que têm dificuldade de observar esse quesito, para sentirem então o tempo/ritmo e andamento. Quando os transientes estão corretos, as passagens ou viradas muito rápidas não soam sujas, e temos a sensação que os músicos parecem mais ligados e tocando com maior empenho e concentração.

E não displicentemente!

E a maior pedra no sapato - macro-dinâmica: assim como o Gigawatt, um exemplo a ser seguido pelos concorrentes que ainda não chegaram lá.

Claro que queria ouvir os powers Nagra HD para fazer a prova derradeira, mas nenhum integrado ou o par de powers da Gold Note que usei, soaram - mesmo nas obras mais complexas e com inúmeras variações de dinâmica - comprimidos ou restritos.

CONCLUSÃO

O Opus PowerIsolator da Transparent Audio é um excelente condicionador para sistemas Estado da Arte.

Pode muito bem ser o componente que levará um sistema bem ajustado, a exprimir todo o seu potencial, sem comprometer absolutamente nada!

Aos que precisam de mais tomadas, sugiro olharem e testarem a versão Reference, com mais entradas que o Opus.

AVMAG #304
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477
US$ 22.500

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

SWITCH DE REDE

SWITCH DE REDE MELCO S100/2

Fernando Andrette

Para quem deseja extrair o máximo de seu streamer, saiba que em algum momento você terá que obter um switch de rede, assim como reavaliar seu cabo Ethernet ou cabo óptico, e o cabo USB que carrega o sinal até seu DAC.

E aí a pergunta crucial que sempre escuto é: “Andrette, as melhorias nesse investimento são audíveis?”. Sim, principalmente se você tiver investido em um streamer de alto nível, esses cuidados serão essenciais.

Como eu descobri? Usando alguns switches de rede nos streamers que testamos, e em nossos de referência.

A outra pergunta frequente é: mas os Switch de rede têm alguma diferença significativa entre eles? Novamente sim, meu amigo, e te digo: não são apenas pontuais.

Quem me acompanha sabe da minha opinião sobre ouvir música através de Qobuz, Tidal e afins. Não sou daqueles que pulam em um barco apenas pelas facilidades inerentes a uma nova tecnologia - acho que nesse aspecto posso ser considerado um ‘conservador’ cauteloso. Pois o que irá pesar na minha decisão é unicamente o resultado sonoro, e nada mais!

E meus primeiros contatos com o streamer, confesso, foram tão decepcionantes como as primeiras audições do CD-Player no início dos anos oitenta.

Tanto que a um amigo, ao me perguntar o que havia achado da qualidade sonora do streamer, brinquei ser a fita cassete do século 21. Ultra prático ao nos oferecer uma biblioteca musical ao alcance de nossos dedos, porém frustrante em termos de qualidade sonora.

Claro que atualmente existem streamers que podem perfeitamente ser considerados hi-end - mas não se iludam, meus amigos, não é nada barato.

E para extrair o sumo do sumo desses streamers top, haverá que se cercar de todos os acessórios acima por mim citados.

E, para esses leitores que já fizeram tal investimento, gostaria de apresentá-los o Melco S100/2.

Para os leigos, antes de falarmos do Melco S100/2, vamos dar um apanhado do que é um switch de rede. Todo roteador que você usa para transmissão de dados em sua residência tem um switch de rede embutido. Os mais simples, com uma ou duas saídas, até os mais sofisticados com várias saídas. No entanto, por melhor que seja seu roteador, para extrair o melhor de seu streamer será uma solução essencial o uso de um switch dedicado, para separar os sinais de rede em geral do seu setup hi-end.

E a razão de ser o ideal separar é simples; o ruído de rede em uma casa é descomunal - e, acredite, esses ruídos chegam aos nossos ouvidos de inúmeras formas como, por exemplo, com um menor silêncio de fundo ou agudos sujos e brilhantes.

E o Melco S100/2 é feito justamente para recuperar o sinal de rede em sua integridade. Ele consegue tamanho desafio? Veremos mais adiante.

Para os que não conhecem esse fabricante japonês, a Melco faz parte do grupo Buffalo, uma empresa referencial no domínio de periféricos de computadores.

Tudo nos produtos da Melco são meticulosamente pensados e avaliados antes de serem fabricados. Desde seu gabinete - que mantém as vibrações externas sob controle - ao buffer de 1.5 MB para ser o 'reservatório' ideal dos dados que recebe e os direciona às saídas escolhidas pelo usuário.

Qualquer sinal de áudio que passe pelo S100/2, seja ele processado no Roon Core, da biblioteca de música digital do usuário (NAS ou um computador), ou vindo de um roteador de conexão à Internet - tudo será devidamente filtrado antes de ser enviado ao streamer.

O S100/2 possui oito saídas que são divididas em grupos 100M/fast ethernet e 1000M/gigabit ethernet. Sendo que as portas de velocidade mais baixa são para componentes de áudio como servidores e streamers, e as portas gigabit mais rápidas são as para PC ou qualquer hardware Roon.

O fabricante indica para roteadores wi-fi o uso das saídas 100M.

Existem ainda outras duas conexões na parte traseira do Melco, chamadas SFP, uma conexão de fibra óptica para componentes Lumin, que muitos audiófilos utilizam para converter o sinal via cabo ethernet para fibra óptica, pois avaliam dar excelentes resultados auditivos - segundo eles o ruído é ainda menor.

Essa nova versão do S100, possui já muitas das qualidades e características do switch top de linha, o modelo S-10X Limited, como a nova fonte externa 127/220V/60Hz de 4 Amperes.

A usinagem, os detalhes e acabamento de todos os produtos Melco, são realmente uma referência para o mercado hi-end.

São feitos para durar uma vida!

Para o teste, utilizei dois streamers que são nossas referências: o Innuos ZENmini Mk3, e o Nagra (leia teste edição Melhores do Ano 2024, em janeiro de 2025).

O sistema, além do de Referência da revista, também usou os integrados: Norma Revo IPA-140 (nossa referência em integrados atualmente) e o Soulnote A-3 (leia teste edição 312). Os powers foram o Gold Note PA-1175 Mk2 (leia Teste 2 na edição 313) e os monoblocos Nagra HD. Caixas: Marten Oscar Trio (leia Teste 1 na edição 313), Audiopax Mandolin Ceramik 2 (leia teste edição na Melhores do Ano 2024, em janeiro de 2025), Wharfedale Aura 2 e Estelon X Diamond Mk2. Os cabos Ethernet foram Sunrise Lab Aniversário e Transparent Audio Reference.

Foi excelente poder ouvir dois streamers de níveis distintos através do Melco S100/2 (não vou adiantar aqui minhas conclusões sobre o Nagra Streamer, mas é preciso dizer que se trata de outro nível em relação ao Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa).

Minhas maiores críticas à sonoridade de qualquer streamer que tive, tenho ou ouvi, você que me segue já sabe: corpo harmônico, soundstage e timbre.

Acho que ainda tem algo a ser buscado e aprimorado nesses três quesitos. E vai ocorrer? Acredito que sim. Mas conquistar esse patamar tem um preço, e ele é alto.

Então, a você que ainda conserva sua CDteca, ouça um bom conselho, que lhe dou de graça: Saiba que, se desfazer do seu disco platinado, pode lhe custar caro montar um sistema totalmente com sua coleção 'na nuvem'!

Agora se você já se desfez na totalidade de suas mídias físicas, levante a cabeça, respire fundo e siga em frente. E não esqueça de, quando chegar na escolha do switch de rede, as opções da Melco precisam estar na sua lista principal. Seja o modelo de entrada, esse S100/2, ou as opções acima com fonte separada, ou o novo top de linha.

As melhorias são substanciais, e voltar atrás passa a ser praticamente impossível! Pois ele atua justamente no cerne do problema de ruído de rede, fazendo seu trabalho de maneira eficaz.

Ele altera o equilíbrio tonal? Felizmente que não, porém será muito importante que você tome alguns cuidados com os cabos de rede, com a qualidade do seu roteador dedicado, com a sala de áudio e, óbvio, com seu cabo digital USB ou Coaxial ligado entre o streamer e o DAC.

Melhora o soundstage? Sim e de maneira bastante audível, trazendo o que tanto reclamo: maior respiro entre os instrumentos, maior profundidade, largura, e aprimorando o foco e recorte. O que faz com que nosso cérebro relaxe, e aprecie o que está ouvindo.

Não haverá alteração na apresentação de texturas ou de transientes, então fique tranquilo.

E, ainda que não haja nenhuma melhora na apresentação macro-dinâmica, o fato do soundstage ser mais adequado nos dá a sensação de que as passagens macro-dinâmicas possuem melhor folga, sendo um oásis para nossos ouvidos.

No entanto, meu amigo, na reprodução de micro-dinâmica, as melhoras são para lá de audíveis e significativas!

Prepare-se para ouvir inúmeras passagens, que antes soavam borradas ou difusas, agora serem cristalinas como a luz do sol de meio dia!

SWITCH DE REDE

E isso não só enobrece as audições de nossas músicas preferidas, como possibilita um grande conforto auditivo. E nosso cérebro evidentemente agradece!

O Melco S100/2 melhora a questão do corpo harmônico? Ele não altera o que as plataformas conseguem disponibilizar, mas de novo a melhora efetiva na apresentação do soundstage se reflete em uma apresentação mais interessante pela melhora do foco e recorte.

E a materialização física do acontecimento musical à nossa frente? Isso, na minha modesta opinião, não é uma questão de limpeza de ruído na rede, e sim do Tidal, Qobuz e afins… Eles que precisam descobrir que ainda não chegaram lá neste quesito com a Hi-Res ou qualquer que seja a denominação pomposa que dão!

CONCLUSÃO

Quando você elucubrar, em sua mente, os próximos passos para aprimorar seu setup de streaming, lembre-se que não basta escolher o melhor streamer/DAC que seu orçamento e suas expectativas permitirem.

Para um setup de streamer hi-end, os componentes periféricos e acessórios são tão importantes quanto o streamer/DAC.

E se queres iniciar essa jornada com o pé direito, e de maneira mais coerente e assertiva, ouça o switch Melco S100/2.

Ele certamente possui todos os atributos para lhe trazer conforto e confiança de estar seguindo a estrada correta!

AVMAG #313
NeuralAcoustics
marcio.update@hotmail.com
(47) 3018.1121
https://melco-audio.com
R$ 23.900

NOTA: 101,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

FOCAL KANTA

O ÁPICE DA TECNOLOGIA CONE FLAX

MADE IN FRANCE

Pure Beryllium Tweeter

Cone Flax

TMD Suspension

NIC Magnetic Circuit

CÁPSULAS

CÁPSULA MOFI MASTERTRACKER MM

Christian Pruks

A MoFi - Mobile Fidelity - é um tradicional selo de prensagem de discos com ênfase em novas masterizações, transferências mais fieis de fitas máster analógicas, com processos que buscam a mais alta qualidade sonora - desde o estúdio de masterização até a prensagem.

Mas, de uns anos para cá, sua subsidiária MoFi Electronics tem criado também uma extensa linha de eletrônicos de alta qualidade, em parcerias com vários profissionais renomados do mercado: toca-discos (Allen Perkins), prés de phono (Peter Madnick e Tim De Paravicini), caixas acústicas (Andrew Jones), DACs (Michal Jurewicz), e cápsulas magnéticas (Audio Technica) - tudo isso divulgado pela empresa em um exemplo praticamente inédito de transparência!

Sendo a Audio Technica uma das maiores desenvolvedoras e fabricantes de cápsulas magnéticas para toca-discos no mundo - junto com a dinamarquesa Ortofon - não é nenhuma dificuldade encontrar toca-discos no mercado utilizando cápsulas com seu nome em cima, ou com sua tecnologia dentro, mesmo que algumas marcas não publiquem esse fato.

A MasterTracker é uma cápsula MM - Moving Magnet de saída alta e compatível com qualquer pré de phono do mercado, inclusive com os de receivers e integrados vintage. Ela usa o sistema de magnetos duplos em 'V', próprio da Audio Technica, só que de peso baixo, para compensar seu corpo em alumínio usinado com alto amortecimento. Seu cantilever cônico traz rigidez com menor massa no extremo onde fica a agulha - algo típico de cápsulas mais sofisticadas tipo MC, Moving Coil. E sua agulha tem um diamante com perfil Micro-Line - também típico de cápsulas MC de alto padrão.

A performance dessa cápsula, em conjunto com toca-discos MoFi StudioTracker +M (leia o teste na edição 300, onde foi testado o pacote dos dois) foi tão contundente, tanto para mim quanto para o Fernando Andrette, que achamos interessante destrinchar ela mais um pouco, fazendo um teste somente da cápsula.

É bom poder separar a MasterTracker do toca-discos StudioDeck, e assim perceber mais profundamente quem é responsável pelo que na sonoridade. No caso, ambos são extremamente equilibrados, sendo o toca-discos com um som grande e muito detalhado, e a cápsula com um equilíbrio tonal que eu chamaria de 'neutro'. Ambos têm altíssima compatibilidade e fenomenal performance!

A MasterTracker foi testada com os seguintes equipamentos: Toca-discos MoFi StudioDeck e Technics SL-Q303. Amplificador integrado (com pré de phono) Gold Note IS-1000. Caixas acústicas tipo torre Elac Debut 2.0 F5.2. Cabos de caixa Sunrise Lab, e Transparent PowerLink MM de força.

Apesar da frente enorme da cápsula - que dificulta o acesso visual ao cantilever, a instalação e alinhamento foram tranquilos devido à frente da cápsula ser perfeitamente reta - facilitando muito o alinhamento. E também porque o corpo dela tem rosca para os parafusos, então segura-se o corpo da cápsula com uma mão (com ela trajando o protetor de agulha incluso) e prende-se os parafusos com a outra mão. Uma brisa para quem tem familiaridade e segurança no manejo e instalação de cápsulas - caso contrário, procure um profissional gabaritado, pois algumas cápsulas como essa têm um custo muito alto para se correr riscos desnecessários.

O seu peso de operação bom, com o melhor equilíbrio e resultado, é o de 2 gramas, e com o VTA regulado visando o tubo do braço paralelo ao disco - assim como o anti-skating também em 2.0. Tudo bem padrão, e sem dificuldades ou frescuras.

E como é o som?

Seu ponto mais alto, o Equilíbrio Tonal, é tão 'equilibrado' que torna palatável uma longa série de gravações mais simples - sem brilhos desagradáveis ou ênfases desnecessárias. Claro que não vai transformar um disco 'ruim' em 'bom', mas é super tolerante e muito musical! Ouvir gravações magrinhas e irritantes, como por exemplo a *Sinfonia Doméstica* de Richard Strauss com Filarmônica de Berlim regida por Herbert von Karajan - edição nacional da EMI em vinil hiper fino - foi como uma brisa.

O Palco da MasterTracker não sofre de nenhuma restrição audível de largura ou de profundidade - não destoando, portanto, do nível do resto das notas. O fato é que ele não chama a atenção negativamente em momento algum, inclusive quanto à organização dos músicos no palco.

As Texturas, enquanto não são com a mais perfeita clareza de uma MC bem conceituada, também não são 'indefinidas' como acontece geralmente com as cápsulas MM. São bastante corretas.

O silêncio do tracionamento, silêncio de superfície - e consequentemente o silêncio de fundo - dessa cápsula são um ponto muito alto. O resultado disso é uma Micro-dinâmica de primeira qualidade, nível de uma boa MC, e uma Macro um bocado energética, o que se espelhada nos Transientes: estes trazem a energia e vivacidade de uma MM com a definição de uma MC, ou seja, de uma cápsula mais sofisticada.

Junto com o Equilíbrio Tonal, o Corpo Harmônico é a melhor parte do som da MasterTracker. Aqui, novamente, ele traz um corpo de grande tamanho típico de uma MM, mas com o tempero da qualidade de uma MC.

Acredito que foi esse o intuito da MoFi quando trabalhou com a Audio Technica para o desenvolvimento dessa cápsula: Equilíbrio de Dois Mundos.

A MasterTracker tem uma boa capacidade de lhe mostrar o acontecimento musical sem soar artificial, com baixíssima fadiga. E o equilíbrio entre os vários quesitos da nossa Metodologia espelham bem o que esperar dela em matéria de Musicalidade.

CONCLUSÃO

Para quem é a MoFi MasterTracker MM?

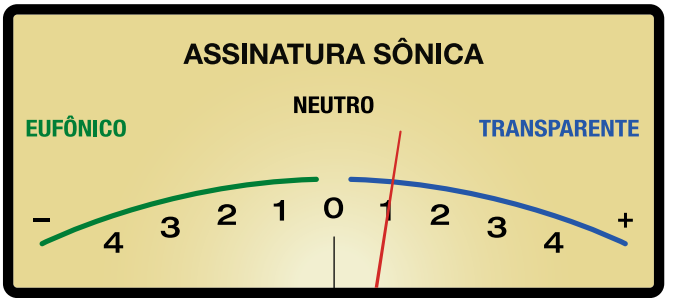
Para todos que tenham um toca-discos de boa qualidade, de boa estrutura e com braço de precisão. Preferencialmente com todos os ajustes necessários para a utilização de uma boa cápsula.

Aqueles que têm cápsulas MC de saída baixa, de entrada, e têm problemas de alto ruído gerado por interferências se beneficiarão bastante com a MasterTracker - pois terão alta definição e musicalidade em boas doses, mas com o benefício da saída alta normal de uma cápsula MM e, portanto, menos ruído de interferência. Isso é muito útil em cidades grandes, como São Paulo, onde existem zonas com enormes interferências de antenas de rádio, TV e tudo o mais.

E, claro, o calor e o corpo das MM, combinados com a definição e clareza das MC, é algo muito sedutor para os ouvidos de muita gente. Conheço várias pessoas que já assumiram cápsulas MM de alto nível para ter exatamente esse tipo de sonoridade.

E a MasterTracker é a melhor MM que eu já ouvi.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TXDDNLXTK3G



AVMAG #305
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R$ 7.920

NOTA: 87,0

ESTADO DA ARTE

CÁPSULAS

CÁPSULA HANA UMAMI BLUE

Fernando Andrette

Não precisava ser nenhum expert para olhar a linha de cápsulas do fabricante japonês Hana, para perceber que havia uma lacuna entre os modelos MH e ML - de 1200 dólares no mercado americano - e a Hana Umami Red de quase 4000 dólares!

Era uma questão de tempo para a Hana tapar esse 'buraco'. Quando esses 'hiatos' ocorrem, algumas dúvidas sempre existirão. Como: haverá espaço para dois modelos entre a série M e a Umami? Ou para apenas um novo modelo?

E se for essa a opção do fabricante, essa nova cápsula, estará mais próxima em preço e performance da top de linha?

Essas questões finalmente foram respondidas, com o lançamento da Umami Blue. Que em termos de preço (2500 dólares lá fora), se coloca exatamente no meio entre a ML e a Umami Red.

E em termos de performance, onde ela se situa?

Se você tiver um pouco de paciência e interesse em saber em detalhes sobre o patamar de performance da Hana Umami Blue, eu passarei a uma breve explicação.

O Sr. Massao Okada, projetista da Excel Sound Corporation, constrói cápsulas há mais de 40 anos, para inúmeras empresas. E quando, no início desse século, ele decidiu projetar suas próprias cápsulas, teve a princípio a ideia de explorar o maior nicho de mercado, o com opções entre 450 e 1200 dólares.

Assim nasceram os Hana EH, EL, SH, SL, MH e ML.

O sucesso certamente surpreendeu até mesmo Okada San, com as inúmeras críticas favoráveis e o volume de vendas em todos os continentes.

Animado, Okada San, decidiu ampliar sua atuação, entrando na faixa mais concorrida e com nomes muito solidificados por décadas e lançou a Umami Red, que testamos (leia teste na Edição 273), e fiquei tão impressionado com seu grau de performance e construção, que foi minha referência por quase dois anos!

Então imagine minha alegria e curiosidade ao saber que iríamos receber a Umami Blue para avaliar, e poder entender em que patamar ela se encaixa dentro da família Hana.

Em termos de construção e acabamento, ela segue a mesma 'cartilha' da irmã top. Um acabamento lindo azul, aplicado em um processo especial de termo-fixação de melanina, desenvolvido pela Dupont, que pode ser aplicado em corpo de alumínio A7075, seguido por um processo de secagem e de esmaltação para dar um acabamento deslumbrante - que as duas Umami tem!

O design do corpo da cápsula Blue é idêntico ao da Red. O cantilever de boro sólido, a agulha micro-line nude e o mesmo tratamento criogênico do gerador, e nos terminais banhados a ouro 24 quilates.

A Blue usa um gerador de bobina móvel com imã de Alnico, com cobre puro enrolado à mão na armadura Permalloy. Sua embalagem é simples, para não encarecer o produto final, mas bastante eficaz em termos de proteção. O produto vem com dois conjuntos de parafusos, um de 6 mm e um mais longo de 8 mm.

Junto com os parafusos, a Blue vem com uma escova de agulha, manual e uma proteção de agulha bastante fácil de encaixar - e proteger contra dedos, patas e limpezas por pessoas desavisadas.

Para a instalação, contei como sempre com meu fiel escudeiro de assuntos aleatórios e analógicos - André Maltese - que veio fazer o

trabalho pesado de retirar minha cápsula de referência a ZYX Ultimate G, e colocar a Umami Blue, no braço Enterprise de 12 polegadas da Origin Live.

O pré de phono utilizado foi o Gold Note PH-1000, cabos de interconexão Sunrise Lab RCA e Dynamique Audio Apex XLR. O resto do sistema foi todo o de referência: eletrônica Nagra e caixas X Diamond MkII da Estelon.

Ao contrário de todas as cápsulas Hana que já testamos, a Blue por algum motivo que desconheço, necessitou de mais de 50 horas para estabilizar completamente.

Para ser exato, foram 67 horas até não haver mais nenhuma alteração no seu equilíbrio tonal, apresentação de texturas e transientes. Então, apressados que segurem sua ansiedade - e nada de mostrar o brinquedo novo antes da hora!

Pois a Hana Umami Blue, ao acabar de ser instalada, será decepcionante. Tudo soará seco, brilhante em cima, e com os médios saltados na sua cara! Assustei tanto que achei que tínhamos cometido algum erro no ajuste do VTA, peso, ou no ajuste da impedância da cápsula e do ganho no PH-1000.

Confesso que as primeiras 30 horas foram sofridas, e só sentava para ouvir gravações que tinha absoluta certeza que não iriam 'realçar' o desequilíbrio que a cápsula apresentou em sua estreia.

Ainda não vi nenhum revisor que não acredita em amaciamento, testar a Umami Blue - mas se isso ocorrer, certamente ele vai detestar a cápsula!

Pois tem momentos que você chega a duvidar que ela irá caminhar de 'patinho feio', vesgo e depenado, para um belo cisne!

Quando objetivistas afirmam que tudo não passa de placebo, ou de nosso cérebro se acostumando com o que está ouvindo, tenho vontade de colocar todos eles na nossa sala, fechar a porta e jogar a chave pela janela. Para que cada um deles vá ouvindo, como a partir das 30 horas, como mágica, os graves vão encorpando, os médios começam sutilmente a recuarem, tornando a permanência na sala menos sofrida.

Mas ainda aí, irão faltar 20 horas para que os agudos percam aquele brilho, e também se encaixem no médio-alto, tornando o equilíbrio tonal mais confortável, e comecemos a ter um pequeno vislumbre da Umami Blue.

Com 60 horas já será possível começar o processo de escolha dos discos que você deseja escutar, e começar a se impressionar com sua capacidade de extrair detalhes ínfimos da microdinâmica, perceber o tamanho do corpo harmônico dos instrumentos, o arejamento das gravações e sua facilidade em organizar passagens complexas sem esgoelar ou perder o fôlego!

Suas virtudes são objetivamente colocadas na mesa, à nossa frente, sem firulas ou truques na manga.

O que significa isso?

Ela não é uma cápsula que usará de pirotecnia dinâmica, ou de aveludamento, para lhe apresentar o que ela lê do sulco de cada disco. Ela o faz com total integridade e segurança.

Ouvi detalhes sutis que apenas cápsulas muito mais caras (até três vezes mais caras), apresentam.

Mas essa capacidade de nos dar o sumo do sumo, não a coloca na esfera de cápsulas analíticas e frias. Pelo contrário, ela ainda mantém seu ponto de equilíbrio sonoro, muito dentro da neutralidade.

O que certamente poderá desagradar a todos que gostam de uma cápsula com um alto grau de eufonia e de realces que adocem instrumentos agudos ou vozes. Para esses, só posso dizer que a Hana Umami Blue é uma cápsula moderna, com todos os requisitos para receber o selo de alta fidelidade!

Pois, resumindo, é isso que ela faz: extrai dos discos tudo que os músicos e engenheiros de gravação fizeram, sem tentar dar pinceladas no que foi produzido.

Ao contrário do que muitos possam pensar, esse nível de compromisso com a alta fidelidade é muito mais difícil de se atingir, que criar uma cápsula que tenha uma coloração para destacar vozes ou atenuar agudos, ou deixar os graves cheios e soando sempre como uma nota só, que inúmeros colecionadores de antigas cápsulas dos anos 60 e 70, enchem o peito para dizer que 'aquilo sim eram grandes cápsulas'! Eu as ouvi, senhores, passei minha vida desde os meus seis anos, ouvindo inúmeras cápsulas inglesas, japonesas, americanas, e minha memória de longo prazo ainda as tem em mente para saber o quanto elas eram limitadas em termos de resposta e de equilíbrio tonal.

A Hana Umami Blue é uma cápsula para quem deseja finalizar seu processo de ajuste do seu setup analógico Estado da Arte, e não deseja sair fazendo loucuras e se descapitalizando.

Aos apaixonados por palcos sonoros, que só o analógico reproduz, a Umami Blue é uma referência como qualquer cápsula top de linha de qualquer patamar financeiro! Planos, foco e recorte cirúrgicos - em que o ouvinte tem a possibilidade de 'ver' o que está ouvindo, como em uma apresentação ao vivo. A ponto de causar alguns sustos nas audições, com vozes de plateia, ruídos dos músicos no palco e até barulho de bancos de piano sem manutenção.

O que importa é que mesmo ela tendo essa capacidade de recriação do acontecimento musical à nossa frente, nunca ela se torna enfadonha ou desvia nossa atenção do todo.

Isso é virtude, amigo leitor, e não defeito!

CÁPSULAS

Está na hora de todos entendermos que a alta fidelidade atingiu um patamar de qualidade em que fatalmente tudo se tornará muito mais inteligível. E cabe aos fabricantes aprenderem a 'dosar' esse equilíbrio entre transparência e conforto auditivo!

Esse desafio é para quem domina sua arte, e não para quem apenas copia circuitos ou repete fórmulas de 30 anos atrás!

Não pode ser apenas sorte que levou a Hana a ser, em menos de uma década, uma referência em cápsulas de relação custo/performance tão impressionante. Pois todas as suas cápsulas possuem um mesmo DNA sonoro, mudando apenas seu grau de refinamento.

Isso nos leva à avaliação de texturas da Umami Blue. 'Assustador', diria eu, se tivesse que resumir em apenas uma palavra o que essa cápsula é capaz de nos apresentar em termos de intencionalidade e facilidade de avaliarmos qualidade técnica dos músicos, dos instrumentos, complexidade dos arranjos e execução. E quando precisamos acompanhar cada fraseado de todos os instrumentos, sem nos perdermos no meio desse desafio, fico me perguntando quantas outras cápsulas em sua faixa de preço o fazem com tamanha desenvoltura e conforto auditivo!

Tenho que realmente me esforçar e consultar meus cadernos de anotações, para buscar concorrentes à altura da Umami Blue.

Os transientes são exemplares, pois seu grau de precisão é contagiante.

Você realmente se envolve de tal maneira com o tempo e andamento, que a sensação é que sempre estamos ouvindo a melhor tomada daquela gravação. Com os músicos integralmente concentrados e executando de maneira exemplar suas partes.

Nenhum dos exemplos usados para avaliar esse quesito soou displicente ou desinteressante.

Uso muito a faixa 1 do lado A do disco A Handful of Beauty (Columbia, 1976) do Shakti, em que temos dois tabladistas, um em cada canal, determinando o tempo e andamento da música. E quando os transientes não são precisos, essa introdução soa imprecisa, borrada, como se os tabladistas tivessem atravessado o tempo. E, ao contrário, quando os transientes são precisos, a força e precisão deles é de tirar o fôlego.

Se você conhece esse disco, sabe exatamente do que estou falando.

A Blue fez essa passagem com total autoridade, precisão e relaxamento - o que a colocou no patamar a parte das grandes cápsulas para reprodução de transientes.

O mesmo ocorreu com a dinâmica - tanto a micro, que já relatei acima todas suas virtudes - como a macro. Que beleza ouvir sinfonias com inúmeras variações dinâmicas do pianíssimo ao fortíssimo, em cápsulas que não se perdem, engasgam ou ficam no meio do caminho.

A Hana Umami Blue não o frustrará, meu amigo, nunca. Coloque seu melhor exemplo de macro-dinâmica e abra um enorme sorriso, de missão cumprida, na escolha da sua cápsula definitiva!

O corpo harmônico será medíocre até às 40 horas de amaciamento, e soberbo após as 60 horas! Como explicar isso a um objetivista, que 20 horas separa uma cápsula do inferno ao céu? Nem tente, meu amigo, nem tente!

Li outro dia um objetivista americano ortodoxo, que tem o ego do tamanho de Júpiter e Saturno, Netuno e Urano juntos, dizer que depois que ele mediu as especificações de um DAC chinês de 2000 dólares, e os resultados foram tão impressionantes, seu interesse em medir e ouvir outros DACs se encerrou, pois ele acha que para melhorar as medições desse DAC chinês, irá demorar uma década!

Acreditem, isso não é piada! É sério!

O sujeito avalia performance pelo que mede e não pelo o que ele escuta!

Então não perca seu tempo - assim como qualquer pessoa sensata não irá discutir com um terraplanista nunca.

Materializar o acontecimento musical à nossa frente, com a Umami Blue, será como comer 'pêra doce'! É delicioso de se ouvir e balançar a cabeça, ver como que ela consegue nos colocar junto com os músicos na nossa sala!

CONCLUSÃO

O mundo da alta fidelidade está muito bem servido de cápsulas Estado da Arte. O audiófilo tem um amplo leque de escolhas que costumavam partir de 4000 dólares alguns anos atrás.

Termos uma opção de uma performance tão alta por menos de 3000 dólares - e independentemente de ser para o seu bico ou não leitor, isso é para ser comemorado. Pois isso significa que daqui mais um tempo, esse patamar de cápsulas acima de 100 pontos estará na faixa de 2000 dólares. E diminuindo cada vez mais, à medida que a concorrência for se acirrando.

A grande pergunta que sei que você deve estar fazendo é: Quanto a Hana Umami Blue se aproxima, em termos de performance, da Red? Eu arrisco dizer que bem próximo de 80%.

Existem diferenças significativas? Não significativas, mas pontuais. Como tive por quase dois anos a Red, posso afirmar que a Umami Red é mais refinada em termos de folga na macro-dinâmica, e com maior extensão nas duas pontas.

No entanto, se você não tiver uma ao lado da outra para ouvir essas diferenças, garanto que você se dará por satisfeito em ter a Hana Umami Blue - acredite em mim!

E tem outro aspecto muito importante: a Red será bem mais exigente com seus pares, tanto o braço, como pré de phono e o restante da eletrônica, que a Blue.

Então, meu amigo, se o seu objetivo é escolher sua cápsula definitiva Estado da Arte, é obrigatório que a Hana Umami Blue esteja nessa lista de escuta.

Ela tem referência suficiente para lhe proporcionar audições memoráveis de seus LPs!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=INBDQ3QIXBC

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=M8LS6MW1PEQ

AVMAG #303
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R$ 18.900

NOTA: 102,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

@WCJRDESIGN

"SEU TIMBRE É EXCELENTE, E SÃO MUITO EQUILIBRADAS, COM SOM LIMPO E RECORTADO, QUE VALE A PENA SER OUVIDO!"
AUDIO VIDEO MAGAZINE, COBERTURA WORKSHOP HI-END SHOW 2024

CAIXAS BLUEKEY ACOUSTICS MODEL 1
Sua parceira indispensável nessa jornada

A ARTE DO SOM
Liberte sua música com o poder da dinâmica e deixe seu sistema fluir a um nível que você jamais sonhou.

Venha conhecer a **Model 1** em nosso showroom.
Audições com hora marcada.

11 99652.9993
bka@bluekeyacoustics.com
www.bluekeyacoustics.com

Rua Cotoxó 303, Cj 58, Perdizes
São Paulo, SP. CEP: 05021-000

PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO SILVER CUBE DA LEHMANN AUDIO

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO
EDITOR

Eu conheço a Lehmann desde o início do século 21. Não consigo precisar exatamente o ano que ouvi pela primeira vez o Black Cube, mas ele me fez perguntar, depois de uma audição ligado a um toca-discos Rega Planar 25 com cápsula Sumiko, a razão de nenhum distribuidor ter olhado para essa marca.

Os anos se passaram, e assim como a Brinkmann Audio - outro fabricante alemão com uma séria reputação no universo analógico - nenhum distribuidor se deu ao trabalho de ouvir essas duas importantes marcas.

Pelo menos parte desse erro foi corrigido, com a chegada da Lehmann ao Brasil pelas mãos da Alpha Áudio & Vídeo, que com seu longo histórico de produtos analógicos, como a Rega e as cápsulas Ortofon, coloca em seu portfólio mais uma excelente marca.

Os amantes do analógico certamente irão agradecer a chegada da Lehmann, principalmente depois de ouvirem em seus sistemas como seus prés de phono podem ser um upgrade seguro e definitivo!

Mas toda trajetória de sucesso tem um início. E certamente esse início se deu com o lançamento do Black Cube, um pré de phono minimalista, mas com uma performance grandiosa (foi assim que eu o defini após meu primeiro contato com ele).

O preço absolutamente realista do Back Cube, colocou a Lehmann na linha de frente dos phonos de excelente performance e preços justos, quase que instantaneamente.

Com sua solidificação no mercado intermediário, era de se esperar que em algum momento a Lehmann quisesse dar voos mais altos, e nasceu o projeto do Silver Cube. E foram vários anos de maturação, até se chegar ao produto final. O importante é que nesse projeto, a Lehmann não abriu mão de sua identidade, focando acima de tudo na performance e não em design ou algum tipo de glamour superficial.

O objetivo foi: criar um phono de 'topo de mercado' com uma estética limpa e que não elevasse o preço final a valores exorbitantes. A meta foi competir com os melhores em termos de performance!

O Silver Cube habita uma caixa slim de alumínio usinado, em um grande pedaço de liga fresado e depois anodizado em um tom prata não brilhante que lhe dá um tom sofisticado, porém sóbrio! Sua frente ostenta apenas do lado esquerdo, um pequeno LED azul, e nas costas apenas uma entrada RCA para um braço, uma chave para definir a entrada como MM ou MC, uma outra chave de ganho, e as conexões dip para ajuste de capacitância e impedância. E um terminal com um plug para ligar o 'umbilical' à fonte externa.

A Lehmann Audio sabe e defende com autoridade que um bom phono começa por uma excelente fonte. E aqui não se mediu esforços, com um circuito de áudio totalmente redesenhado, completamente dual mono, e uma fonte de alimentação com um transformador toroidal, diodos de recuperação ultra rápidos, separados para cada bobina secundária.

Mas é no coração da seção de áudio que a Lehmann criou um phono excepcional. A parte de amplificação operacional é a mesma dos equipamentos utilizados em áudio profissional (principalmente nos prés de linha para microfones).

Capacitores de folha de estanho Mundorf em todo o caminho do sinal. Estágio de saída FET de zero feedback, Classe A discreto. Os estágios de ganho são protegidos por reguladores de tensão em paralelo, rápidos e apoiados por três capacitores diferentes para cada tensão.

Resistores e capacitores ajustáveis com terminal de ajuste DIP. E os capacitores eletrolíticos na seção de áudio são do tipo Low ESR e alta temperatura. Filtragem das tensões de alimentação na placa de áudio.

Conectores de áudio WBT e conectores de fonte de alimentação Neutrik, com contatos banhados a ouro e pés com aneis de silicone.

O ganho é de 66dB para cápsulas MC, com configuração: 36dB, 46dB, 55dB e 66dB. A impedância pode ser 47kohms, 1kohms ou 100ohms. Capacitância de 47p, 100p, 220p e 470p.

Para o teste, como estávamos também na preparação dos sistemas da nossa Sala para o Workshop, tivemos a possibilidade de ligar o Lehmann a nosso TD de Referência, o Origin Live, com seu braço de doze polegadas e a cápsula ZYX Ultimate Gold.

Os cabos de interconexão RCA foram: Sunrise Lab Aniversário, Transparent Audio Reference XL, e Virtual Reality. Os cabos de força foram: Sunrise Lab Aniversário, Dynamique Audio Apex, e Transparent Audio Reference XL G6.

O site do fabricante descreve o Lehmann Silver Cube da seguinte maneira: “O nosso pré de phono fornece o máximo de ar e espaço, com excelente profundidade e largura do palco sonoro, mas também resposta de ataque, ritmo, tempo, equilíbrio e dinâmica incrivelmente rápidos… você não ficará intocado”.

Gosto quando o fabricante descreve de forma objetiva as principais qualidades de seus produtos mais ‘nobres’. Isso nos ajuda a ficar atentos às características citadas, e buscar detalhes que talvez tenham passado batido pelo próprio fabricante, ou mesmo que ele não ache tão relevante assim para o que ele almejou no desenvolvimento do produto.

Antes de entrar na sonoridade do Lehmann, deixe eu dar uma boa notícia: ele pode ser escutado desde o momento em que for ligado ao seu setup. E fazer essa primeira audição com um misto de surpresa e encanto!

Quer um contato inicial mais prazeroso que esse, amigo leitor?

Para um revisor que já escreveu e publicou dois mil e sete testes, ter em mãos um produto que as primeiras horas não serão sofríveis, é tudo que meus ouvidos com 65 anos rodados (quase 66), desejam!

O Lehmann é encantador desde o primeiro momento, meu amigo.

É o tipo de pré de phono que se bem casado com o restante do sistema, irá lhe dar anos e anos de enorme alegria, e a possibilidade, provavelmente, de resgatar muitos discos esquecidos e se surpreender com gravações que você imaginava conhecer minuciosamente.

Sim, todas as qualidades descritas pelo fabricante podem ser provadas auditivamente.

Seu palco é excepcional em largura, profundidade e altura. Com ele você não ficará na dúvida se o cantor ou o solista estava em pé ou sentado. Em gravações com muitos planos, como da música clássica em que os naipes vão se perfilando, será possível ouvir com precisão: foco, recorte e ambiência, sem esforço algum.

Sua resposta de transientes é referência das referências. Melhor que muitos até mesmo exorbitantemente mais caros que ele, com uma apresentação de ritmo, tempo, andamento espetacular!

E sua capacidade de conduzir variações dinâmicas intensas, deixará inúmeros phonos em sérios apuros (principalmente os muito mais caros que ele).

Mas suas virtudes, na minha opinião, não são apenas essas citadas pelo fabricante em sua descrição ao mercado. O Silver Cube, vai mais adiante, e mais, ao apresentar um equilíbrio tonal notável, permitindo ouvir com excelente inteligibilidade notas mais graves de um órgão de tubo, ou um tímpano, ou um naipe de contrabaixos tocados em arco, com uma precisão em termos de velocidade e deslocamento de ar impressionante.

Sua região média é impecável, com um grau de inteligibilidade absurdo, e sem atravessar a tênue linha do natural para o analítico.

E seu agudo deveria ser avaliado por muitos de seus concorrentes, pois ele consegue ter ao mesmo tempo uma excelente extensão, com um decaimento absurdamente longo e algo que falta a muitos phonos ditos Estado da arte: Corpo Harmônico. Esse detalhe ficou notório ao ouvirmos diversas gravações de pratos de condução, em que o corpo se mostrou muito mais correto em tamanho, e nos decaimentos até o silêncio.

E não ache que isso é um mero ‘preciosismo’ de minha parte, pois esses detalhes que para muitos é irrelevante, é justamente o que separa os grandes phonos dos bons.

Pois tudo seu cérebro levará em conta na hora de apreciar e comparar com a referência real!

Isso, meu amigo, não é ‘preciosismo’ e sim saber que equipamento está realmente mais próximo de reproduzir ‘fielmente’ ou não o material gravado.

PRÉS DE PHONO

E aqui não existe espaço para o gosto pessoal, pois se você ouvir um prato de condução na mesma distância em que o microfone estava no momento de gravação, você ouvirá precisamente o tamanho daquele prato soando e como se comporta o decaimento depois que o baterista para de tocá-lo.

Com esse refinamento, consequentemente a apresentação de texturas também é superlativa! Você reconhece a paleta de cores e a qualidade dos instrumentos em todas as gravações tecnicamente decentes.

Aos amantes de música clássica, será um deleite observar a riqueza de detalhes de intencionalidade e o grau de virtuosidade e técnica dos solistas.

O corpo harmônico não é só espetacular nos agudos, e sim em todo o espectro audível. É de uma fidelidade capaz de nos pregar alguns sustos, e muitos sorrisos também, pois o analógico sempre foi superior nesse quesito ao digital, e com o Lehmann Silver Cube, essa distância se acentuou um pouco mais.

Muitos leitores sempre comentam que preferem a organicidade do CD, pois como ele é mais 'silencioso de fundo' eles podem se concentrar melhor e conseguir uma imersão mais plena. Para muitos, os clicks & plocs do vinil são inadmissíveis!

Respeito, mas não concordo!

Pois se você ouvir um disco em bom estado, com um excelente braço e cápsula, ligado a um pré de phono do nível do Silver Cube, você irá se surpreender com o silêncio de fundo e passará certamente a ver com outros olhos uma apresentação analógica de alto nível!

E, para mim, clicks & plocs não são piores que uma apresentação ao vivo, em que se escuta tosses, pessoas nos celulares, barulho de celofane de balas e bombons, e conversas paralelas.

Mas tudo é uma questão de avaliar que ruídos são mais suportáveis, e os que são menos.

No Silver Cube, recebi em minha sala: Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, Milton Nascimento, Nat King Cole, Louis Armstrong, e fui teletransportado para o Village Vanguard umas seis vezes!

Ter uma 'máquina do tempo' à nossa disposição diariamente é um privilégio e tanto, você não acha?

CONCLUSÃO

A faixa de preço do Silver Cube o coloca no patamar de phonos definitivos para aqueles que já possuem um setup Estado da Arte de mais de 100 pontos. E que não desejam realizar um upgrade nesse componente que o faça ter um atrito com a esposa, ou precise limitar outros gastos para realizar esse sonho.

O que o coloca em uma posição privilegiada em relação a concorrência, e que você precisa saber, é que o Lehmann compete com phonos até o dobro de seu preço, com total tranquilidade, e pulveriza qualquer phono que custe perto do seu valor.

Agora, como escrevi na introdução deste teste: se trata de um phono em que o fabricante focou em seu alto nível de performance e não no glamour. Isso representa ter que fazer ajustes em chaves DIP, ter apenas uma entrada para um único braço, e ter poucas opções de ajuste de impedância.

Se essas limitações não são um problema para você, pois seu único propósito é uma performance final que represente um enorme upgrade para o seu setup, ouça-o!

Eu o levei ao nosso Workshop e o apresentei em nossas Jam noturnas, e todos que assistiram, certamente poderão dar seu parecer de como sua apresentação é de alto nível. E que seus pares no evento não estavam a sua altura. Mas acredito que a apresentação permitiu um vislumbre do quanto esse Silver Cube soa divino!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZPQBBRPS87Y

AVMAG #306
Alpha Áudio e Vídeo
bianca@alphaav.com.br
11 3255.9353 / 11 95196.8120
R$ 44.000

NOTA: 105,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

SEU GOSTO.
SEU AMBIENTE.
SUAS CAIXAS.

AudioSolutions

Caixas acústicas High-END

Naturalidade, silêncio, recorte, dinâmica e um nível de detalhamento e corpo fora da curva

HANDMADE-IN-LITHUANIA

SEU GOSTO. SEU AMBIENTE. SUAS CAIXAS.

AURA

Imp. e Dist. de equipamentos High-END
Venha falar com a gente.
https://www.aura-av.com.br/
tel. +55 (51) 9-8281-0012
comercial@aura-av.com.br

PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO SOULNOTE E-2

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Os produtos que mais aprecio testar são aqueles que denomino de ‘autorais’.

Esse é o código que utilizo para produtos que não são apenas bem construídos, com uma topologia rigorosamente já testada, mas que já passaram pelo processo de aceitação das mídias do segmento e do público em geral.

Falo daqueles ‘produtos’ que possuem ‘identidade’, e que foram idealizados por projetistas que teimam em olhar além do já corretamente aceito.

Engana-se quem pensa que, no nosso segmento, esse processo seja uma constante, pois vemos todos os dias inúmeras bizarrices e produtos que estarão fadados ao fracasso desde o primeiro protótipo. Falo é dos que conseguem apresentar diferenciais que vão muito além da estética, e nos mostram caminhos ainda não explorados, mas que alteram o patamar de performance.

Acompanho a Soulnote faz muitos anos, e ainda que sejam escassos testes no ocidente de seus produtos, os poucos que li mostram que os revisores ficaram impressionados com o que escutaram.

Mas, vamos dar uma olhada na história da Soulnote, já que agora ela finalmente está com distribuição oficial aqui no Brasil. Fundada em 2004, a CSR Corporation é do ex-diretor da Marantz Japão, o senhor Norinaga Nakasawa. Porém, as coisas começaram a tomar forma quando Nakasawa escolheu para projetista dos novos produtos da Soulnote, o engenheiro Hideki Kato, com uma longa carreira profissional desde os anos 80, tendo sido um membro da equipe que de desenvolvimento dos amplificadores A-10 da NEC e de toda a linha LHH da Philips.

Kato é o responsável por essa enorme ‘guinada’ que a Soulnote deu nos últimos 8 anos, desde que assumiu o posto de engenheiro chefe da companhia. Então, se quisermos entender a ’sonoridade’ Soulnote, precisaremos antes de tudo entender a filosofia de Hideki Kato. E já adianto que suas ideias podem parecer ‘malucas’, até você finalmente ouvi-las!

Kato sempre nos lembra da discrepância entre especificações e qualidade de som - mas até aí inúmeros excelentes projetistas também o fazem. Lembro do brilhante amigo Eduardo de Lima, fundador da Audiopax, me contando o frio na barriga que lhe dava, quando seus produtos iriam ser medidos. Pois ele sabia que pelos resultados de um osciloscópio, nada da ‘magia’ de seus equipamentos poderia ser entendida.

Hideki Kato escreveu na página de apresentação da Soulnote: “Na indústria do áudio, todos sabem que a qualidade do som não pode ser avaliada apenas pelas especificações (que ele chama de especificações estáticas). No entanto, uma parte de nós, engenheiros, não consegue ir contra as especificações. E que um som com melhores especificações é um som mais correto. Suponhamos que, ao desenvolver um novo circuito, as especificações sejam melhoradas de alguma forma. E que o som tenha mudado. Nesse caso, a maioria de nós engenheiros, presumiria que o som com as melhores especificações, é o melhor som.”

“E se as especificações forem inferiores às do produto já no mercado, o produto novo não será lançado. Porém, tudo isso mudou para mim quando eu ainda era estudante de engenharia. Como não tinha dinheiro para comprar produtos eletrônicos de marca, comecei a construir meus próprios amplificadores. Eu não tinha como medir esses meus amplificadores, então o que me importava era o quanto eles soavam musicais ou não. Porém, um dia adquiri um aparelho de medição. Quando medi, foi terrível ver aqueles números. Fiquei obcecado em melhorar o valor de medição tanto quanto possível. E o resultado, a partir que passei a me basear em melhores medições, foi que fiquei muito chocado com a piora do som. Venho pensando nisso há 40 anos!”

“E se eu pudesse explicar que as especificações não significam muito para a qualidade do som? E se eu te provar que melhorar as especificações pode até degradar a qualidade do som? Você não acha que seria como uma mudança de valores?”.

Calma, amigo leitor, tem chão - mas se você chegou até aqui, não desista!

“Na era atual da ciência universal, todos pensam que é impossível para nós humanos ouvirmos diferenças que não podem ser detectadas mesmo pelos instrumentos de medição mais avançados. Mas será mesmo assim? Na verdade, muitos valores ao nosso redor não podem ser facilmente quantificados”.

“Imagine dois carros com potência e peso precisamente iguais, conduzidos em um circuito pelo mesmo motorista, eles marcariam o mesmo tempo? Isso não será possível. Pois a rigidez da carroceria e as configurações de suspensão podem alterar completamente o tempo, isso ocorre porque o desempenho nas curvas muda. Porém você não achará uma seção no catálogo de carros, sobre o desempenho de curvas”.

”O mesmo ocorre com o áudio. A qualidade do som não pode ser medida pelas especificações, e o mais grave: especificações melhores podem piorar o som”.

”Um engenheiro sempre fará a seguinte pergunta: Por que você simplesmente não melhora a taxa de distorção a relação sinal/ruído, a resposta de frequência e outras especificações do catálogo e depois melhora o som? E esta tem sido a sabedoria convencional vigente no nosso segmento nos últimos 50 anos!”.

“Pois todo engenheiro acredita que não tem como piorar o som, melhorando as especificações. E isso é uma tremenda armadilha! Pois melhorar pode piorar o resultado sonoro”.

Depois dessa longa e didática explanação, Kato finalmente expõe suas ideias.

“O som é composto pelo eixo Amplitude e pelo eixo Tempo, que são os eixos vertical e horizontal de um gráfico. As fontes musicais em áudio também são registradas como amplitude (valores de tensão) por tempo. Sem o eixo do tempo, o som não pode existir. Você nunca ouviu um som parado, não é?”

“As ondas senoidais são usadas para medir taxa de distorção, resposta de frequência e relação sinal-ruído, para quantificação. Portanto uma onda senoidal é um sinal de uma única frequência que pode durar para sempre. É um sinal estático, sem alterações dinâmicas. Mas para facilitar a quantificação, o eixo do tempo é quase que ignorado”.

“Quando eu era jovem, pensava que um equalizador gráfico perfeito me daria a liberdade de criar qualquer tipo de qualidade de som que eu pudesse imaginar. E aí a prática me mostrou que se você combinar a resposta de frequência, a qualidade do som não será a mesma”.

“E aí nos deparamos com a ‘maldição de Fourier’, pois somos obrigados a esquecer o eixo do tempo. É como questionar sobre a diferença de sabor entre dois pratos feitos com os mesmos ingredientes e na mesma quantidade (exatamente no eixo de frequência). Sem levar em conta a habilidade do cozinheiro, na ordem de adição dos ingredientes ou o tempo de fervura (eixo do tempo), que nem se quer é considerada”.

“Para o áudio o desempenho ao eixo do tempo, é muito difícil de quantificar, pois nele se encontra o desempenho Dinâmico”.

“Desempenho dinâmico é o desempenho perdido que não aparece nas especificações de um catálogo. Conseguimos no máximo apresentar o tempo de subida, a forma da onda da resposta de impulso, o jitter do clock, etc. O desempenho dinâmico é como a habilidade culinária de um chef. No caso de um carro, o desempenho nas curvas. Os humanos parecem ser bons em ignorar o tempo e quantificá-lo. A única maneira de determinar a essência é comer ou dirigir. E o desempenho dinâmico em áudio também só pode ser avaliado e entendido, ouvindo”.

“Quando avaliamos sons, inconscientemente pensamos em termos de eixo de frequência, como graves, médios, agudos - eu chamo essa maneira de pensar de Cérebro de Frequência”.

”Os humanos não conseguem ouvir acima de 20kHz, no caso de uma onda senoidal, mas pode sentir a desaceleração do aumento de uma onda musical quando a banda de frequência acima de 20kHz é cortada abruptamente”.

“Uma onda senoidal é um experimento que não leva em consideração o eixo do tempo, isso pelo fato de não poder ser quantificado, portanto é chamado de subjetivo. Tomemos, por exemplo, a localização de imagens sonoras. Se o equipamento for excelente, podemos perceber a localização tridimensional da imagem sonora com apenas

PRÉS DE PHONO

dois alto-falantes. E Supondo que os humanos não conseguem ouvir acima de 20kHz, fica impossível explicar a localização tridimensional da imagem sonora. Isso pelo fato de a diferença de fase necessária para produzir uma localização dos instrumentos finamente espalhada entre um par de caixas, quando convertido em frequências, excede em muito 20kHz."

E o sr Kato fecha sua longa explicação com a seguinte conclusão de suas ideias: "Se fosse provado que aumentar demais o desempenho estático degrada o desempenho dinâmico, seria uma descoberta que viraria o mundo do áudio de cabeça para baixo. E isso não foi provado teoricamente até o momento. É claro que estou convencido de que, com experimentação adequada, podem ser obtidos resultados estatisticamente úteis. Gostaria de fazer isso algum dia, mas não tenho esse tempo agora. Mas a Soulnote está aí para provar a minha teoria".

Antes de descrever o Soulnote E-2, é preciso apresentar o seu conceito de pré de phono, para se atingir os resultados imaginados pelo engenheiro Kato para esse produto:

"Geralmente, para melhorar a relação sinal/ruído, é de bom senso reduzir N (ruído) porque S (sinal) é de natureza fixa. No entanto, ao projetar um pré de phono, descobri que o valor medido e a relação sinal-ruído audível tornam-se exatamente o oposto a partir de um certo ponto. Os phonos precisam amplificar significativamente os sinais mínimos. Ao amplificar com dois estágios de transistores, é melhor amplificar o máximo possível no primeiro estágio para reduzir o ruído, pois reduzir o ganho do segundo estágio reduz a quantidade de ruído do transistor do primeiro estágio, o qual é amplificado no segundo estágio. Isso é o senso comum em circuitos de transistor. Mas! O oposto é verdadeiro no que diz respeito a música. Diminuir o ganho do primeiro estágio melhora significativamente o frescor do som e, inversamente, parece que a SN melhorou. Na verdade, quando a relação sinal-ruído é realmente medida, os números pioram. Ao reduzir o ganho do primeiro estágio, que é a carga da cápsula, o efeito Miller é reduzido e as características de alta-frequência, ou desempenho de resposta transitória (desempenho dinâmico), são melhorados. Em outras palavras, o desempenho estático é mantido o mais baixo possível. E o desempenho dinâmico é a prioridade, proporcionando uma reprodução musical muito mais agradável".

Será mesmo?

Conseguiremos ouvir na prática o que o engenheiro Kato buscou para seus prés de phono?

Se a sua paciência não esgotou, vamos as descrições do E-2, e depois passarei minhas impressões sobre o produto.

DESCRIÇÃO DO SOULNOTE E-2

O E-2 é um imponente phono de 20kg, que pretende ser uma referência no mercado de phonos de altíssimo nível. Começa por aceitar todo tipo de cápsulas MM, MC as cápsulas ópticas da também japonesa DS Audio.

E para os amantes de gravações mono, antes da normalização do RIAA em 1954, esse phono disponibiliza 144 curvas de reprodução para qualquer gravação realizada antes desse período.

Se não bastasse, ele ainda tem um desmagnetizador e quatro entradas para até quatro braços (desde que um esteja com uma cápsula DS Audio).

Sua qualidade de construção é simplesmente primorosa, e não tem como não passarmos alguns bons momentos apreciando todos os seus detalhes.

No painel frontal, à direita, temos os botões para selecionar a carga de cápsulas MC e um outro botão para escolher entre as entradas balanceadas (XLR), não balanceadas (duas RCA), e a entrada DS Audio completamente separada, para o audiófilo no mundo da lua não fazer nenhuma besteira de tentar ligar uma cápsula MM ou MC nela.

Os botões, logo abaixo, oferecem as opções de capacitância para MM de 100, 200 ou 350 pF, corte baixo ou alto de filtragem, e o botão de desmagnetização de cápsulas, tanto para MM ou MC. As opções de impedância são de 10, 30, 100, 300 ohms e 1 Kohms.

No painel traseiro, como disse, além de quatro entradas para até quatro braços (ou quatro toca-discos), o Soulnote disponibiliza tanto saída RCA quanto XLR. E indica que não se deve deixar ligado ambas, pois pode deteriorar o sinal. Ou seja, escolha a saída mais indicada para o seu pré de linha ou integrado, e esqueça a outra saída.

Voltando às 144 possíveis combinações de ajuste para gravações anteriores a 1954, temos no painel frontal, à esquerda, a função de ajuste Low-Limit de 6 bandas, Turnover de 4 bandas e Roll-Off de 6 bandas. E, para facilitar o usuário com essas gravações para descobrir o melhor ajuste, no manual vem listado os registros de várias épocas, para ajudar a descobrir a melhor curva.

Como não usei nenhuma gravação anterior a 1954 no teste, eu não fiz uso deste recurso, mas em algum momento fatalmente eu o farei.

Os diferenciais da Soulnote não acabam nos conceitos de topologia, se estendendo também ao seu gabinete, que vem com a tampa superior 'solta' - ou melhor, frouxa. Pois de acordo com o fabricante, se a tampa superior estiver travada, o som perderá a extensão nas altas frequências, soando abafado.

O gabinete é apoiado em cima de três cones muito afiados, para amortecer as placas internas, então muito cuidado ao instalar em um rack para não riscar a bandeja.

No seu interior, o E-2 possui um imponente transformador toroidal de 400 VA bem na frente, totalmente isolado. O E-2 é totalmente

balanceado, com os circuitos de entrada direito e esquerdo completamente separados. Com esse grau de isolamento é que o fabricante diz ser possível fornecer até 72 dB de ganho para cápsulas MC e 52 dB para cápsulas MM.

O produto chegou para nós no dia anterior à abertura do nosso Workshop Hi-End Show, ocorrido em abril passado, em São Paulo. E até tentamos apresentá-lo em nossa sala, mas ele estava simplesmente inaudível, sem amaciamento!

Então, a primeira dica: se muna de total paciência se quiser realmente saber o quanto esse phono é excelente!

Pois, pelo que sai tocando, é difícil de acreditar que os conceitos do senhor Kato estão corretos.

Mas, vamos por partes.

Instalado em nosso sistema, com nosso toca-discos de referência Sovereign da Origin Live, agora já com o upgrade do novo prato (em breve escreverei um artigo a respeito), com nosso braço de 12 polegadas Enterprise também da Origin, e cápsula ZYX Ultimate Gold, colocamos o Soulnote em amaciamento de 10 horas por dia, por vinte dias seguidos. E a cada 50 horas, ouvíamos os mesmos discos, no mesmo setup e no mesmo volume.

Até às 150 horas iniciais, nada justificou toda a argumentação do sr Kato.

Até que, a partir de 200 horas, seu comportamento mudou impressionantemente.

Até lá, faltava extensão nas duas pontas, corpo na região médio-grave (algo inaceitável em um phono hi-end) e a única maneira de escutar o E-2 era manter a impedância em 1 Kohms (valor que jamais usei na ZYX.

E a partir de 200 horas foi possível ver que o Soulnote realmente tinha qualidades que começaram a se destacar, como por exemplo sua capacidade de separar e destrinchar sem deixar nada analítico, passagens com enorme quantidade de informação soando em uníssono.

Outra virtude foi a escala e projeção das altas, sem nunca ficarem agressivas ou proeminentes.

Veja que em nenhum momento do amaciamento os agudos soaram agressivos ou brilhantes - eles estavam 'encolhidos', para descrevê-los precisamente.

Até às 200 horas, as ambiências não soavam nunca! Assim como os graves, que pareciam 'ocos'.

Para ter a confirmação que o phono está absolutamente amaciado, eu uso uma gravação que simplesmente não 'faz reféns': ou ela passa com louvor, ou o teste será abortado. Claro que, por ser uma gravação muito 'exigente', eu só a escuto em phonos com potencial de mais de 100 pontos em nossa Metodologia (assim o leitor tem uma ideia da complexidade do exemplo, caso não conheça essa gravação).

Estou falando da faixa três do lado B - *Update* - do disco *This It This,* da banda Weather Report.

Quando a coloquei e sentei para avaliar se o E-2 estaria ou não acima dos 100 pontos, percebi imediatamente que seu grau de organização daquela massa de sintetizadores, era muito distinto de todos os phonos Top Five atuais.

Pois ele destrinchou camada por camada dos sintetizadores, dos outros instrumentos, mantendo o foco e recorte de cada instrumento de maneira precisa, e mantendo os crescendos sem pularem para a frente, deixando o som bidimensional, como a maioria dos phonos se comportam ao reproduzir essa faixa.

Somente os phonos acima de 105 pontos, conseguem manter a compostura - ainda que com alguns deslizes, como um pouco de perda do foco de algum instrumento, ou juntar um grupo de sintetizadores no mesmo espaço físico (ainda que o engenheiro de gravação os tenha separado).

Foi aí que, finalmente, me convenci que tinha um produto realmente 'autoral' em mãos para avaliar.

A segunda 'pedreira' então escolhida, foi o álbum do King Crimson - *Discipline* - e coloquei todo o lado A na sequência para escutar. Quem conhece esse disco, sabe o quanto ele pode soar congestionado, principalmente quando temos múltiplas guitarras soando.

E, novamente, o mesmo efeito de organização e apresentação de guitarra por guitarra, sem nenhum esforço de inteligibilidade adicional.

Já testei phonos acima de 105 pontos que conseguem reproduzir essa gravação com méritos, mas também sempre escutei algum pequeno deslize - que sempre dei um desconto, por saber que a gravação tem suas limitações técnicas.

Mas no Soulnote - tanto esse disco, como o do Weather Report - ouvir foi inteiramente prazeroso e 'elucidativo', de como cada phono interpreta gravações com inúmeras variações dinâmicas e de mudança de tempo.

Bem, estava então na hora de ouvir as excelentes gravações - e o primeiro disco escolhido foi o da Patricia Barber - *Companion*. Um disco ao vivo e com uma plateia realmente com o quinteto. Gosto sempre de ouvir a faixa três do lado B - *Black Magic Woman*. Pois ela é uma radiografia precisa da capacidade do phono de resolver grandes variações dinâmicas, soundstage, transientes, corpo harmônico e, claro, o equilíbrio tonal, em termos de extensão decaimento e precisão.

O único phono que reproduziu melhor essa faixa, de todos Top Five atuais da revista, foi o Nagra Classic Phono (que custa mais que o

PRÉS DE PHONO

dobro do E-2). Nenhum outro conseguiu chegar tão próximo do Nagra, quanto o E-2.

O que me colocou a questão de em quantos pontos esse phono realmente chegaria. Como sempre afirmamos, a única maneira de sabermos é ouvindo, e foi o que fiz.

Estava na hora de colocarmos algo realmente complexo, grandioso e com enorme variação dinâmica, corpo e textura. E fui buscar um de nossos melhores exemplos: Strauss - *Also Sprach Zarathustra op 30*, prensagem japonesa 45 RPM com a regência de Eugene Ormandy e a Orquestra da Filadélfia.

Nunca é fácil reproduzir um órgão de tubo soando simultaneamente com uma orquestra, e o desafio fica ainda maior. Aqui, para essa reprodução ser digna e satisfatória, todo o sistema tem que estar à altura do desafio.

Falo de sistemas com mais de 110 pontos em nossa Metodologia, pois a maioria dos phonos abaixo, tendem a borrar os fortíssimos e chapar o som, deixando-o completamente bidimensional.

E, novamente, o E-2 conseguiu realizar a proeza de não chapar, e não perder a compostura, nos mostrando aquele som enorme à nossa frente, com toda a orquestra soando em um ambiente completamente condizente com o nível da gravação e a sala em que a mesma foi realizada.

“Bravo, E-2!!!“- Pensei com os meus botões.

A partir daí, relaxei e quis apenas por preciosismo ver o nível de resposta dos transientes, textura e equilíbrio tonal, e lá fui buscar mais exemplos ‘encardidos’.

Transientes não dá para ser outra gravação, para equipamentos acima de 110 pontos, do que *Friday Night In San Francisco* com o trio de virtuoses: Al DiMeola, John McLaughlin e Paco de Lucia. É claro que a faixa escolhida para o teste de transientes é a faixa 1 - lado A.

A partir de 105 pontos, os phonos costumam passar com méritos por essa pedreira. Mas a partir dos 110 pontos, seu cérebro começa a perceber detalhes da técnica de digitação e virtuosidade de cada um dos violonistas. E acima de 111 pontos, a mágica de se ‘ver’ o que está ouvindo, ocorre e o Soulnote: você não só ‘enxerga’ o que está acontecendo à sua frente, como consegue um grau de integração entre os dois músicos, que só havia escutado e apreciado com tanta estupefação no Nagra Classic.

E ali se materializou novamente, à minha frente, Paco de Lucia no canal esquerdo e Al DiMeola no canal direito! Com um grau de inteligibilidade de nota por nota, sem revirar seu cérebro ou perder a atenção no que ocorreu naquela linda noite em São Francisco.

Ai só me restava ouvir as texturas, e abrir um enorme sorriso de orelha a orelha ao saber que existe um phono de menos de 70 mil reais, que provavelmente é o melhor custo/performance na história dessa revista!

Baixei o braço em todo o lado A do LP de Bill Evans - *You Must Believe In Spring*.

Essa é uma gravação exigente com os pré de phono, pois um cisco de brilho nas altas coloca a última oitava da mão direita do Bill Evans a soar brilhante e desconfortável. O mesmo ocorre se os graves, na reprodução do contrabaixo do Eddie Gomez, não forem absolutamente corretos: tende a soar oco.

Sem falar no magistral trabalho do baterista Eliot Zigmund nos pratos, que sem o arejamento e extensão corretos, soarão pobres quando ficam pairando no ar circundando o piano e o baixo.

É uma gravação primorosa, porém bem exigente.

Quando o sistema é de alto nível, tanto o equilíbrio tonal, quanto as texturas soam exuberantes!

CONCLUSÃO

Descrever a assinatura sônica do E-2 não é tarefa fácil.

Os revisores que tiveram o privilégio de testá-lo sempre o descrevem como um phono de alto nível, com uma qualidade de construção e performance impressionante.

Eles estão absolutamente certos, mas sinceramente não sei se esse reconhecimento de seus atributos corresponde realmente a todos seus méritos.

Pois a primeira questão que temos, ao avaliá-lo, é que o engenheiro Kato conseguiu demonstrar na prática com enorme consistência que seus conceitos e ideias funcionam.

E que, portanto, não podem ser colocados no mesmo nicho de equipamentos hi-end com ‘belas sacadas’, pois o que ele conseguiu em matéria de performance pelo que custa, coloca em xeque uma legião de phonos muito mais caros, que não possuem esse grau de naturalidade, precisão e realismo sem soarem nem analíticos nem eufônicos.

Na verdade, ele soa como todo excelente pré de phono deveria soar, para ser denominado hi-end.

Sua assinatura sônica, portanto, é Neutra o suficiente para que a música possa soar como precisa em uma boa reprodução eletrônica.

E, independentemente do nível técnico das gravações, ele sempre terá algo a mais para extrair e mostrar. Isso, à medida que as semanas se passaram, se mostrou exemplar.

Pois ouvi absolutamente de tudo, de gravações tecnicamente excepcionais às medíocres. E, no entanto, nenhuma gravação foi expurgada ou perdeu o interesse de ser apreciada por seu conteúdo artístico.

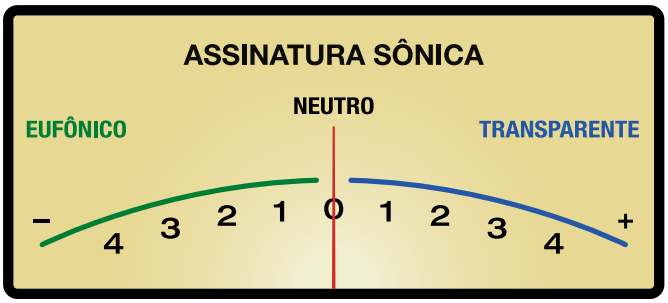
Isso é imprescindível no meu ponto de vista, de como deveria ser todas as eletrônicas e caixas hi-end da atualidade. Permitir que o audiófilo recupere o melômano que ele um dia foi, permitindo que resgate toda sua coleção de discos - muitas vezes de uma vida toda!

E fazer todas essas realizações custando menos de 70 mil reais?

Isso é para se comemorar - e contar a todos.

Em resumo: trata-se do melhor pré de phono em custo/performance já testado por nós.

Este já tem dono!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JVSUE35-4IA

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8JOSIXNSC4A

AVMAG #308
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477
R$ 65.000

NOTA: 111,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

ÁUDIO

CD-TRANSPORTE PRIMARE DD35

Fernando Andrette

Você lembra quando o CD, nos anos 80, desbancou o LP e as pessoas saiam vendendo seus discos a preço de banana (quando a banana ainda era barata)?

E por trinta anos os amantes do vinil puderam construir uma discoteca robusta, comprando em sebos de discos LPs bem conservados por preços justos?

Eu fiz isso, amigo leitor, comprei mais de 500 discos nesse período, antes que o vinil voltasse a estar debaixo dos holofotes e passar a custar valores exorbitantes.

E a partir do final da primeira década do século 21, esse fenômeno voltou a ocorrer com o CD, ao ser atropelado pelo streamer no mundo.

Ainda estou montando minha coleção de música clássica basicamente só com CDs, e em uma década minha CDteca triplicou de tamanho, ocasionando um grande problema de armazenamento e espaço. Comprei, nesse tempo, coleções e boxes completos que, quando lançados, custavam até inacreditáveis 2000 dólares! E paguei por essa mesma coleção recentemente 500 reais!

Só que, como todo mercado, quando a demanda aumenta e a oferta é limitada, os preços sobem. Ainda assim, você consegue comprar muito bons CDs importados por 25 reais e nacionais por 12 a 15 reais.

E, ao contrário de todas as correntes que defendem o Streamer como no mesmo nível do CD, continuo a ser uma voz solitária e discordante. E mostrei na nossa Sala no Workshop Hi-End Show o motivo de ainda, para mim, a mídia física quando apresentada em alto nível, ser incrivelmente sedutora e realista!

Então, é claro que toda vez que puser as mãos em um bom CD-Player ou transporte a preços mais 'realistas', e com uma performance consistente, irei como diz um grande amigo: "bater bumbo" para esse produto!

Não acho que eu seja o personagem Dom Quixote de Cervantes, lutando contra os 'moinhos de streamer' que predominam atualmente.

Esperançoso de encontrar leitores que ainda amam suas mídias físicas, e estão lutando para mantê-las em um lar musical, eu descobri esse incrível Primare DD35, um transporte de CD, que é basicamente um leitor de mídias de CD 16/44 kHz, mas que faz seu trabalho com enorme competência e objetividade.

E não pensem se tratar de um transporte de CD com gabinete de plástico, pesando menos de 2kg, com uma gaveta que, se pressionar para colocar o CD, irá quebrar ou entortar.

O DD35 é um transporte de CD que utiliza uma unidade de baixa ressonância de última geração, e saída digital de ultra baixo ruído. Por isso eu o levei para o nosso Workshop e o apresentei conjugado com o impressionante DAC suíço Merason DAC 1 Mk2 (leia teste na edição 300), muito mais caro que o Transporte e, no entanto, ele não foi subjugado ou se tornou o elo fraco do conjunto.

A mecânica é da Teac, de última geração, fornecendo segundo a Primare um sinal sem oscilação para o estágio de saída digital, com sua fonte de alimentação discreta, garantindo uma resposta ultra plana, silenciosa e fidedigna do que está sendo lido no disco.

O transporte da Primare segue o padrão de qualidade de todo produto deste fabricante, com uma aparência extremamente limpa, elegante e extremamente funcional.

Sua gaveta por carregamento parece firme e ainda que não seja ultra silenciosa, não nos passa sensação alguma de fragilidade. A Primare

se orgulha da fonte de alimentação utilizada nesse transporte, por ser uma fonte linear combinada com uma fonte de modo de espera comutada, que é desligada durante a reprodução do disco para melhorar ainda mais o silêncio de fundo na leitura. Para os engenheiros da Primare, a fase de alimentação AC pode fazer uma diferença significativa no som.

Seu painel frontal é ultra limpo, com apenas dois pequenos comandos do lado esquerdo para abrir e fechar a gaveta, e para pausar ou acionar o play caso você esteja longe do remoto universal da Primare, que controla toda sua extensa linha de produtos. A gaveta fica no centro, e à direita temos um pequeno visor OLED que nos apresenta faixa, play, stop, pause e eject. O Transporte Primare desliga automaticamente após 15 minutos sem uso.

No painel traseiro, temos a entrada IEC, uma entrada RS232 e uma saída coaxial e uma óptica. Gostaria muito que os engenheiros da Primare também tivessem disponibilizado uma saída digital AES/EBU, pois facilitaria em muito minha vida. Pois no momento em que o Primare veio para teste, eu só tinha o cabo digital disponibilizado pelo representante, um modelo supra. Todos meus outros cabos coaxiais à disposição eram com terminal BNC.

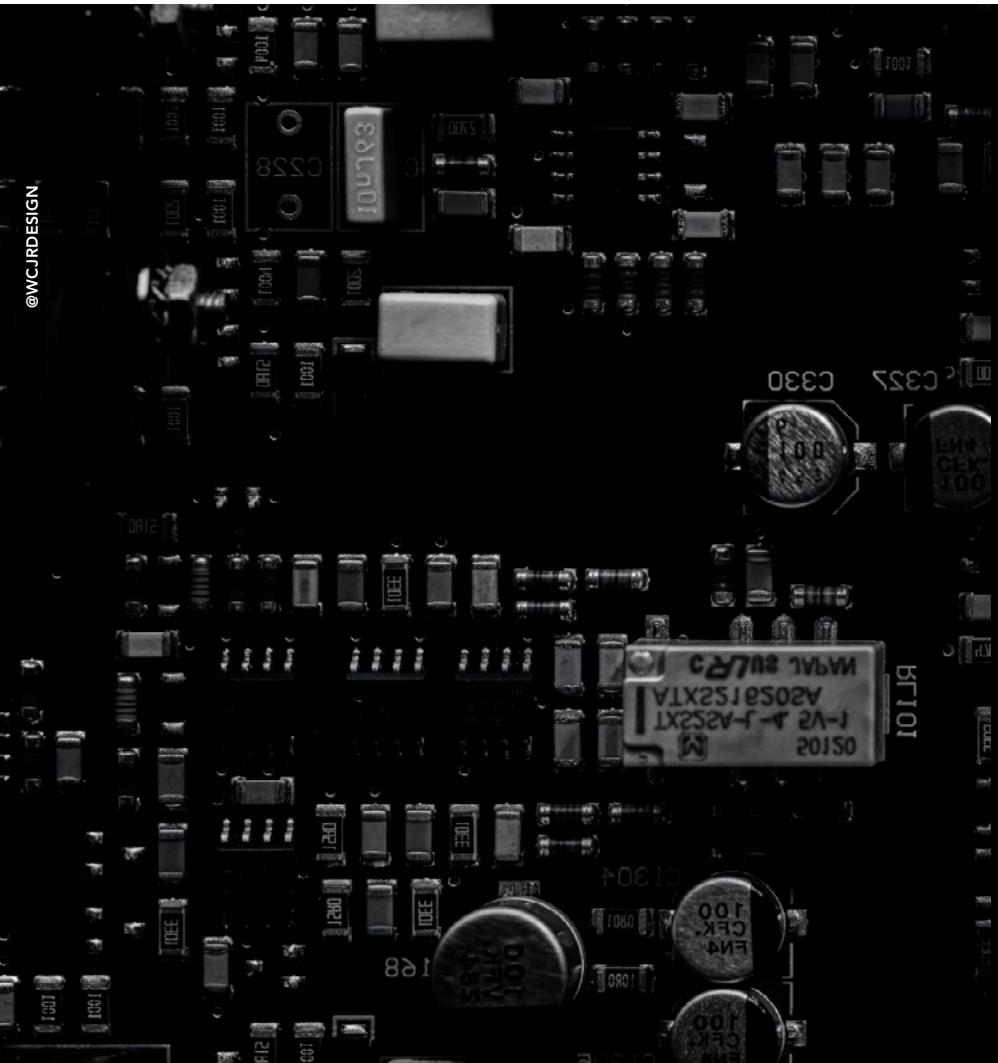
Mas, gentilmente, consegui emprestado um coaxial/RCA com a Virtual Reality e, também, com a Sunrise Lab. E assim consegui extrair toda a beleza desse singelo transporte.

A lista de DACs que utilizamos com o DD35 foi grande: primeiro o ligamos ao DAC interno do integrado Arcam SA30, depois também no integrado I35 da Primare (leia teste na edição de julho), e no Merason DAC 1 Mk2, e no Nagra TUBE DAC.

Ou seja, creio que pudemos ter realmente uma visão geral de seu nível de performance, e o mais importante: seu grau de compatibilidade com DACs e cabos digitais tão distintos em preço e performance.

No final do teste, já no fechamento de nota, o amigo Heber me emprestou o cabo digital Chord Sarum, e pudemos também ter uma quarta assinatura sônica distinta dos cabos digitais utilizados. Para os céticos que afirmam, e batem no peito, que cabos não têm diferenças sonoras e, se tiverem, estão com defeito, sugiro que leiam o teste objetivo publicado na edição 306, justamente entre dois cabos digitais. Que pode abrir a mente principalmente dos que se entrincheiraram na objetividade ortodoxa!

Mas, voltando ao Primare, ele realmente chama a atenção por duas qualidades: seu silêncio de fundo e sua capacidade de organizar o



AFX HIGH END
SOLUTION TECHNOLOGY

Se você necessita de manutenção de seu equipamento hi-end, tenha a certeza de um serviço bem feito, por profissionais gabaritados e que farão de tudo para conseguir os componentes originais.

11 98771.1167 | 11 4786.1738

afxhighend.com

ÁUDIO

acontecimento musical com excelente arejamento, foco, recorte e planos.

Esses são dois aspectos que separam os transportes de 'elite', dos apenas funcionais.

Por anos apresentei exemplos no nosso Curso de Percepção, os degraus entre um CD-Player de entrada e os mais bem construídos, com preocupação com as vibrações mecânicas, fontes de alimentação, leitor, etc. E usava para didaticamente demonstrar essas questões, gravações de música clássica, que demandam muito cuidado com a questão de ambiência, planos, foco e recorte.

E aliado a todos esses problemas, demonstrava o quanto CD-Players mais de entrada, tendiam a soar mais 'letárgicos', tirando o interesse em se ouvir obras com grandes alterações de tempo e variação dinâmica.

O Primare não sofre de nenhum desses males, ao contrário! Mostra com autoridade e presteza o quanto os engenheiros fizeram a lição de casa, para torná-lo não apenas a companhia ideal para os produtos deste fabricante, mas também para DACs de outras marcas.

Agora não pense que um transporte produzido com todos esses cuidados, responderá o seu melhor com um cabo de força de computador emborrachado, um cabo RCA analógico no lugar de um genuíno digital, e com DACs mais simples. Ele irá fazer suas reivindicações, e se atendidas, o ouvinte será recompensado integralmente, acredite!

Ele é o tipo de transporte que busca ser o mais fiel possível ao que está nos discos, e seu silêncio de fundo e sua enorme ambiência já citada, entregarão o sinal o mais 'integral' possível ao DAC. Se este estiver à altura, o ouvinte se beneficiará de audições prazerosas.

Ficou claro no teste, com a opção de cabos digitais, cabos de força e DACs à disposição, que à medida que fomos entendendo o casamento de cada peça nesse quebra-cabeças chamado Sinergia, que podíamos 'apreciar' ângulos distintos de cada setup.

Ou seja, seu grau de compatibilidade mostrou ser alto (o que é essencial para todo bom transporte) e que têm pedigree para ser ligado até com DACs Estado da Arte do nível do Merason e do Nagra.

CONCLUSÃO

Muitos leitores, ainda que já tenham investido em um streamer, não quiseram ou não sentiram firmeza em abrir mão de seus CDs. E não o fizeram na esperança de encontrarem uma solução para ouvir com prazer seus discos prateados novamente.

O que os impedia de darem um passo nessa direção, eram dois obstáculos: os bons e ótimos transportes continuam sendo caros, e muitos já estão fora de linha, o que dificulta mantê-los funcionando caso ocorra algum problema.

E muitos dos transportes hoje em linha, de alto nível, custam muito mais que seus próprios DACs.

Se você se encaixa nesse perfil, eis a solução, leitor: o DD35 da Primare.

Fiz questão de mostrá-lo no nosso Workshop com vários integrados e caixas, e a maior parte do tempo tendo como par o DAC da Merason e, acredite, ele fez bonito, não colocando em nenhum momento o resto do sistema em cheque!

Se você deseja ter um transporte de excelente nível, para poder resgatar toda sua CDTeca, o seu transporte é o Primare DD35!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LOR1P9LKSBI

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JL7MXMUSKFU

AVMAG #306
Chiave
chiave@chiave.com.br
(48) 3025.4790 / (11) 2373.3187
R$ 23.460

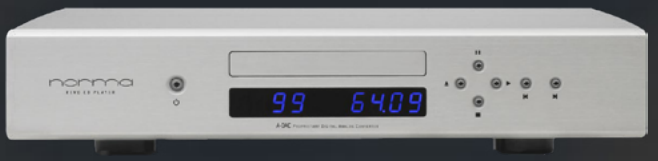
NOTA: 96,0

ESTADO DA ARTE

norma
AUDIO ELECTRONICS

A ESSÊNCIA DA MÚSICA EM PRIMEIRO LUGAR

amplificador integrado
REVO IPA-80



cd player
REVO DS-2

amplificador integrado
REVO IPA-140

amplificador
REVO PA 160 MR

pré-amplificador
REVO SC-2LN

Quantos fabricantes de audio hi-end conseguem ir além da reprodução musical e levá-lo ao local da gravação? Se é isso que você mais deseja no momento de ouvir sua música, bem-vindo a Norma Audio Eletrônica.

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

KW Hi-Fi

KW HI-FI @KWHIFI KW HI-FI

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

WWW.KWHIFI.COM.BR
DISTRIBUCTOR.KWHIFI.COM.BR/

@WCJRDESIGN

ÁUDIO

DAC WANDLA & FONTE DE ALIMENTAÇÃO HYPSOS DA FERRUM AUDIO

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

Acostume-se, caro leitor, pois será cada vez mais corriqueiro avaliarmos produtos hi-end do antigo leste europeu, pois eles vieram para reivindicar seu espaço nesse concorrido nicho de mercado, com enorme determinação e competência. Tanto é verdade que na edição 310, dois dos três testes são de produtos desta região do planeta.

Mês passado, no caderno Audiofone, avaliamos o competente amplificador de fone de ouvido Oor, desse fabricante, e agora compartilharemos o que considero ser os dois mais expressivos produtos da Ferrum Audio: o DAC Wandla e a incrível fonte de alimentação Hypsos que pode ser um upgrade seguro para centenas de produtos de áudio de inúmeros fabricantes.

Ambos os produtos foram agraciados com o Prêmio Eisa de 2022 e 2023. Marcin Hameria, o fundador e principal projetista da Ferrum, é um estrategista 'atento' às novas tendências de um mercado em que valor agregado, design, versatilidade e desempenho são parte de um mesmo pacote.

Certamente audiófilos com mais de 50 anos devem estranhar essa tendência de gabinetes menores, em que os produtos podem ficar empilhados, ocupando menos espaço em prateleiras - mas eu confesso que gosto muito, pois acho que já paguei minha cota com duas hérnias de disco em transportar de um lado para o outro equipamentos que pesam mais de 40 kg!

Poder retirar e colocar meus Nagras no rack, a todo momento, sem ter uma caixa de 'Dorflex' ao lado dos controles remotos, é um verdadeiro alento!

Então, receber os Ferrum Audio, que são ainda menores que os meus Nagras Classic, me fez de cara sentir uma imensa simpatia, antes mesmo de ligá-los.

Como sempre me lembram meus filhos e sobrinhos, o mundo está se adaptando a espaços cada vez menores.

Gosto imensamente do design dos Ferrum, com sua placa de aço envelhecido do lado esquerdo, onde fica seu logotipo retro iluminado, seu botão do lado direito, e no centro uma pequena tela LCD inteligente com todos os comandos à um toque apenas.

Porém, as semelhanças entre o DAC e a Fonte acabam aí, pois no painel traseiro, a Hypsos tem apenas a tomada IEC, a tomada que

alimenta os equipamentos, uma gaveta de fusível e uma chave liga/desliga.

Enquanto o Wandla está recheado de entradas e saídas de áudio RCA/XLR, e entradas digitais USB, AES/EBU e Coaxial.

Na verdade, este é o teste do DAC Wandla. Mas ao receber do distribuidor os quatro produtos existentes da Ferrum Audio, a curiosidade falou mais alto e constatei que o uso dessa incrível fonte externa, elevou substancialmente a performance do Wandla. Então resolvi citá-lo no teste e dar os méritos a quem é de direito.

Mas, aguardem que em breve farei um teste da Hypsos, não só com os três produtos da Ferrum, como também com os produtos que aceitarem a Hypsos para uma turbinada em sua performance.

E, no final desse teste, publicarei a nota do Wandla sem o uso da Hypsos, e com sua parceria.

O Wandla é todo baseado em uma placa digital fabricada pela HEM (empresa controladora da Ferrum). Esse módulo digital SERCE com processador ARM foi desenvolvido para uso OEM, como uma solução completa para áudio digital, e utilizada por uma dezena de fabricantes de áudio mundo afora.

Segundo o fabricante, o chip ARM do SERCE executa a função de cinco chips, trabalhando para aprimorar os fluxos de dados PCM e DSD, habilitando o uso de filtros digitais, decodificação e renderização MQA, e habilitando funções de usabilidade ao toque em uma tela LCD.

Dados PCM são convertidos de até 24-bits/192kHz por meio da entrada coaxial e da AES/EBU. E a entrada USB Tipo C e I2S (por meio de uma porta adicional HDMI) aceitam streaming de dados até 32-bits/768kHz PCM e DSD256. Segundo ainda o fabricante, todas as entradas têm capacidade DoP (DSD por PCM).

O Wandla utiliza o chip ESS Sabre ES9038PRO DAC, com a aplicação de um estágio conversor I/V que o fabricante afirma ser o grande diferencial da sonoridade do Wandla.

Para lidar com a corrente de saída do sinal, a Ferrum utiliza dois amplificadores operacionais em cascata com feedback negativo. A Ferrum garante que com todos esses cuidados o Wandla consegue extrair muito mais dados e um desempenho superior aos concorrentes que também utilizam o ES9038PRO.

Meu ceticismo acaba quando coloco o produto em avaliação. Pois rapidamente saberei se toda essa explanação técnica é apenas marketing de 'vendedor' ou fato.

O Wandla possui cinco opções de filtros digitais selecionáveis.

Quando escrevo esse teste, a Wandla pediu para os usuários do produto votarem nos seus filtros preferidos, pois o fabricante vai tentar 'democratizar', na próxima remessa, os filtros mais votados.

Mas não faço a menor ideia de como está a participação dos usuários, e nem quando será apresentado o resultado.

Outro recurso bastante importante é que o Wandla pode ser usado como pré-amplificador, graças ao seu controle de volume por escada de resistores. Mas atenção, essa função precisa ser desligada caso ele seja apenas usado como DAC.

O fabricante especifica um THD menor que 0.000009%, e uma faixa dinâmica ponderada de 127dB.

Uma das funções que mais apreciei no Wandla, foi ele reconhecer automaticamente a entrada que foi acionada. Assim, ao ligar o streamer Innuos ZENmini Mk3 via cabo USB, ele imediatamente identifica a entrada, sem nenhum ruído. Ou a entrada AES/EBU no momento que eu ligava o transporte Nagra.

Queria que meu DAC, que custa dezenas de vezes mais, tivesse esse recurso. Pois quem já não passou o sufoco de ter duas ou até três entradas usadas no DAC e se perder em qual está sendo utilizada?

Foi um deleite assim que apertei play, e toquei a primeira faixa do *Canto das Águas* do violonista André Geraissati. O palco, o foco, o recorte, o silêncio de fundo e o espaço em volta de cada instrumento foram de nível superlativo.

E isso com um DAC zerado, sem nenhum amaciamento, e ligado em sua singela fonte.

Ali soube instantaneamente se tratar de um DAC totalmente diferenciado e muito acima do seu preço. Fiz sete páginas de anotações iniciais, apenas com os nossos discos.

Acabada essa primeira sessão, ele foi para 50 horas de amaciamento, mas com aquele 'gostinho' de querer ouvir até mesmo nessa fase.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores integrados: Fezz Audio Titania, Norma Audio Revo IPA-140 e Soulnote A-2 (leia Teste 1 na edição 310). Caixas acústicas: Estelon X Diamond Mk2, Yamaha NS-5000 e a Audio Solutions Figaro S2 (leia Teste 2 na edição 310).

Com 50 horas, o Wandla já voltou para ser avaliado, mas primeiramente com sua fonte original.

Seu equilíbrio tonal é impecável! Graves extremamente corretos, com fundação, peso, energia, corpo e velocidade. A região média, utilizando um velho jargão da audiofilia, é uma janela aberta e escancarada para a imagem musical. E os agudos possuem extensão, velocidade e naturalidade.

ÁUDIO

Pratos são reproduzidos com enorme fidelidade, e instrumentos de sopro, como o piccolo e o sax soprano, não sofrem de dureza ou som vitrificado. Violino e piano, na última oitava da mão direita, idem. São isentos de dureza ou desconforto.

Seu palco, como já descrevi, é amplo em largura e profundidade, foco, recorte e recriação de ambiência. É de DACs muito mais caros. Muitos terão dificuldade em aceitar que o que estão ouvindo está sendo gerado por aquele 'singelo' gabinete.

As texturas são coerentes, tanto na apresentação da paleta de cores de cada instrumento, quanto nas nuances proeminentes na qualidade do instrumento e na habilidade do músico.

Apresentar intencionalidades para o Wandla é algo absolutamente inerente ao seu nível de refinamento.

Os transientes se comportam impecavelmente em termos de ritmo, tempo e andamento, passando aquela sensação tão vital, de apresentação firme e precisa.

Porém, quando alimentado pela fonte Hypsos, o que já era de alto nível se transforma em simplesmente impecável!

O mesmo ocorre com a apresentação da micro e da macro-dinâmica. São absolutamente convincentes, mas com a Hypsos se tornam ainda mais impressionantes. A micro se beneficia do maior silêncio de fundo que a fonte externa proporciona, e a macro com a melhor folga, permitindo ouvir com maior precisão os crescendos até o fortíssimo.

O corpo é excelente, mesmo sem a fonte Hypsos. Já a organicidade, também muda de patamar com a fonte Hypsos.

Então, vamos por partes, pois sei o quanto a maioria dos audiófilos é ansioso e propenso a pular etapas.

O que quero dizer é: O Wandla é um senhor DAC por um preço incrível para seu nível de performance. E que 90% dos nossos leitores se darão por satisfeitos em apenas tê-lo em seus sistemas.

Mas saibam que com a fonte Hypsos, o seu grau de refinamento será ainda mais impressionante.

E como é bom quando fazemos um upgrade assertivo, nos damos por satisfeitos e ainda temos uma carta na manga, se quisermos lapidar ainda mais o que já está ótimo.

Eu sempre digo que ter essa 'possibilidade' é o melhor dos mundos e, pois, faremos o upgrade mais seguro de todos os possíveis!

Para os nossos leitores que almejam um setup Estado da Arte Superlativo, investir nessa dupla será um gol de placa, acreditem!

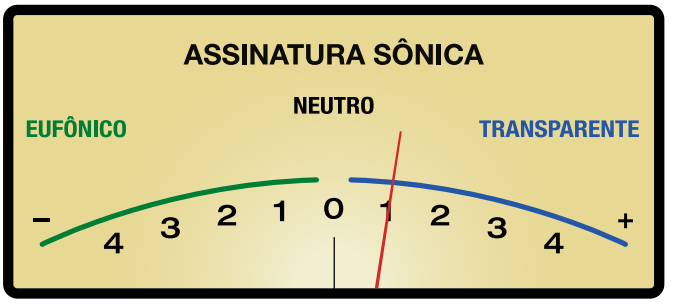
Ter um setup digital de mais de 100 pontos, gastando menos de 15 mil dólares, é realmente digno de fogos de artifício. Pois bem, isso agora é possível.

Espero que ambos estejam no nosso próximo Workshop Hi-End Show, no último final de semana de abril de 2025.

Pois esse conjunto merece ser ouvido com enorme atenção!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UYK-0QEZWWK

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SIYHQADOYR0



FERRUM AUDIO WANDLA
(COM FONTE ORIGINAL)

NOTA: 98,0

ESTADO DA ARTE

FERRUM AUDIO WANDLA
(COM FONTE HYPSOS)

NOTA: 102,0

ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

AVMAG #310
Impel
edhashioka@impel.com.br
(11) 98181.5424
Wandla: R$ 24.900
Hypsos: R$ 14.970

P R I M A R E

THE SOUND AND VISION OF SCANDINAVIA

DD35 – CD TRANSPORT

I35 PRISMA DM36

@WCJRDESIGN

DURANTE 30 ANOS, COM SEDE NO SUL DA SUÉCIA, A PRIMARE TEM CONCEBIDO E PRODUZIDO COMPONENTES HI END PREMIUM, COM UM DESIGN ATEMPORAL E PERFORMANCE DE REFERÊNCIA EM SUA CLASSE. NOSSO OBJETIVO É PROPORCIONAR A MELHOR EXPERIÊNCIA POSSÍVEL, SEJA UMA FONTE ANALÓGICA OU DIGITAL, ARMAZENADA OU TRANSMITIDA, COM OU SEM FIO.

VIVA E SE EMOCIONE COM NOSSOS PRODUTOS.

CHIAVE® distribuidora

Entre em contato e
torne-se revendedor:
www.chiave.com.br
(48) 3025.4790

chiavedistribuidora

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR AUDIOPAX REFERENCE

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Às vezes o tempo necessário para o desenvolvimento de um novo produto pode parecer, para quem não está envolvido com o projeto, tempo demais.

Porém essa espera de espectador, some em uma fração de segundo, quando o que ouvimos se encontra muito acima das mais exigentes expectativas.

Foi o que ocorreu, quando no Workshop, em abril, no sábado pela manhã, antes de abrirmos o evento, pude ter o privilégio de uma audição sozinho com a equipe Audiopax.

O silêncio reinante na sala, antes do primeiro play, foi um sinal de que deveria estar atento às mais ínfimas nuances.

E, enfim, a música se apresentou de maneira íntegra, pulsante e vívida!

Foram apenas um pouco mais de 60 minutos, que me fizeram rever toda a minha história com a Audiopax - que também se iniciou no nosso segundo Hi-End show em 1997 - em que o Eduardo de Lima, em um espaço que não deveria jamais ser usado para uma apresentação musical, nos mostrou o que viria a ser a Audiopax no Brasil e no mundo.

Voltando ao presente, só tive tempo de agradecer aquele momento sublime, antes da emoção cortar-me a voz, e levar algum tempo para restabelecer a razão e tentar em palavras dizer o que achei daquela apresentação tão emocionante.

E saí de lá com a certeza de que precisávamos testar cada um daqueles produtos, para poder também compartilhar nossas impressões com quem lá não esteve.

À medida que as semanas se passaram, e fui aguardando a vinda do setup completo apresentado no Workshop, fiz o seguinte exercício mental, que meu pai nos fez praticar desde muito cedo: me colocar no lugar do outro.

Pois ele nos dizia que só assim seríamos capazes de desenvolver algo essencial no convívio coletivo: a empatia.

Imagine você ser convidado para ser sócio de uma empresa já estabelecida, e que existe um reconhecimento total dos produtos, com excelentes reviews mundo afora, e seu CEO e peça central desse sucesso morre prematuramente sem lhe dar condições de absorver todo aquele conhecimento.

Pois quem conheceu o querido Eduardo de Lima, sabe que sua genialidade o levava a desenvolver em sua mente vários projetos paralelamente e, como ele os aplicava, só ele mesmo sabia a razão de ser assim e não ser assado. E, aparentemente, nada daquilo fazia muito sentido, mas de alguma maneira soava divino.

Cansei de ouvir seus protótipos e produtos acabados, e me chocar como ele traduzia de maneira primorosa o 'menos' virar 'mais'.

E aí você assume a empresa tendo que administrar a dor da perda de um amigo e sócio, e uma empresa que estava em franco

crescimento internacional, necessitando honrar compromissos e prazos.

A sorte da Audiopax, amigo leitor, é que esse sócio se chama Silvio Pereira e tem um currículo também brilhante. Pois antes de aceitar o desafio Audiopax, trabalhou 34 anos na área de engenharia da TV Globo, inicialmente como especialista em suporte de equipamentos digitais e, posteriormente, como responsável pela área de Pesquisa & Desenvolvimento da empresa, supervisionando uma equipe de mais de 60 profissionais dedicados ao estudo de novas tecnologias e à implementação de soluções tecnológicas.

Como o MIT (Massachusetts Institute of Technology), NHK-STRL (o maior laboratório de pesquisa em Broadcast do mundo) e a Sony.

Para os apaixonados por Fórmula 1, saibam que o primeiro sistema de telemetria nessa modalidade foi desenvolvido pela sua equipe, e também o primeiro sistema integrado de captura, armazenagem e edição baseados no uso de Servidores de Vídeo, pelo qual recebeu o prestigiado prêmio- Broadcast Engineering Excellence Award.

Mas, ainda que com toda essa bagagem considerável, ter que assumir uma empresa em que praticamente todos os produtos consagrados tinham como mentor o Eduardo de Lima, manter a empresa em pé, continuar produzindo e olhar para o futuro, é como trocar as rodas com o carro em movimento.

Sabemos que, como na Fórmula 1, com o grau de desenvolvimento e a concorrência no áudio hi-end ninguém se mantém no pódio se não estiver constantemente atualizando seus produtos.

E não falo de mudanças cosméticas, e sim de avanços efetivos em termos de performance.

Felizmente os anos de TV Globo deram a ele a frieza necessária para não perder o foco e montar uma equipe coesa e de profissionais de alto nível, como o Fábio Timi (que teve sua própria empresa, a Timi Audio) que fez brilhantes prés de phono (que tive a sorte de escutar na casa do meu querido amigo Vicenzo) e o Flávio Mauro, engenheiro também da equipe da TV Globo.

Mas existe o lado artístico também. Silvio foi aluno por uma década do mestre Hans Joachim Koellreutter, e o acompanhou em apresentações de música e estética musical pelo Brasil, Japão e Índia. Além de ser um exímio luthier de instrumentos musicais.

Ou seja, um currículo invejável, que possibilitou estarmos aqui a falar de uma nova linha de produtos Audiopax: a série Reference.

E aí, em meu último ato de me imaginar nessa situação, eu me fiz a seguinte pergunta: quando é o momento propício de virarmos a chave e darmos à empresa sua nova identidade?

Eu já participei da mudança de geração em empresas familiares, e posso garantir que se trata de um momento crítico e extenuante.

Agora, imagine transportarmos essa questão para o mercado de áudio hi-end. Em que cada um dos produtos Audiopax ainda hoje são referências para seus usuários, e que na opinião deles poderiam se manter os mesmos por mais uma década!

Eu, como editor da revista, ouvi algumas vezes essa opinião.

O que posso dizer é que esse momento deve ter tirado o sono do Silvio e sua equipe por muito tempo.

Mas, chega um momento que é preciso fixar a visão na estrada e parar de olhar para o retrovisor, e felizmente esse momento chegou para a Audiopax. E pela repercussão que teve do público no Workshop, o acerto foi preciso!

Ao trazerem até nossa Sala de Referência todo o setup apresentado no evento, a Audiopax me deu a oportunidade de ouvir com calma, e entender o DNA sonoro do sistema, ver o potencial de cada produto, juntos e separados - então propus um calendário para o teste de todos, que claro irá se adequar à entrega dos produtos que foram vendidos no evento e disponibilidade de ficarem conosco por pelo menos três semanas, desde que integralmente amaciados.

Com esse calendário montado, a primeira joia que ficou dessa grata apresentação, foi o Reference Preamplifier Audiopax.

E já está comigo a tempo suficiente para se tornar íntimo com todos os equipamentos que estão chegando para teste.

Então, se prepare amigo leitor, que inúmeros produtos avaliados e apresentados até a edição Melhores do Ano, tiveram a sua companhia.

Eu não ouvi o pré anterior em linha em nossa sala, mas tive o Model 5 original por mais de seis anos como minha referência, e sei de todos os benefícios do genial Timbre Lock para o casamento perfeito com qualquer power, então a primeira coisa que adorei no Reference foi ele continuar existindo, pois se trata de um baita diferencial em relação a qualquer pré de linha, independente do seu preço.

Mas em relação aos prés anteriores da Audiopax, as semelhanças acabam aí.

Pois o Reference é um pré híbrido, pois utiliza um módulo valvulado ligado como “cathode follower”, uma topologia pouco utilizada, mas que na forma implantada, garante um absoluto isolamento entre sua entrada e sua saída. A escolha recaiu nas válvulas ECC82/12AU7, que além de atenderem as premissas técnicas, também foram as com melhor resultado em termos de performance - e o Reference possui ajuste automático de bias.

ÁUDIO

Segundo o fabricante, outros fatores para seu nível de performance são: ausência de realimentação global negativa, Mosfets utilizados em configuração muito similar à que normalmente seria aplicada à circuitos valvulados, uso minimalista de estágios no caminho do áudio (existem apenas dois componentes ativos entre sua entrada e sua saída de áudio), fontes de alimentação com valores extremamente altos (164VDC) e com regulação em shunt (topologia que permite atingir ao mesmo tempo estabilidade e velocidade nos transientes) e o inovador uso de indutores como carga final do pré-amplificador.

Segundo a Audiopax é essa combinação de características que permitem uma dinâmica visceral, se a música exigir, mas que também possui uma capacidade de exposição das mais sutis nuances musicais.

Deixarei minhas observações pessoais para mais adiante.

Bem, e para o nosso leitor que jamais teve ou ouviu um Audiopax, tenho que dar um resumo ao menos do Timbre Lock, criação de Eduardo de Lima que lhe abriu as portas ao mundo. Em resumo, trata-se de um controle que age diretamente na sinergia entre o pré de linha e qualquer power. Algo tão desejado por qualquer fabricante, pois compatibilidade é escolha decisiva de um audiófilo na hora da compra.

Com o Timbre Lock, o usuário consegue o ajuste fino entre pré e power, sem alterar a resposta de frequência, e sim a otimização das distorções harmônicas residuais de qualquer sistema de áudio. Parece difícil assimilar? Então pule essa etapa e ouça na prática o que ocorre. Pois quando você pacientemente busca o ajuste perfeito para o seu power, as melhorias audíveis são: a percepção dos timbres como se os instrumentos mudassem de qualidade, maior resolução microdinâmica, a sustentação e decaimento dos graves e, quando o ponto certo foi encontrado, aquela maravilhosa sensação de maior naturalidade, conforto e realismo.

Antes de irmos para as observações auditivas, já que essa introdução se tornou muito extensa, vou falar sobre o gabinete do Reference. Foi o melhor gabinete que a Audiopax já fez. Tanto para o pré como o da fonte independente. Prima pela qualidade na escolha do painel frontal, dos botões, da suavidade no manuseio e da iluminação acima de cada um dos cinco botões. O primeiro da esquerda mantém o pré em stand-by ou 'on', o segundo é o ajuste do Timbre Lock do canal esquerdo, o botão do centro é o de volume, seguido do Timbre Lock do canal direito e, por fim, o botão de seleção das cinco entradas (uma XLR e quatro RCA).

No painel traseiro, temos as saídas balanceada e RCA, e as entradas já citadas. E os dois cordões umbilicais que ligam o Reference à sua robusta e silenciosa fonte externa.

Já contei minha experiência com o Timbre Lock pela primeira vez, quando testei o Model 5 original. Na época meu pré era o Jeff Rowland Coherence, que custava seis ou sete vezes mais que o Audiopax. Estava ouvindo o disco da Zizi Possi - *Mais Simples*, faixa sete. E estava buscando o ajuste perfeito para o meu power da Jeff também, o Model 8 com bateria.

De repente achei o ponto ideal, e imediatamente o violão encorpou, ganhou uma riqueza harmônica, como se fosse outro violão, de um patamar acima do usado na gravação. E a voz da Zizi ganhou um realismo impressionante.

Chamei minha esposa, que não sabia o que eu estava fazendo, e toquei a faixa sete para ela, no pré e power Jeff, que ela gostava muito. Depois passei para o Model 5, e ela assim como eu demorou a entender a quantidade de detalhes, riqueza harmônica, sutis decaimentos das notas sumindo, sem se perder nas novas, e o realismo da voz, que surgiram como em uma outra masterização.

Resultado: vendi meu Jeff Rowland e fiquei com o Audiopax feliz, por seis anos!

Para o teste do pré Reference, ouvimos com os monoblocos Reference Audiopax, com as caixas também Audiopax e, posteriormente, com os Nagra HD. Tudo com TUBE DAC e Streamer também Nagra, e DAC Ferrum Wandla. O pré de phono foi o Soulnote E-2, toca-discos Origin Live Sovereign Mk4, braço Enterprise 4, e cápsula ZYX Ultimate Astro. Cabos Dynamique Audio Apex, e cabo de força Transparent Audio Reference G6.

Minha curiosidade era grande de associar o Reference ao meus powers HD. E a primeira surpresa: o Timbre Lock ficou exatamente no mesmo ajuste usado nos powers da Audiopax.

Qualquer tentativa de ajustar um ponto, e a magia e correção se perdiam.

No final do teste, liguei o power da Gold Note, e aí sim foi necessário ajustar em 10 pontos o Timbre Lock, para se extrair a melhor sinergia desse setup.

O que quis provar com isso? Que o Timbre Lock continua sendo um incrível diferencial para extrairmos o melhor casamento possível entre esse magnífico pré, e qualquer power de nível existente no universo hi-end.

Seu equilíbrio tonal tem características muito interessantes, pois permite não só avaliarmos a qualidade da gravação, como também do DAC, e do cabo que está entre a fonte digital e o pré. Nesse nível de pré de linha, a última coisa que você terá que se preocupar é com o equilíbrio tonal. Nada falta e nada excede, é simples assim! Se tiver algo faltando, pode rever fontes e cabos.

Foi notório ouvir em diferentes caixas com tweeter de diamante, domo de tecido e AMT, como os agudos em qualquer desses tweeters se mostra com uma extensão e um decaimento preciso e natural.

Seu trabalho é apenas escolher qual tipo de caixa lhe agrada mais e está dentro de seu orçamento.

Para o teste dos agudos, ouvi inúmeras gravações das violinistas Hilary Hahn e Vilde Frang, e zero de fadiga auditiva.

Na outra ponta usei o mais recente trabalho do baixista Brian Bromberg - *LaFaro* (leia Playlist de novembro), em que o sistema será realmente colocado a prova, principalmente para avaliação de extensão do grave, sustentação, corpo e velocidade.

Novamente, não existe problema em o pré Reference reproduzir com maestria baixas frequências com total conforto auditivo e inteligibilidade.

E a região média, aí é covardia meu amigo! Pois todos os Audiopax que ouvi, tive e testei sempre primaram por uma região média divina! No Reference, essa exuberância se manteve intacta!

Quer um exemplo matador para avaliar se seu pré é realmente excelente na região média? Ouça o disco *Vivaldi In Furore, Laudate pueri e Concerti Sacri*, da soprano francesa Sandrine Piau com a Accademia Bizantina - faixas 1 e 2. Trata-se de um belo exemplo para avaliar o equilíbrio tonal do seu pré de linha.

Mas não pense que é apenas ouvir a voz e as cordas, OK? Tem um cravo que precisa ser escutado o tempo todo, também. E nos fortíssimos da Sandrine Piau, o som não pode endurecer, muito menos frontalizar a voz!

Na faixa 2, tem um órgão de tubo para complicar ainda mais esse equilíbrio tonal. Ouvir esse disco no Reference pré da Audiopax foi um dos momentos mais sublimes desse teste!

O soundstage do Audiopax possui um 3D impressionante. Claro que na reprodução de LPs, o palco é imensamente maior que na reprodução digital - mas seja em que fonte, tanto a largura, quanto a profundidade são de nível referencial.

Foco, recorte, possuem projeção cirúrgica, enganando nosso cérebro desde a primeira nota.

Mas o que mais me deixou feliz, foi a capacidade de recriação das ambiências de cada sala de gravação, e até a qualidade técnica das reverberações digitais - na maioria das gravações são tão excessivas, que chegam a criar sibilação irreal na voz, muito comum nas gravações de MPB, e alguém precisava mostrar a esses engenheiros que além de feio, estraga o equilíbrio tonal da voz nas altas frequências, e nosso cérebro não relaxa.

O Audiopax é primoroso em detalhar tanto os acertos como os erros em qualquer gravação, e não o faz de maneira analítica ou ultra-transparente, e sim pela sua capacidade de não alterar o sinal que recebe, e entrega ao power o mais fidedigno que recebeu.

Falar da apresentação de texturas nesse pré é uma das melhores ferramentas para se explicar esse quesito ao nosso leitor, que ainda não assimilou o que precisa ouvir para avaliar.

Um excelente pré sempre terá a capacidade de mostrar as paletas de cores de cada instrumento, e até mesmo nos deixar observar a qualidade desse instrumento, e quanto à virtuosidade ou não do executante.

Mas somente os superlativos nos permitem 'enxergar' mais além, e vermos a intencionalidade no momento da execução.

Uma grande amiga musicista e pianista esteve nos visitando, e ao ouvir no sistema gravações de duos de piano e violonistas, fez uma observação muito pertinente: que alguns virtuoses já em plena capacidade e domínio do instrumento e da obra que estão tocando, conseguem ter em mente tudo que precisam realizar uma fração de nanosegundo antes de executar.

Isso dá a quem está ouvindo uma sensação de precisão e inteligibilidade plena.

E aqueles que ainda estão na busca desse grau de domínio, hesitam - e se conhecemos bem a obra, podemos perfeitamente observar onde ocorreu o vacilo.

O pré Reference tem a capacidade de nos ampliar essa capacidade de observação, não sei se pela soma de suas qualidades ou pela escolha do caminho mínimo de sinal enquanto ele é o responsável por esse sinal.

Mas é audível o quanto as intencionalidades parecem muito mais presentes que em outros prés, também de nível superlativo.

Ainda mais intensa e realista a apresentação de intencionalidade, só escutei no pré Nagra HD, que custa muito mais caro que o Audiopax!

Então, meu amigo, se esse é um quesito essencial na escolha de seu pré definitivo, não esqueça esse detalhe!

Intencionalidade sem transientes precisos, não existe. Então para esse grau que descrevi, imagina como é o nível de precisão e marcação de tempo e ritmo do Audiopax? Primoroso.

Ouvi todos os nossos mais difíceis exemplos para fechar nota deste quesito, CDs e LPs, e o Audiopax passou com louvor!

Esqueça notas comidas, ou mastigadas em solos virtuosos. Se não houve vacilo na captação e nem foi destruída por uma mixagem e masterização mal-feita, você ouvirá sem alterar um músculo do rosto!

ÁUDIO

Aí chegamos na macro e micro-dinâmica. Meu amigo, o Audiopax irá jogar toda a responsabilidade para seu power, pois da parte dele o que entrou irá sair perfeitamente sem nenhuma compressão da dinâmica ou clipagem.

E a micro é impressionante pela reconstituição e precisão. Inúmeros 'ruídos' de gravações de música clássica irão surgir, mas sem tirar sua atenção ou desviar o foco - surgirão apenas.

O que estiver escrito na partitura, mas foram escritos com os famosos três 'pps' (pianíssimo), você não terá que se contorcer para ouvir.

Em termos dinâmicos, se seu sistema responde, seu trabalho é achar o volume correto da gravação e se deleitar com o que irá ouvir.

O corpo harmônico nas audições de LPs foram tão belos que passei dois dias apenas escutando para fazer minhas anotações pessoais, de como algumas características de tamanho de bumbo, contrabaixo em solo ou naipe de contrabaixos, soaram em nossa sala.

Mas a gravação de corpo mais impressionante foi uma Fuga de Bach em órgão de tubo. Não tinha ideia da magnitude do corpo dos graves daquela gravação, e aí me animei e fui escutar a *Sinfonia no.3* - Órgão, de Saint-Saens. Ficará guardado em minha memória auditiva como um dos pontos altos desse teste.

Com esse grau de coerência em todos os quesitos, o que você imagina que será a organicidade nesse pré? Não imagine meu amigo, vá a sala da Audiopax no próximo Workshop Hi-End Show (leia Eventos na edição 311), e escute!

Não há o que descrever em palavras - é preciso ouvir e vivenciar a música materializada à sua frente, e senti-la não apenas no seu sistema auditivo, mas também no seu corpo.

Não perca essa oportunidade, meu amigo: é em momentos assim que a audiofilia recupera seu real objetivo, de trazer a música de forma plena até nós.

CONCLUSÃO

O Reference Preamplifier Audiopax é, de todos os prés de linha superlativos que escutei e que testei nos últimos três anos, o mais impressionante pelo seu grau de versatilidade graças ao seu Timbre Lock, performance pelo conjunto de acertos nas escolhas feitas pelo projetista, e preço, por ser o mais acessível de todos que estão no Top 5.

Essa tríade de acertos o coloca como um Best Buy a ser batido. Tarefa que julgo ser árdua e que, com uma moeda tão desvalorizada, impossível de se alcançar para qualquer produto importado em termos de valores finais.

Se você está à procura de seu pré de linha Estado da Arte final, não ouvir o Audiopax Reference será motivo de muitas cobranças posteriores, acredite.

Tenho absoluta certeza de que esse pré terá uma carreira internacional magnífica! Podem me cobrar!

E espero que aqui também!

AVMAG #311
Audiopax
atendimento@audiopax.com
(21) 2255.6347
(21) 99298.8233
R$ 96.000

NOTA: 106,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

TECNOLOGIA POLONESA DE DACS CHEGA AO BRASIL

A Impel, tem uma novidade: o início de trabalho com a marca Ferrum. A distrubuição oficial no Brasil começou a partir desse mês de julho, diretamente do coração da Polônia e utiliza, além de conhecimentos avançados no mundo do áudio, engenharia de primeira: tudo isso para trazer aos clientes equipamentos eletrônicos excepcionais de nível audiófilo.

A combinação dos modelos WANDLA (DAC/PREAMP), OOR (HEADPHONE AMPLIFIER) e ERCO (DAC) com a alimentação do HYPSOS (power system) excede até mesmo a soma das partes e libera capacidades inéditas nos três dispositivos.

IMPEL

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

(11) 3582.3994
contato@impel.com.br

impel.com.br

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO LEAK STEREO 230

Fernando Andrette

O novo modelo de integrado da LEAK, o Stereo 230, é um avanço considerável em relação ao 130 lançado em 2020, e coloca esse icônico fabricante inglês de novo na linha de frente das opções de entrada - como os produtos da Cambridge, NAD, Emotiva, etc.

É muito bom saber que o leque de opções para os que desejam um sistema hi-fi honesto, de menos de 20 mil reais, esteja aumentando no Brasil, e permita que o consumidor monte seu sistema moderno e totalmente atualizado. Com um grande número de entradas analógicas e digitais, pré de phono MM, dispositivo Bluetooth para reprodução de música a partir de tablets e smartphones, usando os codecs integrados aptX e AAC.

Seu DAC interno é o ES9018 Sabre 32 bits, da ESS Technology, com um eficiente eliminador de jitter e clock interno. Com conversão de arquivos de áudio digital PCM até 384kHz, e DSD até 256.

A potência é de 75 Watts por canal em 8 ohms, e 115 Watts em 4 ohms.

E, para fechar o pacote: um pré de fone de boa performance.

A proposta da LEAK para atrair o consumidor, foi apostar em um design estilo vintage, que remete literalmente ao fim dos anos 60 e início dos anos 70 - o que está novamente em voga, tanto em caixas acústicas, como em eletrônicos!

Eu pessoalmente gosto de gabinetes com laterais de madeira, remetendo às minhas mais antigas lembranças dos primeiros sintonizadores de FM que tivemos em casa, seguidos por diversos receivers japoneses.

Minha única restrição ao design do Stereo 230 diz respeito aos seus botões, que achei uma escolha 'radical' demais, passando uma sensação de fragilidade e não de robustez. Mas, como o controle remoto faz todas as operações de mudança de entrada e volume, acho que o usuário pouco irá ter contato com os comandos do painel.

Como a maioria dos equipamentos dos anos setenta, o Stereo 230 também possui controles de ajuste de grave e agudo, ou opção de by-pass (Direct) - que recomendo que seja usado sempre, evitando o desejo de 'turbinar ou atenuar' gravações tecnicamente limitadas.

Para o teste não usei a opção de ligar o smartphone via Bluetooth, preferindo ligar o streamer Innuos ZENmini Mk3 via cabo USB, para poder avaliar com maior precisão o DAC interno do 230. Usamos também a entrada phono MM com o toca-discos StudioDeck +M da MoFi (leia teste na Edição 300), e ficamos muito surpresos com o silêncio do circuito e o resultado bastante correto e equilibrado - o que pela sua faixa de preço é uma de suas maiores qualidades, junto com o amplificador de fone de ouvido.

Para o teste, além do Innuos e do toca-discos da MoFi, também utilizamos o CD-Player Arcam CDS50. Os cabos todos foram da Virtual Reality (caixa, USB, analógico RCA) exceto de força, que usamos o original e o Transparent PowerLink MM2. Caixas: JBL L82 Classic, Boenicke W5, Audiovector QR 5 e Harbeth P3ESR XD.

A primeira dica importante, o LEAK 230, apesar dos seus 75 Watts, irá precisar de uma caixa com boa sensibilidade. As duas caixas que casaram lindamente com ele foram: JBL L82 Classic e a Audiovector QR 5.

Com a Boenicke W5 não deu liga: o 230 tendo enorme dificuldade para direcionar e controlar a caixa e, com menos dificuldade, mas ainda assim sofrendo, foi com a Harbeth PeESR-XD. Minha dica será buscar um casamento como a linha Diamond ou a Linton da Wharfedale, ou talvez algum modelo de entrada da QAcoustics ou da Monitor Audio.

Será preciso um pouco de paciência até o completo amaciamento do amplificador, do seu DAC interno e do pré de phono e amplificador de fone.

Optei por amaciar primeiro o DAC e o amplificador, deixando em repeat no streamer por 120 horas. Foi essencial essa escolha, pois tudo quando você instala o LEAK 230 parece aquele produto 'comportado', mas não disse ao que veio e muito menos parece ter 'credenciais' para apresentar. O fato de soar 'comportado' não chega a ser pejorativo, mas passa aquela impressão que iremos ouvir Led Zeppelin todos trajando smoking, rs!

As 120 horas foram uma lufada de esperança, e sinais de que havia camadas interessantes, mais abaixo da casca.

Os agudos se estenderam, ganharam arejamento e os graves, peso. A região média já era bastante convincente, mas nenhuma eletrônica vive só de médios convincentes, vive? Fiz essa pergunta a você, leitor, pois assisti outro dia a um vídeo de um jovem revisor (por isso lhe dou algum crédito) que o produto que ele estava avaliando tinha um agudo "estranho", e um grave muito "gordo", mas os médios eram tão bons, que ele estava dando o selo de "recomendado" ao produto!

Tive que assistir essa parte final duas vezes, para ter certeza do que o jovem aprendiz estava afirmando e assinando embaixo.

Não, o LEAK 230 não tem apenas médios interessantes e corretos. Os graves e os agudos também são bons, depois do devido amaciamento. Passadas 150 horas, lá fui eu amaciar o pré de phono e o amplificador de fone.

Para agilizar o processo, fiquei ouvindo LP no fone e, de 20 em 20 minutos, levantando e trocando o lado do disco. Não creio que os jovens tenham essa paciência de esperar e fazer todo o ritual necessário para extrair todo o potencial de seus sistemas, pois amaciamento é um teste de fogo para qualquer um.

Por isso que lemos e vemos nas mídias especializadas, tantas 'distorções' na avaliação de produtos, pois podemos cometer grandes injustiças por não levar a sério o tempo necessário de amaciamento antes de nos sentarmos para avaliar o produto.

Para os que não acreditam em amaciamento, toda essa introdução irá parecer desnecessária e inócua - mas para os que já ouviram as diferenças, façam o dever de casa, pois o LEAK 230 merece.

Seu equilíbrio tonal podemos definir como correto sem, no entanto, ter muita folga para maiores arroubos na apresentação de detalhes do tamanho da sala de gravação, ou a quantidade de reverberação digital utilizada na voz ou nos corais.

Os graves, tem peso, porém carecem de maior energia, tão essencial nos fortíssimos de uma orquestra sinfônica. Mas isso impede que

AAM
AUDIO CONSULTING

Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

Prestamos serviço de lavagem de LPs seguindo as melhores técnicas, utilizando máquinas e insumos da mais alta qualidade. Confira!

andremaltese@yahoo.com.br - **(11) 99611.2257**

@WCJRDESIGN

ÁUDIO

se escute no 230 música clássica ou big bands? Lógico que não! Basta não ter expectativas exageradas, afinal estamos falando de um integrado de menos de 15 mil reais, certo?

E música eletrônica, Andrette? Com a caixa correta, desde que ela esteja preparada para graves turbinados, sim!

Tudo é sempre uma questão de sinergia. Se o leitor estiver atento e com paciência para ouvir e pesquisar, ele irá extrair do LEAK 230 uma performance digna do investimento.

Seu soundstage possui excelente foco e recorte das imagens sonoras, com um 3D bem razoável, desde que o posicionamento das caixas forme o tão famoso triângulo equilátero, e a sala não atrapalhe acusticamente. A imagem possui boa largura, altura e profundidade. E a única limitação será na apresentação da ambiência da sala de gravação, devido à pouca extensão nos agudos.

As texturas surpreendem, menos pela intencionalidade e mais pela paleta de cores e pela facilidade de acompanhar diversas vozes simultâneas sem esforço adicional ou perda de concentração.

Os transientes são muito bons, com uma facilidade de marcação de tempo e ritmo. Ouvi vários exemplos de piano solos e violões com corda de aço, exemplos encardidos para reprodução precisa de velocidade, e o LEAK 230 se saiu muito bem!

A micro-dinâmica é muito boa, e a macro-dinâmica irá depender dos seus pares (fonte e caixas). A macro se saiu muito melhor quando usamos o CD-Player Arcam reproduzindo SACD - tivemos algumas boas surpresas, como no Quarto e Quinto Movimentos da Sinfonia Fantástica de Berlioz, ou no Concerto Para Piano e Orquestra de Bartók.

Mas não tente reproduzir os canhões da Abertura 1812 de Tchaikovsky no LEAK 230, que não irá rolar, nem para ele e muito menos para as caixas!

O corpo dos instrumentos foi impecável com todos os LPs, o esperado nos CDs, e decepcionantes no streamer.

Ou seja, nenhuma novidade.

E a organicidade ocorreu em todas as excelentes gravações, nos colocando frente a frente com os músicos.

CONCLUSÃO

Se você é um rato de vídeos no YouTube, em que se vende gato por lebre à torto e à direito, certamente você acredita que integrados de 1000 dólares soam tão bem ou até melhores que integrados de 5000 dólares.

Desculpe te chamar à realidade, mas isso não existe, meu amigo.

E creia que, no dia que acontecer, os fabricantes de hi-end superlativos e ultra hi-end irão à falência.

O que você pode acreditar, que já é fato consumado, é o quanto produtos hi-fi de entrada melhoraram e estão andando a passos cada vez mais largos. E encontrar pacotes como o LEAK 230 é uma excelente notícia, pois permite que muitos e muitos leitores possam ter seu primeiro contato com produtos que já possuem os elementos essenciais para se ouvir música decentemente.

E quais são esses elementos? Boa inteligibilidade, com baixa fadiga auditiva!

Essa é a chave da porta de entrada, para quem deseja ouvir a música que ama corretamente.

Esse compromisso, diversos fabricantes de produtos hi-fi já dominam, e os resultados são cada vez mais surpreendentes!

Se seu orçamento é curto, mas você sonha em realizar esse primeiro passo, o LEAK 230 precisa estar no topo de sua lista de opções.

Tanto pelo pacote, como pela sua performance!

Com uma boa fonte e um par de caixas que permita o LEAK Studio 230 conduzir com firmeza e folga, não existe espaço para erro.

Uma excelente notícia para o início de 2024, você não acha?

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NNHJR4TQTFE

AVMAG #303
KW Hi Fi
fernando@kwwifi.com.br
(11) 95442.0855
(48) 3236.3385
R$ 16.000

NOTA: 79,5

DIAMANTE REFERÊNCIA

REVEL®

PerformaBE Series

F328BE

F228BE

F226BE

A série PerformaBe nasceu do desejo de criar uma caixa acústica que redefinisse as expectativas de desempenho. Usando as premiadas Performa3 F208 e M106 como ponto de partida, a equipe de desenvolvimento da Revel reprojetou praticamente todos os componentes para extrair os melhores detalhes, os mais altos níveis de desempenho e a maior emoção possível. Com um tweeter de berílio totalmente novo como base da série Performa Be, o resultado é detalhes e precisão incomparáveis, juntamente com uma sensação de ar, espaço e um palco sonoro coeso que certamente definirá esses modelos como padrões mundiais em desempenho. Resumindo, os Revel Performa Be Series são caixas acústicas sérias para pessoas que levam a sério um som impecável.

NOVIDADE

Performa BE Architectural Series

Quatro modelos in-wall, com os tweeters de berílio.

mediagear

Sua conexão com o melhor som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

mediagear.com.br
contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO REGA ELEX MK4

Fernando Andrette

De tão recorrente que é essa pergunta, não sei dizer quantas vezes tive que responder a ela. Seja ao vivo, à queima roupa, no nosso Workshop, como por e-mails: “Andrette, não existe nenhum amplificador decente por menos de 15 mil reais, novo?”.

Minha resposta sempre foi: estamos caçando essa ‘joia rara’.

E acreditem, não foi por falta de empenho de nossa parte. Pois reviramos cada um dos nossos parceiros comerciais, à caça dessa ‘preciosidade’.

A questão, no entanto, sempre esbarrou em vários pontos: primeiro a desvalorização de nossa moeda, o que encarece demais o produto importado, os impostos aviltantes cobrados pelo nosso governo, e uma tendência do mercado em olhar muito mais para o mercado de luxo do que o de entrada.

Também temos culpa no cartório, pelo fato de garimparmos por um integrado que tivesse uma potência ‘decente’ para empurrar caixas com sensibilidade de 85 a 88 dB, tivesse ao menos uma entrada de phono MM de bom nível, e se possível um DAC interno também de bom nível.

E nossa busca finalmente resultou em uma ótima descoberta: esse integrado de menos de 13 mil reais existe, e ainda de ‘bônus’ traz também um bom amplificador de fones de ouvido!

Um pacote tão completo já o torna uma opção segura a todos que desejam montar seu primeiro e definitivo sistema - enxuto, mas com bons atributos sonoros.

E feito por quem está no mercado há quase meio século, e mantendo sua filosofia inicial de oferecer opções seguras e baratas.

Eu sempre tive muito apreço pela marca, e tive ao longo dos anos toca-discos da Rega - começando pelo P3 quando ainda estava na Audio News, depois o modelo P25, culminando com o P9. Além da caixa Rega Ela, por quase uma década no meu segundo sistema.

Acho que testei 90% de todos os produtos lançados pela marca nos últimos 30 anos, e modestamente conheço bem o ‘DNA Sonoro’ da Rega.

Meu testemunho é que são produtos feitos para durar uma vida, se bem cuidados.

A sonoridade de seus eletrônicos está mais para o quente do que o analítico, e bem-casados costumam soar bem musicais.

O que ouço de críticas: que as pontas poderiam ter mais extensão e o soundstage poderia ser mais profundo e largo. Os modelos de eletrônicos mais top da marca, não possuem essa limitação, acreditem.

E esses produtos têm ajudado os engenheiros da Rega a buscar aplicar esse aprimoramento em seus novos eletrônicos de entrada.

Um bom exemplo é o novo amplificador integrado Elex Mk4, que em relação ao Elex-R, mostrou significativo avanço, principalmente nos graves.

Acho que a Rega tem como proposta só avançar em sua topologia quando se sente absolutamente segura.

E não podemos esquecer que se trata de produtos de entrada, com uma forte concorrência Asiática com seus Classe D, baratos e descartáveis (quebrou, compra outro).

A Rega não, continua apostando em sua topologia Classe AB, alterando apenas o tamanho do transformador de cada modelo para gerar maior potência.

E o Elex Mk4, nesse quesito, é bastante generoso com seus 72 Watts em 8 ohms e 90 Watts em 4 ohms. Para salas de até 16m quadrados, com a caixa certa (pelo menos de 88 dB), será potência suficiente para qualquer estilo musical.

Outra mudança significativa foi no acabamento, tornando essa nova versão mais limpa e elegante.

E como já cantei a bola, ele além do amplificador de fone de ouvido, possui um bom pré de phono (MM) e um DAC também de bom nível, com duas entradas digitais: coaxial e óptica.

Para o teste utilizei especificamente duas caixas: Rega Aya (seu parceiro natural, na minha opinião) e a Wharfedale Aura 2.

Mas eu indicaria, nesse hall de caixas, também a Wharfedale Linton 85 e a Denton, como parceiras a serem ouvidas.

O cabo de caixa foi o Trançado da Virtual Reality, com excelente casamento, e os cabos de interconexão foram o coaxial também da Virtual Reality, e da Sunrise Lab, e um velho e surrado van den Hul Digicoupler. O DAC usado foi o Ferrum Wandla, e o streamer foi o Nagra Streamer (leia teste edição de dezembro próximo). Cabo de força, usei o original que vem com o equipamento, e também Virtual Reality Argentum (leia teste na Edição 309).

Para ligar o phono, consegui ouvir por um final de semana emprestado de um amigo o Rega P3 com uma cápsula Ortofon 2M Red.

E como fones, utilizei o Grado SR225x (leia teste na edição de novembro da Audiofone), e o Meze 109 Pro.

O Rega Elex Mk4 veio zerado, o que exigiu uma longa queima de mais de 180 horas. Um lembrete importante: tenha paciência, pois ele parecerá escuro e sem pontas nas primeiras 100 horas. Ouvi-lo nessas condições levará a impressões erradas sobre o amplificador.

Como a caixa Aya veio junto, usei essa queima também para o amaciamento da caixa - ela foi ainda mais demorada: 250 horas!

Se você fizer a lição de casa pacientemente, garanto que irá apreciar o seu investimento. Pois o Rega entrega o que promete. Aliás, para um produto desse nível de preço, diria que a soma do pacote, vale cada centavo investido.

Seu equilíbrio tonal possui agora um grave com melhor extensão na fundação da primeira oitava, permitindo respostas rápidas e com bom corpo e energia. Tanto em instrumentos percussivos, como solos de contrabaixo e órgão de tubo!

A região média mantém aquele calor tão característico de toda eletrônica Rega, desde sempre.

Se você é adepto de maior transparência, esse tipo de eletrônica não o irá satisfazer. Mas para quem quer resgatar toda sua coleção de discos, eis uma oportunidade de ouro.

E os agudos, ainda que não tenham aquele decaimento mais extenso e suave, ele é o suficiente para se reconhecer o tamanho de salas de gravação, e a quantidade de reverberação usada nas vozes.

E nunca irá passar do ponto com estridência ou brilho excessivo.

Se isso é importante para você, o Elex Mk4 é uma ótima opção.

O soundstage realmente tem maior largura que profundidade, mas isso pode ser contornável se as caixas puderem ser ajustadas com um respiro decente entre as paredes laterais e a parede às costas delas.

Que medida é essa? Algo de pelo menos 40 cm das paredes laterais e 60 cm das paredes as costas. E o mais importante: uma distância mínima entre as caixas de pelo menos 2.50m - para que? Para poder ter espaço para a montagem correta do triângulo equilátero, claro.

Isso irá ajudar e muito a contornar a limitação de profundidade.

As texturas são um ponto alto desse integrado. Ouvindo o novo álbum do pianista Tianqi Du, tocando o Concerto para Piano e Cordas de Bach, foi possível ouvir sem esforço as paletas de cores da orquestra de cordas, em contraste com o piano, ainda que em alguns momentos estejam todos em uníssono.

O mesmo ocorreu com a gravação do Quarteto Calidore tocando Beethoven. Gravação primorosa que pode perfeitamente ser uma excelente referência para esse quesito, justamente pela qualidade dos músicos, seus instrumentos e a belíssima captação.

ÁUDIO

Falta maior arejamento nos violinos? Certamente que sim, mas isso não tira a beleza de observarmos a soma de virtuosidades do quarteto.

Os transientes, desde que conheço as eletrônicas Rega, nunca foram problema. Tempo e ritmo, sempre foi uma busca incessante deste fabricante. E o Elex cumpre com maestria esse quesito.

Os amantes de rock e blues, se sentirão recompensados ao ouvir seus discos nesse integrado.

A macrodinâmica não tem aquela 'volúpia' de integrados mais refinados e com maior potência. Mas será possível, com a caixa certa, se conseguir melhores 'degraus' entre o piano e o fortíssimo.

Já a microdinâmica, pelo Rega não ser ultra transparente, não terá a recuperação de todos os mais sutis detalhes, somente os mais bem captados e presentes na mixagem serão ouvidos (esse é um preço a se pagar com os produtos mais de entrada, não dá para ter tudo).

O corpo harmônico é excelente para o seu preço, e até nos surpreendeu em muitas gravações que achávamos que não seria tão fiel ao tamanho real do instrumento.

E a materialização física dependerá exclusivamente da qualidade técnica das gravações. Se forem magistrais, o acontecimento físico ocorrerá - do contrário, não.

CONCLUSÃO

Sinceramente acho que o Rega Elex Mk4 é um excelente integrado de entrada.

Pois o consumidor só precisará escolher sua fonte (CD, LP ou Streamer), e ligá-la ao integrado, e este ao par de caixas ideal.

Um sistema minimalista que pode dar muitas horas de prazer auditivo.

Quer melhorar as pontas, invista em um cabo de força melhor, e um par de cabos de caixas com um equilíbrio tonal impecável!

Sua sonoridade, ainda que mais para quente que transparente, é muito correta e livre de fadiga auditiva ou limitação na escolha do que ouvir.

Isso é um alento, meu amigo, para quem tem um orçamento reduzido mas sonha com um setup de maior qualidade e refinamento.

Tudo que esse pacote oferece é honesto, e pode ser a solução que tantos dos nossos leitores desejam!

Se cabe no seu bolso, eu o ouviria com enorme atenção!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RCBGCFEU2Q8

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AQ9PNKTM_IS

AVMAG #311
Alpha Áudio e Vídeo
bianca@alphaav.com.br
(11) 3255.9353
R$ 12.500

NOTA: 84,0

DIAMANTE REFERÊNCIA

reloop HiFi

@WCJRDESIGN

TURN X

SOM E QUALIDADE POR EXCELÊNCIA

L&B TECH REVIEWS PREMIUM — OUTSTANDING ★★★★★★ Reloop Hi-Fi Turn X

Stereo+ ★★★★★ IMPONERENDE Reloop Turn 3 mk2

HI-FI WORLD

TURN 3 MKII

Hi-Fi Choice ★★★★★

TURN 5

TURN 7

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 37 – LOJA 54 – CENTRO – SÃO PAULO/SP

WWW.ALPHAAV.COM.BR

11 3255.9353 / 95196.8120

Alpha Áudio DI

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO FEZZ AUDIO TITANIA

Fernando Andrette

Nos últimos vinte anos vimos surgir uma salutar lista de fabricantes do Leste Europeu, a tomar de assalto o mundo audiófilo.

A lista é abrangente, com belos produtos feitos na Lituânia, Estônia, Letônia, Ucrânia, Eslováquia, Hungria, Bulgária e Polônia.

E justamente da Polônia é que surge, em 2015, a Fezz Audio, uma empresa familiar dirigida atualmente por dois irmãos: Maciel e Thomas Lachowski, ambos formados na academia técnica de eletrônica na cidade de Bialystok.

Os irmãos lançaram seu primeiro amplificador integrado, batizado de Silver Luna, na feira de áudio e vídeo de Varsóvia. A repercussão na Polônia foi tão imediata que, em menos de cinco anos, a Fezz já tinha uma equipe de mais de 40 funcionários para conseguir atender a enorme demanda interna.

O grande diferencial da Fezz Audio é o fato deles mesmos produzirem seus próprios transformadores, assim como fornecer esses transformadores para inúmeros outros fabricantes do áudio europeu.

Segundo Maciel, o responsável pela equipe de engenheiros / projetistas, cada novo produto Fezz passa por uma banca de examinadores auditivos - como ele costuma se referir a equipe que se responsabiliza pelas audições de todos os protótipos desenvolvidos na fábrica.

Com um processo inteiramente verticalizado, os transformadores de saída são o elemento mais crucial dos produtos deste fabricante.

Segundo o outro irmão, Thomas, responsável pela área de fabricação dos transformadores, o grande diferencial da Fezz em relação a seus concorrentes de amplificadores valvulados é que, através do uso de uma tecnologia de enrolamento inovadora e patenteada internacionalmente, eles atingiram parâmetros elétricos excepcionais, como largura de banda de frequência plana dentro da faixa audível, e distorção THD muito baixa com um alto fator de performance sonora.

Ainda segundo Thomas, muitos poucos fabricantes de amplificadores valvulados utilizam transformadores toroidais na saída, sendo muito mais comum serem usados na fonte de alimentação, apenas. E, para ele, o grande problema de se utilizar transformadores toroidais na saída, é que estes são complicados de fabricar, pois precisam ser

construídos com terminação única, além de ter extremo cuidado no isolamento, o que é muito complexo e necessita de tecnologia proprietária da Fezz.

O modelo Titania, da linha Evolution, segundo a Fezz utiliza um circuito em três estágios: amplificador de tensão acoplado RC (1/2 12AX7), inversor de fase de carga dividida (1/2 12AX7) e amplificador de potência ultralinear (2 x KT88). A polarização catódica é usada principalmente porque são inerentemente auto-balanceadas, portanto quaisquer tubos incompatíveis, inseridos pelo consumidor, não causam a saturação do núcleo do transformador de saída.

A escolha da KT88, segundo o fabricante, é baseada em vários motivos. Pois em testes auditivos internos, continua sendo um dos melhores tubos de áudio já fabricados, tanto pela sua capacidade de potência como pela sua alta linearidade. Além de ser adequado para um amplificador de dezenas de Watts.

O usuário pode até escolher ligar o Titania com outras opções, como: KT120, KT150 ou KT170, porém a potência será a mesma (45 Watts por canal), porque a fonte de alimentação, os transformadores de saída e todo os circuitos foram projetados para 45 Watts por canal.

Desembalar o Titânia é tarefa para duas pessoas, pois o bicho pesa! Desembalado, temos na parte traseira três entradas RCA, tomada IEC e terminais para caixas com opções para 4 e 8 ohms. No painel frontal, dois grandes botões nas extremidades: o da esquerda para seleção de entradas e o da direita para ajuste de volume.

O controle remoto também é bastante simples e minimalista, com apenas o comando de aumentar ou diminuir o volume.

Como se trata de um amplificador auto polarizado, não haverá nunca a necessidade de ajuste de bias.

Para este teste, utilizamos basicamente três caixas acústicas: Audio Solutions Figaro M2 (leia teste na edição de outubro de 2024), Yamaha NS-5000 (leia teste na edição de agosto de 2024), e MoFi SourcePoint 10. Os cabos de caixa foram: Virtual Reality Trançado, e os Dynamique Audio Halo 2 e Apex. Fontes digitais: Transporte Primare DD35 (leia teste na edição de maio de 2024), DAC Merason DAC1 Mk2, Transporte Nagra, e DAC Nagra TUBE DAC. Fonte analógica: toca-discos Origin Live Sovereign Mk4 com braço 12" Enterprise Mk3, cápsula ZYX Ultimate Gold, e prés de phonos Lehmann Silver Cube (leia teste na edição de maio de 2024), Gold Note PH-1000 e Soulnote E-2 (leia Teste 1 na edição 308).

Uma pergunta ainda recorrente, feita por muitos leitores no nosso Workshop, realizado em abril em São Paulo, é: "Qual a razão de tantos audiófilos ainda serem apaixonados por amplificadores valvulados e áudio analógico?". Eu já ouvi tantas vezes essa pergunta que até já reformulei minha resposta. Agora apenas respondo: 'Não sei ao certo'.

Pois talvez até mesmo os amantes de válvulas não saibam exatamente o motivo, só sabem que é assim e pronto.

Meu pai abriria um largo sorriso com essa minha conclusão. Pois é o mesmo que perguntar a alguém a razão de ter uma cor preferida, ou um tipo de vestimenta que mais o agrada e lhe cai bem, ou uma afeição especial por determinados lugares, melodias, pratos.

É o lado subjetivista de cada um - e enquanto existir uma legião de apaixonados por essa sonoridade, haverá fabricantes para atender a essa legião de audiófilos e melômanos.

O universo do áudio hi-end só se beneficia dessa diversidade, e todos podemos aprender muito ao trafegar por todas essas topologias. E os valvulados também evoluíram muito, sendo hoje muito mais silenciosos, mais precisos, e capazes de níveis de performance desconcertantes.

Como sempre escrevo, a única coisa que você precisa, se for querer navegar nessas águas, é saber nadar. Pois elas exigirão cuidados redobrados: com a sinergia das caixas, tamanho da sala e qualidade das fontes.

Se você estiver apto a esses desafios, o resultado pode ser absurdamente satisfatório.

Com as três caixas que utilizamos para o teste, o Titania mostrou o seu melhor, fazendo a música fluir com enorme graça e naturalidade. Senti apenas, quando o Fezz chegou para testes, não termos mais em nossa sala a Audiovector QR 7, pois fiquei com a sensação que esse casamento poderia ser muito sedutor e convincente.

Pois como convivi um bom tempo com todas as caixas usadas neste teste (exceto a Audio Solution, que nos chegou faz apenas três semanas), para a montagem do Workshop, e ouvi a Audiovector com o I/50 da Audio Research (leia teste na edição 305), e o resultado foi arrebatador, fiquei com essa sensação que também o seria com o Titânia.

Paciência, não podemos ter sempre tudo à mão.

O Fezz é desses valvulados modernos que pode parecer um cordeiro, mas quando é chamado à prova, se transforma em uma fera astuta.

Então, não se engane amigo amante dos valvulados vintage dos anos sessenta, pois o Fezz nada se parece com esses valvulados antigos.

Esqueça aqueles graves que você podia sair da sala fazer uma pipoca e voltar e o grave de uma nota só ainda estar soando.

Seu grave é firme, com excelente corpo, definição, extensão e velocidade. Todos os exemplos utilizados, de Marcus Miller a Pastorius, o Fezz reproduziu com autoridade. Com qualquer uma das três caixas utilizadas no teste.

ÁUDIO

A região média é daquele apelo sedutor de todos bons valvulados modernos, com uma predominância difícil de igualar em amplificadores de estado sólido para vozes e instrumentos acústicos.

Incrível como a região média quando o amplificador valvulado é de alto nível, se torna tão proeminente. E os agudos soam naturais, com muito boa extensão, corpo e velocidade. Talvez o decaimento não seja tão extenso, mas são muito corretos.

O soundstage do Titania tem excelente largura, altura e boa profundidade.

Para se extrair mais profundidade, tenha bastante cuidado com a escolha da caixa. O melhor resultado foi com a Audio Solutions Figaro M2, se bem que essa caixa possui uma qualidade 3D excepcional. Os planos são bem retratados, com ótimo foco e recorte.

As texturas são ótimas em termos de apresentação de paleta de cores, com bom grau na apresentação das intencionalidades em gravações técnicas de alto nível.

Os transientes, como em todos os atuais valvulados, são precisos, em nada lembrando inúmeros valvulados vintage em que o tempo, andamento e ritmo se arrastam, tornando a apresentação musical letárgica. Com o Titania, você se sentirá acompanhando instintivamente o tempo com os pés, ou se for tímido, na mente, enquanto desfruta todos os detalhes.

Claro que a macrodinâmica de um valvulado de 45 Watts - não pode ser comparada à de um estado sólido de 200 Watts.

Mas, com uma caixa compatível com essa potência, você não sentirá que o Titania não seja capaz de arroubos dinâmicos convincentes. Então, como escrevi acima, esteja atento a sensibilidade da caixa que você irá colocar como par do Fezz. Minha sugestão: caixas com sensibilidade acima de 92 dB, para quem aprecia uma macrodinâmica convincente.

Já a microdinâmica, será 'pêra doce' para o Titania, graças ao seu impressionante silêncio de fundo.

A reprodução do corpo dos instrumentos musicais, foi uma das boas surpresas desse amplificador. A apresentação de quartetos de cordas, retratando o tamanho exato de cada instrumento nas gravações tecnicamente primorosas, faz com que nosso cérebro relaxe e queira se inserir naquele contexto, como se estivéssemos ao vivo.

O que já nos remete ao quanto a materialização física do acontecimento musical: no Titania, com excelentes gravações, é convincente!

CONCLUSÃO

Se você deseja um integrado valvulado com potência suficiente para ouvir diversos gêneros musicais, e já tem a caixa e sala condizente para opções entre 40 e 70 Watts por canal, você deve dar uma chance para o Titania.

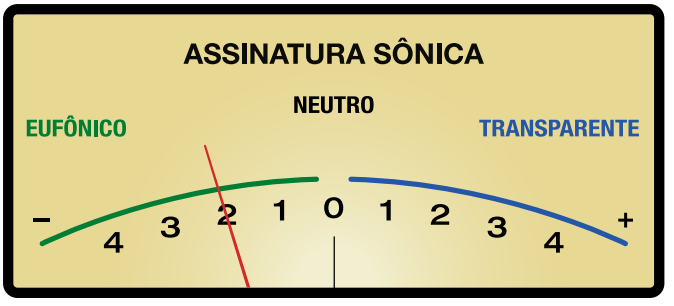
Pois seu grau de coerência, construção e performance, o credenciam a ocupar um lugar de destaque nesse disputado segmento de produtos de nível hi-end.

Não creio que haja necessidade de futuros upgrades, se o seu desejo é apenas 'refinar sonicamente' suas gravações.

O Titania está apto a fazê-lo de forma segura e sedutora!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FELNAMV-YZW

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BAX_MDTPNU8



AVMAG #308
Aura
comercial@aura-av.com.br
(51) 982810012
R$ 43.800

NOTA: 92,0

ESTADO DA ARTE

UNITI STREAMING AMPS

HIGH-END WITH INNOVATIVE MULTIROOM APP

A série de *streaming amplifiers* **NAIM UNITI** é um sucesso unânime entre o público e a crítica especializada, recebendo inúmeros prêmios e avaliações positivas em *reviews* ao redor do mundo.

Conheça os **NAIM UNITI** em detalhes.

ROON READY | TIDAL | QOBUZ | MULTIROOM | HDMI ARC

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

audiogene

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO AUDIO RESEARCH I/50

Fernando Andrette

Queria muito testar o novo integrado I/50 da Audio Research, pois depois de avaliar o pré Reference 6, ouvir o 6SE, e testar os Reference 160M - que considerei o melhor power valvulado por nós testado - sabia que se o integrado tivesse herdado a mesma linha de projeto e 'DNA sonoro', certamente seria bastante promissor.

Para mim, ao ouvir e testar seus modelos top de linha, ficou claro que a Audio Research havia dado um passo consistente à modernidade, buscando novos nichos de mercado sem perder a 'mística' criada desde sua fundação.

Esse ponto de guinada é sempre difícil para empresas de áudio estabelecidas, e com um forte pé no tradicional.

Algumas hesitam, outras nem arriscam, e muitas das que se lançam, sofrem e não conseguem chegar íntegras à outra margem.

Ninguém possui uma bola de cristal para dizer o que funciona ou não nessas mudanças de rumo, e eu costumo dizer que existe um ponto 'cego' nessa transição, quando os engenheiros e o departamento de marketing estão queimando as pestanas para fazer essa trajetória sem grandes sustos.

Serão inevitáveis embates calorosos internos, defesas de fazer o 'arroz com feijão' que está dando certo com apenas uma nova roupagem, e até os que defendem mudanças radicais e definitivas.

Na minha humilde opinião a Audio Research foi muito feliz, tanto em termos de design, pois fez corretamente a 'lição de casa' sem perder sua identidade visual, quanto em relação ao principal: performance, pois o salto foi absolutamente significativo!

Por todas essas razões, ouvir seu mais novo integrado era obrigatório.

Confesso que fiquei um pouco frustrado ao ler os primeiros reviews, e ver que os engenheiros não optaram pelas excelentes KT150 usadas em todos seus novos powers. Uma válvula que tem se mostrado ultra segura e com um grau de refinamento surpreendente.

Todos amplificadores integrados e powers que ouvi com as KT150, me convenceram ser essa uma válvula de excelente performance, com melhor silêncio de fundo, maior macro dinâmica e, o mais importante, maior potência com apenas 4 válvulas que qualquer outra similar.

Passada a frustração inicial, os testes que saíram internacionalmente mostraram que o I/50 possui muito da performance dos modelos acima lançados pela Audio Research nesses últimos 5 anos.

Pelo design e seis opções de cores (preto, prata, branco, vermelho, amarelo e azul), fica claro que o departamento de marketing almejou dois novos nichos: público jovem e feminino.

Achei ousado e, ao mesmo tempo, muito criativo, e as fotos não fazem jus a sua beleza e acabamento.

O enviado para teste foi na cor prata! Utilizando 4 válvulas 6550 WEs, o I/50 é capaz de debitar 50 Watts. As válvulas vêm numeradas para que o usuário não arranque os cabelos (se ainda tiverem), e os triodos são 6922.

Todos os comandos estão no controle remoto, completo.

Então no gabinete temos apenas dois botões giratórios: o da esquerda que seleciona entradas e o da direita que liga/desliga, e o volume.

O I/50 possui uma boa saída para fones de ouvido e, no meio e na frente, estão dois Lexie Tubes, que fornecem o display para mostrar a entrada comutada, mute e volume do amplificador.

Assim que você liga o I/50, o Lexie Tube faz uma contagem regressiva de 50 segundos para estabilização de temperatura. Após estabilizada, é só definir a entrada que será usada (S1, S2, S3 e BL). Caso o usuário tenha adquirido a versão com phono, a entrada S1 será dedicada ao analógico.

O fabricante sugere que nunca, ao desligar o amplificador, volte a fazê-lo imediatamente - sendo o tempo de espera nesses casos de pelo menos 3 minutos.

Aos apressadinhos, essa informação é vital!

Atrás, além da entrada IEC de força, temos os terminais de caixas para 4 e 8 ohms, e as quatro entradas de linha.

Vários artigos a respeito do I/50, falam que o ajuste final foi feito em uma Sasha DAW da Wilson Audio, já que são parceiros e amigos de longa data.

Claro que esse 'detalhe' chama, de cara, a atenção, já que estamos falando de um integrado de 6 mil dólares, ligado em uma caixa de 40 mil dólares! O que parece um casamento no mínimo desproporcional e que, na prática, não creio que seria levado a cabo.

Como fui usuário por dois anos e meio de uma Sasha DAW, sei bem do quanto ela 'escancara' limitações de powers que não estejam no seu nível de performance, portanto é no mínimo ousado imaginar que os engenheiros da Audio Research tenham feito os ajustes finais em uma caixa tão refinada.

Mas se o fizeram, e colocaram o I/50 no mercado, certamente ficaram satisfeitos com a performance de seu novo integrado.

Infelizmente, para o teste, não consegui nenhuma caixa da Wilson Audio para fazer companhia - porém estou com um arsenal de caixas que utilizarei no Workshop Hi-end Audio Show, em final de abril, em São Paulo - então pude escolher as que mais se adequaram em termos de sensibilidade com os 50 Watts do I/50.

As caixas utilizadas foram: Wharfedale Linton, MoFi SourcePoint 10 e 8 (leia teste na edição de junho de 2024), Estelon Aura, e Dynaudio Contour 30i (leia Teste 2 na edição 305).

As duas caixas que melhor casaram a nossa sala de 50 metros foram: Linton e as duas Mo-Fi. Sendo que, para o fechamento da nota do I/50, utilizei a SourcePoint 10, que se mostrou um casamento impressionante!

Eu indicaria a todos que venham a comprar esse excelente integrado para salas de até 20 metros, que ouçam-no com a Mo-Fi SourcePoint 10. Ou com a Audiovector QR 5, pois ambas são caixas de boa sensibilidade, capazes de extraírem todo o potencial do I/50.

O que mais me impressiona nessa nova 'safra' da Audio Research, é que não existe nenhum resquício do som dos amplificadores valvulados vintage, que andam tão em moda atualmente.

Se você busca por um som valvulado anos 50/60, letárgico, com graves retumbantes, médios pulando e raspando sua sobrancelha, e agudos opacos, esqueça o I/50.

Pois ele é o oposto do descrito acima.

Sua sonoridade é pulsante, precisa, transparente e, acima de tudo, contagiante!

Não importa o estilo, ele não faz escolhas ou limita sua performance a determinados gêneros musicais. Ele tem aquela vital capacidade de fazer a música pulsar, e nos prender ao acontecimento musical de maneira direta e sedutora.

Agora para extrair todo seu 'encanto', cuidados dobrados precisarão ser seguidos à risca: Sensibilidade das caixas precisa ser acima de 90 dB (melhor ainda entre 92 e 94 dB), a sala não pode ter mais que 20 metros quadrados, e a fonte precisa também ser de excelente nível.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: CD/SACD Arcam CDS50, Transporte Primare DD35 (teste na edição de junho 2024), DAC Merason DAC 1 Mk2, e Nagra TUBE DAC. Fonte analógica: pré de phono Lehmann Audio Silver Cube Phono Stage (leia teste na Edição de Aniversário em maio de 2024), toca-discos Origin Live Sovereign Mk4, braço Enterprise Mk3, cápsula ZYX Ultimate Gold. Os cabos de força utilizados no I/50 foi o que o fabricante envia, o Sunrise Labs Quintessence Aniversário, e também o Transparent Reference XL G6.

ÁUDIO

O I/50 nos foi enviado pelo seu novo representante no Brasil, a Ferrari Technologies, com aproximadamente 70 horas de amaciamento.

Aí, instalá-lo e fazer a primeira audição com as nossas gravações como sempre faço, ficou claro que, se houvesse maior necessidade de amaciamento, dificilmente a performance seria alterada. Pois já saiu depois de uma hora de aquecimento soando impressionantemente 'orgânico'!

É sempre difícil exprimir em palavras uma sensação tão íntima, como 'sentir' a intencionalidade de cada nota, de todos os instrumentos ao mesmo tempo.

No I/50 as texturas são simplesmente seu ponto mais fora da curva. Arriscaria dizer que nesse quesito sua 'órbita' em torno do todo é perfeita! Por mais que estejamos atentos ao acontecimento musical, detalhes de intencionalidade saltam à nossa frente como vagalumes em uma noite sem luminosidade natural.

Esses momentos nos marcam, pois despertam em nós sempre aquela pergunta que sempre nos atormenta: por que todos não soam assim?

É preciso ter paciência, pois como nenhum equipamento de áudio é perfeito, sempre haverá lacunas a serem preenchidas ou até mesmo corrigidas.

O que podemos fazer quando descobrimos essa dura realidade, é fazer com que o setup escolhido tenha o maior nível possível de coerência e correção, e que as limitações não sejam predominantes.

Não pense, meu amigo, que é uma questão de valor final do produto. Pois todos terão restrições, então sejamos inteligentes e tenhamos claro que o que buscamos é o melhor ponto de equilíbrio entre virtudes e limitações.

O I/50 consegue mesclar bem suas virtudes e limitações.

Falta, por exemplo, maior extensão nas duas pontas, com mais ar nas altas e mais peso e energia na primeira oitava de sustentação do grave.

Mas isso não impede que sua apresentação de texturas seja tão sedutora.

Percebe aonde quero chegar?

Isso são escolhas feitas pelo projetista. Ele sabe o prato que ele consegue fazer de melhor, com os ingredientes que tem em mãos. E nos presenteia com uma sonoridade 'saborosa', repleta de sutis detalhes, que nos fazem saborear cada momento daquela audição como única!

O importante é que o projetista soube dosar o ponto de equilíbrio tonal, para que nada sobressaísse ou o que falta estragasse o resultado final.

Esses são os projetos dignos de serem estudados e sobretudo apreciados, pois nos mostram a capacidade do engenheiro de contornar os desfiladeiros sinuosos com uma bela sonoridade.

Meu pai usava o termo: "a capacidade de criar belas paisagens sonoras" - e é exatamente disso que se tratam as qualidades do I/50.

Se eu for criteriosamente crítico, serei injusto, pois ainda que todas as limitações do I/50 sejam audíveis (como as que mencionei), suas qualidades sobressaem.

Sua apresentação do palco sonoro é ampla em largura, boa em profundidade e razoável em altura. E, no entanto, em gravações com vozes, que nos escancara a limitação na altura da imagem sonora, o I/50 nos brinda com vozes tão eloquentemente sedutoras, que se eu perguntar a qualquer um de vocês se a altura dos cantores estava correta, provavelmente a maioria responderá que não percebeu.

Dizem que o excelente mágico não é aquele que faz a melhor apresentação, e sim o que convence mais a plateia de que aquela mágica ocorreu. O I/50 me parece ter um excelente 'mágico' por trás de sua bela performance.

Já falei o suficiente da impressionante capacidade de nos mostrar as intencionalidades, mas o I/50 vai além ao recriar com tanta graça e sutileza a paleta de cores dos instrumentos. É de ouvir em profundo silêncio e reverência tantos detalhes!

Os transientes são rápidos, incisivos e com uma marcação de tempo corretíssima. Digno da geração atual de valvulados modernos e bem projetados. Nenhum músico soará displicente e não transformará a música em uma sinfonia letárgica.

A dinâmica seria melhor em um power com maior potência? Certamente que sim. E com KT150, soaria ainda melhor? Se os engenheiros conseguissem manter todas as virtudes que alcançaram com a 6550, certamente que sim! Então, meu amigo, não espere uma macro-dinâmica de suspender sua respiração ou acelerar seus batimentos cardíacos, OK?

Mas com as caixas corretas, também não será decepcionante, acredite.

A micro-dinâmica é simplesmente excelente e permite um grau de inteligibilidade incrível para sua faixa de preço.

É mais fácil um power transistorizado sofrer de 'anorexia sonora' que um bom valvulado. O corpo dos instrumentos no I/50 é de alto nível, permitindo sem esforço ouvir a diferença de tamanho entre um contrabaixo e um cello.

E a materialização física, ainda que não seja um primor, é bem resolvida e apresentada com 'convicção' em gravações excelentes tecnicamente. O ouvinte não será transportado para a sala de gravação,

mas os músicos lhe farão uma visita em seu espaço, seja ele limitado ou mediano.

CONCLUSÃO

Quando eu testei, na virada do século, o Pathos Twin Towers de apenas 25 Watts, e apresentei ao meu pai, que buscou e defendeu a sua vida toda que o melhor dos mundos era a topologia híbrida (pré valvulado e power transistor), ele - como eu - ficou antes de tudo impressionado o quanto aquele integrado era musical.

O quanto suas virtudes conseguiam nos fazer olhar para elas e esquecer suas limitações.

Esse é o truque que todo bom projetista tem em mãos, e quando faz bom uso, consegue nos fazer olhar apenas para o que ele quer que percebamos.

Entende como funciona, amigo leitor?

É o 'truque' bem feito!

O I/50 se enquadra perfeitamente nesse grupo. Ele não 'blefa', não promete o que não pode cumprir, mas o que ele tem de virtudes, o faz ser merecedor de um lugar ao sol.

Se não for para você que clama por maior potência e energia, será para aquele com os 'pés cansados' de tanto buscar, e que só deseja sentar e ouvir a música de forma que o faça se desligar do mundo e viver suas horas pessoais com seus discos e lembranças.

Existem muitos de vocês buscando essa experiência sonora.

Aqui eu até posso perfeitamente fazer concessões, pois o I/50 não tem nenhum desvio grave de equilíbrio tonal, letargia, ou dinâmica 'capada'.

E suas virtudes são tão consistentes e sedutoras, que ele não pode ser acusado de blefe!

Como o Pathos, no qual eu e meu pai suspiramos e passamos horas e mais horas ouvindo nossos discos de cabeceira, o I/50 certamente tem o mesmo poder de sedução, graça e beleza.

Se meu pai estivesse vivo, certamente ao final de uma longa audição, me diria: "esse é um excelente mágico sonoro"!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CQ_EC3HON2C

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=01I9-K1_MR4

AVMAG #305
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477
US$ 8.990 (sem DAC e sem pré de phono)
US$ 10.190 (com pré de phono)
US$ 10.590 (com DAC)

NOTA: 95,0

ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO PRIMARE I35 PRISMA

Fernando Andrette

Eu tive a sorte de testar alguns dos mais significativos equipamentos Primare do começo deste século, até que a marca deixou de ser distribuída no Brasil por um bom tempo.

Então, ao saber que a Chiave havia pego novamente a marca para distribuir no Brasil, eu não tive dúvida, tanto de solicitar o envio de alguns produtos para teste, como - após escutá-los - utilizá-los em nosso Workshop realizado na última semana de abril, em São Paulo.

No evento, utilizei o leitor de CD DD35 (teste na edição 306), em conjunto com o integrado i35 Prisma, tocando com diversas caixas como a MoFi SourcePoint 10 e a Dynaudio Contour 30i.

Minha curiosidade maior, ao solicitar os dois produtos para teste, foi primeiro saber como soavam e para conhecer sua exclusiva topologia Classe D, que tem tido excelentes avaliações nas mídias especializadas.

A Primare utiliza seus próprios módulos amplificadores UFPD 2 (Ultra Fast Power Module) Classe D patenteado, que tem entrega de corrente instantânea e distorção extremamente baixa - mas que nessa nova versão, tem ainda mais amplificação linear em toda a largura de banda audível, possibilitando empacotar, em um gabinete de dimensões modestas, 150 Watts em 8 ohms.

O i35 Prisma é o i35 com um DAC interno e placa de streaming. Seu DAC possibilita entradas digitais USB, Coaxial e S/PDIF Toslink. Além de duas conexões Ethernet e duas antenas para conexão via Bluetooth (Apple e Android), e o controle da seção Prisma através do aplicativo Prisma.

O que me chamou a atenção é que o i35 Prisma é bastante fácil de usar, com tudo à mão, seja para o usuário 'purista' que só deseja um integrado com uma performance de alto nível, como para aqueles que desejam internet e sua conveniência de tudo a mão.

Seu controle remoto é completo e de fácil visualização e memorização dos comandos.

Em termos de design, pouca coisa mudou em relação às gerações anteriores. A mesma placa de alumínio escovado grossa se encontra no painel frontal, com um modesto display OLED retangular e quatro pequenos botões que ligam o aparelho, abre o menu e as configurações possíveis. O botão do lado esquerdo seleciona as entradas, e do lado direito o volume.

Se o usuário não estiver com o controle em mãos, os botões existentes no painel possibilitaram você desfrutar de sua música sem problema.

Já o painel traseiro, é uma verdadeira 'sala de máquinas', com uma primeira fileira de entradas digitais, uma saída digital coaxial, conexões de rede LAN e um slot USB-A, antena dupla e uma fileira inferior dedicada às entradas analógicas (um par de XLR e três pares de RCA), terminais de alto-falantes, tomada IEC e chave de liga/desliga.

Segundo o fabricante, o i35 Prisma fornece 150W em 8 ohms, 300W em 4 ohms, e que essa nova placa de amplificação possui uma distorção ainda mais baixa que a versão anterior, um tempo de subida instantâneo e amplificação totalmente linear em toda largura de banda.

O DAC usa um chip AKM AK4497EQ de 32 bits, capaz de suportar até 786 kHz PCM e 22.4 MHz DSD. E a entrada USB permite reprodução de arquivos PCM 768 kHz / 32 bits e DSD256 / 11.2 MHz.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Caixas: Audio Solutions Figaro S2 (teste na edição de outubro), Yamaha NS-5000 (Teste 1 na edição 309), Rega Aya e Dynaudio Contour i30. Digital: transporte Primare DD35 e CD Transport Nagra para avaliação do DAC interno do integrado, com diversos cabos coaxiais (Supra, Virtual Reality e Dynamique Audio).

O i35 Prisma já estava totalmente amaciado quando voltou do Workshop, então nosso trabalho foi apenas ligá-lo em nossa sala de testes e iniciarmos a avaliação auditiva.

Foi um dos integrados que mais chamaram a atenção em nossa sala no evento, pela sua capacidade e autoridade em guiar as caixas com mão de ferro, sem mostrar dificuldade em nenhum tipo de variação dinâmica.

Outra característica citada pelos participantes do Workshop, foi seu grau de apresentação da microdinâmica, com muito mais detalhes que outros integrados concorrentes em termos de preço e performance.

Então tinha mais ou menos uma ideia do que esperar do integrado da Primare, e como ele se comportaria com caixas muito mais caras que ele, como a Yamaha NS-5000 e a Audio Solutions Figaro S2. Os cabos usados nas caixas foram dois modelos da Dynamique: Hallo 2 e Apex, que também utilizei no evento.

O equilíbrio tonal do i35 é alto e muito bem resolvido por ser uma classe D. Antes que os defensores dessa topologia me apedrejem, o que ainda sinto falta nos que ouvi e testei, é um melhor corpo harmônico na região médio-grave e mais energia na apresentação dos graves. O que sempre para mim soa como um equilíbrio tonal que joga mais luz na região média-alta e nos agudos.

Então a primeira coisa que busco ouvir é como cada novo Classe D que avalio, se comporta nesses 'detalhes'.

O i35 Prisma não tem essa característica. Em nenhuma das caixas utilizadas achei que havia algum desvio de mais brilho nas altas. Seu grave possui velocidade, bom corpo e energia. A região média é de uma transparência impressionante, com uma apresentação precisa de

ÁUDIO

cada instrumento dentro do acontecimento musical. E os agudos possuem muita extensão, velocidade e ótimo decaimento.

O palco sonoro tem muita largura, altura correta e profundidade o suficiente para os naipes das orquestras serem bem delimitados em seus espaços.

E graças ao seu silêncio de fundo, a apresentação das ambiências das gravações são primorosas. É possível ouvir os rebatimentos das grandes salas de concerto, com enorme respiro e decaimentos ultra naturais.

Eu tenho uma gravação de um coral russo somente com vozes masculinas, gravados há muitos anos (acredito que mais de 40 anos), na sala de São Petersburgo, cantando canções folclóricas. É uma gravação bem encardida para reproduzir no fortíssimo, pois tende em sistemas com pouca ambiência soar duro e frontalizado.

O Primare tirou de letra essa gravação, permitindo nessa passagem difícil ainda ouvir o rebatimento das paredes laterais da sala.

O foco e recorte desse integrado também são excelentes, possibilitando ouvirmos os solistas com uma precisão convincente.

As texturas são retratadas com grande detalhamento e impressiona como é possível avaliar a qualidade técnica da gravação, dos instrumentos e da virtuosidade dos músicos.

Os transientes são 'alucinantes' em termos de velocidade e precisão.

Ouvir os transientes desse integrado nas caixas Yamaha NS-5000 foi motivo de três páginas em minhas anotações pessoais, sobre os detalhes e sutilezas que esse setup proporcionou na análise desse quesito.

A macro-dinâmica é surpreendente, e confirma o que o fabricante afirma sobre as subidas instantâneas, quando exigido. Ele não teve dificuldade alguma de repetir o feito em todas as caixas utilizadas, sem esforço adicional ou distorção audível nesses fortíssimos!

E a micro-dinâmica, meu amigo, com esse grau de silêncio de fundo, é a mais pura covardia - você ouvirá o mais ínfimo detalhe existente na gravação, acredite!

Em termos de corpo harmônico, direi ser o melhor Classe D que ouvi e testei até esse momento. Falta ainda? Sim, mas apenas se você tiver como comparar com um integrado que possua ainda melhor corpo harmônico, do contrário duvido que você ache algum problema em como o i35 Prisma apresenta esse quesito.

E quanto a materialização física do acontecimento musical, com esse grau de transparência, é impossível você não abrir um sorriso de orelha a orelha, quando seu cantor ou cantora estiver na sua frente lhe fazendo uma apresentação particular.

Achei o DAC do i35 Prisma, assim como seu streaming, de excelente nível, com enorme facilidade e com o mesmo nível de performance do integrado. Algo raro, já que para tornar o produto competitivo e atraente, muitas vezes o fabricante precisa fazer uma média para se manter na briga.

A Primare não fez concessões, e bancou um produto em que tudo se encontra no mesmo patamar. Por isso eu, ao contrário de outros integrados, onde divido as notas por topologia, dessa vez dei apenas uma nota geral e completa para o pacote todo!

CONCLUSÃO

Se você está a procura de um integrado 'completo', que só necessite de um par de caixas para ouvir sua música, o Primare i35 Prisma pode perfeitamente ser essa opção.

Méritos, história e performance esse fabricante sueco já mostrou ter de sobra.

Trata-se de um integrado completo para ser o 'cérebro' de um setup hi-end!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HURFCP0N3ZS

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XUB7DQWAFAC

AVMAG #309
Chiave
chiave@chiave.com.br
(48) 3025.4790 / (11) 2373.3187
R$ 45.560

NOTA: 97,0

ESTADO DA ARTE

SOUL NOTE

EXISTEM MUITAS MANEIRAS DE EXPRIMIR A BELEZA SONORA

Nós escolhemos projetar produtos 100% baseado no sentido real da audição. Para isso, eliminamos do caminho qualquer preconceito do senso comum convencional sobre como desenvolver produtos de áudio. Buscamos trazer à tona a alma que existe em toda fonte sonora. A SoulNote não deseja adicionar nada que não exista ao conteúdo musical. E sim, expressar de maneira fidedigna, a vivacidade do som.

@WCJRDESIGN

A3 INTEGRATED AMPLIFIER

P3 PREAMPLIFIER

D3 D/A CONVERTER

A2 INTEGRATED AMPLIFIER

M3 MONOBLOCK POWER AMPLIFIER

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
(11) 98369.3001

FERRARI TECHNOLOGIES

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO ATOLL IN400SE

Fernando Andrette

Acompanho essa marca francesa faz um bom par de anos, e li alguns excelentes reviews sobre seus integrados, pré e powers.

Agora, com a marca distribuída oficialmente no Brasil pela Aura, de Novo Hamburgo - RS, nossos leitores poderão ter a oportunidade de conhecer melhor esse fabricante francês e apreciar sua interessante e coerente linha de produtos.

Um dado comum em todos os reviews que li é que todos, de maneira unânime, elogiam sua construção, acabamento e assinatura sônica, que prima pela precisão, velocidade e poder dinâmico.

Recebi o integrado IN400SE, top de linha, seis semanas antes do nosso Workshop Hi-End Show, então tive a oportunidade de ouvi-lo enquanto amaciava com todas as caixas que levaria para o evento, e à medida que vi seu grau de autoridade e compatibilidade com todas elas, cheguei à conclusão que o Atoll deveria ser apresentado pelo menos com um sistema.

E os nossos leitores que foram ao evento, e assistiram a apresentação do Sistema 4, com o transporte Primare D35, Merason DAC 1 Mk2, e caixas Audiovector QR 7, tiveram uma ideia bem consistente do poder de fogo desse integrado!

Escrevo faz pelo menos cinco anos sobre a evolução incessante dos integrados, e como eles são a opção mais 'inteligente' e viável para quem deseja um setup definitivo de alto nível, minimalista e que ocupe pouco espaço.

Minha decisão de só apresentar integrados neste primeiro Workshop foi minuciosamente pensada, buscando mostrar o que escrevo e defendo há tanto tempo.

No nosso segundo Workshop, no próximo ano, tenham certeza que manterei a mesma estratégia de só montar sistemas minimalistas, e com performances acima de 96 pontos. Para a nossa realidade, não vejo soluções mais inteligentes que montar um sistema em que o integrado seja o 'cérebro' do setup.

Para os que ainda resistem, achando que integrados, por melhor que sejam, não chegam ao patamar de um bom pré e power precisam, ao conhecer o Atoll IN400SE, repensar esse preconceito. Pois na verdade, esse integrado é a soma do pré amplificador PR400 e do amplificador AM400. Essa é uma cultura reproduzida pelos irmãos Stéphane e Emmanuel Dubreuil, desde a fundação da Atoll em 1997, que resolveram produzir equipamentos eletrônicos de áudio de

excelente nível de qualidade, design e performance, mas a preços compatíveis com a realidade da esmagadora maioria dos audiófilos.

A Atoll projeta e fabrica todos os seus produtos na região da Normandia, no noroeste da França.

Se você tiver a minha idade, não vai querer desembalar esse peso pesado sem ajuda. Seu chassi é construído com uma placa de aço de 2mm, e um painel anodizado de alumínio de 10 mm. Os dissipadores são fabricados em maciços blocos de alumínio a partir de um processo desenvolvido pela própria Atoll. Esse é mais um fabricante que leva muito a sério as vibrações mecânicas, e procurou aliar um criativo processo de dissipação de calor que também ajuda a absorver com precisão as vibrações externas ao gabinete.

O fabricante afirma que 90% dos componentes de todos os seus produtos são de fornecedores localizados na França e na União Europeia.

Seu design pode dividir opiniões, mas não haverá espaço para críticas quando o usuário for utilizá-lo. No painel frontal temos um par de botões de alumínio para seleção de volume e seleção de entradas, e um conector para fone de ouvido. No meio dos dois botões, um display em cor azul com as informações referentes a entrada e volume.

Esse display, caso o usuário deseje, pode ser totalmente escurecido.

No painel traseiro, o IN400SE oferece cinco entradas RCA, um bypass dedicado para home theater e uma entrada XLR. Além de duas saídas de pré amplificador para potencial bi-amplificação ou para acionar subwoofer - ou usar o aparelho como pré de linha.

O fabricante disponibiliza uma opção do IN400SE com placa DAC com uma entrada USB-B, para decodificação de arquivos de até 24-bits/96kHz.

O controle remoto é completo, mas pessoalmente usei apenas o controle de volume, para operá-lo no Workshop.

Segundo o fabricante, o Atoll produz 160 Watts em 8 ohms, e 300 Watts em 4. Toda sua topologia é duplo mono, e os transistores de saída são MOSFET (oito por canal) com 93.400uF de capacitância de reserva na fonte, e com capacitores de entrada de áudio Mundorf. O fabricante também afirma que utiliza uma quantidade de feedback global muito baixa, e que emprega alta corrente nos estágios de driver para limitar a distorção.

O IN400SE trabalha os primeiros 10 Watts em classe A, antes de entrar em operação classe AB.

A lista de caixas utilizadas no teste foi: Estelon Aura, Estelon X Diamond Mk2, Audiovector QR 7, MoFi SourcePoint 10 e 8 (leia teste na edição de julho), Boenicke W5, Wharfedale Linton 85 anos, e Dynaudio Contour 30i. Fontes digitais: CD-Player Arcam CDS50, Transporte Primare D35, DAC Merason DAC1 Mk2, Transporte Nagra, TUBE DAC Nagra, e dCS LINA. Cabos de força: Transparent Reference G6 e Sunrise Lab Aniversário. Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, e Dynamique Audio Halo 2 e Apex. Cabos de interconexão: QED XLR Reference, Sunrise Lab Aniversário XLR e RCA, Dynamique Audio Zenith 2 RCA e Apex XLR. Cabo USB: Dynamique Audio Apex (leia Teste 3 na edição 307) e Kubala Sosna Realization.

O Atoll IN400SE chegou para teste com 50 horas de queima. Saiu já mostrando todo o seu incrível potencial. Casou como uma luva com a Dynaudio Contour 30i, e nas 100 horas a mais de queima, ambos fizeram um belo par.

Quem já teve Dynaudio, sabe o quanto essa caixa gosta de um amplificador que a coloque 'nos trilhos'. Se você der a ela os Watts que necessita, ela simplesmente devolverá ao ouvinte cada centavo do investimento.

Como mostrei a todos que participaram do nosso Workshop Hi-End Show, é tudo uma questão de sinergia e pares com as mesmas características sônicas.

Se eu tivesse apenas no momento do teste a Dynaudio 30i, ficaria muito satisfeito com a performance do conjunto, mas estaria sub utilizando o Atoll, pois ele tem ainda mais garrafas para vender.

Esse foi o ponto central abordado no nosso Workshop. Aprender a entender o limite individual de cada componente, e como montar esse quebra cabeça, para que o elo fraco não limite todo o sistema.

E com todo esse arsenal de caixas e equipamentos disponíveis no momento da chegada do Atoll, foi delicioso descobrir qual seria o teto deste integrado. E foram seis semanas, repetindo os oito exemplos de cada um dos quesitos, ouvindo em todas as caixas e fontes.

A assinatura sônica deste integrado está mais para o lado quente que frio, porém não quer parecer um transistorizado com som de válvula. Diria que, de forma muito correta, seus projetistas se preocuparam muito mais com questões elementares como piso de ruído de fundo, dinâmica, transientes, palco e equilíbrio tonal, que dar um toque de calor 'adicional' para agradar aos que buscam um som eufônico para seus sistemas.

Seus graves são enérgicos, velozes e com excelente corpo. A região média possui o equilíbrio perfeito entre transparência e naturalidade. E seus agudos possuem boa extensão e bom decaimento.

Não há nenhuma restrição ao seu equilíbrio tonal. Pelo contrário, é bastante consistente e correto.

Gostei muito de seu foco, recorte e apresentação de ambiências. Com planos em gravações de música clássica muito bem

ÁUDIO

apresentados tanto em termos de largura, como altura e profundidade. Ele realmente permitiu ouvir com precisão as qualidades e limitações de cada uma das caixas em relação ao soundstage.

As texturas são muito bem retratadas, tanto em termos de paleta de cores, como em intencionalidade. O ouvinte pode perfeitamente acompanhar e observar em detalhe qualidade dos instrumentos e virtuosidade dos músicos.

Se você deseja saber o ponto mais alto deste integrado, chegamos lá: transientes e dinâmica. Meu amigo, esses dois quesitos são pontos bem altos. Transientes são reproduzidos com enorme realismo e precisão, os tempos andamentos e ritmos são simplesmente inebriantes no Atoll. E a macro-dinâmica deste integrado é exemplar! E deveria ser estudada pela concorrência com afinco.

Os leitores que ouviram esse integrado reproduzindo Copland com os tímpanos soando no fortíssimo na Audiovector QR 7, são testemunhas do que estou tentando passar a vocês!

O Atoll IN400SE não perde o fôlego, além de manter a folga e total conforto auditivo!

A apresentação do corpo dos instrumentos é muito correta, fazendo com que nosso cérebro goste do que está ouvindo (novamente é só lembrar dos tímpanos do Copland). Tamanho muito próximo do real!

Com todos esses atributos, claro que materializar o acontecimento musical à nossa frente, não será nenhum esforço adicional a esse integrado.

Novamente recorro aos participantes que ouviram Maria Bethânia cantando Melodia Sentimental, ou Joe Cocker - You Are So Beautiful, ali na frente de todos os presentes no Workshop e nas Jam Sessions noturnas.

CONCLUSÃO

Dizem que as pessoas a partir de uma certa idade se tornam repetitivas - no meu caso eu preciso insistir com cada um de vocês para prestarem mais atenção na nova safra de espetaculares integrados que já estão no mercado.

Eles merecem essa atenção, pois eles fazem exatamente tudo que sempre desejamos de um sistema genuinamente hi-end. Com várias vantagens: custam menos que um pré e power, precisam de menos cabos, ocupam menos espaço e tem uma compatibilidade e sinergia com uma enorme quantidade de excelentes caixas hi-end!

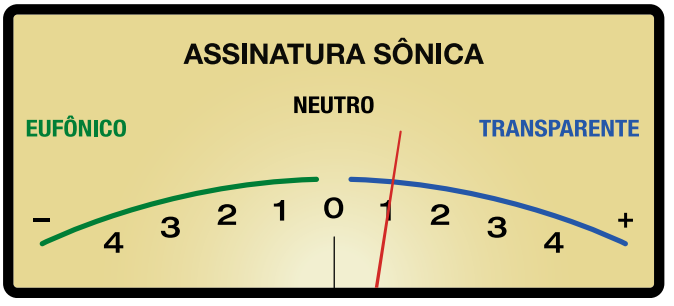
Não dar atenção a essa 'realidade' é um erro imperdoável - acreditem em mim!

Saber que posso ter um sistema hi-end superlativo ao alcance do meu sonho é o que irá manter a audiofilia viva. E esse sonho é realizável com a geração atual de integrados.

E o Atoll IN400SE é um dos expoentes dessa nova safra!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=E7YLE9QPLAK

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EPAN5G0JKHY



AVMAG #307
Aura
comercial@aura-av.com.br
(51) 982810012
R$ 65.860

NOTA: 99,0

ESTADO DA ARTE

DYNAUDIO

CONFIDENCE 60

Há mais de 45 anos, a Dynaudio fabrica alto falantes artesanais hi end de referência. Desde o início nos esforçamos em criar caixas acústicas que expressem nosso amor pela música e pelo cinema, buscando reproduzir exatamente o que o artista desejou.

Nossa linha atende desde o iniciante no hobby, até o audiófilo mais exigente.

Se você procura sua caixa acústica definitiva com gabinetes artesanais, tecnologia acústica de ponta e desempenho hi end final, sua busca acabou!

@WCJRDESIGN

EMIT 20

EVOKE 20

CONTOUR 30i

CHIAVE distribuidora

Entre em contato e
torne-se revendedor:
www.chiave.com.br
(48) 3025.4790

chiavedistribuidora

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO SOULNOTE A-2

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

Vou dar um breve apanhado da história da Soulnote, para os que não leram o teste do pré de phono E-2, que publicamos na edição 308.

Lá eu descrevi em detalhes a filosofia do projetista e diretor técnico, sr Kato, e sugiro a todos que gostam de saber detalhes das pessoas por trás de excelentes projetos, que leiam na íntegra o teste.

Fundada em 2004 pelo ex-engenheiro/diretor da Marantz Norinaga Nakasawa, a Soulnote é uma marca japonesa que vem se estabelecendo na linha de frente de produtos de áudio hi-end. Desde sua fundação, ela sempre visou oferecer ao mercado três séries distintas com níveis de performance bem estabelecidos, mantendo o mesmo 'DNA Sonoro' para todos os seus produtos.

A série 1 é considerada a linha de entrada, a série 2 é a linha intermediária - mas com inúmeras características de conceito e performance herdadas da série 3, a top de linha.

O que é inegável é o primor de construção e de qualidade final das três séries.

O integrado A-2 é uma topologia duplo mono totalmente balanceada, e oferece seis entradas de linha, sendo três balanceadas e três RCA. São 100 Watts em 8 ohms e 200 Watts em 4 ohms. O estágio de saída é classe AB com um revés em classe A (sem, no entanto, o fabricante especificar o quanto o A-2 opera em classe A).

O fabricante enaltece o uso de um transformador de 600 VA com um consumo de 125 Watts ocioso - e 355 Watts em potência máxima.

Alerto que, pelo grau de aquecimento do A-2, em volumes razoáveis, ele seja colocado em local bem ventilado.

Seguindo o fabricante, o Feedback Negativo é zero, e como expliquei detalhadamente no teste do E-2, Hideki Kato acredita que Feedback Negativo não traz nenhum benefício em termos de performance. E a qualidade de som que ele busca para os seus produtos é uma reprodução precisa da forma de onda original no domínio do tempo, e esse conceito é impossível de ser medido.

Então o sr Kato insiste, com sua equipe de engenheiros, que o ajuste fino seja feito estritamente com testes de escuta. Pois só assim se chegará ao objetivo final.

O irônico desse conceito - que deve causar 'urticária' nos objetivistas ortodoxos - é que as medições do A-2 são excelentes. Com uma distorção muito baixa de apenas 0.03% e uma largura de banda de 3 Hz a 240 kHz.

E esse resultado sem o uso de circuitos servo DC de corrente, pois para o sr Kato o uso desses circuitos estraga a qualidade final do som. Outro conceito do qual ele não abre mão é do uso de resistores fixos em vez de potenciômetro para o volume, pois para ele os resistores mantêm uma precisão muito maior entre o canal esquerdo e direito, principalmente em volumes mais baixos.

E, por fim, mas não menos interessante, é o cuidado que a Soulnote tem com a questão de vibração mecânica, fazendo uso de spikes para um melhor desempenho sonoro, o que exige, na hora de colocar o integrado na prateleira, uma enorme paciência para não danificar a base com spikes tão afiados, e a ajuda de uma segunda pessoa para fixar as moedas protetoras para os spikes.

E o estranhamento que certamente todos terão, em um primeiro contato com os produtos deste fabricante, é a tampa superior solta e desacoplada do gabinete. Você, como eu, deve supor que em volumes altos, essa tampa irá vibrar e gerar ruído. Mas não se preocupe, pois isso não ocorrerá.

Falando em gabinete, todo ele é feito de alumínio de 1.5 cm de espessura com listas, que segundo o fabricante são necessárias para o resultado sonoro final.

Já 'escaldado' pela performance impressionante do pré de phono E-2, não criei nenhuma expectativa do que iria ouvir. Segui o ritual de ligá-lo no nosso Sistema de Referência, e extrair as primeiras impressões apenas com as gravações da Cavi Records, e as que lançamos pela gravadora Movieplay.

Minha única dúvida foi se ele daria conta de empurrar as Estelon X Diamond MkII, já que é uma caixa exigente e devoradora de Watts. E ao ouvir as primeiras faixas do *Genuinamente Brasileiro Vol. 2*, esse receio se dissipou completamente, pois a autoridade com que o A-2 conduziu a Estelon foi impressionante.

O fabricante fala em queima, mas não estabelece quanto. Então segui a regra utilizada no E-2, e deixei em repeat em companhia das caixas Yamaha por 100 horas, ouvi novamente os mesmos discos e achei que mais 100 horas não lhe fariam mal.

O que posso adiantar é que, mesmo zerado, será um prazer acompanhar sua evolução no processo de amaciamento. Pois não haverá nenhum desconforto sonoro. Ainda que fique nítido que as pontas têm pequenos ajustes a serem feitos na extensão de ambos os lados.

Mas absolutamente nada que impeça de sentar-se e ouvir com admiração o desenrolar desse processo.

Trata-se de um grau de refinamento exemplar, com muita transparência, vivacidade, autoridade e finesse. A música flui com tamanha desenvoltura que o ouvinte de imediato é seduzido a parar o que esteja fazendo para ouvir como a música se desenrola à sua frente.

Não há esforço a mais do que esteja exigido na partitura, o domínio de tempo é assustador, permitindo que os transientes sejam detalhadamente ouvidos e entendidos.

A dinâmica é admirável para um integrado em sua faixa de preço, com uma macro exemplar em termos de energia, resolução e impacto.

Essa é a radiografia conclusiva que compartilho com todos vocês. Porém, obter esse grau de performance não é tarefa das mais fáceis, e o Soulnote a obteve graças a capacidade de seu projetista pensar 'fora da caixinha', o que contraria a todos os objetivistas que afirmam que não há nada de novo nas topologias de amplificadores classe A ou classe AB, e que se dois amplificadores com especificações idênticas soarem diferentes um deles está com defeito.

Acho essa última afirmação de uma petulância sem igual!

Pois esquecem e não admitem, os que pensam assim, que a capacidade humana de criar, recriar, ousar e arriscar é infinita. Possibilitando resultados que vão do sutil ao mais explícito.

E o A-2, assim como o Norma IPA-140 testado recentemente, ou o Sunrise Lab V8 Aniversário, serem integrados que romperam a barreira dos 100 pontos em nossa Metodologia, terem pontuações muito semelhantes nos oito quesito, e possuírem assinaturas sônicas tão distintas.

Esse é o encanto desse hobby: os melhores produtos terem a 'personalidade' de seus criadores. E ouvirmos essas diferenças é o que nos permite saber o grau de percepção auditiva que temos.

Assim como o musicista, ao ouvir dois virtuoses tocarem a mesma obra, consegue reconhecer as sutis diferenças interpretativas, o audiófilo com seu ouvido treinado por longos anos ouvindo música não-amplificada, consegue perceber as nuances existentes entre setups bem ajustados e corretos.

O A-2 não soa igual os dois integrados citados, porém suas semelhanças com ambos são bastante evidentes - mas no que difere, o faz ser único. Assim como é o projetista de cada um desses três integrados.

Antes que achem que fumei algo ilícito, vamos aos exemplos práticos.

Ouvindo *Passarim*, faixa 7 do nosso *Genuinamente vol. 2*, em uma gravação primorosa do Mehmari em piano solo, os três integrados em termos de corpo harmônico são muito semelhantes, assim como o foco do instrumento entre as caixas. Em nossa sala, além do piano ser reproduzido muito próximo do seu tamanho real, você 'vê' as mãos direita e esquerda, podendo até apontar onde a mão se encontra no teclado.

ÁUDIO

Quando eu mostro essa faixa para explicar os quesitos corpo harmônico e organicidade, os que não tiveram essa experiência de 'ver' o que se ouve, entendem imediatamente esse efeito psicoacústico.

Se avaliarmos os três excelentes integrados por essa gravação, nesses dois quesitos, será impossível apontar diferenças audíveis.

Mas, e se quisermos avaliar diferenças de equilíbrio tonal, já que o Mehmari explorou magistralmente o instrumento e todas as oitavas?

Também você só irá observar diferenças muito pontuais, tipo: o V8 parece ter uma sustentação mais evidente da mão esquerda nas primeiras duas oitavas (as mais graves), porém o Norma, na região média do piano, parece ter maior transparência, e o A-2 nas duas últimas oitavas da mão direita, parece ter mais decaimento.

Mas em termos de equilíbrio tonal os três passam com louvor absoluto!

E as texturas, Andrette?

Sim, aqui as assinaturas sônicas de cada um tomam direções sutilmente distintas.

E no caso específico do integrado em teste, elas são apresentadas como se a paleta de cores dos instrumentos fosse com um pouco mais de luz.

Não a ponto de extrapolar o real, mas com uma vivacidade luminosa que, em determinadas gravações, faz do A-2 um integrado imbatível. E isso ocorreu no *Genuinamente vol. 1* - faixa 4 - *Uma Valsa e dois Amores*, um duo de violão e violino, em que a última oitava do violino foi impecavelmente explorada e, para passar do ponto, basta um vacilo.

E mesmo que o integrado tenha uma boa nota de equilíbrio tonal, para executar essa faixa ele precisa muito mais do que o correto, pois essas notas agudas precisam soar com enorme respiro, decaimento suave, e não podem perder o brilho característico do instrumento.

Essa faixa, ao longo dos anos, gerou reclamações virulentas até. Pois realmente quis explorar o limite da capacidade de captação fidedigna (foram mais de duas horas até eu achar a altura ideal do microfone acima do violino para captar a exuberante sonoridade daquele lindo instrumento).

Resultado: em um sistema com excelente equilíbrio tonal, os agudos não irão endurecer ou ficar excessivamente brilhantes e desconfortáveis.

O A-2 levou ao limite do correto essa apresentação, e a qualidade da textura do violão e do violino foi exemplar!

Diria que nesse exemplo o A-2 foi um passo à frente dos outros dois.

O que importa com esses dois exemplos que dei, é que em produtos acima de 100 pontos o ouvinte terá a possibilidade de escolher com total segurança a assinatura sônica que mais lhe 'toca', sem riscos de estar fazendo uma escolha errada.

É isso que tentamos há muitos anos escrever mensalmente a respeito das vantagens de se buscar produtos Estado da Arte, e ter a

capacidade de juntar as peças na formação de um sistema digno de todo nosso empenho financeiro e expectativas na busca do sistema dos sonhos.

E a boa notícia é que os integrados têm feito esse papel com enorme maestria e competência. Permitindo se pular muitas etapas em upgrades e custos excessivos.

Quem me lê há muitos anos, sabe da minha frase recorrente: 'menos é mais'. E não vejo peça que se encaixe mais literalmente nesse conceito que um excelente integrado Estado da Arte.

Muitos me perguntaram no Workshop se escolher um integrado, simplifica a busca e diminui os riscos de erro?

Evidente que sim!

Pois definindo a assinatura sônica que você mais deseja no integrado e na caixa acústica, você simplesmente resolveu 80% da equação.

Então, meu amigo, se você ainda tem um pé atrás com integrados, está na hora de você rever essa convicção! Pois esses componentes evoluíram tanto, que não olhar atentamente para eles é um erro grosseiro.

O Soulnote A-2 tem todos os requisitos que um setup Estado da Arte necessita: Equilíbrio tonal excepcional, um soundstage capaz de lhe dar uma imagem sonora 3D com planos, foco, recorte e ambiência de nível superlativo! Texturas imensamente detalhistas e com um grau de intencionalidade absurdo! Transientes que facilitarão o acompanhamento sem nenhum esforço de tempo e ritmo! Dinâmica, tanto macro quanto micro, que colocam dezenas de prés e powers em apuros! Corpo harmônico referencial!

E materialização física do acontecimento musical, mesmo de gravações medianas (como uma coletânea da Sade que minha filha adora). Em gravações tecnicamente bem-feitas, prepare-se meu amigo, pois os músicos estarão mesmo na sua sala (como no CD *Anhelo* do tenor José Cura).

CONCLUSÃO

Nesses últimos dois anos desfilaram nas páginas da revista excelentes amplificadores integrados - e mostramos 5 no nosso Workshop, e certamente mostraremos de cinco a seis na próxima edição do evento em abril do próximo ano (leia seção Eventos na edição 310).

Pois me tornei um defensor e admirador nato dessa opção para a realidade dos audiófilos no mundo. Pois os espaços são cada vez menores, os custos dos ultras-hi-end cada vez mais proibitivos para nós 'mortais' e, felizmente, os fabricantes 'sensatos' entenderam que existe uma legião de amantes da música que também merecem ser atendidos.

A concorrência é sempre salutar, e termos integrados do nível do Soulnote agora no Brasil, é uma excelente notícia, pois ele irá se juntar a outros já estabelecidos aqui.

Quem ganha somos todos nós, ao termos opções tão significativas que nos permitem continuar sonhando na busca do sistema definitivo para ouvir nossa música diariamente.

O A-2 consegue um grau de inteligibilidade com um conforto auditivo impressionante.

Se isso é tudo que você deseja para o seu sistema, venha escutá-lo no nosso próximo Workshop - ou se você não consegue esperar até abril, peça uma demonstração para o distribuidor.

As chances de você se convencer é extremamente alta, acredite!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6BON3ZJIRES

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V8CH_KS8D9I

AVMAG #310
Ferrari Technologies
heberlsouza@gmail.com
(11) 9947.11477
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001
R$ 69.800

NOTA: 103,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO NORMA AUDIO REVO IPA-140

Fernando Andrette

A Norma Audio está entre aquelas marcas que sempre escrevo que entram no meu 'radar' pessoal, e de tempos em tempos busco informações atualizadas para saber se continua atuando timidamente no mercado, ou se começou a ganhar a notoriedade e atenção merecidas.

São inúmeros os detalhes que despertam meu interesse por uma marca, mas dificilmente alguma consegue ter mais que um ou dois diferenciais interessantes, e quando ocorre de ter mais que três, eu realmente redobro minha atenção.

A Norma pertence a este seleto grupo, que possui muitas qualidades que prezo muito.

E quais são essas virtudes? A essencial é descobrir que o projetista pensa, planeja e executa suas ideias fora de todas as obviedades ortodoxas. A segunda é que todos seus projetos só são alterados quando realmente algo significativo em sua performance foi descoberto e comprovado.

Terceiro, o design de seus produtos são todos 'atemporais' e seu acabamento é simples, limpo, mas de extremo bom gosto e com construção impecável!

E, quarto e o mais importante: Enrico Rossi seu engenheiro e fundador é um projetista focado na busca da Neutralidade acima de qualquer outra qualidade sonora.

Os leitores que me acompanham sabem que essa palavra soa como Música aos meus ouvidos, e fico feliz em saber que essa corrente que chamo de Terceira Via, continua ganhando adeptos.

Fundada em 1987, em Cremona, seu primeiro amplificador foi o NS-123. Segundo o próprio Enrico Rossi, seu lançamento despertou o interesse de seus conterrâneos audiófilos, e o permitiu ganhar respeito dentro da Itália.

Tanto que, em 1991, a Norma Audio chamou a atenção da Opal Eletronics, um fabricante Europeu de dispositivos eletrônicos de medição, e juntos começaram uma parceria para descobrir e entender

como equipamentos de áudio podem degradar o som, e o que é necessário para evitar esse risco.

Foram sete anos de inúmeras pesquisas e testes, até Rossi construir um conjunto de regras e orientações gerais, para evitar erros que ele chama de recorrentes, na fábrica de amplificadores e fontes analógicas e digitais.

Enrico Rossi produz diversos vídeos em que ele aborda inúmeros temas técnicos, e descreve suas experiências de maneira que até um leigo possa acompanhar seu raciocínio, e seus erros e acertos na busca dessa tão almejada Neutralidade.

Ele, a todos que o questionam sobre o que é Fidelidade, responde: "O som deve ser natural, dinâmico e suscinto". E lembra que só um ouvido rigorosamente treinado, com anos de audição de música não amplificada, permitirá que você possa distinguir o certo do errado (fico feliz que um engenheiro de áudio defenda com tanta determinação os mesmos princípios de nossa linha editorial).

E, em vários de seus vídeos, ele nos conta que frequenta semanalmente concertos de música clássica, desde a sua mais tenra infância.

E com esse treinamento referencial, ele consegue entender como diferentes amplificadores soam e como seus parâmetros se traduzem no que escutamos através dos falantes.

Ele também nos fala de seus anos dedicados a analisar o 'caráter' do som de um determinado amplificador, e fazer correlações entre o que ouvia e media, para entender como o amplificador é afetado pela distorção ou fase.

A etapa seguinte de seus estudos pessoais, foi investigar diferentes topologias de circuitos, qualidade dos componentes, projetos mecânicos e a estrutura e concepção da fonte de alimentação, e como isso afeta uns ao outros, e como eles podem ser combinados para uma melhor performance sonora.

Aí ele passou para a avaliação prática, construindo diversos protótipos, para descobrir que para um amplificador ser capaz de fornecer corrente instantaneamente, é necessária uma fonte de alimentação muito mais eficiente do que se acredita ser o ideal, e que para alcançar um nível de performance neutro e convincente, também é essencial uma resposta de frequência ampla, muito além dos limites da audição humana.

Nos amplificadores da Norma, a resposta de frequência começa em 0.1 Hz e vai até 2 MHz, em -3dB. Isso no circuito analógico, não em um circuito digital!

Tenho certeza que nossos leitores 'tarados' por especificações técnicas, estão coçando a mão com vontade de berrar, que inúmeros fabricantes de áudio atuais extrapolam a banda de resposta para muito além da audição humana, dimensionam fontes para uma resposta instantânea de corrente, e basicamente tudo que o engenheiro Rossi aprendeu e aplica em seus projetos. Ok!

Eu, ao ler diversos posts e artigos da Norma, também cheguei a essa mesma conclusão. Ele não está sozinho nessa estrada. Outros também a utilizam.

Mas aí eu volto a pergunta a vocês, que levantaram essa questão: todos que trilham essa estrada tem o mesmo resultado sonoro? O caminho de todos que escolheram essa topologia, busca a Neutralidade acima de outras benesses sonoras?

Se vocês aceitam a resposta de alguém que testou, nos últimos 32 anos (contando com a Audio News) mais de 2000 equipamentos, afirmo que aqui no Brasil muitas poucas marcas, do passado e do presente, chegaram perto da Neutralidade.

As duas correntes predominantes em termos de sonoridade são: a ultra transparência, que nos joga no colo de uma performance analítica, ou a eufônica, que nos joga para a outra ponta, para um som que muitos chamam de quente e 'musical' - ainda que todos vocês saibam que na nossa linha editorial, essa eufonia não tem nada a ver com a musicalidade que fecha o quesito de nossa Metodologia.

Assim, nenhuma dessas duas correntes predominantes chega perto da Neutralidade aqui descrita pelo engenheiro Rossi, como a assinatura sônica dos produtos da Norma.

Sigamos. O Revo IPA-140 é um amplificador classe AB, e a única informação que conseguimos com o fabricante é que a versão atual é a quinta desde seu lançamento na virada do século.

O IPA-140 debita 140 Watts em 8 ohms, e dobra de potência em 4 ohms, utilizando seis transistores MOSFET por canal.

Como disse na apresentação do produto, seu gabinete é muito limpo, mas bastante bonito, feito de alumínio escovado, na opção prata ou preto. Os dissipadores ficam escondidos pelo design curvilíneo da tampa e da base. Tanto os dissipadores como a tampa de trás das conexões, são sempre pretas.

Na frente temos um enorme botão no centro do painel prateado, do lado direito um pequeno botão que é um interruptor de modo de espera e um seletor das entradas. E do lado esquerdo fica o sensor de infravermelho do controle remoto. Seu circuito é todo dual-mono, com dois transformadores, um para cada canal, e um peso final de 25 kg!

No painel traseiro, temos a entrada de força IEC, 4 entradas RCA e uma XLR. E, nas pontas, os terminais de caixa.

Caso o usuário deseje o pré de phono opcional (MM e MC) da Norma, a entrada 1 RCA será dedicada a essa fonte. E, para os que

ÁUDIO

desejarem o DAC também opcional, existe uma entrada USB tipo B. A placa DAC é um módulo baseado no chip AKM 4391.

O modelo enviado para teste veio sem o pré de phono ou o DAC.

Seu controle remoto é único para operar toda a linha de produtos Norma. Em alumínio bem construído, o único inconveniente (para um homem de 66 anos) é enxergar os diminutos números das entradas e letras de volume, mute, CD, Amp, Pré, etc. Mas uma coisa que adorei nesse controle, e que não vi em nenhum dos produtos testados nesses 32 anos, foi que existem dois modos de controlar o volume: o rápido e o step by step.

Achei além de muito bem sacado e bastante útil, para pessoas como eu que buscam sempre ouvir as gravações no volume limite mixado em cada disco.

E em controles que o volume é rápido, esse ajuste fino é impossível!

No Norma consegui esse requinte, e o estou usando em todas as gravações. Aumento pela opção rápida, depois faço o ajuste como minha filha batizou de 'manobra sonora' (gostei do termo!), até chegar no volume estipulado pelo engenheiro de gravação.

Outro mimo, que o fabricante envia junto com o equipamento, é um kit de fusíveis de reposição. De cabeça só me lembro da dCS fazer isso em seus produtos. Nagra e darTZeel, os equipamentos mais 'realistas' em termos de valores, não me lembro de terem essa preocupação para aqueles domingos ou madrugadas, véspera de feriados prolongados, em que o fusível queima e não temos em casa nenhum de reposição! (quem já passou por esse perrengue, levante a mão).

Antes de falar como esse italiano soa, e se seu projetista realmente tem algo diferente a oferecer em termos de performance, preciso entrar novamente em um terreno espinhoso, que é a Neutralidade.

Se quiserem se aprofundar no tema, da maneira abordada por nós, sugiro a leitura dos testes dos cabos da Dynamique Audio, modelo Apex, e das eletrônicas Nagra, entre os mais recentes e frescos em minha memória e, provavelmente, na de muitos de vocês que também leram esses testes.

De forma 'rasa' ou 'telegráfica', a primeira definição que nos vem à mente quando falamos de Neutralidade certamente seja o ponto intermediário entre o frio e o quente, ou entre o transparente e o musical. Podemos até aceitar que a Neutralidade, geograficamente, se situe no meio de ambos, mas a Neutralidade que esses fabricantes estão buscando de maneira cada vez mais eficaz e audível, é interferir o mínimo possível no que está na gravação. Buscando estar 'ausente' de apresentar sua 'versão sonora' daquela gravação!

Claro que inúmeros objetivistas acharão isso um objetivo inatingível, mas se esses se derem o direito de ouvirem o que esses fabricantes conseguiram até o momento, talvez alguns percebam que existem qualidades nesse caminho, e consequências positivas em termos de conforto auditivo e maior inteligibilidade do todo.

E aí chegamos no ponto central do objetivo dessa Neutralidade: não é tornar as gravações sem vida, como muitos leitores já nos questionaram, pois na cabeça dos audiófilos o que os move é encontrar o sistema ideal a seu gosto musical, e acredito que nenhum escolheu a Neutralidade como objetivo final.

Mas se esses mesmos audiófilos se derem o direito de ouvir suas gravações em um setup predominantemente ajustado para o Neutro, eles talvez entendam essa correlação maior da inteligibilidade do todo do acontecimento musical, com ausência de fadiga auditiva.

Pois a Neutralidade almejada por esses fabricantes é, na verdade, um equilíbrio maior entre todas as nuances existentes na reprodução eletrônica da música.

E se traduzirmos isso para os oito quesitos da nossa Metodologia, seria o equipamento que atingiu a mesma pontuação em todos eles.

Não imagino uma legião de audiófilos abraçando essa Terceira Via sonora da noite para o dia. Mas percebo nitidamente que audiófilos com maior experiência, e que possuem uma bagagem musical referencial da música ao vivo não amplificada, possuem maior facilidade em entender e ouvir as vantagens de um sistema mais neutro em sua assinatura sônica.

Agora vamos, finalmente, falar das qualidades sonoras do Norma.

Começarei pela conclusão: é o integrado mais neutro que analisamos nesses 28 anos da revista!

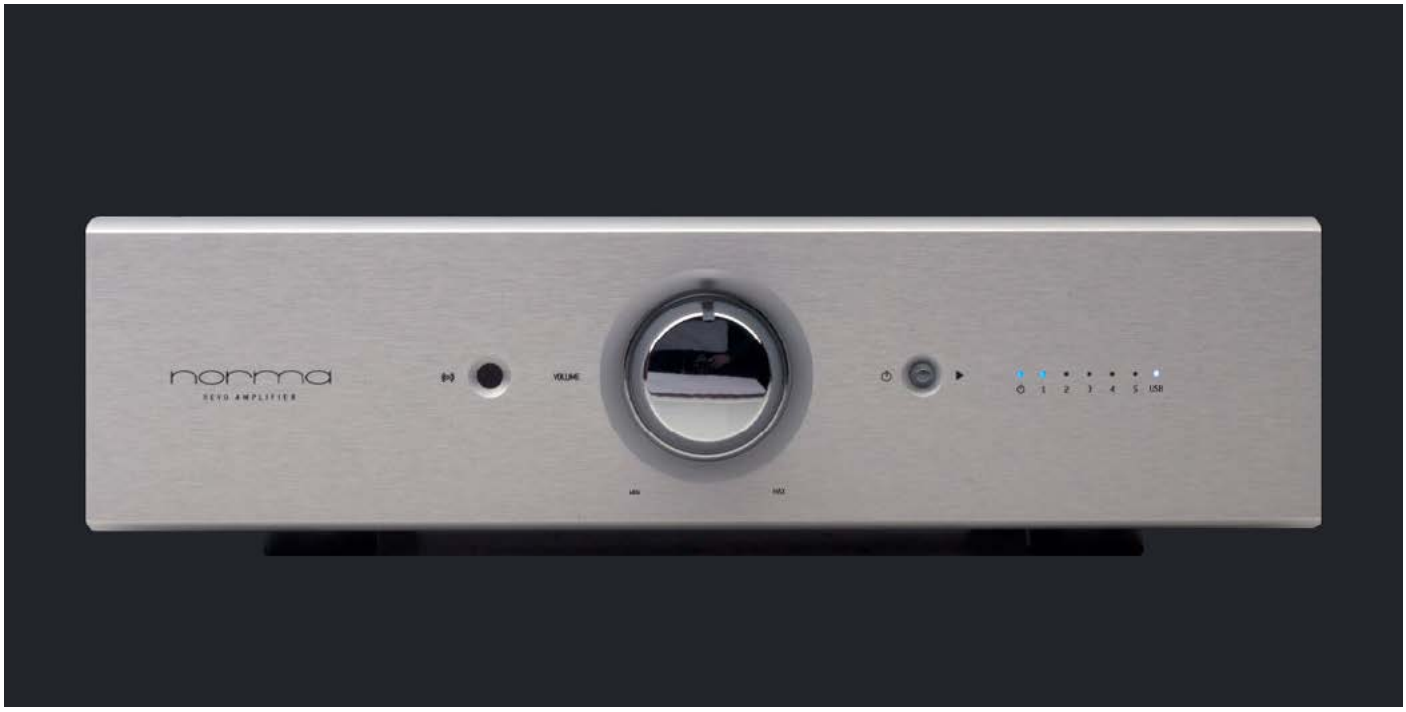
Sua apresentação da música é simplesmente o retrato sonoro mais fidedigno possível do que os músicos e o engenheiro de gravação alcançaram. Você ouvirá nuances que sequer são percebidas por outros excelentes integrados.

Não se trata apenas de recuperar micro-detalhes, mas de erros e acertos das gravações, do posicionamento dos microfones à escolha dos mesmos, da qualidade dos músicos e de seus instrumentos, e principalmente da qualidade final das mixagens e masterizações.

Pelo amor dos meus filhos, Andrette, traduz o que você escreveu!!!!!!!

Ok, vamos aos exemplos didáticos: só irá valer para os leitores que tiverem ainda as mídias físicas, pois no streamer tudo é mais pobre em termos de holografia sonora 3D, mas se quiserem tentar, boa sorte!

Ouça a faixa 22 do disco *Love* dos Beatles - *While My Guitar Gently Weeps*, do George Harrison. Não foi apenas uma remixagem dessa faixa, fizeram um lindo arranjo de cordas para o disco, que no original não existe. Na maioria dos integrados de alto nível, o naipe de cordas soa como um quarteto de cordas, o corpo é magro e o naipes soa



uníssono, é difícil de acompanhar os violinos, violas, etc. E a sensação é que a orquestra tocou em uma sala de gravação pequena.

No Norma, existe muito mais ar, e a ambiência é mais próxima do espaço físico real do estúdio, e as cordas não estão confinadas somente dentro do canal esquerdo. E o som no todo não soa tão bidimensional como em todos os outros integrados.

Mas a gravação não tem grande profundidade, com apenas o George Harrison no centro um pouco mais recuado.

Aí você escuta o nosso *Volume 15* do CDs encartado na Musician Magazine, faixa 7 - o terceiro movimento da oitava de Shostakovich, e o palco à sua frente no Norma é pleno, com largura para além das caixas, profundidade com todos os planos bem definidos, focados e recortados, e se escuta até o rebatimento nas paredes laterais dos instrumentos de sopro no centro da orquestra.

É um resultado que emociona, nos transmite realismo, conforto auditivo, materialização física da orquestra, não na nossa sala mas sim nos levando para a sala de gravação.

Ouça essa mesma faixa em outros excelentes integrados, e alguma coisa desse hiper refinamento se perde.

Claro que os excelentes integrados podem, pelas suas 'virtudes', dar ênfase a características que apreciamos, como por exemplo maior impacto dinâmico nos tímpanos, ou mais dramaticidade no rasgo dos naipes dos metais, ou ênfase na caixa, mas ter essa organização do acontecimento musical, sem desviar nossa atenção do todo, essa qualidade meu amigo é mérito das eletrônicas mais neutras, somente!

Espero ter explicado didaticamente essa questão.

O Norma é o tipo de amplificação que irá se beneficiar de 200 horas de queima, mas seu grau de prazer auditivo é instantâneo, você poderá apreciar seus discos desde o primeiro play! Nada de aguardar por dias os agudos se tornarem estendidos, os graves se firmarem e os médios se encaixarem, perdendo frontalidade.

Seu equilíbrio tonal é correto desde o primeiro segundo, e o que 200 horas aprimoram é apenas para deixá-lo ainda mais refinado, para apreciarmos ainda mais a ambiência nas altas e o deslocamento de ar nos graves.

Os médios são os que menos se alteram com a queima, mas tem um leve recuo depois do aparelho plenamente amaciado.

Seu soundstage é primoroso. Aliás, o Engenheiro Rossi tem diversos vídeos tratando de sua busca incansável por uma apresentação genuína 3D.

Acho que dentro das limitações das gravações multipista a partir dos anos 70, o que sua eletrônica alcançou é impressionante - e deveria ser referência para todos. Principalmente engenheiros de gravação, que deveriam ouvir seus trabalhos e ver como estão comprimindo excessivamente e deixando o som cada vez mais bidimensional (será esse o motivo de tentarem emplacar a qualquer custo o Dolby Atmos, o áudio 3D?).

ÁUDIO

Como diz o engenheiro Rossi, tudo é uma questão de aprimorar sua audição e ter referências do acontecimento musical real!

Ele nos mostra sem firulas ou marketing barato, o caminho das pedras para se ter em casa uma reprodução 3D holográfica - desde que a gravação tenha essa qualidade obviamente.

Nas semanas de teste do Norma, ouvi uma centena de gravações de todos os gêneros musicais e períodos. E vendo como a música a partir dos anos 70 foi ficando cada vez mais bidimensional. Com inúmeras gravações soando como se só tivessem largura e altura ou, se tiver voz, o cantor(a) está ao centro, levemente recuado(a), com os instrumentos à volta, soando todos no mesmo espaço e dentro das caixas.

Resultado, gravações comprimidas e sem nenhum arejamento, dão maior fadiga auditiva e desinteresse em ouvir novamente, principalmente em sistemas ultra transparentes.

Mas o Norma faz algum milagre com essas gravações, Andrette?

Claro que não, mas leia atentamente o que descrevi no exemplo da gravação do disco *Love* dos Beatles, e você entenderá que qualquer 'respiro' ou um foco e recorte mais correto, tornam qualquer gravação mais palatável!

Isso se traduz na nossa metodologia por ..... Folga!

Essa qualidade o Norma tem para ensinar a todos os concorrentes como fazer bem feito!

E isso, consequentemente, resgata grande parte dos nossos discos tão queridos e jogados às traças por muitos e muitos anos (principalmente depois que você iniciou sua jornada em busca de um sistema hi-end).

E chegamos ao quesito Textura!

O leigo, ou o audiófilo que preza e possui um sistema voltado para o quente eufônico, irá certamente achar as texturas 'estranhas' em uma eletrônica neutra. Mas à medida que você ouvir suas gravações preferidas, que conhece detalhadamente, irá perceber algumas nuances muito relevantes para o todo.

Pegue uma primorosa gravação de quarteto de cordas, como a do Hagen Quartet tocando o *Adagio e Fuga* de Mozart (faixa 6 e 7) e você perceberá que o perfeito equilíbrio tonal e o exuberante soundstage, com enorme espaço e imagem sonora holográfica, que nos mostram a posição exata de cada instrumento no espaço de gravação, e seu recorte cirúrgico, nos permite concentramos no quarteto à nossa frente como em uma apresentação ao vivo.

E observar a riqueza da paleta de cores dos dois violinos, da viola e do cello. E apreciar o virtuosismo do quarteto, qualidade dos instrumentos, escolha e posicionamento correto dos microfones, e a riqueza de detalhes e complexidade da escrita de Mozart.

É um deleite aos nossos ouvidos, e à nossa essência!

Esse grau de apresentação de texturas, meu amigo, só é possível quando os quesitos todos estão alinhados e atuando no mesmo nível!

E aí temos o quarto elemento dessa cadeia de acertos: a resposta de transientes. Ela precisa ser absolutamente correta em tempo, ritmo e andamento! E um excelente exemplo é o CD *Eight Plus*, do The Ron Carter Nonet. Que tão orgulhosamente lançamos, ainda no Clube do Áudio em 1997, em parceria com a gravadora Movieplay.

É uma gravação minha de referência, e esteve presente em todos os nossos Cursos de Percepção Auditiva, justamente para mostrar a simbiose entre textura e transientes.

Pois intencionalidade sem uma correta resposta de transientes, não existe. E esse disco tem várias faixas para provar essa correlação entre esses quesitos.

A faixa que uso é a sete - *El Rompe Cabeza*. Ron Carter, para esse trabalho gravado no Japão para o selo JVC, teve como formação o próprio tocando Piccolo Bass em todas as faixas, o pianista Stephen Scott, o baixista Leon Maleson, o baterista Lewis Nash, o percussionista Steve Kroon e quatro celistas: Kermit Moore, Chase Morrison, Carol Bluck e Rachel Steuermann.

Essa é daquelas gravações, meu amigo, que não faz sistema de refém. Ou o sistema passa pelo teste ou padece! Tenho histórias interessantes sobre essa gravação: desde um leitor que nos devolveu o disco, dizendo se tratar de uma gravação 'inaudível', até um leitor que deu o CD para sua empregada doméstica de tão ruim que achou.

Eu contava essas histórias, claro, após mostrar em diversos sistemas usados nos cursos, como era uma gravação crítica e exigente com sistemas pobres em resposta de transientes, soundstage e equilíbrio tonal. Pois essa faixa 7 exige demais desses quesitos.

Porém, se o sistema estiver à altura do desafio, meu amigo, é de ouvir calado e suspirando ao final!

Quem não conhece ambas faixas, fica incrédulo quando eu digo que elas podem soar sofríveis! Pois no sistema certo, soam divinas!

Como pode, todos perguntam?

Simples, basta as pessoas serem humildes e aceitarem que o problema não são as gravações, e sim seu sistema que está torto! Quantos audiófilos têm a coragem de assumir que erraram, quando podem simplesmente jogar a culpa na gravação?

O Norma reproduz esse disco do Ron Carter impecavelmente, com uma apresentação de transientes na marcação da caixa de bateria, os

staccatos dos quatro cellos e o solo do Ron Carter de maneira que você não perde uma nota sequer!

E para avaliar a dinâmica, recorri às nossas gravações sinfônicas mais usadas: Sagração da Primavera de Stravinsky, Sinfonia Fantástica de Berlioz, e coloquei uma gravação que adoro, mas fazia tempo que não ouvia - Copland - *The Music Of America* - faixa 1 - *Fanfare for the Common Man*, que também usei no Workshop.

Meu amigo, velocidade, corpo, deslocamento de ar da percussão, são de enorme impacto e correção. Não é um cofre de uma tonelada caindo no meio das suas pernas, mas é preciso e impactante, como está escrito na partitura.

E nos outros dois exemplos, idem.

Quanto à micro, sua neutralidade é a base para que ouçamos desde as nuances mais ínfimas, as mais explícitas.

Sua apresentação de corpo harmônico é uma das mais interessantes de qualquer excelente integrado que testamos nos últimos anos. Não é melhor apenas que do Sunrise Lab V8 Aniversário (que ainda nesse quesito é nossa referência), mas para gravações digitais é altamente convincente, e faz com que nosso cérebro não fique nos atormentando se aquele corpo não poderia ser maior.

E como já cantei a bola, nas gravações bem feitas no Village Vanguard, em Nova York, do pianista Bill Evans e do octeto do Wynton Marsalis, fui literalmente transportado para lá.

E materializei à minha frente o tenor José Cura, Louis Armstrong, Ella, Sinatra e Milton Nascimento.

CONCLUSÃO

Quando vimos a lista de novos integrados que estão chegando ao mercado, e seus históricos internacionais com excelentes testes, sabíamos que essa nova leva teria todas as condições de avançar ainda mais acima do limite de 100 pontos, entrando no Estado da Arte Superlativo.

E era apenas uma questão de tempo sabermos quem iria subir um degrau acima do maravilhoso V8 Aniversário da Sunrise Lab, detentor desse podium por mais de dois anos!

Essa nova referência é inegavelmente o Norma Audio Revo IPA-140. Um integrado tão refinado que não deixou muito espaço para nenhuma dúvida de sua merecida pontuação.

Trata-se de um aparelho tão surpreendente em termos de preço, performance e construção, que fica até difícil sustentar que ainda haja espaço para prés e powers com pontuação inferior ou semelhante, mas que custam provavelmente muito mais que o Norma.

Se querem que eu o defina em uma palavra, a única que me vem à mente é: Exuberante!

Se você deseja ter um sistema Estado da Arte Minimalista, e dentro da nossa realidade, faça como eu e adquira o Norma Revo IPA- 140, nossa nova referência em integrados do mercado!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HH4DSICCKDS

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZBWYY5DDB-I

AVMAG #306
KW Hi Fi
fernando@kwwifi.com.br
(11) 95442.0855
(48) 3236.3385
R$ 52.900

NOTA: 104,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO SOULNOTE A-3

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO EDITOR

SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Lançado em outubro de 2023, o integrado top de linha da Soulnote, o A-3, é literalmente o esforço de engenharia de colocar em um único gabinete o pré de linha P-3 e o power estéreo M-3.

Se conseguiram êxito integral, só saberei no dia que também testar esses dois modelos em nossa sala. Mas, segundo o fabricante, o objetivo foi integralmente alcançado!

Não vou novamente falar da filosofia dessa empresa, pois já abordei tanto no texto do pré de phono o E-2 (leia teste na edição 308), como no texto do integrado A-2 (leia teste na edição 310).

Então, tentarei descrever de forma sucinta as topologias extraídas do Pré P-3 e do Power M-3, para a fabricação do A-3. Segundo o comunicado à imprensa no lançamento do produto, os diferenciais mais importantes para sua incrível performance estão na tecnologia de separação de canais duplo-mono, como a existente tanto no P-3 quanto no M-3.

"Ao separar os sinais de controle do seletor de volume, circuito de proteção e outros relés, além dos capacitores, transformadores e componentes indutivos, conseguimos uma amplitude significativa do campo sonoro tridimensional, levando os amplificadores integrados a uma nova fronteira".

"Outro diferencial foi na configuração de acionamento do transistor TO3 (tipo Metal CAN), para garantir o fornecimento de corrente perfeito até a extremidade inferior, sem a flutuação em altas correntes (hfe), dando a música uma expressividade profunda quanto um groove emocionante".

"O estágio de saída usa um único circuito SEPP push pull com um transistor bipolar TO3 o mesmo utilizado no M-3. Ele consegue reproduzir a música sem desfoque com tempo correto de frequência das ultrabaixas às super altas".

"Uma placa de cobre leve e compacta é usada como dissipador. Esse dissipador de calor também serve como uma barramento para fornecer energia ao par de transistor TO3, sendo que os terminais dos transistores penetram na barra e são montados diretamente na placa. Isso elimina fiação e ajuda a superar a instabilidade causada pelo componente de indutância, ao mesmo tempo que evita a degradação da qualidade do som causada pela isolação".

"Para a amplificação de tensão, um circuito tipo R de estágio único de alto ganho para terra é utilizado. Resistores naked foil são usados na operação do amplificador".

"O volume de comutação de resistor é o mais simples possível e permite uma precisão cirúrgica, e os relés utilizados são personalizados RSR também de resistores naked foil, para uma performance da mais alta qualidade".

"O duplo transformador de potência toroidal tem 700 VA, e são usados exclusivamente para a amplificação de potência. E mais um terceiro transformador apenas para o sistema de controle. Os dois transformadores de potência são montados verticalmente para que as linhas do campo magnético fiquem paralelas à placa.

"Para o capacitor retificador, é usado um capacitor foil de filtragem de pequena capacitância, de alta tensão de resistência especificamen-

te selecionado, apenas 470uF. Para os diodos retificadores, são usados diodos SIC com corrente de partida aprimorada".

"A estrutura do gabinete assim como os terminais de conexão de entradas, tampa superior e inferior são todos não fixados. Sendo que o bloco que sustenta o pré e o power, possui uma estrutura deslizante lateral de três pontos com base de titânio."

Eu reproduzi as principais características do projeto, para que o leitor possa entender um pouco de onde virá o incrível resultado sonoro deste amplificador.

O A-3, segundo a Soulnote, é classificado em 120 Watts em 4 ohms, o que sugere que tenha 60 Watts em 8 ohms. A resposta de frequência vai de 2 Hz a 200 kHz (mais ou menos 3dB), enquanto a distorção harmônica é de 0.27% (1 Watt / 8 ohms) e a relação sinal ruído é de 110 dB.

Ao ver as fotos do A-3 aberto, duas coisas me chamaram atenção: a limpeza na construção das placas e a quantidade de capacitores por canal: 96 no total!

Em termos de conectividade, as opções são: três entradas XLR e três RCA. Sendo uma entrada by-pass de volume. Os bornes de caixa são de qualidade premium, e aceitam plugue banana, forquilha e desencapado.

No painel frontal, o A-3 tem, ao centro, uma pequena janela para indicar entrada e volume, pequenos LEDs que mostram o status de Bypass e Record Out. Um pequeno botão de mute, um interruptor on/off, e dois botões maiores: o da esquerda de entradas, e o da direita de volume.

O acabamento é deslumbrante, e seus 31 kg mostram sua solidez e nível de construção!

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: BlueKey Acoustics Model 1 (leia teste na edição 311), Wharfedale Aura 2, Yamaha NS-5000 e Estelon X Diamond Mk2. Cabos: Dynamique Apex de caixa e interconexão. Fonte digital: Nagra TUBE DAC, Streamer Nagra e Transport CD Nagra. Fonte analógica: Origin Live Sovereign Mk4, braço Enterprise Mk3, e cápsula ZYX Ultimate Astro G, com pré de phono Soulnote E-2.

O A-3 veio com 25 horas de amaciamento, e tive a companhia do amigo Heber para a colocação do 'peso pesado' no rack. Ligamos nas Estelon e ficamos nos olhando, pasmos de onde vinha tanto refinamento, naturalidade e prazer auditivo!

Receber produtos com este nível de performance assim que é ligado, é um enorme problema! Pois irá exigir semanas para sabermos o seu 'teto'.

Muitos de vocês devem supor que seja o contrário, produtos superlativos que já saem apresentando seus 'pergaminhos' é o máximo! Sendo que a realidade é justamente o oposto, pois para não cometermos nenhum tipo de injustiça com sua pontuação final, precisamos redobrar os cuidados e a quantidade de produtos que iremos usar para ouvi-lo, para saber seu graus de compatibilidade com diversas caixas e eletrônicos, e buscar seu 'ponto fraco' - se o tiver.

Outra questão importante foi saber o que alteraria com 100 horas de amaciamento, e se haveria ainda melhoras significativas. E elas apareceram, tanto com 100 horas, como até o amaciamento final com 180 horas. A partir daí, o A-3 se estabilizou completamente e não teve mais nenhuma alteração em sua performance.

Seu equilíbrio tonal é um misto de surpresas agradáveis e inúmeros espantos!

Pois quando você acha que os integrados acima de 100 pontos já atingiram um nível mais do que satisfatório, vem um novo integrado para mostrar que o 'buraco é ainda mais fundo'!

Esse é o A-3, com seu equilíbrio tonal pleno, que consegue lhe fazer abrir um enorme sorriso com sua apresentação na fundação de graves, como ampliar sua percepção auditiva dos médios, que parecem mais precisos e comunicativos – ou seria melhor 'expressivos'? E uma reprodução de agudos ultra refinada e extensa.

Sabe quando se muda de padrão de referência? O A-3 é esse exemplo!

Tudo feito com precisão, que parece que todas as caixas usadas se beneficiaram desse incrível equilíbrio tonal.

Se você voltar alguns parágrafos, na descrição do fabricante sobre características resultantes da topologia escolhida, você lerá que a amplitude do soundstage passou para uma nova fronteira.

E eles não mentiram, amigo leitor. A imagem 3D do Soulnote A-3 é realmente uma referência a ser estudada por todos os outros fabricantes que almejam integrados de padrão superlativo.

Os planos são absolutamente retratados como foram gravados e mixados. O foco e recorte dos solistas e vozes principais, chegam a ser assustadores pelo grau de precisão cirúrgica. Mostrando detalhes dos cantores se afastando e se aproximando do microfone, nos levando a 'ver' o que estamos ouvindo!

E se você, como eu, sabe da importância da reprodução de ambiência, para nosso cérebro fazer a relação exata do tamanho de sala, número de músicos existentes naquela gravação e sentir a respiração do ambiente, fica difícil ouvir depois essas gravações em outro integrado.

As texturas não são apenas apresentadas em detalhes, elas nos são expostas como se estivéssemos novamente vendo o que estamos ouvindo. O efeito que isso causa ao nosso cérebro é impactante, pois ele se convence que aquilo que nos está sendo mostrado é o mais próximo possível da realidade da reprodução eletrônica nos dias de hoje.

ÁUDIO

Por isso que dou risada quando vejo defensores de equipamentos vintage, falarem com a boca cheia que nada se fez de novo em termos de amplificação nos últimos 30 anos!

Eles precisam ouvir com atenção qualquer um dos integrados dessa nova safra com mais de 100 pontos, para caírem na real.

Descrever o grau de intencionalidade deste integrado é até difícil, pois você realmente irá ouvir com total clareza as diferenças de um músico esforçado para um virtuose, assim como a qualidade dos instrumentos e microfones.

O projetista, Kato San, bate muito na questão de tempo da música, e coloca esse quesito como essencial para que nosso cérebro relaxe plenamente e se entregue ao que está ouvindo.

Poderia dizer que no A-3 nada se perde e tudo é recriado integralmente como foi captado.

Sua autoridade em mostrar tempos e alterações de andamento é outra excelente referência para todos os seus concorrentes diretos, ou que aspiram desenvolver um integrado deste nível.

O que mais me surpreendeu na reprodução da macro-dinâmica é que não há esforço ou suor e sangue. Tudo é feito à medida que a música exige, nunca mostrando 'os dentes' antes do momento exigido. Isso é reconfortante, pois é assim também em uma apresentação ao vivo, vem os fortíssimos e você só se dá conta quando estão realmente ocorrendo.

E a micro, meu amigo, pelo seu grau de silêncio de fundo e transparência, nada lhe passará incólume. Se está na gravação, prepare-se para ouvir.

Sua reprodução de corpo harmônico o levará a nunca mais duvidar da importância deste quesito para levar seu cérebro (se possui a referência do instrumento tocado ao vivo) a acreditar que está frente a frente com o instrumento real, e não a um 'arremedo' do instrumento reproduzido como uma pizza brotinho.

Some todas as qualidades de todos esses quesitos, e imagine como será a apresentação de organicidade pelo A-3. Consegue imaginar?

Espero que ele esteja no Workshop para todos vocês poderem conhecê-lo, e constatarem tudo que aqui compartilhei.

Os músicos estão literalmente na sua sala – nas gravações excelentes. E, em algumas, você é que será transportado para a sala de gravação.

CONCLUSÃO

Pelo teste do amplificador integrado Soulnote A-2, foi possível ter um vislumbre do que poderia ser o A-3. Mas, por mais que tivesse me preparado, o impacto foi muito maior.

Pois o A-3 pertence a um outro estágio de performance, que nenhum integrado avaliado até aqui apresentou.

Ele está muito mais próximo de um pré e power de nível superlativo do que dos integrados. Isso o coloca em uma situação privilegiada em relação aos concorrentes diretos, que pelo seu preço não devem ser muitos.

Se você tem bala para um integrado deste nível, e está pensando a muito tempo em 'simplificar' seu sistema, mantendo o mais alto nível de performance, sugiro uma audição do Soulnote A-3.

Você pode, a partir dessa audição, ter a certeza de que já é possível adquirir um integrado Estado da Arte acima de 105 pontos!

O único cuidado será com o casamento com a caixa, e o tamanho da sala. Pois caixas de baixa sensibilidade e famintas por Watts, não serão o par ideal para ele.

Tendo esse cuidado, não vejo como não ser seduzido por esse belo amplificador integrado!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6BON3ZJIRES

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V8CH_KS8D9I

AVMAG #312
Ferrari Technologies
heberlsouza@gmail.com
(11) 9947.11477
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001
R$ 195.000

NOTA: 106,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

VITUS AUDIO

PARA SEMPRE, AGORA.

Levamos vários anos para obter uma base de produtos que possam ser considerados definitivos.
Para nós, o som tem que emocionar nossa audição, tato e visão. Seja com um produto
de nossa série Referência, Signature ou a série Obra Prima.
Nosso mais alto objetivo é liderar e não, seguir .

@WCJRDESIGN

RI-101 MK.II
Integrated Amplifier
Reference Series

SCD-025 Mk.II
CD Player
Signature Series

SM-011
Monaural Power Amplifier
Signature Series

MP-M201 Mk.II
Monaural Power Amplifier
Masterpiece Series

A verdadeira *experiência* da música.

german

curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

ÁUDIO

AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-1175 MKII

Fernando Andrette

Nossos leitores assíduos sabem que a empresa Italiana Gold Note é frequentadora desta publicação, com inúmeros testes já publicados, como dos prés de phono PH-1000 e PH-10, do pré de linha DS-10 em um excelente pacote que ainda inclui streamer e DAC, e o integrado IS-1000.

Todos com uma excepcional relação custo/performance e um design moderno e sóbrio.

Da linha de eletrônicos, faltava-nos testar o power estéreo top de linha, o modelo PA-1175 MkII, com um gabinete idêntico ao do pré de phono PH-1000, porém muito mais pesado que este.

Segundo o fabricante, o PA-1175 MkII não é apenas mais um amplificador de potência estéreo, e sim o modelo que substituiu o premiado amplificador Demidoff Signature Anniversary.

Com uma nova topologia, ele utiliza a tecnologia BTL (Bridge-Tied-Load) para que se assim o usuário desejar, passar a funcionar como um power em 'bridge', mono, dobrando sua potência para 520 Watts por canal. Em estéreo, ele dá 200 Watts em 8 ohms.

Outro interessante diferencial (também existente no IS-1000), é o interruptor de Damping Factor, que configura o power em 250DF ou 25DF, para casar-se com qualquer tipo de falante. Em 250DF, ele garante um maior controle para caixas mais difíceis de 'domar', enquanto em 25DF atua mais como um amplificador de baixa potência, ideal para acionar caixas de alta sensibilidade.

Como toda a linha premium da Gold Note, o gabinete é todo de alumínio escovado, disponível em três acabamentos: prata, preto e dourado.

Ele pesa 22 kg, e é interessante que seja desembalado muito próximo de onde será colocado, ou se precisar ser transportado, que tenha a ajuda de uma segunda pessoa.

Trata-se de um Classe A/B com 80.000uF de capacitância na fonte de alimentação, dando-lhe folga para variações dinâmicas intensas.

Voltando ao transformador, este possui um núcleo espiral cortado para reduzir todo tipo de vibração mecânica, o que é essencial para salas silenciosas como a nossa de Teste.

Como, ao final, utilizamos um par em mono para sentirmos as diferenças sonoras e dinâmicas entre o estéreo e mono, pudemos realmente constatar o silêncio de seus transformadores, mesmo após dias e muitas horas de uso.

Seria muito bom se muitos dos concorrentes avaliassem a 'técnica' empregada pela Gold Note para seus transformadores serem tão silenciosos.

No painel frontal temos apenas dois pequenos botões do lado esquerdo. O da ponta para ligar e desligar o aparelho, e ao seu lado para definir o fator de amortecimento desejado para casar-se melhor com as caixas.

Já no painel traseiro, temos os excelentes bornes de ligação para as caixas, a tomada IEC, botão para ligar o power, entradas RCA e XLR, e um pequeno interruptor que possibilita converter o power de estéreo para mono. Dois LEDs vermelhos irão indicar se está em estéreo ou mono.

Para a ligação em mono, o manual felizmente dá todas as dicas para você não errar. Então não acione apenas a chave para mono, pois

você precisará refazer a conexão nos bornes da caixa para os pinos positivos, em ponte, para que a saída esteja em fase.

Para o teste utilizamos os prés de linha Nagra Classic e o Audiopax Reference (leia teste na edição 311). As fontes foram: Streamer Nagra e Innuos ZENmini Mk3, com os DACs Nagra TUBE DAC e Ferrum Audio Wandla (leia teste na edição 310). Fontes analógicas: prés de phono PH-1000 da Gold Note, E-2 da Soulnote (leia teste 2 na edição 308), e Lehmann Audio Black Cube II (leia teste na edição de março de 2025). Toca-discos: Reloop Turn X (leia teste na edição de março de 2025), e o nosso setup de referência com Origin Live Sovereign Mk4 com braço Enterprise Mk3 de 12 polegadas, e cápsula ZYX Ultimate Astro. Caixas acústicas: Wharfedale Aura 2, Marten Oscar Trio (leia teste 1 na edição 313), Yamaha NS-5000, e Estelon X Diamond Mk2.

O teste inicialmente foi feito apenas com uma unidade, em estéreo.

O fabricante fala em 200 horas de amaciamento para você realmente desfrutar de sua qualidade sonora. Antes desse tempo, li vários testemunhos que acharam o som 'contido' ou tímido.

Confesso que não tive essa impressão, e talvez muitos não tenham feito uso do fator de amortecimento para ajustar o casamento com a caixa.

O que posso dizer a vocês é que o amaciamento será importante para soltar as amarras que seguram o amplificador, nas duas pontas.

O grave parece engessado e falta arejamento nos agudos. Mas nada que te impeça de passar o período de queima ouvindo-o. Para tanto, será preciso se sentar, escolher algumas faixas e ver em qual das duas opções de fator de amortecimento sua caixa soa mais coesa com o power.

Felizmente, aqui, das quatro caixas utilizadas, todas ficaram melhores e mais à vontade com 250, e não 25. Assim como o integrado IS-1000, e o pré de phono que tão bem conheço, o PA-1175 MkII está muito mais para uma assinatura sônica neutra do que eufônica ou ultra transparente.

E tenho absoluta certeza de que, para os que ainda não se acostumaram com essa 'terceira via', a sensação é de quem aprecia um som mais 'quente' ou que seja ultra transparente, irá estranhar essa assinatura sônica, até entender as vantagens da neutralidade.

E constatei isso tanto em fóruns, como em um dos testes que li desse power que dizem que sua sonoridade é certa, mas contida, ou muito 'comportada'.

Confesso que ri com essas conclusões, pois ao mesmo tempo que o audiófilo usou o termo 'comportado', logo depois ele se contradisse, ao afirmar que sua macro-dinâmica possuía excelente folga. Ora, uma apresentação 'comportada' dificilmente terá muita folga em picos dinâmicos, concorda?

Mas, enfim, isso são conclusões geralmente de quem ou não tem experiência suficiente, ou falta-lhe método e referência. Só que essas opiniões ficam registradas por anos em fóruns e podem levar inúmeros leitores a conclusões equivocadas.

Continuemos…com duzentas horas, os graves irão ganhar corpo e mais peso, e os agudos ar e melhor extensão.

Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!

O novo painel acústico Pererî oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.

hi-fi experience

www.hifiexperience.com.br

ÁUDIO

Com todas as fontes utilizadas, e com qualquer um dos dois prés de linha, o Gold Note se casou muito bem. Assim como com as caixas - exceto a Estelon, que é uma caixa mais 'gulosa' que o power em estéreo penou para tocar (o problema foi integralmente resolvido quando ligado em mono - aí foi 'mamão com mel'!

Seu equilíbrio tonal é muito correto, médios muito bem definidos, com um grau de inteligibilidade excelente. Graves também corretos, limpos, com excelente recorte e velocidade, e agudos sem nenhum excesso de brilho ou dureza.

Não esperaria nada menos que isso de um Gold Note, pois mesmo na série mais simples, essas qualidades já estão presentes em termos de equilíbrio tonal.

O soundstage é impecável, tanto em termos de planos, como de largura, profundidade e altura, e de recorte e foco.

As texturas estarão lá, basta que as fontes e o pré de linha estejam no mesmo nível que o power. É excelente a apresentação da paleta de cores dos instrumentos, e há uma boa intencionalidade.

Os transientes, em todos os eletrônicos Gold Note que avaliei, são padrão hi-end. Você não terá a menor dificuldade em acompanhar tempo, ritmo e variação de andamento.

A macro-dinâmica é correta, e a micro idem, mas se você quiser mais impetuosidade, transforme-o em mono e terá toda 'volúpia' que desejar.

O corpo harmônico é nível Referência, e a materialização física do acontecimento musical à sua frente só dependerá da qualidade de gravação. Tendo-a, os músicos irão, todas as noites, tocar exclusivamente para você.

CONCLUSÃO

A Gold Note vem conquistando seu espaço e reconhecimento, sem fazer alarde ou dar passos maiores que as pernas.

Suas armas são: preço, acabamento, design e, claro, performance.

Como já escrevi na conclusão de outros produtos deste fabricante, o que surpreende o ouvinte é o quanto ele é correto sem possuir em sua performance arestas ou pontas soltas.

Ele é justo no pacote que entrega ao consumidor, e cumpre com o que apresenta. Seus produtos são robustos, muito compatíveis com produtos de outros fabricantes graças ao seu alto grau de neutralidade.

E se o audiófilo desejar, a Gold Note pode oferecer um sistema completo da fonte digital ou analógica até as caixas acústicas, o que irá garantir sua assinatura sônica neutra em todas as etapas da cadeia.

Se você busca um power com uma assinatura sônica mais neutra para o seu sistema, você deve ouvir o PA-1175 MkII.

Ele pode ser aquele elo que você procura entre suas fontes e suas caixas.

E se você desejar maior folga dinâmica, e tiver salas maiores e caixas também mais exigentes, um segundo PA-1175 MkII resolverá o problema, com a vantagem de custar muito menos que inúmeros powers estéreo da concorrência.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WDDQIRWRNOE

AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-1175 MKII (EM ESTÉREO)

NOTA: 98,0

ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR GOLD NOTE PA-1175 MKII (EM MONO - BRIDGE)

NOTA: 100,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

AVMAG #313
German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R$ 82.655 (unidade)

Dynavector

A harmonização entre tecnologia e paixão

A Dynavector é altamente conceituada como fabricante das melhores cápsulas fonográfas de bobina móvel (MC), de alto desempenho. E da fabricação de um braço revolucionário biaxial exclusivo baseado em teorias tecnicamente avançadas e exclusivas. Se você deseja extrair o maximo de seu sistema analógico conheça todas as nossas opções e descubra qual irá levar seu setup para o próximo nível de performance .

@WCJRDESIGN

DV DRT XV-1t

DV 20X2A-H/L

Te Kaitora Rua

DV 10X5 MkII

KARAT 17DX

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

KW Hi-Fi

KW HI-FI @KWHIFI KW HI-FI

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

WWW.KWHIFI.COM.BR

DISTRIBUCTOR.KWHIFI.COM.BR/

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS REGA AYA

Fernando Andrette

Quando eu estava na revista Audio News, realizamos o evento Audio Show e, em seu segundo ano, conheci a caixa da Rega Ela Mk2 Xel, lançada em 1992 - se não me engano.

E fiquei impressionado como aquela pequena coluna de duas vias tinha um grau de sedução para vozes e instrumentos acústicos, impossível de não notar e não se encantar.

Tanto que, ao testá-la, acabei ficando com o par para o meu segundo sistema (que ficava em uma sala menor) por quase uma década!

Então, ao contrário de muitos audiófilos que tiveram seu primeiro contato com os toca-discos deste fabricante inglês, eu comecei a conhecer a fundo a 'filosofia' de Roy Gandy pelos seus sonofletores, inicialmente.

Então, ao saber do lançamento das caixas Aya, com seu gabinete exótico de concreto e vidro, tive curiosidade, e a certeza de que deveria testá-la.

Nas fotos parecem maiores do que são ao vivo. Com apenas 87cm de altura, e apenas 14 kg, ela será muito fácil de instalar e ajustar em qualquer sala, e garanto você irá agradecer essa facilidade de manuseio, pois elas são bastante exigentes com o posicionamento.

A escolha de concreto para a construção de gabinete não é nada comum, e o uso de fibra de vidro para dar mais rigidez ao gabinete, menos ainda.

A Rega diz que optou por essa escolha pelo fato de conseguir o mesmo resultado em termos de performance que com MDF, que é muito mais caro. E em termos de design, este gabinete permite variações de formatos que seriam impossíveis no MDF.

Apenas o painel frontal é feito de MDF, com um invólucro de vinil que imita o alumínio escovado e dá um efeito visual interessante quando se joga luz em cima da caixa.

Os pés, que dão a sustentação, são feitos de metal, mas diria para ainda assim terem cuidados com crianças pequenas e animais de estimação de grande porte. Quanto às crianças, um outro detalhe: a Aya não tem tela de proteção para os falantes, então será um convite e tanto para dedinhos curiosos.

A Rega optou por uma topologia de duas vias e meia, com um tweeter ZRR desenvolvido pelo fabricante, um falante de médio-grave de 5 polegadas e um woofer de 7 polegadas. Ambos com cone de papel tratado - usado em todos os seus falantes desde 1990.

O pórtico de graves fica abaixo do falante de 7 polegadas, e não existe a possibilidade de bicablagem na Aya.

Segundo o fabricante, sua sensibilidade é de 89dB, e sua impedância nominal de 6 ohms. Ou seja, é uma caixa compatível com qualquer amplificador de no mínimo 50 Watts, para salas de até 16m².

O fabricante não fornece dados sobre sua resposta de frequência, então tivemos que descobrir ouvindo.

Para o teste, utilizamos os integrados Rega Elex Mk4 (leia teste na edição 311), Norma Audio Revo IPA-140, e Soulnote A-3 (leia teste na edição 312). Fontes digitais: Streamers Nagra Innuos ZENmini Mk3, e DAC Wandla da Ferrum Audio (leia teste na edição 310). Os cabos de caixa foram o Virtual Reality Trançado.

A primeira dica importante: você vai precisar de paciência para o amaciamento, que será longo e gradativo. A Aya, quando instalada, será uma decepção quase que mortal! Pois os graves estão travados e os agudos engessados. Só tem médio!

Mostrar em um Show Room a Aya sem amaciar será um tiro no pé. Imagine, então, convidar os amigos audiófilos para escutá-la com dez horas de queima?

Será munição para falarem mal de sua escolha por anos!

Mas ela não soará assim para sempre. Dê o tempo certo, e ela irá florescer e mostrar que o investimento valeu a pena.

Segunda dica: se gostas de ouvir em volumes altos, e seu gosto musical está mais para Thrash Metal, esqueça-a, pois ela não foi projetada nem para tocar em nível de PA e muito menos tocar Thrash Metal.

Mas, se sua coleção de discos está mais para obras acústicas, vozes, pop e rock bem gravados, trios, quartetos, quintetos, jazz, blues e MPB, então ela pode ser uma sonora surpresa para você.

Terceira dica: no posicionamento elas precisam, apesar de seu tamanho, serem instaladas simetricamente na sala e, no mínimo, com 2.5m entre elas e 50cm das paredes laterais, e 80cm das paredes às costas.

Quarta dica: ela se sentirá à vontade em salas de 10 a 16m², com um amplificador de no mínimo 50 Watts e uma fonte digital ou analógica de bom nível, pois depois de amaciada, ela irá te surpreender com seu grau de detalhamento e musicalidade.

Quinta dica: esqueça as primeiras 100 horas, pois ela irá melhorar muito pouco e fará os ansiosos quererem jogá-las pela janela.

Mas, se acredita em amaciamento, não fará tamanha besteira e irá esperar as 180 horas mínimas para descobrir que seus graves irão desabrochar e seu agudo sairá da profunda hibernação de fábrica.

Sexta dica: enquanto espera a transformação de Patinho Feio em Cisne, você pode ir ajustando o posicionamento ideal delas na sua sala, mas deixando o ajuste fino apenas para quando ela estiver totalmente amaciada.

E quanto tempo esse processo leva, Andrette? Aqui foram 250 horas, e até 320 horas ainda ocorreram ajustes pontuais (no encaixe do médio-alto com o tweeter).

ÁUDIO

Se você for capaz de domar sua ansiedade, e se lembrar que a caixa custou menos de 15 mil reais e tem uma assinatura sônica muito convincente e sedutora, você passará de um ouvinte frustrado, para um ouvinte realizado!

Seu equilíbrio tonal depois de amaciado tem graves com peso, articulados, velozes e convincentes. Sua região média é seu ponto forte. Possui um grau de naturalidade e presença muito intenso, e os agudos, se não são a última palavra em extensão, cumprem bem com o seu papel de não soarem sujos ou brilhantes.

Se isso para uma caixa de menos de 15 mil reais é o que você procura, você achou o par perfeito para sua sala, gosto musical e eletrônica.

Seu soundstage, quando bem posicionada, possui excelente largura, boa profundidade, mas a altura será mais para uma book do que uma coluna. Mas existem maneiras de se contornar a altura, com menos toe-in, deixando-as quase paralelas com as paredes laterais, e no máximo 15 graus voltados para o ponto de audição - aí a altura será um pouco melhor.

Texturas, assim como no equilíbrio tonal, serão fáceis de notar, principalmente a paleta de cor dos instrumentos.

Os transientes são precisos e com ótimo ritmo e andamento, nenhum complicador em termos de inteligibilidade, mesmo em gravações difíceis com enorme variação de velocidade e andamento.

A dinâmica será obviamente melhor que de uma book, porém com limitações de tamanho dos falantes e do gabinete. Mas nada que impeça de ouvir com gosto os crescendos, desde que em volumes corretos.

Já a microdinâmica é bem apresentada, porém sem aquele grau de transparência que tantos apreciam.

Fiquei surpreso com a apresentação do corpo harmônico de instrumentos como órgão de tubo, tuba, piano e contrabaixo. As pequeninas são valentes ao mostrar o tamanho desses instrumentos!

Colocar os músicos à nossa frente, dependerá mais da qualidade das gravações e da eletrônica. Se estiver presente essa qualidade, a Aya será capaz de apresentar a música como se estivesse ali à nossa frente.

CONCLUSÃO

Hoje o leitor encontra excelentes opções de caixas bookshelf e de colunas até 15 mil reais no mercado.

Então o melhor a fazer antes de sair comprando, é ouvir com calma e com seus discos de referência. Munido de paciência, garanto que haverá uma opção que atenda ao seu gosto e bolso.

O que a Rega Aya tem de diferenciado em relação à concorrência?

Sua assinatura sônica está mais para o eufônico que o neutro ou transparente, sua compatibilidade com amplificadores a partir de 50 Watts, e sua facilidade e equilíbrio para tocar tanto em volumes reduzidos quanto em volumes certos e seguros.

Com a eletrônica certa, será um deleite escutar música na Aya.

Tenha a paciência para esperar seu amaciamento integral, e te garanto que ela poderá te surpreender!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=V8LOEZMTBTE

AVMAG #312
Alpha Áudio e Vídeo
bianca@alphaav.com.br
(11) 3255.9353
R$ 14.900

NOTA: 83,0

ESTADO DA ARTE

@WCJRDESIGN

AUDIOVECTOR

A EVOLUÇÃO DE UMA SÉRIE CONSAGRADA

A série QR da Audiovector veio para quebrar paradigmas e restabelecer o padrão de entrada de caixas Hi End. Depois de inúmeros prêmios e excelentes reviews, queremos manter a série QR como a melhor opção do mercado de caixas de entrada Hi End. Todos os novos modelos QR Especial Edition, utilizam novos capacitores, para fornecer um sinal ainda mais limpo e natural em todo o espectro audível. Os novos falantes de grave, tem ainda uma menor distorção com o uso de imã duplo. Sua sensibilidade permite alta compatibilidade com amplificadores de estado sólido ou válvula possibilitando a série QR Especial Edition com essas inovações, possibilitar ao ouvinte sentir a música.

A AUDIOVECTOR É UMA EMPRESA FAMILIAR
COM SEDE EM COPENHAGEN, DINAMARCA

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
(11) 98369.3001

FERRARI TECHNOLOGIES

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS MOFI SOURCEPOINT 8

Christian Pruks

O projetista inglês - radicado nos Estados Unidos - Andrew Jones, é uma espécie de superstar da área de áudio. Como sua fama só aumenta, logo ele vai estar pedindo toalhas de 36 cores diferentes e um milhar de M&Ms de uma cor só, para participar de Hi-End Shows mundo afora… rs…

Brincadeiras à parte, seu trabalho projetando caixas é muito coerente e constante em sua evolução e qualidade. E aqui na revista, ao longo dos anos já publicamos testes de várias caixas projetadas por ele - desde uma torre da Pioneer (ainda não apareceu no mercado uma substituta para essa torre em termos de correção pelo preço), passando por vários modelos de várias linhas da Elac e, agora, as caixas MoFi.

Muitos dos modelos que testamos dele, estão entre nossas caixas preferidas em suas categorias - e, em uma época ou outra, as usamos e indicamos como ‘best buy’.

E as SourcePoint 8 são, com certeza, um bocado ‘best buy’!

Reitero o que disse o Fernando Andrette no teste da SourcePoint 10, sobre o quanto a assinatura sônica, o tipo e a capacidade da caixa acústica, fazem dela o primeiro elo que tem que ser escolhido na montagem de um sistema de áudio - afinal a caixa ‘fala’ com a sala, então é preciso que as duas se entendam, para dizer o mais básico. A avaliação correta de todas as opções do mercado que estiverem dentro do orçamento do audiófilo melômano, pode significar a diferença entre um sistema que arrebatará o usuário, ou não!

A Mobile Fidelity é uma empresa que começou em 1977, nas mãos do engenheiro Brad Miller, a fazer a remasterização e a prensagem especial de 'versões' audiófilas de numerosas gravações em vinil - a partir de fitas master (originais ou não) muito bem tratadas. Depois, alguns desses remasters também saíram em CD e SACD. Em 1999, a Mobile Fidelity estava mal das pernas, e acabou sendo comprada por Jim Davis, proprietário da Music Direct - um dos maiores varejistas de equipamentos de áudio, discos e acessórios para o mercado de alta-fidelidade.

A Music Direct, na forma da MoFi, de uns anos para cá abriu seu ramo de eletrônicos, desenvolvendo toca-discos (sob a tutela de Allen Perkins da Spiral Groove), cápsulas (com a Audio Technica), prés de phono e, agora, as caixas acústicas sob o comando do Andrew Jones - já chegando no terceiro modelo da linha SourcePoint.

As caixas MoFi SourcePoint 8 são grandes bookshelfs de duas vias, com um woofer de 8 polegadas com cone de papel e borda de tecido - conhecida como "borda seca". O tweeter de domo de tecido de 1.25 polegada é montado no centro do cone do woofer, de maneira chamada de concêntrica, ou coaxial. O falante todo, cone, bobinas, magnetos leves de neodímio, gabinete com excelente travamento, o belo acabamento, a frente multifacetada para melhor reflexividade e dispersão, tudo isso é fruto dos melhores e mais construtivos pensamentos do Andrew Jones - e, de tudo que eu ouvi que ele desenvolveu até hoje, é a caixa mais bem bolada e com o melhor resultado sonoro.

Sua sensibilidade é um pouco baixa, com 87dB, mas sua curva de impedância é bem alta (nominal de 8 ohms, com mínimo de 6), o que faz dela uma caixa bastante fácil de tocar. O tweeter domo cortado bem baixo (1.6kHz) deixa bem limpa e correta a área bastante crítica dos 2 aos 4kHz - onde normalmente fica o corte do tweeter.

Um dos problemas comuns de se fazer o woofer concêntrico com o tweeter, é que o movimento excessivo do cone atrapalha um bocado os agudos, já que o cone serve de guia de ondas para o tweeter. Jones chegou no melhor compromisso desse problema, partindo para woofers maiores com 'borda seca', que resultam em bons graves com menor excursão do cone - aliás, em uma sala de tamanho normal, fazer o woofer delas mexer, dá um trabalho considerável…rs.

Talvez esse woofer maior e com menos movimento, resulte nos seus ditos 47Hz apenas de resposta de frequência de graves - mas, não só Jones geralmente é conservador nas especificações de suas caixas, como aqui no meu sistema, eu consegui medir manifestações significativas de graves começando em 35Hz (claro que resposta 'em sala' sempre dá mais graves) ouvindo música eletrônica, órgão de tubos e outras gravações de percussão.

E, em quase todas as gravações, tive resposta extremamente satisfatória em 40Hz. Esses resultados são bons até para muitas caixas tipo torre que têm no mercado, e muito boas para quase todos os estilos musicais.

Uma coisa que foi interessante, à título de comparação, foi que ouvi as SourcePoint 8 no mesmo ambiente e sistema onde uso as torres Elac Debut 2.0 F5.2 - cujo gabinete tem o mesmo volume que as SourcePoint: 42 litros. As Elac usam 3 woofers de 5 polegadas em cada uma, e as MoFi têm um woofer só de 8 polegadas. O fato é que a Elac tem um pouquinho (pouco mesmo) a mais de extensão de graves - que se nota apenas dependendo do instrumento que se ouve, e as MoFi tem bastante mais corpo e peso nos graves.

Projetos bem diferentes, sendo que a MoFi também é uma caixa que está em um nível de referência bastante mais alto. Ela até ganhou o prêmio da EISA - Expert Imaging and Sound Association - de melhor caixa bookshelf 2023-2024.

Uma coisa que eu descobri mexendo na SourcePoint 10 - e que acontece igualmente na 8 - é que não existe um consenso na Internet, e entre numerosos reviewers, sobre qual o melhor toe-in (angulação das caixas em direção ao ouvinte) para esses modelos. Uns dizem que é para por uma enormidade de toe-in, apontando os tweeters, retinho, para a sua cara - o que resulta no larguíssimo palco da Orquestra Sinfônica de Chicago ficar parecendo que os músicos estão todos na sacada de um apartamento.

A questão é a seguinte: a resposta de frequência mais pura que uma caixa pode prover é medida reto, de frente, no eixo. Quanto mais se desvia para a esquerda ou direita, mais direcionalidade o tweeter perde, diminuindo sua intensidade e até criando problemas de fase entre tweeter e mid-woofer, em algumas caixas.

Acontece que isso é uma situação especial, em um ambiente especial, durante medições. A situação em uma sala real em um sistema real, difere de numerosas maneiras. Caixas de melhor qualidade trazem menos perda na direcionalidade ao se afastar do eixo, e a acústica da sala muda bastante essa resposta também, além do amplificador usado também trazer resultados diferentes: eu já tive que mudar toe-in e até mudar posição das caixas, ainda que pouco, por causa da troca de um amplificador.

Outras correntes dizem que você deve deixar as SourcePoints retas, viradas para frente, com zero de toe-in - uma posição que serve para muito poucas caixas, e que nas MoFi vai ser boa ou ruim de acordo com a acústica do local onde elas forem ser usadas, e de acordo com o tamanho do local.

A angulação de toe-in que eu acabei usando nas MoFi 8, em uma sala de menores dimensões, foi pequena: um meio termo entre deixar

ÁUDIO

as caixas retas e o ângulo um pouco maior usado para a maioria das caixas - até porque, a dispersão das MoFi é ótima!

A posição das caixas vai variar de sala para sala - mas o guia básico diz: afaste as '8' das paredes ao fundo em pelo menos uns 60 a 80 cm, para começar os ajustes. E aqui, elas ficaram uns 10 centímetros mais para frente do que as Elacs estavam, pelo menos.

E não ponha as MoFi perto do canto, e nem perto da parede lateral - uns 45cm pelo menos de recuo lateral.

SISTEMA

A sala que foi usada no teste é uma sala normal de uma casa, com 4 por 5 metros de dimensão. O equilíbrio acústico dela se dá por ela ter uma boa quantidade de móveis, não deixando nuas muitas superfícies lisas e reflexivas, e com cortinas e estofados ajudando. Assim como a irregularidade das superfícies das estantes e de seus conteúdos, causam um pouco de difusão, o que ajuda. Falo isso, porque é o que a maioria das pessoas têm disponível, então tem que ser o melhor aproveitado possível.

O sistema usado no teste foi composto do amplificador integrado - com DAC e streamer internos - Gold Note IS-1000, com caixas acústicas torre Elac Debut 2.0 F5.2, e toca-discos MoFi Studiodeck +M (com várias cápsulas) ligado no pré de phono do Gold Note. O cabo de força é o Transparent Audio PowerLink MM, e os cabos de caixa são Virtual Reality Trançado, de cobre.

AMACIAMENTO

Para os que, como eu, não curtem os longos períodos de amaciamento de caixas acústicas - principalmente aqueles que trabalham durante o dia e só têm poucas horas à noite para ouvir música, saibam que depois das primeiras 50 horas, não é tortura nenhuma sentar e ouvir as MoFi 8. Porém, somente entre 150 e 200 horas é que você será pego totalmente desprevenido pelo palco largo e por texturas quase 'tácteis', de deixar boquiaberto.

ASSINATURA SÔNICA

A assinatura das SourcePoint 8 é '+1' (muito perto do Neutro), em nossa recém-criada escala, que poderá ser encontrada, a partir desta edição, no final de todos os testes, perto das notas da Metodologia. Vale lembrar que, na escala, o ponto central (zero) é de Neutralidade Tonal, e quaisquer pontos para a direita representam algo cada vez mais transparente e revelador, e quaisquer pontos para a esquerda são algo mais eufônico, quente e menos focado em detalhamento, menos transparente.

São caixas acústicas com um bocado de folga e refinamento - mas com um som bastante energético também, principalmente em altos volumes. O resultado disso é que, se você tratar elas com um amplificador bem doce e equilibrado, elas serão uma seda - mas se você puser conteúdo mais 'nervoso', e com um amplificador mais para o transparente, elas 'revelarão' esse conteúdo, afinal são caixas Estado da Arte de 93 pontos!! Me lembram um pouco um princípio antigo da informática (hoje chamada de 'Tecnologia da Informação') que é o GIGO - Garbage In, Garbage Out - que, trocando em miúdos para a audiofilia é: se puser algo que grita ou é analítico, vai gritar e ser analítica (o pessoal que gosta de testar e avaliar sistemas com música mal gravada, deveria estudar um pouco esse princípio GIGO.

As MoFi 8 não são caixas que arredondam e nem que mascaram.

Em testes que li sobre as 8, eu percebi que alguns diziam que ela tinha uma sonoridade nervosa, e outros diziam que tinha uma sonoridade suave… Como conviver com essa diferença de informações - por parte de 'profissionais' - e conseguir bons resultados com isso? Aí eu me toquei: um ouviu com um sistema mais analítico, e música provavelmente mais 'reveladora' e brilhante, e quase com certeza em volumes mais altos. E o outro, ouviu com uma amplificação mais equilibrada, mais musical - e quase com certeza em volumes que não procuravam intimidade com vizinhos… GIGO em ação.

COMO TOCAM

As SourcePoint 10 enfrentam salas maiores (de tamanho intermediário e até um pouco grandes) sem problemas. Mas as 8 são um caso muito interessante: elas são para salas pequenas normais de apartamentos, ou quartos de tamanho médio, onde elas literalmente tocam como (ou até melhor) que pequenas torres! Elas parecem torres que foram disfarçadas de books! E seguem (junto com as SourcePoint 10, e com outras 'books' de woofer grande atualmente no mercado) a minha teoria pessoal que precisa de woofer grande para ter aquele corpo harmônico que lembra a comida da vovó…rs…

As 8 usam o mesmo tipo de projeto e tipo de falantes que as SourcePoint 10 - inclusive, o tweeter é o mesmo, somente alterando-se o gabinete ser menor e o woofer ser de 8 polegadas em vez de 10 polegadas.

Mas é simplesmente uma versão menor? Na verdade, Jones usou bem a cabeça, e fez uma atenuação perfeita no tweeter, fazendo com que a 8 seja uma caixa muito equilibrada, que dá um som grande, poderoso e musical dentro de uma sala de menor tamanho - com facilidade e sem problema algum. Ou seja, é a perfeita 'versão menor' de uma caixa acústica excelente. Espera-se, portanto, que a recém lançada torre da mesma linha, a 888, seja um dos mais tremendos custo-benefícios do mercado para salas de grandes dimensões.

Porque, amigos, a SourcePoint 8 é um tremendo custo-benefício.

Como se pode ver no teste da SourcePoint 10, as notas entre as duas caixas são quase iguais - e isso é porque o projeto preservou

todos os aspectos Qualitativos, entre um modelo e outro, que é algo que nem sempre ocorre dentro uma linha de caixas acústicas.

As diferenças, então? As 8 tem um corpo harmônico ligeiramente menor - afinal, trata-se de um woofer que tem duas polegadas a menos! E isso, como resultado, é uma Organicidade, uma materialização física do acontecimento musical, à sua frente, um pouco menos realista que na SourcePoint 10. Nossa! Mas tem mesmo essa diferença? Se você ouvir a 8 sem ter ouvido a 10, não vai sentir falta dessa diferença de Organicidade. Assim como não sentirá falta do Corpo Harmônico - contanto que você esteja utilizando-a em um ambiente, uma sala, de tamanho condizente com a proposta da caixa.

Equilíbrio Tonal – Quando você tem Equilíbrio Tonal, Texturas e Transientes com mesma nota - e alta, ainda por cima - superar isso é muito difícil de mensurar, porque soa tão bem que é necessário uma análise muito longa e profunda para se achar pontos fracos, e muitas vezes esses são uma questão de gosto pessoal. Por exemplo, em caixas concêntricas com falante grande, até agora o som era 'encaixotado' nos médios e agudos, e sem ar em cima, sem extensão, quase sempre - e nenhum desses problemas as SourcePoint têm! Mas, se você procura uma caixa com aquele agudo tremendamente aberto e hiper-detalhado, onde você ouve o aparelho digestivo do baixista funcionando, e ainda dá palpite no tempero do jantar dele, as MoFi não vão te agradar, pois elas trafegam do lado mais natural do som. Ou seja, no meio de uma boa música, você não está mais prestando atenção técnica nos detalhes sonoros, está apenas curtindo a música.

Palco – Com o correto posicionamento das caixas - e isso inclui o melhor toe-in - logo cedo no uso das 8 você percebe que a ampla dispersão de agudos e médios delas é impressionante, mantendo excelente equilíbrio tonal mesmo quando se vai afastando do eixo. Eu já tinha percebido isso nas MoFi 10 em uma sala grande, no Workshop em abril último, em São Paulo, quando posicionamos elas com uma grande abertura entre as caixas (digna de uma torre média para grande), e com o toe-in milimetricamente ajustado.

O resultado? Dava para ouvir o palco com clareza e coerência mesmo estando muito mais perto de uma caixa do que da outra. E lembrem-se: a MoFi 8 tem o mesmo estilo de grande dispersão. Um reviewer, acho, disse que essas caixas parecem feitas para que o sweet-spot, o ponto ideal de audição, seja largo o suficiente para ser curtido por duas pessoas ao mesmo tempo - e, olha, acho que é daí para mais!

Mas, além de tudo isso sobre o palco, quando termina o amaciamento você será surpreso por coisas acontecendo, por exemplo, atrás e para a esquerda da caixa esquerda! Com dimensão e corpo plenos! Fantasmagórico!

Texturas – Vários instrumentos, como um violino em uma gravação, eu nunca ouvi com tanta clareza e naturalidade, em nenhum sistema meu (seja de uso constante, ou próprio). Intencionalidades e texturas que quase dão para 'tocar' com os dedos, são comuns aqui. Tanto que depois de um tempo, você não 'procura' mais esse tipo de informação - a música simplesmente flui. Me ocorreu que isso é o verdadeiro "como era a intenção do artista", e não nenhuma maravilha tecnológica que iria buscar o que estaria originalmente nas fitas máster, e outras conversas audiófilas de botequim…

Transientes – Se, em uma caixa com falante grande concêntrico e som cheio e voltado para a musicalidade, você espera algum tipo de letargia ou 'embolamento' dos transientes, não podia estar mais enganado: as MoFi 8 têm velocidade e ataque naturais com 'leveza' e sem passar impressão nenhuma de esforço.

Dinâmica – Em nenhum momento, com nenhum tipo de música - nem com órgão de tubos, nem música eletrônica, nem grandes orquestras - eu consegui fazer o som dessas caixas embolar ou as macro-dinâmicas endurecerem. Claro que eu não ouço em volume de P.A. de show, e nem tenho ganas de mover a mobília do vizinho, mas mesmo em volumes ainda permitidos pela decência pública - que geralmente são maiores do que o que eu ouço normalmente - elas se comportaram de maneira exemplar, sem ter frequências sobrepondo outras, e sem perder a inteligibilidade dos detalhes e nuances, ou seja, com excelente micro-dinâmica. E foi com a junção da micro-dinâmica com as texturas e os transientes corretos, que me deram alguns 'sustos', como aparecerem com intensa clareza alguns instrumentos que estavam 'perdidos' dentro de algumas gravações (vide experiência com o Palco, acima).

Corpo Harmônico – Caixas bookshelf têm menos corpo porque são menores e com woofers menores. Como diz o Fernando: "é uma questão de leis da física" - apesar de que eu acho que o corpo conseguido com essas caixas seria considerado 'ficção científica' 15 anos atrás… rs. É o meu corpo harmônico preferido de todas as caixas que tive em mãos - e, por isso, têm meu médio-grave preferido!

Musicalidade – Quando você tem todos os quesitos com notas muito próximas (ou iguais, como raramente ocorre) você tem uma Musicalidade superior, pois todos os quesitos da nossa Metodologia representam aspectos inerentes à sonoridade da música real, dos instrumentos reais.

Organicidade – Com esse equilíbrio tonal e corpo, com a apresentação sonora dessas caixas sendo de grandes dimensões, você se sente mais próximo da música - e isso, no meu manual, diz ótima organicidade.

ÁUDIO

Você deve estar se perguntando: “Essa caixa não tem defeitos, não?”. Veja, apesar dela ser o ponto culminante da carreira de um dos melhores projetistas de caixas acústicas do mundo hoje, e ser de um custo-benefício fora do comum, ela não vai ter a clareza e detalhamento de uma caixa de 110 pontos Estado da Arte Superlativo! E, também, como eu disse, ela não é para quem quer ouvir a hiper-realidade do hiper-detalhamento. Nem vai ter a extensão de graves de uma torre média ou grande, nem dar socos no seu estômago ou fazer vibrar a barra da sua calça.

Mas, o que ela faz, que é bom para a maioria dos gêneros musicais e ouvintes interessados em musicalidade e boa organicidade, ela faz de maneira sensacional! Como disse o Fernando no teste das SourcePoint 10, as qualidades da caixa, até alguns anos atrás, eram descritas como recursos só existentes em caixas acima de 100 mil reais!

CONCLUSÃO

As MoFi SourcePoint 8 são caixas bookshelf para ambientes pequenos quase médios (ideal de 12 a 20 e poucos m²), que tocam como torres, com corpo, dinâmica e tamanho da apresentação dignos de uma caixa torre.

Digamos que você tem uma sala dessas, uma sala normal de um apartamento, um quarto de tamanho decente, uma sala de TV/som, um escritório ou edícula - qualquer ambiente normal onde a maioria das pessoas iria montar um sistema de som de alta-qualidade com uma relação custo-benefício alta. Um ambiente onde uma caixa bookshelf normal seria insatisfatória para muitos. Eu acho que você deve pensar seriamente que as SourcePoint 8 são uma das melhores opções para você.

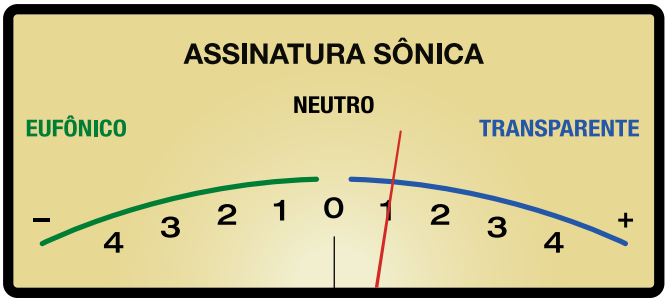
Além delas suprirem tudo o que você procura, são caixas que tem uma etiqueta de preço insuperável por sua pontuação, ou seja, por seu nível de Qualidade Sonora! E sua compatibilidade com amplificadores bem equilibrados (de -2 até +1 na escala da Assinatura Sônica), é enorme.

Hoje, as Mobile Fidelity SourcePoint 8 são minhas Caixas de Referência - pois além de serem corretíssimas, equilibradas, transparentes na medida certa, elas são o que eu procuro em um par de caixas: alta musicalidade, texturas fenomenais, e um som cheio, ‘grande’.

Meus parabéns ao Andrew Jones!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DU792NCYA9A

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CKTH9IX3IFK



AVMAG #308
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R$ 25.650

NOTA: 93,0

ESTADO DA ARTE

MERASON

DAC1 MK II

SE VOCÊ PRECISA DE UM “EMPURRÃOZINHO” PARA FAZER O UPGRADE DEFINITIVO EM SEU DAC, LHE DAREMOS VÁRIAS RAZÕES.

Se informar, ler e conhecer a opinião de revisores ou veículos especializados é sempre importante na hora de decidir um futuro upgrade. E se houver a possibilidade de parcelar a compra, melhor ainda.

“Embora eu sinta que o Merason DAC 1 Mk II recupere mais informações musicais do que ouvi de qualquer DAC que avaliei , nunca houve um momento que pensei que o som era digital.”
Marcos Philips - Part - Time - Audiophile

“O DAC 1 Mk II da Merason é um conversor que você obtém toda magia da música. É altamente transparente e revelador e oferece alta resolução de uma forma fluente e extremamente envolvente.”
The - Ear - NET.

“O Merason DAC 1 MK II é um DAC que, no primeiro compasso, já sinaliza ao que veio e qual é sua real intenção - seduzir o ouvinte - sem nenhum truque adicional na manga.”
Áudio Vídeo Magazine

Projetado e feito integralmente na Suíça.
Agora em **SEIS** parcelas de **12 mil reais!**
Se seu sonho é um DAC Estado da Arte Superlativo, agora você pode realizá-lo.

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
(11) 98369.3001

FERRARI TECHNOLOGIES

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO CONTOUR 30I

Fernando Andrette

Tive tantas caixas Dynaudio em minha vida que de cabeça não conseguiria enumerá-las corretamente.

Foram duas décadas de convivência, que se iniciou quando ainda estava na revista Audio News em 1994, e testei para a revista uma Contour 1.8 - também de duas vias e meia, como a nova Contour 30i. E fiquei tão impressionado com algumas de suas qualidades que vendi minha B&W Matrix 802 para poder ficar com a Contour.

Quando iniciei a publicação da revista Clube do Áudio, já estava com uma Contour 2.8 de três vias, uma caixa muito exigente com seus pares, tanto que esse upgrade me forçou a melhorar minha eletrônica e toda a cabeação do sistema.

Em 1998 dei outro salto, para a Confidence 5, seguida em 2002 para a Confidence 4, até em 2008 ir para o estágio final, dentro dos modelos desse fabricante: a Evidence Temptation (o modelo Master sempre esteve muito além de minhas possibilidades).

Se não estiver enganado, desde a Audience 10, capa de nossa edição número 1 do Clube do Áudio, testei pessoalmente pelo menos uns 22 modelos, e a revista certamente publicou mais de 30 testes com produtos Dynaudio.

Então, foi uma bela surpresa quando recebi o convite de seu novo distribuidor no Brasil, a Chiave, para testar a nova Contour 30i.

Eu ouvi, e testamos a Contour 20 e a Contour 60. E pessoalmente fiquei com a impressão que ambas haviam se distanciado da assinatura sônica tão familiar a mim dos últimos 20 anos da Dynaudio.

Assim como também já havia notado essa mudança de rumo com a bookshelf comemorativa de 40 anos.

Pessoalmente, as mudanças não me agradaram, mas talvez o departamento de marketing da empresa tenha detectado que havia 'lacunas' que deveriam ser aperfeiçoadas.

Então, foi com um misto de curiosidade e receio que recebemos a Contour 30i, no seu palete de madeira, ultra protegida para viagens continentais, e tratamos de colocá-la imediatamente em amaciamento.

Pois havia solicitado à Chiave que, se a caixa me agradasse, teria total interesse em utilizá-la em nosso Workshop Hi-end Audio Show, no final de abril, em São Paulo.

Das minhas anotações do teste com as Contour 60, e fotos da própria Contour 30, externamente não houveram mudanças no gabinete. Aos mais atentos, a única diferença significativa externa está na base dos pés do gabinete, que agora em vez de quatro pernas separadas,

são apenas duas em formato U alongado, que se fixam na base do gabinete, dando uma sensação de maior estabilidade, principalmente em salas com carpetes ou tapetes grossos.

Gostei dessa alteração.

No entanto, dentro da Contour 30i, tudo é novo. Começando pelo novo tweeter Esotar 2i, com a patenteada cúpula Hexis - à princípio utilizado apenas na série Confidence - que funciona como um difusor atrás da membrana de tecido. Seu desenho lembra uma concha esférica, que segue o contorno da cúpula e contém caminhos que parecem um labirinto, parecidos com as covinhas de uma bola de golfe. E, atrás da carcaça do tweeter, há uma câmara de amortecimento com o objetivo de melhorar a drenagem de ar na parte traseira, diminuindo a compressão e permitindo uma definição ainda mais limpa e precisa na resposta dos agudos.

Os dois woofers também tiveram mudanças significativas com uma nova aranha, um novo colar de tecido dobrado para manter a bobina centralizada. Essa nova aranha é feita de Nomex, um plástico ultra leve, porém muito resistente. Segundo o fabricante, essa nova aranha permite uma passagem mais livre do som e muito menor compressão.

O crossover também é novo, com o desenvolvimento de um filtro mais simples. Com isso, foi redesenhado e recalculado integralmente, para o uso de menos componentes e de melhor qualidade.

Por último, foi feito um estudo para melhorar o material de amortecimento, e todos os reforços internos do gabinete foram redesenhados.

Para o teste utilizamos os seguintes integrados: Primare i35, Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, Arcam SA30, powers Gold Note PA-10 e Nagra HD. As fontes foram: CS/SACD Player Arcam CDS50, transporte Primare DD35, transporte Nagra, e conversores Merason DAC 1 Mk2 e Nagra TUBE DAC. Cabos de caixa: Supra Snow e Dynamique Apex.

Fizemos a primeira audição para as observações iniciais, com os discos: *Genuinamente Brasileiro volumes 1 e 2*, SACDs André Geraissati - *Canto das Águas*, e André Mehmari - *Lachrimae,* e CD Timbres.

E colocamos a Contour 30i para 150 horas de amaciamento.

A boa notícia é que a Dynaudio já sai soando muito bem, além de correta e sem buracos ou vales em sua resposta, no período de amaciamento.

O que permite que o usuário possa tranquilamente acompanhar sua evolução sem stress ou dúvidas se fez a escolha certa.

Com 150 horas, a caixa ganha maior extensão nas duas pontas e um palco mais bem focado e recortado. As bordas se tornam muito mais inteligíveis. Então já pode estabelecer a partir das 150 horas o melhor posicionamento para elas na sala de audição.

Como toda Dynaudio, esqueça ângulos (toe-in) muito voltados para o ponto de audição, pois elas não são adeptas desse formato. Preferem ângulos de até 15 graus para o ponto ideal do ouvinte, em um triângulo equilátero o mais correto possível.

Então, a primeira dica é: avalie bem antes de determinar a distância entre as caixas, se a sala permite essa mesma distância até o ponto ideal do ouvinte.

Essa distância entre caixas e onde você se senta é que determinará a distância entre elas.

Toda Dynaudio necessita de respiro entre elas e as paredes. Não estou falando de um metro entre as caixas e as paredes, mas a distância entre a parede às costas das caixas é mais primordial que a distância das caixas em relação às paredes laterais.

Como nossa sala já foi projetada para todo tipo de caixa, aqui as Contour ficaram a 1,86 m da parede as costas e 1m das paredes laterais, permitindo 4m de distância entre elas e os mesmos 4 m em relação ao ponto de escuta ideal.

Em uma sala tão ampla, as Contour 30i se sentiram à vontade e puderam mostrar todo o seu pedigree e sua capacidade em materializar o acontecimento musical à nossa frente.

Sempre apreciei nas caixas desse fabricante, justamente a facilidade em que elas têm em recriar o ambiente musical da gravação e como o fazem sem esforço ou coloração.

Ouvi por duas décadas de leitores que não gostam da assinatura sônica desses sonofletores dinamarqueses, que para eles toda Dynaudio sempre soa seca e sem calor suficiente para seduzi-los. E por diversas vezes, nos nossos Cursos de Percepção Auditiva, ouvi desses mesmos críticos, que a maneira em que a apresentamos, elas não se comportaram dessa maneira.

Essa é uma longa história, que talvez nem interesse aos novos leitores, mas assim como um excelente instrumento musical, não irá soar todo o seu potencial nas mãos de um estudante, o mesmo ocorre com caixas acústicas. Elas precisam ser compreendidas e casadas com seus pares - não é apenas uma questão de escolha pelo valor de cada componente do sistema.

Eu sempre deixei, no final do Curso, depois de responder às dúvidas dos participantes, eles escolheram por maioria a música que mais os impressionou durante o Curso.

Por diversas vezes, o pedido foi a faixa 11 do CD *Live In Paris* da Diana Krall - em que ela faz ao piano e voz uma linda interpretação de *A Case Of You* de Joni Mitchell.

As eletrônicas utilizadas foram as mais diversas, e a caixa foi por muito tempo a Dynaudio Evidence Temptation. E até hoje tem leitores

ÁUDIO

que participaram dos Cursos e que me relatam que aquela apresentação foi de um realismo emocionante!

Tudo sempre vai depender do casamento entre a eletrônica, sala, elétrica e a caixa.

Tentarei novamente repetir no Workshop Hi-end Audio Show, essa tese que o casamento correto fará caixas 'corretas' soarem todo o seu potencial (que eu esteja inspirado e consiga passar a todos que forem no Workshop, os cuidados que todos temos que ter).

A Contour 30i, se saiu muito bem com todos os amplificadores que utilizei no teste - algo surpreendente, pois as gerações anteriores tinham como 'limitação' seu baixo grau de compatibilidade com válvulas e amplificadores de baixa potência, e com baixo fator de amortecimento.

Acho que esse redesenho do crossover minimizou essa limitação consideravelmente.

Mas uma coisa é tocar bem com todos os amplificadores que eu tinha à mão, outra é extrair da caixa seu último sumo! E aí o buraco é sempre 'mais embaixo', amigo leitor.

Ela realmente 'desabrochou' com os integrados Primare i35 e o V8 aniversário. E quando tiramos o CD Player Arcam e passamos a utilizar os transportes Primare ou Nagra com o DAC Merason DAC 1 Mk2 - aí pudemos ter um panorama completo de suas virtudes.

Seu equilíbrio tonal é excelente, e arrisco dizer que o salto do novo tweeter Esotar 2i foi monumental. A extensão e decaimento desse novo tweeter está no mesmo patamar de qualquer tweeter ultra hi-end. Velocidade, corpo, ausência de brilho ou dureza, fazem desse Esotar 2i uma referência absoluta.

A região média é padrão Dynaudio, enorme transparência com um senso de organização do acontecimento musical, deixando o ouvinte à vontade para longas audições sem nenhum resquício de fadiga auditiva.

Uma característica que incomodava muitos dos que não gostavam da assinatura das caixas Dynaudio, era que em volumes altos , elas tendiam a ficar cansativas e até duras. Ainda que eu concorde em parte com essa observação, por ter tido por anos modelos Dynaudio, sempre tive claro para mim que quando esse resultado ocorria, o casamento com a eletrônica não havia sido a melhor escolha, bastando para corrigir essa limitação, buscar uma eletrônica mais compatível com audições em volumes mais altos.

Essa questão a Dynaudio resolveu, pois ficou claro que seu silêncio de fundo se deve a menor distorção dos novos falantes e do novo crossover. Pois no Nagra HD, ouvi muitas vezes a 80 dB com picos de 98 dB e não escutei nenhum resquício de dureza ou frontalização.

Repetindo essas mesmas faixas também no V8 Aniversário, sem nenhuma limitação.

E os graves dessa caixa, para uma coluna de duas vias e meia, são simplesmente impressionantes. Têm peso, energia, total inteligibilidade e, o mais importante: velocidade. Escutei vários discos do baixista Jaco Pastorius, e bons tributos a ele, e a Contour 30i se comportou como 'gente grande' na reprodução dos graves!

Seu soundstage, em termos de um palco 3D, dependerá, como escrevi, da caixa poder respirar na sala. Se tiver as condições ideais, a profundidade será tão boa quanto a largura (algo raro, pois a maioria das caixas de preço intermediário, possuem maior largura que profundidade). E sua altura também é bastante convincente (nada de cantores em pé com menos de 1,50 m, ou solos de violino em que o violinista parece estar tocando sentado e não em pé.

Com um tweeter tão refinado e correto, a reprodução de ambiências das salas de gravação são referenciais!

As texturas, com tanto acerto no equilíbrio tonal, só poderiam consequentemente também serem exemplares. Ouvindo a última gravação do grupo The Nash Ensemble pelo selo Hyperion, com obras de Tchaikovsky, para sexteto de cordas, é imperativo que o sistema e

principalmente as caixas organizem os instrumentos entre elas, de forma a se ouvir o todo, mas que cada voz não seja mascarada ou atropelada pela variação dinâmica imposta o tempo todo.

Esse é um dos meus mais sublimes exemplos para textura, neste ano.

Já ouvi dezenas de vezes essa gravação, e me surpreende como as texturas podem facilmente ser 'banalizadas' quando todos os instrumentos tocam em variações dinâmicas sutis.

Sem uma reprodução precisa das texturas, na intencionalidade da execução da obra e na paleta de timbres, essa música soaria confusa e pouco sedutora.

Porém, quando a reprodução de textura é perfeita, essa é uma das gravações mais interessantes para se avaliar esse quesito. Eu recomendo, amigo leitor, aos não familiarizados com música clássica, basta usar a faixa 1. Se, no seu sistema, soar confuso, difícil de acompanhar todos os seis instrumentos, não culpe a gravação por favor. Ela só está mostrando que seu setup ou sua caixa não são bons o suficiente nesse quesito, tão essencial para a inteligibilidade, e em tornar um sistema sedutor e confortante.

A Contour 30i passou com méritos nesse exemplo e em todos os exemplos que usamos para fechar a nota desse quesito.

Nunca ouvi uma Dynaudio na vida ser ruim na reprodução de transientes, e não foi desta vez que falhou em ser absolutamente precisa na marcação de tempo e ritmo. Não tem como não se deliciar com os tempos apresentados pela Contour 30i!

A dinâmica, principalmente a macro, se beneficiou demais com o menor índice de distorção dos novos falantes. Esse, junto com a qualidade do novo tweeter, são os maiores méritos dessa nova geração.

As variações dinâmicas são realmente apresentadas com autoridade. Ela não se intimida com nenhum gênero musical, e muito menos com volumes dentro do estabelecido pela gravação mixada.

E sua micro dinâmica é excelente, como em todas as gerações anteriores da Dynaudio. O corpo harmônico também é exemplar, e mostra que mesmo uma coluna slim, bem dimensionada, não terá dificuldade em reproduzir os tamanhos corretos dos instrumentos captados nas gravações, e não perdidos na mixagem ou masterização.

E para materializar o acontecimento musical, basta acertar a mão na escolha da gravação, para que os músicos estejam a três metros de sua cadeira, em todos os dias de sua convivência com essa caixa.

CONCLUSÃO

A Dynaudio conseguiu 'resgatar' um antigo e sincero admirador da marca. Se as novas Confidence também resgataram o DNA original desse fabricante dinamarquês, suponho que vão ser um caso sério para a concorrência.

Pois essa Contour 30i certamente, em sua faixa de preço, já será um problema para os concorrentes diretos.

Tudo na Contour 30i é bastante equilibrado, não deixando lacunas mal resolvidas ou situações em que, para soar corretamente, exigem eletrônica muito acima do preço da caixa.

Como escrevi, a maior crítica a essa marca era a baixa compatibilidade, e até isso essa nova geração sanou.

Se o amigo deseja uma caixa de alto nível para um espaço de até 35 metros, já possui uma eletrônica de alto nível e correta, sugiro uma audição cuidadosa da Dynaudio Contour 30i.

Ela pode te surpreender, como me surpreendeu.

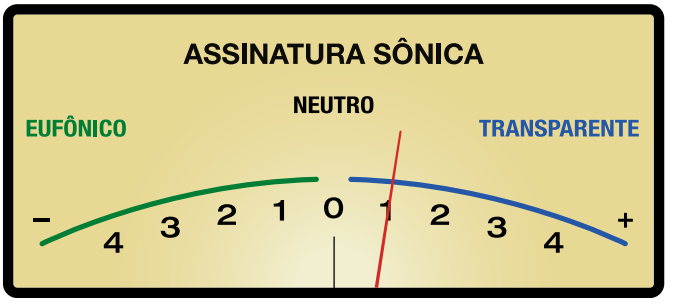
Quer uma excelente oportunidade para ouví-la?

Venha até nossa sala no Workshop Hi-End Audio Show, no final de abril, em São Paulo. Estarei apresentando-a com três excelentes amplificadores integrados!

Só ela, já te garanto que vale o ingresso do evento!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=9HJ2QIRFSJG

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RKH7WRZMFXC



AVMAG #305
Chiave
chiave@chiave.com.br
(48) 3025.4790 / (11) 2373.3187
R$ 120.000

NOTA: 95,0

ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS BLUEKEY ACOUSTICS MODEL 1

Fernando Andrette

O Francisco, CEO da Bluekey Acoustics, foi um assíduo frequentador de nossas turmas do Curso de Percepção Auditiva, chegando a fazer o ciclo completo, antes de se mudar para o Canadá e lá fazer uma sólida carreira no mercado financeiro.

Mas como todo audiófilo 'picado pelo hobby', nunca deixou de desejar produzir suas próprias caixas acústicas, e ao se aposentar do mercado financeiro, iniciou essa nova jornada primeiro no Canadá e, agora que retornou definitivamente ao Brasil, resolveu estabelecer a Bluekey aqui e exportar para o Canadá essa sua nova geração de caixas (que espero que não fique apenas na Model 1).

Ouvi ainda um dos primeiros protótipos da Model 1, e fiquei muito surpreso com seu potencial, detalhes técnicos e o seu cuidado com pormenores, como um acabamento de primeiro mundo.

Nessa rápida audição, ele me lembrou o quanto os Cursos de Percepção Auditiva o ajudaram a estabelecer um 'norte' para suas ideias,

e buscou aplicar todos os quesitos da Metodologia no desenvolvimento da caixa.

É reconfortante saber que muitos de nossos leitores acreditam e utilizam a Metodologia tanto no ajuste de seus sistemas, como em alguns casos também no desenvolvimento de produtos.

Do protótipo que escutei, pontuei o que achava que poderia ainda ser aprimorado, mas reiterei que ele precisaria ajustar sem perder o que havia alcançado, pois já estava em um alto nível!

Ele, além de muito disciplinado, mostra ter muita determinação em buscar o que julga ser importante para o aprimoramento do produto final.

E só ouvi o produto acabado horas antes da abertura do nosso Workshop deste ano, e gostei do que ouvi, principalmente por ser em uma sala muito distinta da nossa Sala de Referência.

Mas o Francisco, mesmo com a excelente repercussão que teve no evento, não se deu por convencido, e ainda realizou mais uma mudança, escolhendo por um tweeter de neodímio na caixa enviada para teste.

Posso assegurar que sua escolha não poderia ter sido mais assertiva, e com resultados audíveis muito superiores aos que ouvi no Workshop.

Eu apelidei a Model 1 de 'big book', pois realmente suas dimensões são 'significativas'. Lembra esteticamente as caixas dos anos 70, que eram colocadas nos cantos da sala. Mas a comparação acaba aí, pois a Model 1 não tem nada do som vintage das caixas dos anos setenta, em que os graves eram letárgicos, com baixa resolução e ultra coloridos.

A Model 1 da Bluekey utiliza um potente woofer de 15 polegadas com resposta a partir de 35 Hz, que responde até 1.9 kHz, quando o tweeter de compressão com um diafragma de 1.7 polegadas passa a responder até 21 kHz.

O tweeter com imã de neodímio é uma corneta Estado da Arte, que produz uma resposta plana dos médios aos agudos.

A Model 1 possui dois crossovers montados em placas separadas e afixados em paredes opostas do gabinete, com o objetivo de obter a máxima separação entre os sinais. Ambos os crossovers são montados a mão e soldados ponto a ponto, e todos os componentes são adquiridos na América do Norte e Europa.

Montados com dois pórticos frontais, o usuário pode até deixar as caixas mais perto da parede atrás delas.

O gabinete inteiramente feito no Brasil, é produzido com placas de MDF de 18 mm com juntas de 45 graus para dar máxima rigidez e vedação total. O painel frontal tem espessura de 36 mm para suportar o peso dos drives e controlar integralmente as vibrações do gabinete.

O acabamento pode ser escolhido pelo cliente, com um valor adicional. E a Model 1 possui um acabamento padrão nogueira canadense.

Segundo o fabricante, essas são as especificações técnicas: modelo Bass-Reflex com dois pórticos frontais, caixa de duas vias, woofer de cone de papelão de 15 polegadas e bobina de 100mm. Driver de compressão com diafragma de 1.7 polegadas (44 mm), com polímero de Ketone e bobina de neodímio, em uma corneta de diretividade constante com assimetria horizontal. O fabricante indica amplificadores com mínimo de 10 a um máximo de 300 Watts RMS (porém tenho algumas observações a fazer mais adiante, em minhas avaliações). A resposta de frequência é de 40 Hz a 21 kHz (em +-3 dB) e de 35 Hz a 21 kHz (em +-6 dB). Impedância nominal de 8 ohms (mínimo de 7 ohms a 140 Hz), sensibilidade de 94 dB (2,83V@1m), frequência de crossover: 1.9 kHz. Terminal de caixa único banhado a ouro para plugue banana e spade. Dimensões: 88(A) (1.10m com pedestal e spike) x 50(L) x 34(P) em cm. Peso: 40 Kg cada sem pedestal.

Para o teste utilizamos os seguintes integrados: Fezz Audio Titania (leia teste na edição 308), Soulnote A-3 (leia teste na edição de dezembro de 2024), e Norma IPA-140 (leia teste edição 306). Pré de linha Audiopax Reference (leia Teste 1 na edição 311), powers Nagra HD, DAC Wandla da Ferrum Audio (leia teste na edição 309), e Nagra TUBE DAC. Streamer: Innuos ZENmini Mk3, e Nagra Streamer (leia teste edição Melhores do Ano em Janeiro/Fevereiro de 2025). Setup Analógico: toca-discos Origin Live Sovereign Mk4, braço Enterprise Mk3, pré de phono Soulnote E-2. Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, e Dynamique Audio modelo Apex.

O Francisco nos fez a gentileza de enviar as caixas integralmente amaciadas, o que possibilitou fazermos juntos uma breve audição, ligadas ao integrado Soulnote A-3, com o streamer da Nagra ligado ao TUBE DAC, e acalmá-lo pois o homem estava ansioso para ver como o projeto finalizado iria soar na nossa Sala de Referência.

Saiu tranquilo e feliz com o que ouviu, e certo de que fez a lição de casa com louvor!

É uma bela caixa, amigo leitor, e portanto exigente com seus pares, caso o comprador queira extrair todo seu potencial.

Antes de descrever minha avaliação, farei dois adendos que julgo serem importantes.

Esqueça powers de 10 Watts, para mover adequadamente esses drives com competência e refinamento será preciso bem mais que 10 Watts! Para uma sala padrão acima de 16m (o mínimo que essa caixa exige), diria que pelo menos 50 Watts em 8 ohms serão necessários.

ÁUDIO

Para que a caixa tenha folga nas passagens macro-dinâmicas e o equilíbrio tonal não seja prejudicado nas audições na madrugada ao pé do ouvido.

Entenderam o recado?

Elas tocam divinamente em pianíssimo, com um equilíbrio tonal correto, e você ouvirá os graves presentes, uma região média e agudos com excelente inteligibilidade, mas precisam de Watts de reserva para essa beleza acontecer.

Aqui os melhores resultados foram com o integrado Norma, com seus 140 Watts em 8 ohms, e os Nagras com seus 250 Watts em 8 ohms. Aí, meu amigo, consegui tanto na macro quanto na micro extrair o sumo do sumo!

Seus graves são muito interessantes, pois possuem definição, corpo, peso, energia, deslocamento de ar e o mais importante: velocidade.

Se você gosta de grave batendo no peito, ou escorrendo pelo chão até você sentir no encosto da poltrona o deslocamento de ar, você veio ao lugar certo!

Mas, como disse, nenhuma semelhança com os 'armários' encostados nos cantos nas salas dos anos setenta, em que o bumbo batia, você ia ao banheiro, voltava e ele ainda estava soando, rs.

Aqui os graves terão autoridade e controle. Se você entende que caixas hi-end atuais proporcionam esse grau de 'fidelidade', ótimo!

Me surpreendi como o Francisco conseguiu ajustar esse woofer para responder até 1.9 kHz com esse grau de inteligibilidade, e equilíbrio, sem colorir a alta ou perder velocidade. Um mérito e tanto, pois costumo ouvir esse grau de 'encaixe' na passagem para o tweeter, em 1.9 kHz, em woofers de 8 polegadas e não de 15 polegadas.

E aí vem a melhor surpresa, a corneta não soa como a esmagadora maioria das cornetas, que são anasaladas. Vozes, instrumentos de sopro (madeiras) soam muito naturais e com seus timbres absolutamente preservados.

Você não nota a passagem de um falante para o outro, pois é feita de maneira muito correta (outro grande mérito do projetista).

A região média soa com enorme inteligibilidade e excelente equilíbrio tonal. Zero de fadiga auditiva, mesmo em volumes de gravações corretos e por longos períodos de audição.

E os agudos também não soam como a maioria das cornetas, com excesso de brilho ou dureza.

Ouvi exemplos críticos, como: piccolo na última oitava, órgão de tubo, pianos solo, trompete com surdina, sax soprano, e inúmeros pratos de condução. E não escutei nada passando do ponto ou incomodando nas altas frequências.

Aí você deve imaginar o seguinte: talvez o projetista tenha feito um corte acentuado, nas altas, para dar esse conforto auditivo. E minha resposta: se ele tivesse optado por essa escolha, sua caixa não teria esse decaimento tão suave, que nos permite ouvir em detalhes as ambiências de qualquer gravação.

Outra característica, quando o projetista faz essa escolha de atenuar o brilho nas altas, é o escurecimento da última oitava de todos esses instrumentos citados. E isso também não ocorre nas Model 1.

Acho que o mérito dessa correção passa pelas escolhas feitas nos componentes do crossover de alta, cabos e, claro, da própria corneta com imã de neodímio.

Pois essas trocas pontuais feitas no protótipo que ouvi é que deram esse salto final, não tenho dúvidas disso!

O soundstage será um ponto crítico no posicionamento dessas caixas. Então, meu amigo, pense que pelo seu tamanho elas precisarão de respiro entre elas e as paredes. Pois aqui, foi uma briga de dois dias para se atingir o ponto de ajuste fino ideal entre foco, recorte e profundidade.

Você não terá 100% desses três quesitos, se sua sala não tiver respiro para as caixas. Então minhas dicas são: pelo menos 1m da parede às costas das caixas, mínimo de 2.80m entre elas, e pelo menos 60 cm das paredes laterais.

Aqui, para extrairmos o sumo integral, elas ficaram a 1.80m da parede às costas e 1m das paredes laterais, voltadas para o ponto ideal de audição, e 4 metros de tweeter à tweeter.

Aí consegui um palco primoroso!

Elas não gostam de toe-in acentuado, então faça essa angulação para o ponto ideal com calma. Use vozes para esse ajuste. Quando a voz estiver focada perfeitamente ao centro entre as caixas, soando para trás delas (sempre), aí você achou o ângulo de toe-in correto.

Aí é ouvir gravações que tenham profundidade para ver o que se consegue extrair, sem perder o foco já alcançado.

Dá trabalho? Muito, mas o resultado é muito gratificante!

As texturas são impecáveis! Tanto em termos de apresentação de paletas de cores dos instrumentos, como da qualidade e da técnica dos músicos e do engenheiro de gravação.

Você ficará surpreso com o grau de informação que a Model 1 extrai em termos de informações para você.

Os transientes são de caixas Estado da Arte, precisos em tempo, andamento e ritmo!

Você irá se entusiasmar em ouvir um Dire Straits, por exemplo, e sentir a pulsação rítmica penetrando em sua pele, nervos e ossos!

A dinâmica, como já cantei a bola, dependerá do amplificador ter ou não fôlego e folga para entregar a encomenda. Se tiver, a Model 1 responderá com folga o que recebeu.

E sua micro-dinâmica é excelente, graças ao seu grau de transparência e silêncio de fundo.

Se queres saber o tamanho de um bumbo, ouça a Model 1. De um contrabaixo acústico, idem!

Como diz nosso querido colaborador Christian Pruks: “Nada como um bom e bem projetado falante de 15 polegadas!”

Realmente, a Model 1 em termos de corpo harmônico tem muito o que ensinar - à muita caixa torre slim com dois ou três woofers de 6 polegadas - o que é um corpo harmônico de um contrabaixo, quando bem gravado.

Foi um deleite ouvir todos os exemplos utilizados para fechar a nota neste quesito, só para se apreciar com a qualidade da reprodução desses instrumentos!

Organicidade, aqui novamente o resultado dependerá mais da qualidade de gravação, do que da caixa em si. Mas se a gravação estiver à altura deste quesito, sim, você terá o acontecimento musical materializado à sua frente!

CONCLUSÃO

É tão gratificante, em uma mesma edição, poder compartilhar nossas impressões de dois produtos nacionais tão expressivos e significativos para a mudança de patamar dos produtos hi-end produzidos no País.

Como escrevi no editorial desta edição, não tenho dúvidas que estamos vivendo o ‘apogeu’ de produtos hi-end Made in Brazil!

E que venham muitos mais no próximo Workshop, e que possamos compartilhar com todos vocês essas descobertas tão importantes para o nosso mercado.

A Model 1 da Bluekey Acoustics é uma caixa admirável, e que pode perfeitamente atender desde o audiófilo iniciante até o mais rodado, que deseja uma caixa que tenha qualidade, requinte e refinamento suficientes para um sistema definitivo.

Espero que todos que lerem esse teste, visitem o espaço da Bluekey no próximo Workshop e descubram o quanto essa caixa é encantadora e surpreendente!

AVMAG #311
Bluekey Acoustics
bka@bluekeyacoustics.com
(11) 99652.9993
R$ 42.000

NOTA: 95,0

ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS AUDIO SOLUTIONS FIGARO S2

Fernando Andrette

A Audio Solutions foi fundada em 2011 na Lituânia, pelo renomado engenheiro Gediminas Gaidelis, após anos fabricando caixas acústicas para o mercado do Leste Europeu com o nome GPS. Sua paixão pela música, marcenaria e eletrônica o levou, aos 16 anos de idade, a fabricar caixas para os amigos e para uso da família.

A empresa tem sua sede em Vilnius, e todas as unidades fabricadas utilizam falantes SEAS e Scanspeak, e componentes fabricados na União Europeia.

A linha Fígaro foi lançada em 2018, e revista em 2023. O modelo em teste, o S2, é a menor coluna de chão, com apenas 95cm de altura, largura de apenas 23cm e profundidade de 40cm. Utiliza 4 falantes, dois de 6 polegadas para os graves, uma terceira unidade também de 6 polegadas para os médios e um tweeter de domo de 19mm. O gabinete estreita ainda mais na parte traseira, e possui dois pórticos e os terminais de conexão.

Ao retirar o produto da embalagem de papelão, não tem como não admirar seus detalhes e acabamento, com um friso dourado nas paredes laterais de cima para baixo.

Mas o que de mais interessante esse gabinete esconde aos olhos, é que o princípio de construção é o mesmo utilizado na série acima, a Virtuoso. A Audio Solutions utiliza o princípio de dissipação de energia sonora em calor, com uma engenhosa transferência de energia do gabinete interno para a área externa. Todo esse processo é para não existir internamente pontos de ressonância que possam 'colorir' a sonoridade do sonofletor.

O mesmo cuidado a Audio Solutions tem no desenvolvimento do crossover de suas caixas, com a utilização de um sofisticado software para simular com enorme precisão a interação do driver, gabinete e crossover em condições de uso de volumes reduzidos até volumes extremos.

Para o projetista Gediminas, embora tudo comece com modelos matemáticos, isso é apenas o pontapé inicial de um projeto de alto nível. Segundo eles, para cada protótipo, inicialmente 30 tipos diferentes de crossovers foram desenvolvidos e testados à exaustão (objetivamente e subjetivamente).

E depois de escolhidas duas ou três das melhores opções, os modelos são ouvidos para tentar encontrar limitações e fadiga auditiva, por semanas, até que tudo esteja dentro do padrão estabelecido pela Audio Solutions.

Com tantos anos de experiência, Gediminas trabalha com alguns princípios estabelecidos pela prática auditiva, como evitar pontos de corte no crossover na faixa de frequência onde o ouvido humano é mais crítico e é mais perceptível entre 1000 e 2000 Hertz - e para fugir desse 'obstáculo', a caixa Figaro S2, estabeleceu que o ideal seria cortes em 400 Hz e 4000 Hz. Possibilitando a escolha de falantes com um diâmetro menor para o tweeter, reduzindo ressonâncias indesejáveis. A Audio Solutions utiliza uma 'placa' de ondas batizada de Mini-Horn, em vez de um guia de ondas convencional. As vantagens segundo o fabricante é que quanto mais alto o tweeter toca, mais amortecimento e pressão de ar na área frontal ele obtém, mantendo as altas frequências extensas e naturais.

Ainda segundo o fabricante, o Mini-Horn adiciona uma outra vantagem ao projeto, ao melhorar a sensibilidade e a eficiência do tweeter.

A nova série Figaro utiliza falantes com cones de papel ER de alta rigidez, para manter uma sonoridade equilibrada. Outro diferencial da empresa é sua enorme opção de cores do gabinete que o usuário pode escolher, possibilitando realmente caixas personalizadas.

Os terminais de caixas são WBT Nextgen com biamplificação. Seu peso é de 31kg, sensibilidade de 91dB, impedância de 4 ohms e resposta de frequência de 35 Hz a 25 kHz. O fabricante indica pelo menos 120 horas de amaciamento.

O modelo enviado veio com quase 100 horas, o que facilitou muito nossa vida, pois ela chegou logo após o nosso Workshop de abril último, e estávamos com a Yamaha NS-5000 (leia teste na edição 309) em queima final, e a Rega AYA (teste na edição de dezembro de 2024) zerada, necessitando também de 100 horas de burn-in.

Utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores integrados: Fezz Audio Titania (leia teste edição 308), Norma Revo IPA-140 (leia teste na edição 306) e Soulnote A-2 (leia Teste 1 na edição 310). DACs: Ferrum Wandla (leia Teste 3 na edição 310) e Nagra TUBE DAC. Prés de linha: Audiopax Reference (leia teste edição de outubro próximo) e o Nagra Classic. Powers: Nagra HD. Pré de phono: Soulnote E-2 (leia teste edição 308). Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, e Dynamique Audio Apex.

Com sua amigável sensibilidade, pudemos iniciar a avaliação com o integrado valvulado da Fezz, e observar o quanto a Figaro S2 se adapta à assinatura sônica distinta de todas as eletrônicas utilizadas. Com esse integrado, tivemos uma sonoridade muito agradável, com graves com menor extensão, mas muito bem articulados, com corpo e velocidade. Os médios soaram naturais e com enorme conforto auditivo, tanto em exemplos vocais, como com instrumentos de cordas e metais. E os agudos, ainda que com menor extensão, tiveram um decaimento suave e agradável.

Mas a Figaro S2 tem mais 'garrafas para vender', e subiu de patamar com os integrados Norma e Soulnote, como se fosse um exímio 'camaleão'. Diria que a Figaro gosta de maior potência, se sentindo assim mais 'confortável' para apresentar todos seus atributos sonoros.

Muitos, ao ouvirem essa pequena coluna, irão se surpreender como elas soam com enorme autoridade, não escolhendo estilo musical. O grave realmente desce e não se intimida, apresentando energia, deslocamento de ar, velocidade e precisão. Ainda que estivessem em uma sala de 50 metros!

Sua região média é exuberante, com alto grau de inteligibilidade e enorme conforto auditivo. E os agudos ganharam muito mais extensão com os dois integrados transistorizados, e um decaimento muito mais suave.

A vantagem de pequenas colunas slim, é que quando corretamente posicionadas e em salas acusticamente tratadas, elas somem. A Figaro é mais exigente com a distância entre elas do que a distância das paredes. Para se ter uma melhor resposta de planos, foco e recorte, valerá a pena se perder um tempo buscando extrair o melhor soundstage possível - pois ela tem um 3D lindo!

Aqui em nossa sala, para a materialização física do acontecimento musical entre as caixas, a distância ideal entre elas foi de 3.80m. Com 1.90m da parede atrás das caixas, e 1.50m das paredes laterais.

Para música clássica, essa abertura foi magnífica! Pois os naipes da orquestra soaram com respiro e o foco e recorte dos instrumentos solos foram 'cirúrgicos'. Os planos são apresentados com precisão tanto em largura, quanto em profundidade.

Já a altura do palco dependerá do posicionamento correto do toe-in. Feche muito para o ponto de audição, e o palco tenderá a ser mais baixo, diminua um pouco e a altura subirá levemente. Por isso, minha recomendação é que se perca tempo determinando a melhor posição das Figaro S2 na sala, pois valerá a pena!

Com um equilíbrio tonal tão bom, consequentemente as texturas também serão de alto nível. Com uma eletrônica condizente nesse quesito, o ouvinte poderá desfrutar de texturas exuberantes! Tanto em termos de paleta de cores, como de intencionalidades.

ÁUDIO

Ao mostrar a Figaro S2 para um amigo músico, ele fez a seguinte observação, ao ouvir duas gravações de piano solo: “como essa coluna é ligeira como um lambari”. Achei a analogia pertinente com sua apresentação de transientes. Pois sua apresentação de tempo e ritmo são realmente de primeira! Você não tem a menor dificuldade em acompanhar mudanças de tempo, e as apresentações soam sempre precisas e com enorme convicção!

Zero de letargia ou daquela sensação de que algo ficou impreciso ou estranho.

Na dinâmica, a macro é um caso a ser estudado, de como essa pequena coluna consegue ser tão audaciosa. Falo de variações dinâmicas complexas, com enormes tempos de duração e que, no volume correto, não se dobram as exigências, mantendo-se firmes. E as microdinâmicas, com essa desenvoltura, são puro deleite. Ouvir gravações repletas de pianíssimos, e ainda na calada da noite, nessa Figaro S2, é um verdadeiro deleite.

Se a macro-dinâmica me surpreendeu, fiquei coçando a cabeça ainda mais com a apresentação do corpo harmônico dessa pequena coluna. Os naipes de contrabaixo em gravações de música clássica, assim como órgão de tubo, soam como a captação foi realizada.

Feche ou vende os olhos do ouvinte, e mostre esses exemplos, e ele irá jurar que está a ouvir colunas de grande porte!

A melhor tradução para a Figaro até aqui seria: ousada! Pois elas sabem seduzir e convencer o ouvinte que entregam muito mais do que os olhos estão mostrando!

A materialização física com gravações tecnicamente exuberantes, e eletrônica a responder, será instantânea! Você ouvirá os músicos à sua frente, ‘presentes’, e em uma audição exclusiva para você.

CONCLUSÃO

Vou torcer para a Figaro S2 estar no nosso próximo Workshop Hi-End Show (leia a Seção Eventos na edição 310), já que o distribuidor dessa excelente caixa já confirmou presença!

Será uma oportunidade de todos os nossos leitores que lá estiverem, de ouvirem esse fabricante lituano que está ganhando notoriedade em todos os continentes.

E espero poder ouvir outros exemplares da Audio Solutions em 2025, pois este fabricante de caixas acústicas sabe muito bem o que está fazendo!

Se você deseja uma coluna de dimensões modestas que toque com autoridade, folga e graciosidade, coloque em sua lista de escuta. Você irá se surpreender com absolutamente tudo: construção, design e principalmente com sua performance convincente e sedutora!

Certamente uma marca que estará em nosso radar daqui em diante!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TW_5Z6XCR5C

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4R48YZWGED8

AVMAG #310
Aura
comercial@aura-av.com.br
(51) 98281.0012
R$ 92.400

NOTA: 98,0

ESTADO DA ARTE

O melhor amplificador integrado do Brasil agora entre os melhores do mundo

Venha conhecer o mais novo membro da família V8

8

INTEGRATED AMPLIFIER

20th ANNIVERSARY

APS

ADAPTIVE POWER SYSTEM

SUNRISE LAB

+55.11.5594.8172 | www.sunriselab.com.br

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS YAMAHA NS-5000

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO
EDITOR

Desde 2019 que desejo testar essas caixas, mas veio a pandemia e, ao término da mesma, a Yamaha decidiu passar sua divisão hi-end para a Chiave, o que viabilizou finalmente podermos ouvir a caixa top de linha desse renomado fabricante.

Os que foram ao nosso Workshop em abril, tiveram o gostinho de escutá-las, porém o par exposto estava com menos de 30 horas de amaciamento, o que representa apenas 10% do seu amaciamento integral.

E se você me perguntar se, amaciada integralmente, existem diferenças audíveis, responderei que sim.

Pois as 300 horas fazem uma 'sonora' diferença na sua performance final.

Nos anos 80, quando trabalhei no Estúdio Gramophone do meu querido amigo Lucinei, tive por longa data a companhia, como monitor de gravação, de um par de Yamahas NS-1000, e pude conhecer detalhadamente a concepção sônica de monitores dos engenheiros da Yamaha.

As NS-1000 eram reconhecidamente monitores muito transparentes e com uma capacidade de recriação de um soundstage 3D impressionante para um monitor de 3 vias de grande porte. No entanto, ela foi estigmatizada como um monitor muito "frio ou analítico", por muitos engenheiros de gravação.

Já naquela época eu percebi que sua sonoridade iria ser a soma da qualidade da mesa de gravação, power e qualidade acústica da sala. Pois eram monitores extremamente exigentes com seus pares.

Mas, se ainda hoje temos milhares de objetivistas e engenheiros de pró-áudio, que não levam essas questões em consideração, imagine como era nos anos oitenta?

Eu observava que, quando ligávamos com um power da própria Yamaha, a NS-1000 se comportava de uma maneira, e com um power Hafler, de outra maneira.

O que para mim, foi o suficiente para confirmar o quanto aquele monitor era transparente realmente!

Poderia dizer que o meu maior interesse em testar as novas NS-5000, era justamente para ter respostas se ela manteria o DNA sonoro de seu antecessor ou se uma nova geração de engenheiros iria 'reavaliar' essa sonoridade.

Pois se para o ocidente é difícil 'rever' conceitos que se mostraram assertivos, imagine para o oriental com suas planificações e estratégias, muitas vezes escritas para definir a filosofia da empresa por toda sua existência?

Se, para você, números não mentem, saiba caro leitor que foram vendidos mais de 200 mil pares de NS-1000, para todos os continentes.

E, no entanto, dos testes publicados nas revistas hi-end dos anos 80, até a virada do século, de memória só me lembro de dois, extremamente positivos. Sendo que um deles, escrito pelo inglês Chris Thomas, que fechou sua conclusão com a seguinte frase: "O NS-1000 é o melhor alto-falante que já ouvi".

E me lembro do review do articulista J.Gordon Holt para a Stereophile, que cunhou o termo de neutralidade sonora, para definir suas impressões sobre essa caixa.

No evento, com o pouco contato que tive com a NS-5000 sem o amaciamento adequado pensei: "é um passo além da NS-1000".

Então, a minha primeira pergunta ao desembalar-las, com meu fiel escudeiro e sobrinho Viner, na nossa sala de teste foi: "após amaciada, será que equipe responsável foi muito além?"

Aqui, à medida que o amaciamento foi avançando, essa primeira impressão do Workshop foi dissolvendo como gelo com o sol a pino! Pois o próprio fabricante faz questão de dizer que a NS-5000 é a melhor caixa que já desenvolveram!

Além de um gabinete ligeiramente maior que o da NS-1000, tudo é absolutamente novo. Em vez de 31 kg, agora pesam 36 kg, sua resposta de frequência foi estendida para 26Hz a 40kHz, sua eficiência é de 88 dB, impedância de 6 ohms e mínimo de 3.5 ohms.

Até mesmo o tweeter de berílio, desenvolvido em 1974 para a primeira versão da NS-1000, na nova NS-5000 foi substituído por Zylon - um material considerado ainda mais forte que berílio e que fibra de carbono. Um material tão rígido e leve que também é utilizado em barcos de corrida.

A Yamaha descobriu as qualidades do Zylon na primeira década deste século, e que eu saiba é a única empresa a utilizar esse material na confecção de falantes. Os três drivers utilizam esse material: tweeter domo de 25 mm, o falante de médios de 75 mm e o woofer de 328 mm.

O gabinete de alto brilho preto é feito de bétula japonesa laminada. Uma madeira que segundo o fabricante é mais dura que MDF, e tem um padrão de grãos mais uniforme.

As caixas NS-5000 são feitas como pares correspondentes (espelhados), o que possibilita que o usuário utilize as caixas com os tweeters virados para dentro ou para fora.

Voltando ao Zylon, esta é uma fibra sintética criada no Japão, que para os cones, depois da fibra trançada por um processo a vapor é misturada com uma liga de monel, para que o cone seja ultra rígido e leve.

E que os resultados em termos de velocidade acústica são tão bons quanto os do berílio e do diamante.

Os cortes no crossover se dão em 750 Hz e 4.5 kHz. E o crossover está fixado em uma placa de circuito impresso de dupla face, com base de cobre de 14 mm. Seus componentes incluem capacitores Mundorf MCap Supreme Evo e resitores M-Resist Supreme.

O gabinete internamente é amortecido por um absorvedor acústico. E um estudo com Análise de Elementos Finitos, com varredura a laser, foi usado para minimizar as ondas estacionárias dentro da caixa.

O defletor frontal tem 29.5 mm de espessura, e os outros cinco lados do gabinete 20 mm.

Os terminais de caixa são excepcionais, e permitem tanto o uso de plugs banana como forquilha. A caixa não permite bi-cablagem.

O duto encontra-se atrás do gabinete em cima - o faz ser de profunda relevância a distância da caixa em relação a parede traseira.

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores integrados: Norma Revo IPA-140 (teste na edição 306), Atoll IN400SE (teste na edição 307), Primare I35 (Teste 2 na edição 309), e Soulnote A2 (teste na edição de setembro). Powers: Gold Note PA-1175 em estéreo e mono (teste na edição de novembro de 2024), e os powers Nagra HD. Pré de linha: Nagra Classic. DACs: Merason DAC1 Mk2, Ferrum Wandla (Teste edição setembro de 2024), e Nagra TUBE DAC. Streamer: Innuos ZENmini Mk2. Setup analógico: toca-discos Origin Live Sovereign Mk4 com braço Enterprise Mk3, cápsula ZYX Ultimate Gold, e prés de phono Soulnote E-2 e Gold Note PH-1000. Cabos de caixa: Dynamique Audio Hallo 2 e Apex.

Que me lembre, poucas caixas de nível Estado da Arte tiveram um arsenal tão 'calibrado' como as NS-5000 nesta avaliação. Eu não acho

ÁUDIO

que consiga repetir no futuro essa qualidade de eletrônica para um único teste.

Gostaria, mas acho impossível, pois todos esses integrados já estão de volta a suas bases, exceto o Norma que passou a ser nosso integrado de referência.

Quando instalamos as NS-5000, e colocamos nossas gravações da CAVI, ficou evidente que elas precisavam de um longo amaciamento, pois os graves estavam 'embotados' e os agudos com excesso de brilho.

Típico de caixas que precisam soltar o grave e encorpar o médio/grave.

Fico imaginando os revisores que não acreditam em amaciamento, tirando conclusões precipitadas e tortas, de caixas como as NS-5000, depois de instalar a caixa e já sair avaliando.

Se você for um futuro comprador dessa belezura, meu amigo, segure sua ansiedade, pois serão precisos pelo menos 300 horas antes de você sair convidando seus amigos audiófilos para escutá-la.

Se você não se conter, irá ouvir muitas críticas, acredite!

Porém, depois de amaciadas, pode chamar até o Papa, se você o tiver em sua lista de audiófilos.

Mas antes de iniciar a avaliação subjetiva, vamos às regras de como extrair todo o seu potencial. A primeira é o pedestal. O ideal é que, sentado, seu ouvido esteja entre o falante de médio e o tweeter, OK?

Segunda regra: são falsas 'books', então esqueça salas de menos de 20 metros, e que tenha pouco espaço entre elas e as paredes laterais, e às costas da caixa. Elas precisam respirar para dar seu melhor, em termos de soundstage, ambiência e equilíbrio tonal.

Terceira regra: é essencial, apesar de uma sensibilidade de 88 dB e de não baixar a menos de 3.5 ohms, que ela tenha Watts de qualidade e em doses generosas. E de quanto, Andrette? De pelo menos 100 Watts de amplificação.

Pois as NS-5000 gostam de tocar no volume correto da gravação. Não se intimidam com fortíssimos, desde que sejam entregues - com qualidade e baixa distorção - pelo amplificador.

Então se sua praia é valvulados single-ended, esqueça essa caixa, meu amigo. Mas se você possui eletrônica semelhante ao arsenal que utilizamos no teste, e uma sala adequada, você é um candidato a ouvi-las!

Com 300 horas, finalmente o equilíbrio tonal encaixou. O que significa isso? Que os graves se soltaram, deixando de soar um grave embotado, difuso e sem velocidade, pegada e energia (deslocamento de ar), e o médio-grave encorpou. Possibilitando observar o corpo proporcional dos instrumentos que estão nessa faixa do espectro, como: contrabaixo, cello, percussões, mão esquerda nas primeiras duas oitavas do piano, órgão de tubo etc.

Com isso, os agudos perdem aquele brilho excessivo, possibilitando ouvirmos a última oitava da mão direita do piano sem aquela incômoda sensação de notas vitrificadas, ou violinos que incomodam na oitava mais aguda, e piccolo que fura nossos tímpanos em um fortíssimo!

A única coisa que já é exemplar, assim que tiramos as NS-5000 da embalagem, é que a região média é de uma transparência desconcertante, mesmo para ouvidos experientes e que já ouviram muitas caixas de bom nível de transparência.

Nesse quesito a NS-5000 se destaca da maioria das caixas mais refinadas.

Somos capazes, por exemplo, de ouvir distintos instrumentos como um vibrafone e um piano tocando em uníssono, separar em nossa mente o timbre de cada um dos instrumentos, com zero esforço. Meu amigo, esse é um dos exemplos mais difíceis que existem, pois ainda que o timbre de um vibrafone e um piano sejam muito distintos, os transientes são muito similares, e esse grau de inteligibilidade é só para os exímios em transparência.

Se você gosta de um grave energizado e com excelente deslocamento de ar, as NS-5000 têm essa qualidade. Mas não é só peso e deslocamento, seu woofer também é veloz o suficiente para lhe dar com precisão as micro variações dinâmicas, feitas pelo baterista no bumbo ou o percussionista em um tímpano.

Ela, nesse quesito, soa com uma grande coluna, sem esforço adicional.

E os agudos, depois das 300 horas, terão uma extensão e decaimento no limite do correto, mas sem nunca passar para o lado do brilho ou dureza.

Sua recriação do palco sonoro dependerá exclusivamente do posicionamento correto delas na sala. Nada de deixá-las encostadas em paredes ou em pedestais baixos ou altos demais. A distância mínima de tweeter a tweeter é de pelo menos 2.80 m, das paredes às costas é de 1 m mínimo, e das paredes laterais, pelo menos 0.80 cm.

Quanto à escolha dos tweeters para fora ou para dentro, dependerá da distância em que o ouvinte estará das caixas (o ideal é o mais próximo de um triângulo equilátero), e do quanto de toe-in será possível fazer nas caixas: eu, em nenhuma situação, consegui o melhor das NS-5000 deixando-as paralelas às paredes laterais.

Aqui, o melhor soundstage sempre foi com a variação de 15 a 20 graus apontando para o ponto ideal de audição.

Mas nada de girar muito para o centro, senão você trará todo o palco para a frente das caixas, o que além de errado é fatigante em músicas com numerosos instrumentos.

Agora, se ajustado pacientemente, meu amigo… você terá um palco 3D exuberante! Com planos e mais planos, altura, largura e profundidade e um foco e recorte cirúrgicos!

Como diria meu pai: "Se você tem uma boa transparência, faça usufruto no soundstage".

Corretíssimo! Se uma caixa possui esse grau de possibilidade com um alto nível de transparência, faça seus amigos audiófilos morderem a língua com tão exuberante apresentação, rs!

As texturas são muito corretas, e com uma facilidade em acompanhar as paletas de cores e as intencionalidades sem nenhum esforço ou a perda de se ouvir o 'todo' para se prender aos detalhes.

Se tem algo que os engenheiros da Yamaha podem se orgulhar, é da reprodução de transientes - é simplesmente espetacular esse quesito, seja em gravações solo de piano ou violão, das faixas que usamos para fechar a nota, como também em gravações intrincadas com enormes variações de tempo, como na música hindu.

Já cantei a bola muitas linhas atrás, de que as NS-5000 adoram tocar em volumes corretos da gravação, e soam como colunas grandes sempre que desafiadas.

E na macro-dinâmica, não existe nenhum temor em encarar desafios grandiosos. Você irá se surpreender como essas caixas são atrevidas e destemidas!

E com sua transparência de Referência Estado da Arte, reproduzir micro-dinâmica é um passeio ao ar livre em uma praia deserta.

A reprodução de um piano ou de um contrabaixo, não é nenhum desafio intransponível a essa caixa. Ao contrário, posicionada corretamente você ouvirá e 'verá', o piano na sala à sua frente.

E se a gravação for de qualidade, essa materialização será convincente e cativante!

CONCLUSÃO

Dizer que a NS-5000 é a melhor caixa já fabricada pela Yamaha, é redundante e desnecessário.

O que importa é que essa NS-5000 foi muito além da NS-1000 em todos os aspectos, colocando a Yamaha em um novo patamar como construtor de caixas hi-end.

Não li todos os testes que saíram sobre ela desde 2019, mas os quatro ou cinco testes que li foram unânimes em reconhecer suas virtudes a avanços em relação a tudo que a Yamaha fez até hoje!

É uma caixa definitiva para 90% dos audiófilos que desejem uma caixa de alto nível e que almejam uma transparência capaz de 'decifrarem' o âmago de cada gravação.

Nada que está na master irá passar despercebido pela NS-5000 (desde que a eletrônica também possua essa virtude, claro).

Se é isso que você deseja como resultado de tantos anos de busca, não conhecer a NS-5000 totalmente amaciada e ligada a um setup digno de suas qualidades, será um erro imperdoável!

Ela é digna de todos os elogios que a mídia especializada vem dedicando a esse projeto!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SJ14FYV9XZO

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UMJS5XFJ2XE

AVMAG #309
Chiave
chiave@chiave.com.br
(48) 3025.4790 / (11) 2373.3187
R$ 149.000

NOTA: 99,0

ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS AURA DA ESTELON

Fernando Andrette

Acho que posso falar com alguma propriedade sobre a marca de caixas Estelon, afinal tenho como referência em nosso sistema uma X Diamond Mk2 por quase três anos, e fui o responsável pelos testes da Diamond XB Mk2 e da YB.

Então ter a oportunidade de testar o mais novo modelo do projetista Alfred Vassilkov, me pareceu além de pertinente, muito instrutivo, pois sempre tive a curiosidade em saber como uma Estelon de entrada soaria em relação aos outros modelos já existentes.

E que tipo de concessões o Vassilkov teria que fazer para entrar em uma faixa de mercado já bastante consistente, com marcas de enorme renome e aceitação junto ao público audiófilo.

Já escrevi nos três testes publicados de produtos Estelon, que seu projetista tem ideias muito consistentes a respeito de como caixas hi-end devem soar, e o que é preciso fazer para que uma caixa desse nível não se torne 'refém' das limitações acústicas de diferentes salas (tratadas ou não).

Tive a oportunidade de ouvir as três caixas testadas tanto em nossa Sala de Referência como em salas sem nenhum tratamento acústico, e ainda que sua performance seja 'limitada' pelas imperfeições acústicas, elas não se tornam 'reféns' dessas limitações ou perdem suas principais características, que são sua 'assinatura'.

E quais são essas características?

A mais evidente, pelo design tão peculiar de seu gabinete, certamente é sua apresentação 3D, que a faz 'sumir' de nossa frente, possibilitando uma imersão completa no acontecimento musical.

Já ouvi gravações (principalmente analógicas), que nos permitem 'ver' tudo que estamos ouvindo à nossa frente, camada por camada, com precisão milimétrica de foco, recorte e planos.

Sua segunda mais vibrante característica é de todos os três modelos testados: a caixa funciona como se fosse um único falante, permitindo um excelente equilíbrio tonal e timbres ultra-realistas.

Para alguns não familiarizados com essa materialização dos instrumentos, o primeiro contato auditivo pode soar estranho, pois o que muitos audiófilos ainda em fase de escolhas dos quesitos que mais lhe agradam, podem achar aquela organização do todo, muita informação para assimilar de uma única vez.

No entanto, a partir do momento que você entende a proposta, garanto que fica difícil voltar atrás.

E sua terceira e mais evidente característica (que observei em grau distintos nas três), é sua apresentação relaxada, mesmo em passagens com múltiplas variações dinâmicas.

Essa característica já levou audiófilos que estiveram em nossa sala, ou ouviram as Estelon na casa de amigos, a achar que falta peso nos graves ou maior energia na macro-dinâmica. Essa é uma questão bastante pertinente a ser discutida, pois para muitos audiófilos o 'certo' ao se avaliar a resposta eficiente de graves ou não de uma caixa, é o fato de uma passagem musical ter seus graves bem proeminentes se tornando seu foco central, nos levando a perder o contato com o todo.

PRODUTO DO ANO EDITOR

Quando, na verdade, uma caixa que nos direciona para apenas ouvir os tiros de canhão da Abertura 1812 de Tchaikovsky, e esquecer de tudo que a orquestra está tocando, essa caixa que possui limitações.

Pois quando uma caixa consegue encaixar todas as informações, sem 'gritar, ou perder o fôlego' e faz isso com autoridade e total inteligibilidade do todo, esta é uma caixa correta!

E nenhuma Estelon que testamos até o momento, possui essa característica de enfatizar algo mais que o todo.

Se você considera isso um avanço, você vai gostar das caixas Estelon. Se você prefere a pirotecnia, que te faz pular da cadeira a cada tiro de canhão, e esquecer ou encobrir o que todos os músicos estão tocando junto com os canhões, a Estelon não é sua caixa!

Espero ter sido assertivo em pontuar as três características que mais me chamaram a atenção nessas caixas fabricadas na Estônia. E certamente foram essas três qualidades que, inicialmente, busquei saber se a Aura - a caixa de entrada da Estelon - também carrega em seu DNA sonoro.

Seu design consegue ser ainda mais slim que da YB, porém a Aura é alguns centímetros mais alta que a YB, deixando-a ainda mais evidente no ambiente em que for colocada.

O tweeter de domo da Scan-Speak modelo Illuminator de 1 polegada, possui excelente linearidade. Sua diretividade é muito homogênea e ampla. Seu guia de ondas tem um formato elíptico para uma dispersão uniforme e que casa perfeitamente com os dois falantes de médio de 5 polegadas da Satori com cone de papel tratado, para se obter o máximo de transparência e emissão de som sem nenhum esforço ou distorção audível.

O chassi desses dois falantes de médio é aerodinâmico de alumínio fundido, que oferece ótima linearidade e baixíssima compressão. As bordas dos cones são de borracha de baixo amortecimento para uma resposta de transientes precisa, e seus ímãs de neodímio são otimizados para baixa distorção.

O falante de graves de 10 polegadas está na base da caixa, e trata-se de um woofer da Faital. Possui cone de papel semi-prensado para graves corretos e precisos.

A placa da base da caixa permite que o woofer de disparo para o chão se acople acusticamente à salas com pisos variados, como carpete, madeira ou piso frio. Pensando nas salas com tapetes ou carpetes grossos, a Estelon criou um design da base em que os graves estejam sempre a uma distância adequada, para não serem prejudicados, através de aberturas laterais na placa da base.

No teste do nó dos dedos da mão, o gabinete soa seco como o da nossa X Diamond Mk2, porém não tão seco. Levando-me a crer que no gabinete tenha sido usado um compósito proprietário com uma outra formulação. O que deu para entender é que, internamente, a geometria possui diversas câmeras para o melhor ajuste acústico.

O que não mudou nesse novo modelo da Estelon é a sensação que, mesmo o ouvinte fora do ponto ideal de audição, o equilíbrio tonal não é alterado.

Segundo o fabricante, a Aura responde de 35Hz a 25kHz, sua impedância nominal é de 4 ohms (mínimo de 2 ohms a 58 Hz), sensibilidade de 90 dB e potência mínima recomendada de 30 Watts - eu diria que deverá ser usado bem mais que 30 watts para se extrair todo o seu belo potencial.

Como essa Aura estará no nosso evento de abril, assim que ela chegou demos total prioridade para seu amaciamento e teste, então ela foi literalmente nosso primeiro teste em nossa sala em 2024!

Iniciamos o amaciamento no dia 16 de janeiro. A princípio usamos o Arcam integrado SA30 para amaciar, através do seu streamer, deixando-a 50 horas, após nosso primeiro contato com ela zerada!

Depois de 250 horas de amaciamento, utilizamos nosso Sistema de Referência, e para ouvir streaming optamos pelo Lina com seu clock externo. O sistema analógico, em vez de nossa cápsula ZXY de referência, usamos a Hana Umami Blue (leia teste na edição 303). Os cabos de caixa foram o Dynamique Apex.

Começo fazendo um lembrete a todos que desejem ouvir em seus sistemas essa caixa: Não se desesperem com as primeiras 150 horas, pois seu equilíbrio tonal irá alterar mais que montanha russa sem freio, rs!

É um martírio quando caixas se comportam desse modo. Pois no momento em que parece que tudo finalmente encaixou, e você se anima, dois a quatro discos depois, uma nova ponta se solta e bate aquela dúvida que todo audiófilo carrega: será que vai melhorar?

Seja persistente e paciente. Pois depois que estabilizar, os médios/graves encaixam nos médios e o agudo recua. Ela, como toda Estelon, parece sumir de nossa frente, nos deixando apenas com a nossa música.

Eu sempre fui fã de caixas com topologia D'Appolito. Por isso tive por tantos anos a Dynaudio Temptation, pois o foco e precisão dessa topologia ainda hoje é um ponto fora da curva!

Desde as 250 horas de queima, algo que nessa Aura me chamou a atenção foi justamente sua capacidade de colocar os contrabaixos da orquestra para mais de um metro para fora do canal direito, e harpas e

ÁUDIO

violinos pelo menos mais de meio metro para fora do canal esquerdo. Eu não consegui esse grau de respiro e foco para fora das caixas com nenhuma outra Estelon testada, ou qualquer outra caixa que me lembre!

É um palco tão aberto, profundo e com a altura dos músicos tocando em pé tão impressionante, que essa qualidade me fez ouvir mais tempo do que era necessário música clássica!

As vozes, quando no centro, é possível observar a diferença de altura da boca, quando dois vocalistas usaram o mesmo microfone em uma gravação ao vivo, e nos solos de gravações de big band em que o solista se levanta, você custa a acreditar que 'viu' o que ocorreu!

Eu nunca dei ênfase excessiva a soundstage, pois não acho mais essencial que o equilíbrio tonal, textura, transientes, dinâmica e corpo harmônico. E não é.

Mas que termos todos os outros quesitos em alto grau, juntamente com um soundstage tão exuberante e convidativo, é simplesmente um deleite que dá ao acontecimento musical uma 'plástica sonora' muito convidativa.

Nesse aspecto, diria ser a Aura a caixa que mais perfeitamente atingiu esse nível de apresentação do soundstage em nossa sala, de todas as caixas por nós já testadas.

Com 200 horas, finalmente o grave se mostrou solto, possibilitando ouvirmos gravações de órgão de tubo e acompanhar o deslocamento de ar, e sustentação e decaimento do organista, com incrível inteligibilidade.

Percebemos depois de 250 horas de amaciamento, que a Aura é muito mais exigente com a abertura entre elas, do que com a distância delas para as paredes.

Se você quiser ter esse exuberante palco que descrevi, se atenha a uma distância mínima entre elas de pelo menos 2,50m. E de 0,50m a 1m das paredes laterais, e 1 m da parede às costas. Com esses cuidados, você estará garantindo uma imagem sólida entre as caixas, e abertura e respiro suficientes, para os planos laterais e de profundidade.

Sua região média é tão precisa e detalhista quanto qualquer uma das Estelon que testamos. Os timbres são ricos e muito naturais, sem nenhum brilho ou aspereza na passagem dos médios/altos para o tweeter. Para se saber se nessa passagem bastante crítica dos médios para o tweeter tem alguma dureza, ouça instrumentos de sopro como oboé, clarinete ou sax tenor.

Se em uma nota que esteja nessa transição houver em uma nota extensa no fortíssimo, algum desconforto, certamente a passagem está 'dedurando' algum problema no projeto da caixa.

Em um bom projeto tipo D'Appolito, essa transição é feita de maneira suave como se fosse um único falante.

Na Aura o conforto auditivo será pleno sem nenhum resquício ou incômodo! Os agudos não são obviamente tão estendidos quanto nas X Diamond e XB, mas bem próximos da YB (que na minha opinião possuía um pouco a mais de respiro e um decaimento mais suave nas altas).

As texturas são divinas nessa caixa. Pois possuem aquele componente de apresentar as sutis nuances técnicas dos instrumentos e dos músicos, deixando a paleta de cores ainda mais intensa e precisa.

Os que apreciam, como eu, observar as 'intencionalidades', a caixa Aura será um sonofletor apto a revelar na íntegra essas características.

Os transientes são de uma precisão absoluta - ouvi todos os exemplos para o fechamento de nota deste quesito de uma só jornada, um atrás do outro, e alguns repeti a dose, pois nada engasga ou se perde. Quem conhece *Friday Night in San Francisco* - faixa 1 lado A do LP, com o Al di Meola e o Paco De Lucia nos violões, sabe bem do que estou falando. Ouça a introdução do Meola no canal direito, e veja quantos sistemas e caixas engolem aquela introdução frenética, deixando de nos mostrar com precisão nota por nota tocada com tamanha virtuosidade.

Já ouvi essa faixa em caixas de muitos mil dólares e eletrônicos de muitos milhares de dólares, que simplesmente somem com notas ou literalmente engasgam sem conseguir apresentar o que o violonista está tocando.

Para uma caixa de 500 dólares, ok ter alguma dificuldade em apresentar esse exemplo, já que é bastante complexo e encardido, mas caixas acima de 5000 dólares diriam ser ultrajante não conseguirem!

Na micro e na macro-dinâmica, ela consegue nos surpreender tanto quanto fez a YB, mais cara que ela.

Como escrevi na introdução deste teste, esqueça fogos de artifício na macro-dinâmica - nenhuma Estelon se dá a esse papel. O que a Aura nos apresenta, como todas as Estelons que avaliamos, é uma macro-dinâmica coerente e que o ouvinte não perderá nenhum detalhe daquela passagem por mais complexa que seja.

O corpo dos instrumentos é tão correto como na YB, porém não tanto como na XB e na X Diamond. Mas nada que desabone ou que faça um contrabaixo soar do tamanho de uma pizza brotinho!

Materializar o acontecimento musical faz parte do DNA de toda Estelon - e a Aura, ainda que sendo a caixa de entrada deste fabricante, não perdeu esse 'dom'. Você irá se emocionar como os músicos se apresentam na sala, com alturas corretas, espaço delimitado entre eles e planos perfeitamente recortados.

E naquelas gravações primorosas, o ouvinte será transportado para a sala de gravação!

O que mais desejar de uma caixa Estado da Arte?

Essa é uma pergunta importante, e que muitos fabricantes de caixas têm dificuldade em responder. Que essa caixa Estado da Arte não custe a hipoteca da casa, um fígado ou um rim.

Ter todo esse conjunto de qualidades por menos de 20 mil dólares (o preço da Aura nos Estados Unidos), e manter o nível de performance dos modelos mais caros, é tudo que o consumidor deseja de um fabricante competente de caixas hi-end.

A Estelon fez perfeitamente o dever de casa. E creio que irá colher frutos dessa importante iniciativa. Pois a Aura, na minha humilde opinião, coloca em situação 'delicada' a YB. O que faz a YB ainda se manter como uma opção válida, é o fato dela ser para salas maiores que as salas ideais para a Aura.

Mas fica aqui nosso alerta, pois a maioria das salas atuais dos audiófilos não passam de 25 metros quadrados, e nessas medidas para mim a Aura é a melhor escolha.

Pode ser que o leitor que comprou a YB, ache a pontuação dada para a Aura estranha (levou um ponto a mais que a YB), no entanto quero lembrar aqui que quando testamos a YB, tínhamos os monoblocos Classic da Nagra. E as Aura foram testadas com os powers linha HD. Creio que a YB nos Nagra HD tivesse um ou dois pontos a mais.

Ainda assim, a Aura ter apenas um ponto a mais ou a menos do que a YB, a faz um produto de relação preço/performance superior.

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CGU6J4I8UOS

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZZSHJFMDFTC

AVMAG #304
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R$ 159.200

NOTA: 100,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS MARTEN OSCAR TRIO

Fernando Andrette

Existem dois fabricantes de caixas hi-end suecos que acompanho faz muitos anos: Marten e QLN.

E quando digo acompanho, significa até mesmo fazer esforços para saber a opinião de amigos confiáveis e experientes na arte de separar o 'joio do trigo', e até ouvir o que estiver aqui no Brasil, mesmo que sejam modelos fora de linha, para entender o DNA sonoro da empresa.

A boa notícia é que finalmente a Marten está oficialmente no Brasil, e quem sabe em um futuro não tão distante, algum importador se encante também pela QLN.

Acho ser 'chover no molhado' falar do primor na construção de caixas acústicas hi-end feitas nos países Escandinavos, pois parece estar no sangue essa paixão pela marcenaria. E a Marten certamente, nesse quesito, se destaca de maneira impressionante. Pois somente quando você as desembala é que se tem a noção dos cuidados com todos os detalhes, do primor da construção, design e escolha minuciosa dos bornes de caixa, acessório de base da caixa e os pés para manter a caixa estabilizada em qualquer tipo de piso.

Caixas com esse requinte de textura no acabamento final do gabinete, em que você passa as mãos e não sente uma ruga ou desnível na superfície, só vi igual nas caixas suíças Boenicke, que também são um primor nesse cuidado com a apresentação final do produto.

E estamos falando da série de entrada da Marten, o que me levou a ficar imaginando o grau de requinte das séries Parker, Mingus e Coltrane.

A Marten Oscar trio é uma coluna de duas vias e meia, que utiliza drivers de cerâmica, uma constante em todos os produtos deste fabricante, já que seu projetista e fundador, Leif Marten Olofsson é um apaixonado por esse tipo de falantes desde que fundou sua empresa em 1998. Para ele, esses drivers possuem uma assinatura sônica quando bem ajustados, muito natural e rica - "estilo eletrostático" diz, com o mesmo grau de resolução sem nenhuma das desvantagens dessa topologia.

Quando ele, finalmente, conseguiu os falantes de grave e médio com as especificações desejadas, lançou sua primeira caixa, a Mingus.

Pelos nomes das séries, não preciso dizer o quanto a família Marten é apaixonada por música e por Jazz.

Mas não pense que procurar os falantes ideais para dar vida às suas caixas acústicas não foi cheio de obstáculos e idas e vindas.

Olofsson mesmo fala dos desafios para projetar caixas acústicas com falantes de cerâmica ultra rígidos e leves - pois sem primeiro

resolver os problemas de ressonância que todo falante de cerâmica possui, o resultado seria catastrófico.

Então, ele sempre fala que para chegar ao resultado final, foram anos de tentativas e erros.

Mas, resolvido esse 'obstáculo', o resultado é para ele melhor do que qualquer outro material que ele conheça - exceto o diamante, que para os tweeters ele acha que bem trabalhados tem um grau de refinamento ainda maior.

Para o sr. Leif, vencido esse obstáculo, vem a segunda etapa do problema - o gabinete. A Marten usa principalmente laminado de fibra de carbono para as duas séries mais sofisticadas (Mingus e Coltrane) e para as séries Oscar e Parker, utiliza painel de fibras especialmente escolhidos, e os reforços dos gabinetes são meticulosamente desenhados para se obter o melhor resultado possível.

Para tornar a série Oscar mais acessível a um público maior, os falantes de cerâmica foram projetados pelo fabricante e, depois, discutida e viabilizada com o fornecedor as maneiras de baratear o custo sem perder o padrão de qualidade existente nos falantes de cerâmica das séries acima.

O modelo enviado para o teste foi em Nogueira Fosca - lindo de olhar e passar as mãos para sentir as curvas na tampa superior do gabinete.

Os terminais de caixa são WBT Nextgen, e toda a fiação interna é da Jorma Design (outro fabricante escandinavo de cabos). A Oscar Trio utiliza dois falantes de médios-graves de 7 polegadas e um tweeter também de cerâmica de 1 polegada.

O crossover é uma mistura de primeira com segunda ordem, para simplificar o uso de componentes, e melhor se adequar aos drivers.

Ainda que seu tamanho não pareça dominar o ambiente, eu aconselho a ajuda de uma pessoa para desembalar e fixar os pés, e posicioná-las.

Segundo o fabricante, a Oscar trio responde de 27Hz a 20kHz (+- 3 dB), aceita potência nominal de até 250 Watts, possui uma sensibilidade de 89 dB, impedância de 6 ohms (mínima de 3.1 ohms) e corte em 2500Hz.

Ou seja, não é uma caixa devoradora de amplificadores, mas será conveniente um power que esteja à altura do desempenho, pois essa caixa tem inúmeras 'garrafas para vender'.

Para o teste utilizei três integrados: Norma Revo IPA-140 (nossa referência em integrados), o Soulnote A-3, e o Sunrise Lab V8 Aniversário. Os powers foram o Gold Note PA-1175 MkII (leia Teste 2 na edição 313), e os monoblocos HD da Nagra. Prés de linha: Nagra Classic e Audiopax Reference. Fontes streamer: Innuos ZENmini Mk3 e Nagra Streamer (teste na Edição Melhores do Ano em janeiro), Transporte Nagra e DACs Ferrum Audio Wandla, e Nagra TUBE DAC. Analógico: toca-discos Origin Live Sovereign com braço Origin Live Enterprise Mk3, e cápsula Dynavector Te Kaitora Rua (teste na edição de março de 2025). Pré de phono: Soulnote E-2 (leia teste edição 308).

A Oscar Trio veio com aproximadamente 50 horas de amaciamento, e a excelente notícia é que já sai tocando muito bem.

Feita a primeira audição, apenas com os discos da Cavi Records, voltou para o estaleiro junto com os powers da Gold Note por mais 100 horas!

Ao ouvir novamente em nosso Sistema de Referência, as mesmas músicas dos nossos discos, no mesmo volume e na mesma posição da primeira audição com os nossos cabos de referência (tudo Dynamique Audio Apex), percebemos significativas melhoras na fundação do grave e no deslocamento de ar, médios mais bem encaixados tanto nos médios-graves, possibilitando um aumento considerável no corpo harmônico nessa região, e um encaixe perfeito na passagem em 2500Hz para o tweeter.

A Oscar Trio necessita de espaço à sua volta, se você realmente quiser tirar uma de suas maiores virtudes - uma espacialidade 3D!

Se você é um 'tarado' por palco sonoro, cuidado meu amigo, caso você sofra de pressão alta ou taquicardia, pois em uma sala que a deixe 'respirar', será um encanto ouvir sua apresentação de planos, recortes, focos, sem restrições em termos de largura, profundidade e, o mais difícil, altura (mesmo ela só tendo 1,07 m).

Como ela consegue? Essa é uma pergunta que o sr. Olofsson já deve ter ouvido inúmeras vezes. Será que tem a ver com o pequeno ângulo do gabinete, que não é reto e sim levemente inclinado para trás?

Eu apostaria que parte da magia está aí, mas isso também tem a ver com alinhamento de fase. Crossover bem construído e dispersão dos falantes tanto em termos verticais quanto horizontais.

Achei que, já que tínhamos todos esses avanços audíveis com 150 horas, antes de começar a avaliação, passei a escutá-la como nossa caixa principal até completar 200 horas, e ver se a queima havia se encerrado.

Nessas cinquenta horas restantes, eu a passei pelos três integrados, e pude perceber sua altíssima compatibilidade com todos, o que me animou a ficar atento e 'sentir' que poderia estar ouvindo a primeira caixa abaixo de 130 mil reais a atingir os 100 pontos de nossa Metodologia.

Estarei certo?

Mais à frente saberemos.

ÁUDIO

Com 200 horas, não escutei mais nenhuma mudança, e iniciei os testes com a escuta das 80 faixas da nossa Metodologia.

Seu equilíbrio tonal é notável, não por exceder em algum detalhe, mas sim por fazer tudo de maneira tão harmoniosa e convincente.

Ouça por exemplo algumas gravações de piano solo, para entender o que estou tentando explicar. Boas gravações deste instrumento são sempre uma casca grossa para qualquer caixa de nível hi-end. Pois o equilíbrio tonal será colocado à prova a todo momento.

E somente as que possuem um equilíbrio tonal corretíssimo, passarão por essa prova de fogo sem se 'chamuscar'.

Os agudos não podem soar vitrificados, a região média precisa ter inteligibilidade fidedigna ao que foi captado na gravação e decentemente mixado, e os graves precisam, além de peso, decaimento correto, e possuir energia e corpo para soarem "realistas".

A Marten Oscar Trio fez a lição de casa sem vacilar em nenhum exemplo, e cumpriu à risca soar o mais fidedigna possível ao que estava sendo executado. E todos sabemos o quanto gravações de piano solo são armadilhas perigosas, mesmo para caixas top.

De todas as caixas em sua faixa de preço, até 140 mil reais, testadas nos últimos três anos, foi a que mais me impressionou e me convenceu de que tinha à minha frente uma caixa diferenciada!

Ao ouvir os exemplos de vozes, é que me dei conta do nível de correção da região média da Oscar Trio. Ela consegue mesmo em corais manter a inteligibilidade a um nível de requinte que só ouvi em caixas muito mais caras. As entonações, técnicas vocais e ruídos de boca, são apresentados como foram gravados, o que me levou a já antever o que seria a avaliação de textura dessa caixa.

Os agudos são extensos, limpos, velozes, com ótimo corpo e zero de endurecimento ou brilho.

Como já adiantei alguns parágrafos acima, dê a essa caixa espaço e ela lhe presenteará com um palco sonoro estupendo!

Aqui sua melhor posição, para colocar a Filarmônica de Berlim à minha frente, ou a Osesp, elas ficaram a 1.7m da parede às costas delas, e 1m de distância das paredes laterais.

Achei que 4m entre elas seria muito, e me traria um buraco na imagem entre as caixas. Grande engano, pois elas adoraram essa disposição. Principalmente para grandes grupos orquestrais. Tentei algumas experimentações com nenhum toe-in, deixando-as paralelas às paredes laterais, e não rolou. Então as virei para a posição de escuta apenas 15 graus, e não perdi nada da profundidade e ainda coloquei os contrabaixos da Nona de Beethoven para fora da caixa direita, de tal maneira que era possível 'ver' o que os contrabaixos estavam executando!

Primeira dica: sua sala precisa ter pelo menos 20 metros quadrados para extrair esse soundstage incrível que ela proporciona.

Será preciso que sejam posicionadas perfeitamente em um triângulo equilátero, para a construção de uma imagem 3D, e feito isso, meu amigo, pode chamar o amigo audiófilo mais crica com soundstage, que ele sairá babando da sua sala!

E vieram os 8 exemplos de textura! Que massacre meu amigo, que massacre…

Como sempre digo, busque o melhor equilíbrio tonal possível, e o resto irá acontecer. Basta ter paciência, Referência e Metodologia.

Texturas não são apenas nos descrever a paleta de cores dos instrumentos à nossa frente. Texturas também nos mostram o grau de virtuosidade do músico, a qualidade do engenheiro de gravação na escolha e posicionamento correto dos instrumentos, a qualidade da sala de gravação, dos acertos da mixagem e masterização, das texturas, nos falam das intencionalidades e escolhas de uma apresentação musical.

Poucas caixas na faixa de preço da Oscar Trio conseguem esse pacote de intenções ser bem-feito. Ela quebrou de maneira consistente com esse paradigma. E na sua faixa de preço é, para mim, atualmente a referência nesse quesito!

Que venham outras caixas até 130 mil reais, capazes de desbancar a Oscar Trio na apresentação de texturas!

Ouvir nosso disco Timbres com a Oscar Trio, é 'pêra doce', pois as diferenças entre os microfones ficam muito evidentes, assim como em outras gravações, a qualidade dos músicos e de seus instrumentos.

Se você, como eu, dá a devida importância para este quesito, não perca a oportunidade de ouvir essa Oscar Trio no nosso próximo Workshop.

Os transientes da Oscar Trio são precisos, seja pela perspectiva de velocidade, andamento ou ritmo. Nada se perde, nada embola, nada fica com aquela sensação de ser uma passagem 'nebulosa'. Na Oscar Trio temos sempre a sensação que o take que estamos ouvindo foi para valer, em que os músicos deram o seu melhor e se deram por satisfeitos com o resultado.

Muitos dos novos leitores nos perguntam como podem perceber se os transientes de um componente do sistema não são bons? Você precisa, para memorizar essa diferença, ter a possibilidade de ouvir a mesma faixa em dois sistemas - um deles onde os transientes sejam mais corretos e precisos.

O que ocorre quando os transientes não são perfeitos, é uma sensação que a música está se arrastando, algo letárgico, desinteressante. E isso ocasiona em nosso cérebro má vontade em tentar acompanhar o que estamos ouvindo.

Aí coloque essa mesma faixa em um sistema no qual esse problema não existe, e seu cérebro se acende novamente, e seu interesse retorna instantaneamente!

Venha ao nosso Workshop Hi-End Show em abril de 2025, que passarei alguns exemplos de níveis de resposta de transientes em sistemas hi-end.

Na Oscar Trio, transientes não será nunca um problema, a não ser que você a ligue em um amplificador valvulado vintage em que tudo soa letárgico, frouxo e sem vida.

Em uma eletrônica competente, nada de errado ocorrerá!

Falemos de dinâmica: a macro, o terror de caixas bookshelf e pequenas colunas. A Oscar obviamente tem sua limitação física de falantes de 7 polegadas, e as leis da física ainda valem para esse quesito. Então, não pense que será possível ter a macro de PA em sua sala. Nenhuma caixa hi-end existe para competir com PA de show.

No entanto, em volumes seguros, coloque as variações dinâmicas que você adora para mostrar o seu sistema ao cunhado, vizinho ou futuro genro - aqueles exemplos que farão o cara devolver para o copo o que estava bebendo com o susto - que a Oscar Trio cumprirá.

Não falo dos tiros de canhão da Abertura 1812 de Tchaikovsky, mas do helicóptero de Another Brick in the Wall, do Pink Floyd, por exemplo. Ou do Quinto Movimento da Sinfonia Fantástica de Berlioz, que não terá nenhum problema.

Já para a microdinâmica, se prepare, pois você provavelmente ouvirá muita coisa que jamais ouviu antes em nenhuma de suas caixas anteriores.

O corpo harmônico da Oscar Trio é também, como as texturas, um novo referencial nessa faixa de preço: impressionante o tamanho de

ÁUDIO

pianos solo, contrabaixos, harpas e órgãos de tubo, se materializando à nossa frente!

E chegamos ao segundo maior 'fetiche sonoro', de 80% dos audiófilos: materializar à nossa frente o acontecimento musical. Com um nível tão alto de equilíbrio tonal, texturas, soundstage e corpo harmônico, é evidente que os músicos lhe farão visitas diárias nas gravações tecnicamente impecáveis!

E com a possibilidade de o dono dessas caixas escolher se desejam trazer os músicos para tocarem em sua sala, ou irem até onde eles gravaram.

Esse privilégio, meu amigo, só acontece para sistemas ou produtos acima de 100 pontos, OK?

Então pode se animar, pois a Marten Oscar Trio definitivamente nos convenceu e quebrou a barreira dos 100 pontos para a sua faixa de preço!

CONCLUSÃO

Acho que ficou claro o quanto apreciei conhecer a Marten Oscar Trio.

Foi uma surpresa? Total!

Pois nutria algumas expectativas por tudo que li esses anos todos sobre os produtos desse fabricante, e ouvi amigos e leitores me dizerem sobre suas impressões sobre a marca.

Mas ela me surpreendeu muito pelo pacote de qualidades que ela entrega.

Tudo é harmonioso em termos sonoros, a ponto de, pôr inúmeras vezes durante o longo teste, querer apenas ouvir como a Oscar Trio apresentava aquele exemplo e esquecer que ela estava em teste - pois são dias para passar e repassar as 80 faixas e para finalizar a nota, pois é preciso ouvir grande parte dessas faixas de todos os quesitos em nossa caixa de referência e, depois, na caixa em teste, e é um trabalho meticuloso e de enorme responsabilidade para não se cometer injustiças.

Esses são os produtos mais traiçoeiros para se avaliar, amigo leitor, pois passam o tempo todo nos 'seduzindo' para apenas escutá-las.

E, por outro lado, são os produtos que mais nos surpreendem, pois como sempre afirmo, produtos que carregam o DNA de seu criador, os famosos 'produtos hi-end autorais', são os que se destacam na multidão.

E ainda que seja a série de entrada deste fabricante, para mim ficou notório o quanto o projetista se dedicou a fazer um trabalho muito bem-feito.

Produtos assim, merecem ser escutados com muita atenção!

Quem sabe vocês também o achem atraente, convincente e perfeito para os seus sistemas!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WPDVJ6A77MM

AVMAG #313
KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(48) 98418.2801
(11) 95442.0855
R$ 125.300

NOTA: 101,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

"Eu só quero que as pessoas sejam felizes, enquanto ouvem música."
Norbert Lehmann

SILVER CUBE
PRÉ DE PHONO

BLACK CUBE
PRÉ DE PHONO

@WCJRDESIGN

Ainda estudante de engenharia, Norbert Lehmann, participou de uma experiência que pautou toda a sua carreira como projetista. Ele ouviu dois amplificadores, com especificações técnicas idênticas. "No entanto, um emitia som e outro música".

Aquela audição despertou a paixão por construir produtos que comuniquem a intenção do músico, da maneira mais fidedigna possível.
Os produtos Lehmann são reconhecidos justamente pela sua impressionante capacidade de recriar o acontecimento musical gravado.

Seja no mais simples dos prés de phono, o Black Cube, ao renomado top de linha, o Silver Cube.
Para o amante do analógico, os prés de phono da Lehmann são um porto seguro.

Lehmannaudio®

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 37 – LOJA 54 – CENTRO – SÃO PAULO/SP
WWW.ALPHAAV.COM.BR
11 3255.9353 / 95196.8120

Alpha Áudio DJ

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ESTELON FORZA

Fernando Andrette

Quando planejei a construção da nossa Sala de Referência, estabeleci prioridades e objetivos.

E o primeiro critério foi o acústico, e que ao contrário de inúmeros projetos que ouvi ou li, em que as salas mais se pareciam com uma câmera anecoica, estabeleci que o tempo de decaimento deste espaço teria que comportar com folga, e privilegiar, a reprodução de música Clássica.

Pois a música Clássica necessita de espaço para 'respirar'. E realizando esse primeiro desejo, consequentemente esta sala estaria pronta para receber caixas de todos os tamanhos, para poderem mostrar todo o seu potencial.

E nos dezesseis anos que trabalho nela, tivemos uma centena de caixas dos mais variados tamanhos, designs e níveis de performance.

Em que diminutas books com a Harbeth P3ESR XD, ou a Boenicke W5, podem mostrar todo o seu potencial, assim como uma Dynaudio Temptation ou, neste teste, uma Estelon Forza.

O segundo critério que estabeleci foi a largura da sala, que precisaria suportar abertura de caixas com até mais de 5 metros, ou apenas 2.40m, e ainda assim permitir às caixas terem espaço suficiente para um preciso ajuste fino. E, claro, a possibilidade de inúmeras opções de construção de um triângulo equilátero para a posição ideal de audição para cada caixa.

Essa possibilidade me permite, em nossas consultorias, até mesmo recriar um espaço semelhante ao do leitor, para que ele tenha uma ideia próxima de como a caixa irá soar em sua sala. Fiz isso dezenas de vezes, e o resultado apresentado na sala foi muito próximo do espaço do leitor.

Uma vez, para mostrar uma Boenicke W8 que iria para uma sala bem complicada em termos de acústica, com paredes não semelhantes, montei as W8 em nossa sala mostrando o triângulo equilátero mais próximo em que ela iria atuar. E até eu me surpreendi o quanto, ao ser instalada na sala do leitor, o resultado foi tão próximo ao que simulei.

Toda caixa acústica necessita, para apresentar sua melhor performance, de inúmeras coisas: a primeira e mais essencial é poder respirar e não se sentir 'acuada' ou sem possibilidades de ajuste fino. A segunda é a construção do triângulo equilátero mais correto e preciso possível, e na sequência uma eletrônica condizente, cabos adequados, elétrica decente e os mínimos cuidados com acústica, para que o equilíbrio tonal não seja prejudicado.

Quem participou do nosso Workshop e assistiu à apresentação de algum dos sistemas apresentados, observou que o tratamento acústico consistiu em cinco painéis estrategicamente colocados na sala, após medições precisas com a sala vazia feitas pelo Guilherme da Hi-Fi Experience, em que analisamos os dados - e como sempre faço, usamos o mínimo para corrigir problemas pontuais. O outro cuidado foi trocar a tomada do hotel por uma tomada dedicada audiófila 'hospital grade', fornecida pela Sunrise Lab, e o melhor posicionamento das caixas já que, com mais de 60 pessoas na sala, seria impossível buscar o melhor triângulo equilátero para tantas pessoas.

Porém, quando tudo está correto dentro das possibilidades reais, o resultado é o que todos que foram, escutaram.

Desculpe minha longa explanação sobre a nossa sala, e minha maneira de abordar os problemas de posicionamento de caixas e espaços ideais para que os sonofletores possam ser o centro da atenção.

Agora sim, posso iniciar minha avaliação das caixas Forza da Estelon, em nossa Sala de Referência.

Como conheço bem a assinatura sônica das caixas desse fabricante, afinal esse é o quinto modelo por nós testado, sabia que a Forza certamente precisaria de mais espaço que a minha X Diamond Mk2, que já é bastante 'espaçosa' em termos de posicionamento e abertura entre as caixas.

Para o amigo leitor ter uma ideia do quanto ela necessita de respiro, com a X Diamond Mk2 eu extrai o melhor em termos de soundstage com elas abertas 4.4m de tweeter à tweeter, deixando apenas a 1m das paredes laterais, e chegando a 2.2m da parede às costas da caixa. Nessa abertura, eu recrio todos os planos de uma orquestra sinfônica na sala, sem atropelo ou aquela sensação de quando os metais entram rasgando, eles irão pular na frente dos contrabaixos e soar dentro das caixas. Ou que o coro da Nona de Beethoven irá soar bidimensional, se embaralhando com os sopros e parte das violas.

Fora os planos, as ambiências das excelentes gravações são reproduzidas até mesmo com o rebatimento nas paredes laterais das salas de espetáculo, em gravações exemplares como a Histoire du Soldat, feita pelo Prof Johnson para o selo Reference Records.

Então imaginei que a Forza se sentiria absolutamente em casa, com tanto espaço.

E foi exatamente o que ocorreu.

Pude fazer inúmeras experiências de posicionamento com a Forza, e digo que todos aqueles que tiverem uma sala dedicada, que possam ter essa disponibilidade, irão ficar chocados como essa Estelon gosta e necessita de ser criteriosamente posicionada.

Pois feito isso, a imagem sonora 3D que o ouvinte irá extrair é simplesmente excepcional!

Ouça o Segundo Movimento, ainda da Nona de Beethoven, e você irá ficar paralisado o quanto os contrabaixos soam para fora do canal direito, diria 'visualmente' ser coisa para além de 1 metro, assim como o coral extremamente ao fundo do palco, e os solistas a frente, com um foco e recorte que fazem nosso cérebro imediatamente afirmar que aquilo é o mais próximo possível de uma apresentação ao vivo.

E afirmo, meu amigo: todas as excelentes gravações que ouvi na Forza, são a 'recriação' mais próxima que tive de uma apresentação ao vivo!

Por favor, percebam que utilizei o termo 'recriação', ok? E para eu recriar o acontecimento musical, é o ápice do que seja possível no estágio atual da alta fidelidade.

Pois esse estágio já é o suficiente para enganar nosso cérebro e nos fazer apreciar a música na sua totalidade. Seja pelo grau de transparência que a Forza nos propicia, ou pela capacidade de imersão que permite o conjunto de habilidades que essa caixa tem.

Entenda por 'conjunto de habilidades', o grau de coerência que essa caixa possui dentro dos nossos oito quesitos da Metodologia.

Por seis semanas, tentei descobrir alguma 'falha' nesse grau tão alto de coerência, e o que resultou dessa busca, foi que sua única falha é ser inacessível à esmagadora maioria de nós mortais!

Aqui novamente preciso ser muito bem entendido, para que você leitor não saia dizendo que o Andrette descobriu o sonofletor 'perfeito', pois longe de cometer esse deslize, o que estou avaliando estritamente é sobre os oito quesitos da nossa Metodologia. E dentro dela, a Forza é a caixa com a maior coerência que já avaliamos, apenas isso.

O que já é um enorme mérito ao projeto, ao projetista e ao produto final!

Pois todos os oito quesitos soaram de maneira superlativa, sem arestas, ou a possibilidade de algum dos quesitos sobressair.

E ainda que algum audiófilo possa não gostar do seu design, eu irei lembrá-lo que o seu design é responsável por sua impressionante imagem 3D de palco. E se este audiófilo for um sujeito obcecado por soundstage, ele não irá achar nesse quesito nada no momento mais superlativo, ele acredite em mim ou não.

E para conseguir tamanho êxito nesse quesito, suas formas e escolha do material do gabinete, dizem muito do resultado. Sua forma curvilínea é para evitar reflexos com as paredes paralelas, e o posicionamento de cada falante, idem.

Para seu exuberante equilíbrio tonal, além da escolha correta dos falantes, desenho primoroso de um crossover à altura do projeto e da proposta, temos um gabinete pensado para não ter nenhum problema de coloração, e para isso o projetista Alfred Vassilkov desenvolveu um

ÁUDIO

composto com mármore em pó com excelente rigidez, e anti-ressonante.

Isso além de reforços internos e material de amortecimento de alta qualidade e eficiência.

E posso afirmar que pelo resultado em toda caixa Estelon, esses cuidados não são apenas marketing e sim eficiência prática, que resulta no nível de equilíbrio tonal de cada um dos modelos Estelon (pelo menos nos cinco modelos que testei).

Na Forza, ao contrário da X Diamond Mk2, temos dois woofers de 11 polegadas, montados em uma só câmera selada, envolto em paredes curvas, sem paralelismo. E isso, na prática, apresenta um grave estritamente veloz, correto, enérgico e natural!

Irei pontuando cada ideia do projetista, e o resultado alcançado na avaliação, para que você entenda detalhadamente o resultado alcançado, OK?

Assim como o midwoofer também possui sua própria câmera, e também o falante de médios, e o tweeter.

Segundo Vassilkov, o fato do gabinete se estreitar na parte superior tem uma razão de ser. O ponto em que fica o tweeter é mais estreito para justamente eliminar qualquer tipo de difração do gabinete, e causar coloração na resposta dos agudos.

E conseguir contornar esse problema em inúmeros projetos de gabinetes, permite uma ampla diretividade das altas frequências, ainda mais uniforme e natural.

Segundo a Estelon, todos os falantes da Forza são construídos um por um, manualmente, em parceria com a Accuton. Os dois woofers de 11" são de alumínio CELL de membrana rígida, com as bobinas quase do mesmo diâmetro do cone, o midwoofer de 8" também da linha CELL emprega ímã de neodímio, assim como o falante de médio de 7" e o tweeter de 1" de diamante invertido.

O crossover, de quatro vias, é de terceira ordem para os woofers e de segunda ordem para o restante dos falantes. A sensibilidade, segundo o fabricante, é de 88 dB/2,83V/m, impedância de 4 ohms, com mínimo de 2 ohms (em 42 Hz) e resposta de frequência de 25Hz a 60 kHz.

Sendo uma caixa em que os powers Nagras HD se sentiram em casa, até mesmo mais que com as X Diamond Mk2.

Voltemos à avaliação. Seu equilíbrio tonal é tão correto, que o ouvinte não terá a menor dificuldade em observar até mesmo a qualidade do instrumento, do músico e da escolha dos microfones.

No nosso CD Timbres, alguns detalhes que só percebi no momento da gravação, se tornaram tão evidentes que precisei repassar as mesmas faixas na X Diamond Mk2 e depois na Forza, para perceber o quanto o timbre era ainda mais realista!

A região média é de uma enorme transparência, então ouso dizer que será necessária uma escolha muito 'sensata' da eletrônica que irá tocar com a Forza. Pois se a eletrônica também tiver uma apresentação ultra-transparente, grande parte da beleza da Forza, na minha opinião, irá passar do ponto.

E os graves, como já escrevi, são os mais corretos e impressionantes que tive o prazer de ouvir. Zero de coloração. Quer ver o quanto o grave da sua eletrônica é bom, ligue-a na Forza e saberá se colore ou seca os graves, instantaneamente!

Tímpanos soam exemplares, assim como contrabaixos, órgão de tubo, etc.

Já falei da imagem 3D e dos planos, foco, recorte e ambiência. Mas preciso reforçar o quanto o posicionamento correto da Forza na sala irá aumentar essa sensação holográfica, que será a base para a materialização física do acontecimento musical (Organicidade). Foi a caixa que mais mostrou as correlações entre cada um dos nossos quesitos, e como eles se inter-relacionam, e seu grau de interdependência.

As texturas, são de tirar o fôlego, com uma riqueza tão ampla de paleta de cores, que observamos até mesmo quando o instrumento é de alto nível, mas o músico não se encontra no mesmo nível dele. E o contrário também: quando o músico é um virtuose e o instrumento não está no mesmo nível. Um grande exemplo é a gravação do disco branco ao vivo do Keith Jarrett - Köln Concert. Acho que todos vocês conhecem a história dessa gravação, em que Keith Jarrett chegou a tentar desistir da apresentação pela limitação do piano, e foi convencido pelo produtor a não quebrar o contrato. E até hoje é seu disco mais vendido e aclamado.

Na Forza, é explícito o quanto Keith Jarrett 'tirou leite de pedra' naquela noite.

É um disco que conheço em detalhes, tenho-o prensagem nacional e importada em LP e CD, e jamais tinha escutado as limitações harmônicas do piano dessa gravação tão detalhadamente.

Então se você busca conhecer, nas suas gravações preferidas, todas as intencionalidades, a Forza é a 'radiografia' precisa deste quesito! Velocidade, precisão rítmica, andamento, variação de tempo, na Forza, você terá a capacidade de finalmente ouvir esse quesito, sem perder nota por nota. E com um conforto auditivo exuberante!

E se você é um apaixonado por dinâmica, seja a micro ou a macro, se prepare, pois ela irá surpreendê-lo em ambas! Os tímpanos da abertura da Fanfarra ao Homem Comum, de Copland, podem ser assustadoras se você extrapolar o volume (não indico e nem tão pouco

é preciso cometer tamanho erro), deixe no volume correto da gravação e sentirá aquela onda de energia atravessando a sala até chegar em você!

Energia, deslocamento de ar, decaimento, velocidade e o tão necessário corpo harmônico, para seu cérebro acreditar que aquele é um tímpano realmente, estão lá, à sua espera!

E com seu grau de transparência, a micro-dinâmica desde a mais micro captada pelos microfones e preservada na mixagem, estará lá ainda que no meio de um complexo número de instrumentos.

Já escrevi que ouvi muitas caixas caras e enormes, feitas para 'suportarem' enorme dinâmica e que, no entanto, pecam na hora de reproduzir uma simples voz à capela. Soando enormes, e que fazem nosso cérebro perder o interesse em continuar ouvindo.

A Forza não comete esse erro tão comum em grandes caixas! Tudo soa como foi captado, o que nos permite relaxar e ouvir com prazer desde vozes à capela até instrumentos solo.

Não existe pirotecnia na Forza - ela desconhece esses truques baratos e equivocados, que ainda muitos fabricantes de caixa teimam em alardear como algo sensacional! Tudo é tratado com requinte, harmonia e equilíbrio, e você jamais ouvirá a Forza se esforçar para lhe convencer.

Alimente-a devidamente, e o resultado será sempre primoroso e convincente.

O que mais se pode desejar de uma caixa ultra hi-end?

Agora vou falar de um outro assunto espinhoso, que só comentei em dois ou três artigos meus nas seções Opinião e Espaço Aberto: o nível possível de Organicidade.

Os participantes do nosso Workshop, puderam nos cinco sistemas apresentados - entre 92 e 98 pontos - sentir a materialização física do acontecimento musical à sua frente. Os cantores e cantoras estavam lá, os solistas idem.

Mas, e quando estamos falando de produtos acima de 100 pontos, em que todo o sistema esteja coerentemente ajustado, a Organicidade pode ser diferente?

Pode, e é diferente!

ÁUDIO

Até 100 pontos, você traz o acontecimento musical para sua sala.

Acima de 100 pontos você é transportado para a sala onde a gravação foi feita.

Essa não é uma pequena diferença, pois nosso cérebro reage de maneira muito distinta em trazer o acontecimento para dentro de nossa sala, e em ser levado para a sala de gravação.

No primeiro caso, nosso cérebro ainda pode ouvir e pensar, ouvir e avaliar, ouvir e perder o foco na audição e devanear.

No segundo caso, meu amigo, você é sugado para dentro do acontecimento musical, com tamanho impacto no seu cérebro, que tudo que você conseguirá avaliar é referente ao que estava ocorrendo na gravação.

Pois você virtualmente 'está lá'! Somente neste nível de Organicidade, você está 'vendo' o que está ouvindo!

Percebe a brutal diferença?

E para você experienciar essa modalidade de imersão, só tendo a possibilidade de ouvir as mesmas gravações em um sistema bem correto, abaixo de 100 pontos, e em um acima de 100 em uma sala como a nossa de Referência.

No segundo caso, quando você 'vê' o que está ouvindo, sua mente para de tagarelar e automaticamente foca integralmente na música e nada mais!

E a Estelon Forza, meu amigo, é o sonofletor mais impressionante que já testamos para realizar essa incrível viagem sonora! Foram audições inesquecíveis e que estão armazenadas no meu hipocampo para o resto dessa minha existência!

Jamais a X Diamond Mk2 me possibilitou 'ver' o que estou ouvindo com tanta riqueza de detalhes e tão alto grau de realismo sonoro!

CONCLUSÃO

Produtos soberbos necessitam de cuidados extremos, do contrário podem passar despercebidos como pérolas na barriga de ostras.

Para se extrair todo o encanto de uma caixa como a Estelon Forza, é preciso se cercar de equipamentos do mesmo nível, e que possuam o mesmo grau de equilíbrio em todos os quesitos.

É o tipo de caixa que não fará refém. Ou você está preparado para lhe oferecer o que necessita, ou nem perca seu tempo com ela!

Ouvir e testar uma caixa deste nível, muda completamente o referencial de um revisor. Pois nos permite ouvir, na prática, o patamar em que os produtos de nível Superlativo realmente se encontram.

Se você possui cacife para bancar uma caixa deste nível, meu amigo, não cometa o erro de não a ouvir!

Tirando seu preço proibitivo, todo o restante é simplesmente glorioso!

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DD3S5_OYKV0

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CGH31HNSLWM

AVMAG #307
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
Preço sob consulta

NOTA: 120,0

ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

NOBREAK SENOIDAL

áudio e vídeo sem interrupções

Os Nobreaks Senoidais da UPSAI garantem o entretenimento e performance além de proteger os equipamentos de alto desempenho, áudio e vídeo, computadores, streaming, automação e vídeo games de surtos, picos de tensão, raios e blackout.

UPSAI

@upsai.oficial
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100

VÍDEO

TV SAMSUNG 55Q60D

Jean Rothman

A TV Samsung linha Q60D é o modelo de entrada da linha QLED deste fabricante. Ela substitui o Q60C QLED e fica abaixo do Q70D QLED. Embora não tenha recursos modernos como largura de banda HDMI 2.1, suporte VRR ou escurecimento local, ainda oferece algumas características básicas, como o Motion Xcelerator para suavizar o movimento e o suporte ao Multi View da Samsung, que permite exibir duas fontes na tela ao mesmo tempo. A TV possui alto-falantes embutidos de 20W e roda a versão 2024 do sistema operacional Tizen da Samsung. No Brasil está disponível em quatro tamanhos diferentes: 50, 55, 65 e 75 polegadas. No geral, é uma boa opção para uso misto, com boa luminosidade SDR, controle razoável de reflexos e ótimo custo-benefício.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A Samsung 55Q60D possui bordas finas e um design elegante. Sua espessura é discreta, especialmente quando pendurada em um suporte de parede. No entanto, a posição dos conectores na traseira pode ser inconveniente se você planeja montá-la na parede. Sua base é constituída de 2 pés encaixados próximos às extremidades sem necessitar de parafusos, facilitando a instalação sobre bancadas. Os pés permitem instalar a TV em duas alturas diferentes, sendo que a mais alta permite acomodar uma Soundbar sob a TV de maneira esteticamente harmoniosa.

O painel é um QLED que utiliza pontos quânticos e a TV possui 2.6cm de espessura. O controle remoto é fácil de usar, tem o tamanho

certo e não utiliza pilhas, pois é carregado por energia solar e luz interna, ou por USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto à Netflix, Amazon Prime, Globoplay e canais Samsung TV Plus. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon).

As conexões disponíveis são: 3 entradas HDMI, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, e 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão Bluetooth para fones de ouvido, teclados etc.

RECURSOS

A TV 55Q60D utiliza a plataforma Tizen que vem com interface renovada, rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Video, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

Também oferece o aplicativo Samsung TV Plus que disponibiliza 32 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não assina TVs a cabo.

A 55Q60D oferece suporte a conteúdo HDR10+ com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. O processador de imagens é o Quantum Lite 4K que faz o upscaling e aperfeiçoa a resolução de qualquer conteúdo para a qualidade próxima de 4K ou o mais próximo possível desta resolução conforme a cena, segundo o fabricante.

A proteção anti-reflexo é razoável, mas deve-se evitar instalar a TV em frente à janela.

A 55Q60D possui o modo ambiente, fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas ou álbuns de fotos.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo *SmartThings* e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Também permite o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung e permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

No entanto, seu ângulo de visão é estreito e o tempo de resposta lento pode causar borrões em cenas de movimento rápido.

Para gamers, a 55Q60D possui taxa de atualização de 60Hz nativo e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9 e 32:9 para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS , HDR e fazer ajustes, além do recursos Motion Xcelerator.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em até 2 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

Uma exclusividade Samsung é o Gaming Hub. Permite jogar Xbox diretamente na TV sem necessidade de console ou download, através de uma parceria da Samsung com a Microsoft. Basta parear um controle Xbox com a TV e assinar o Xbox Game Pass ou Geforce Now. O Gaming Hub suporta diversos controles de diferentes marcas, entre eles: Microsoft Xbox Series X/S, Xbox One S, Xbox 360, Xbox Elite Wireless Controller Series 2. Sony Playstation Dualsense, DualShock 4. Joytron CYVOX DX, Logitech F710, F510. Os jogadores podem usar seus acessórios favoritos, como fones de ouvido e controles com Bluetooth. O Samsung Gaming Hub também integra de modo contínuo serviços de música e *streaming* para fornecer acesso a mais opções de entretenimento durante o jogo, com fácil conexão ao Twitch, YouTube e Spotify diretamente do menu de experiência Gaming Hub. Os jogadores também podem acessar as últimas notícias de jogos, assistir a tutoriais, tocar suas músicas e podcasts favoritos e ver trailers dos jogos mais esperados.

ÁUDIO

A Samsung 55Q60D apresenta a tecnologia Q-Symphony de som em movimento virtual e Sincronia Sonora. Utilizando-se uma Soundbar Samsung compatível, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto. O som da Soundbar é somado aos alto-falantes da TV e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora. A TV possui 20W de potência em dois canais de áudio.

QUALIDADE DE IMAGEM

As TVs costumam sair da fábrica (*out of the box*) no modo Eco feito basicamente para garantir boas notas no selo de economia de energia, além de brilho e cores exagerados e saturados para chamar atenção nas lojas em relação a outras TVs. O resultado é uma imagem que nada tem a ver com as cores e texturas da vida real. Após ajustes e

VÍDEO

calibração costumo dizer que o patinho feio virou cisne. A 55Q60D apresentou cores bonitas e equilibradas. O contraste é apenas razoável, apresentando muito blooming (vazamento de luz) nas áreas pretas. Como se trata de uma TV de entrada da linha QLED, sem dimerização local, não podemos exigir performance igual aos modelos topo de linha que têm componentes mais sofisticados e custam muito mais caro.

Levando tudo isto em conta, a Q60D oferece uma boa qualidade de imagem na maioria dos cenários. Ainda oferece uma imagem em HDR muito agradável de assistir, principalmente à noite. Se você não pretende investir muito e busca uma TV com excelente custo-benefício e cheia de recursos, recomendo ver a Samsung linha Q60D.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

Blu-Ray: Advanced Calibration Disc

HDR10 Test Pattern Suite

Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition

Blu-Ray: O Quinto Elemento

Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma

Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013

Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic

UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4K HDR

Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

UHD Blu-Ray player Samsung

Blu-Ray player Sony

Colorímetro X-Rite

Luxímetro Digital

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7ZBDR8VKDP0

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q6JBRODXDQ8

AVMAG #309
Samsung
www.samsung.com.br
Preços sugeridos:
QLED 50Q60D - R$ 2.700
QLED 55Q60D - R$ 3.500
QLED 65Q60D - R$ 4.550
QLED 75Q60D - R$ 7.250

NOTA: 92,0

ESTADO DA ARTE

SUA CASA **CONECTADA**

PROJETO: **FLÁVIA ROSCOE**

A HIFICLUB, COM MAIS DE 25 ANOS DE EXPERTISE, É A SUA PARCEIRA IDEAL PARA **SOLUÇÕES EM AUTOMAÇÃO, REDE ESTRUTURADA, SEGURANÇA, SONORIZAÇÃO, PAINEL DE LED E HOME CINEMA**.

TRANSFORME SEUS AMBIENTES COM TECNOLOGIA DE PONTA E SOFISTICAÇÃO.

hificlubbrasil
www.hificlub.com.br
R. Padre José de Menezes 11
Luxemburgo · BH · MG

vendas@hificlub.com.br
BH · 31 2555 1223
BH · 31 99590 4324
EMPRESA DO GRUPO FOCO BH

25 ANOS

HI FI CLUB

VENDAS E TROCAS

VENDO

- Caixa Dynaudio Focus Special Twenty-Five. R$ 20.000. Em estado de novo. Edição de Aniversário - série limitada.

Tsai Ho Hsin

htsai@issl.com.br

(11) 98178.8080

VENDO

- Amplificador Vitus Audio linha signature SS-101, na embalagem original Classe A 50w/100 w Classe AB 100w. Cor Preta. 220V. R$ 145.000.
- Pré Amplificador da Vitus Audio, linha Signature, modelo SL-101, cor Prata, 220 v. R$ 125.000.
- Conjunto Reimyo Transporte e conversor Top CDT- 777 e DAP-999Ex limited na Embalagem original com os cabos de força da Reimyo. 127v. R$ 96.000.

Antonio Sergio Del Rei Sá

(71) 99186.2126

sergiosa41@hotmail.com

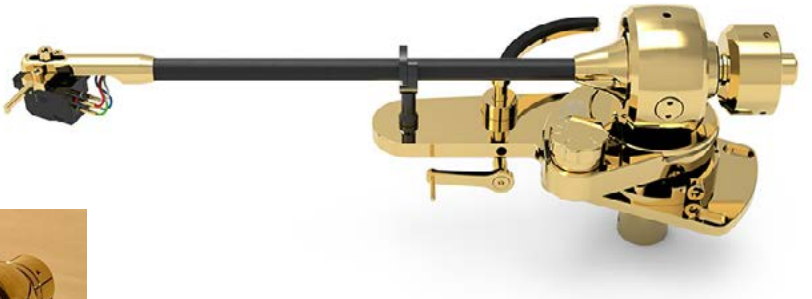
VENDO

- Caixas ELAC alemãs modelo Uni-Fi Reference Bookshelf Reference UBR62 para amplificador de 4 a 8 ohms, potência máxima 140 watts RMS, com tela frontal magnética, manual e embalagem original. R$ 7.000.
- Conversor digital-analógico Cambridge Audio modelo CXN de alto desempenho. Sem controle remoto (acesso pelo painel frontal, funciona normalmente, acompanha manual). R$ 5.000.

Estão em Serra Negra SP.

Aharon

(19) 998021947 (somente por WhatsApp)



VENDO

Braço Acoustic Signature TA-2000 Gold 12”, impecável, menos de 10h de uso, com caixa, manual e todos acessórios. Preço de lista nos EUA: U$ 9.790 (https://www.thecableco.com/catalog/product/view/id/5195/s/ta-2000-neo-tonearm/category/20/) Estou vendendo por U$ 6.000.

Sérgio Kwitko

(51) 99973-9109

sergiokwitko@gmail.com

VENDAS E TROCAS

VENDO

- Caixas B&W 800D. R$80.000.
- Caixas Verity Sarastro II. R$ 310.000.
- Caixas Focal Scala Utopia Evo.

R$ 360.000.

Todos em perfeito estado.

Fabio Storelli

+1 (619) 243-6615

VENDO

- McIntosh 1.2 kw/ par monoblocos.
R$ 150.000 (cor preta).
- B&W 800 Diamond / par caixas.
R$ 135.000 (laca preta).
- Caixas Evolution Acoustics MM2.
R$ 170.000 (vermelha).

Martin Ferrari
martinbferrari@gmail.com

VENDAS E TROCAS

VENDO
Innuos Zen Mini MK3 com fonte externa. R$ 12.500.
Carlos Cardoso
ccardoso39@gmail.com

VENDO
CD Player ZANDEN 2500. Equipamento DEMO, em estado de novo. Utiliza o aclamado conversor Philips TDA1541A Single Crown em configuração minimalista (sem oversampling, sem upsampling). Seu transporte é baseado no lendário e extremamente robusto leitor Philips CDM-2Pro. Possui filtro analogico desenvolvido pela própria empresa e utiliza uma válvula Sylvania JAN 7308 (versão militar da 6922) na saída. Possui saídas balanceadas e RCA, além de saída digital SPDIF. Acompanha controle remoto. R$ 36.000.
André A. Maltese - AAM
(11) 99611.2257

VENDO
- Dynaudio Special Forty - 1 ano de uso, impecável. Comprada na HiFi Club, garantia Dynaudio até 07/2030.
NF da compra, manual, certificado de garantia e embalagem. R$18.900.
Carlos Alberto
(51) 99982 9983
cabj@participa.com.br

VENDO
Pré Audio Research Reference 5 valvulado. Foi todo revisado pelo Anacleto.
R$ 38.000.
Igor Muniz
(21) 99446.0994

VENDAS E TROCAS

VENDO

Vários componentes, todos meus, usados em ótimo estado, exceto onde marcado.

- Cápsula Óptica DS Audio DS-002 com Preamplificador em 120V, menos de 50 horas uso, cápsula protegida na caixa original em bloco de alumínio. Ótimo som, zero ruído, reviews favoráveis na imprensa. Preço nova EUA US$ 5.500, faço US$ 3.000.
- Pré de Phono HEGEL V10 - Estado de zero km, embalagens originais, manual. Preço novo EUA US$ 1.650, faço US$ 1.300.
- Toca Discos Thorens 125 Mk2 com armboard SME, funcionamento e estética perfeitos, só tampa acrílica tem detalhes.
- Thorens 126 Mk3 com armboard SME, funciona perfeito mas estética não, e dou bom desconto por isso.
- Toca Discos Bang & Olufsen 4002 com braço tangencial (usado e em ótimo estado, com cápsula B&O MC2 (Nova)
- Braços: SME 3009-II (Non-Improved), Sorane SA 1.2 (Novo) e SAEC 308-New (revisado, parece novo).
- Cápsulas Dynavector DV20X Low (zero km, embalagem), Shure V15-IV Jico SAS-B (zero km, embalagem), Dynavector XX2MkII (retip com agulha zero km), Pickering XV15 e Grado antigas em ótimo estado, Goldring E3 cápsula completa mais agulha extra (zero km, embalagens).
- Acessórios: mats, weights, cabos, transformadores step-up para moving coils de baixa saída.
- Centenas de CDs e LPs - já vendi centenas mas ainda tem outras centenas (continuo comprando e colecionando).

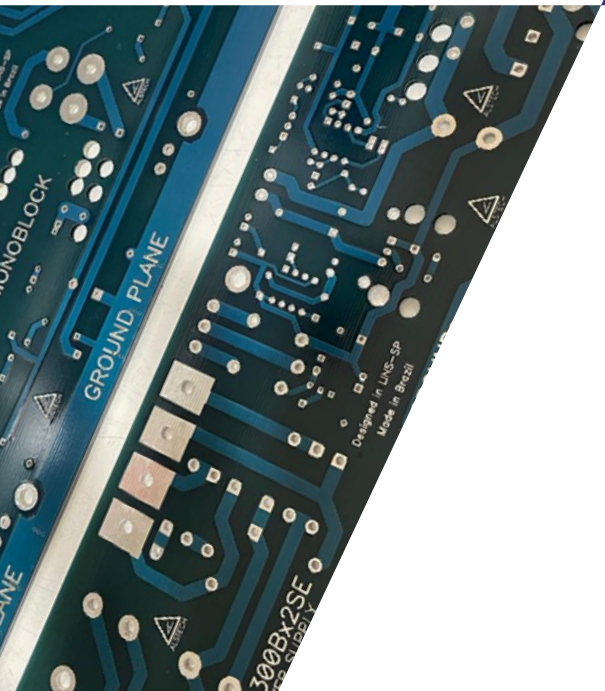
Preços sem frete/seguro: a combinar, em valores que acharia justos se estivesse comprando, não sou comerciante.
Por favor, interessados mandem mensagem ou email, e conversamos.
Obrigado pela atenção.

Roberto Diniz
r_diniz@hotmail.com
(11) 98371.7000

Se o seu sonho é ter um sistema hi-end personalizado e único, fale conosco.

@WCJRDESIGN

Somos a única empresa de audio hi-end totalmente verticalizada. E agora também, com oficina técnica para produtos hi-end.



Atendemos a todo o território nacional.

Alstech Valvulados e Transformadores
CANAL DO YOUTUBE

Eng. André Luiz de Lima Parreira Rodrigues
Rua Rio Branco 273, Sala 93 Centro Lins SP
16400-085
andrelimarodrigues@gmail.com
(14) 99134-0330
https://alstechvalvulados.blogspot.com/

ALSTECH

VENDAS E TROCAS

VENDO
Gravador Otari MX5050II.
Velocidades: 15 - 7,1/2 - 3,3/4 ips. Fita: 1/4 de polegada
Um raro analógico seminovo para uso profissional ou até para decoração.
R$15.000. (Média do valor internacional do mesmo produto sem frete U$ 12.500).
Emilio
(11) 98215.0152

VENDO
Cápsula Soundsmith Hyperion MKII com pouquíssimo uso e embalagem original. Impecável. US$ 5.000 (valor original - US$ 8.000). Motivo: upgrade.
Thomaz Whately
(11) 99911.6124

VENDO

- Esoteric Rubidium. R$ 26.500.

https://www.theabsolutesound.com/articles/tas-180-

-esoteric-g-orb-rubidium-master-clock-generator-1

- Cabos Transparent Power Link MM. R$ 2.100 (sem foto).

- Bandeja Rega 9 com braço RB1000 sem cápsula.

R$ 15.000. (sem foto).

- Caixas Dynaudio 25 anos. R$ 14.250. (sem foto).

Victor Mirol

(11) 99982.1047

v.mirol@uol.com.br

VENDO

- Válvulas novas, trocadas e testadas (menos de 20 horas). R$ 10.000.
- Amplificador single ended 2x 10w com el34. Transformadores de forca e de saída trocados pelos da Alstech, bivolt 127/220. R$ 4.000.
.Válvulas de saída el34 nos (mullard inglesa). Excitadora 6n1p Svetlana Válvulas novas.

Eng. Andre Luiz de Lima

(14) 99134.0330

VENDAS E TROCAS

VENDO
- Cabo de caixa da Sax Soul Ágata 2, com 2,10 cm.
R$ 6.000 + frete.
Julio César
(65) 99971.9593

VENDO
Amplificador integrado Hegel H160. 110 v.
Power output: 150Wpc into 8 ohms, 250Wpc into 4 ohms.
Frequency response: 5Hz-100kHz
Signal-to-noise ratio: More than 100dB
Crosstalk: Less than - 100dB
Distortion: 0.005% @ 50W, 8 ohms, 1kHz
Damping factor: More than 1000 (main power output stage)
Analog inputs: One balanced (XLR), one unbalanced (RCA), one home theatre
Analog outputs: One fixed line level (RCA), one variable line level (RCA)
Digital inputs: One coaxial, three optical, one USB, one Ethernet (RJ45)
Headphones output: 6.3mm jack (front)
Dimension: 16.93” x 4.7” x 16.15”
R$ 10.000. Frete por conta do comprador.
Marcelo Canejo Sá
mcanejo@me.com

VENDO / TROCO

- Par de caixas acústicas Magico Q5 em excelente estado estado de conservação. Cor Black Anodized. Possuem crate (caixa de madeira). Custavam aproximadamente o dobro, quando compradas novas. Aproximadamente 170kg/cada. Configuração de 1 Tweeter MBe-1 (em berílio) e quatro driveres em NanoTec, um médio de 6', um midbass de 9' e duas unidades de graves de também 9'.
- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas. Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiras XLR (facilmente trocável para RCA caso queira).

R$ 9.800.

Havendo real interesse posso marcar audição com o interessado. Conforme o material, posso aceitar troca. Dúvidas em PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

VENDO

Caixa Dynaudio Edição Especial Twenty Five. R$ 25.000.

André Mehmari

estudiomonteverdi@gmail.com

A proteção do seu sistema

Imagens ilustrativas

criação: msvdesigner@hotmail.com

ESTADO DA ARTE

DIAMANTE

UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100